
DOMI MINA
NUS TIO
ILLU MEA
Taylor Institution
M
1895



O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

D. NVNALVRES PEREIRA.

DE FRANCISCO RODRIGVES LOBO.

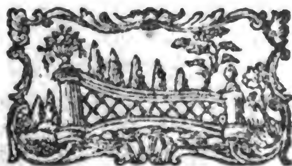
OFFERECIDO AO DVQUE DOM THEODOSIO.

Fielmente copiada pela primeira ediçam feita em Lisboa em 1610, e pela ſegunda tambem de Lisboa em 1627. com todas as outauas que lhe furtaram na terceira ediçam de Lisboa em 1723.

POR

BENTO IOZE DE SOVZA FARINHA,

Profeſſor Regio de Filozofia e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.



LISBOA

Na Offic. de JOZE DA SILVA NAZARETH.

ANNO M.DCC.LXXXV.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

AO DVQVE DOM THEODOSIO, &c.

NAõ cabe na humildade de minhas forças offerecer ſeruiços a V. Excellencia; mas eſte he por ſy proprio de tanta valia, que o naõ pode fazer menos aceito a incapacidade de quem o offerece. Andauaõ remotos, da memoria dos homens os memorau eis, e heroicos feitos do Condeſtabre dom Nuno Alures Pereira, por ter o tempo conſumido a inſigne obra de Franciſco Rodrigues Lobo, que taõ copioſamente os celebraua: ſentiaõ todos, como era juſto, taõ grande perda; porem naõ auia quem ſe deſpuſeſſe a darlhe remedio: até que eu (poſto que dos mais inferiores) obrigado do zelo commum da honra do Reyno, e do que tenho em particular de ſeruir a V. Excellencia tratei de imprimir á minha cuſta eſta obra de nouo, com pouco mais cabedal que de bons deſejos; mas o feruor da reſoluçaõ, e execuçaõ delles preualeceo contra as eſtreitezas do tempo, e contra as que de ordinario me fazem ſentir as moderadas poſſes deſta Officina: e pois Deos foy ſeruido fauorecerme para leuar a impreſſaõ ao cabo, ſeja o tambem V. Excellencia de a emparar como couſa ſua, e aceitalla como ſeruiço de quem fez mais do que podia, e muito menos do que deſejaua. N. Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos. De Lisboa em 20. de Março de 1627.

Iorge Rodrigues.

[illegible]

[illegible], &c.

Nas esta [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] a V. Excellen[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] de tanta valia, que o naõ [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] devo offerecer a [illegible] da [illegible] [illegible] [illegible], e heroica [illegible] de [illegible] dom [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] peito que [illegible] [illegible] do zelo [illegible] da [illegible] do [illegible] [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible] V. Excellencia [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] contra [illegible] do [illegible], e [illegible] que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] ao [illegible] [illegible] V. Excellencia [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible].

[illegible]

O CONDESTABRE
De Portugal
D. NUNO ALVARES PEREIRA.
DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO

CANTO I.

ARGUMENTO.

Fingisse hum sonho, do qual obrigado ElRey D. Fernando manda descobrir o Exercito com que ElRey D. Henrique de Castella desce sobre Lisboa. D. Nuno Alvares Pereira dà relaçam a ElRey das companhias do contrario, e he armado Cavaleyro.

Canto as armas reaes, e o firme peito
Do Varam Portuguez nunca vencido
Que quãto era na paz aos Ceos aceyto
Tanto na guerra foy forte e temido:
Cujo braço a seu Rey deyxou sujeito
O Reyno em varios bandos dividido
E sujeytara a toda a redondeza
Se lhe naõ dera o Ceo mais alta empreza.

De

De Dom Nunalures canto, o Valeroſo
Claro libertador da patria terra;
Que immortal fez ſeu nome, e glorioſo
Em armas, em juſtiça, em paz, e em guerra
E com triunfo mais alto, e mais famoſo
De todos os que o mundo breve encerra
Em batalha a ſi proprio ſe venceo;
Conquiſtando depois da terra, o Ceo.

Suſpenda Apollo a Lyra de ouro fino
E com as nove irmãas ouça meu canto
Que invoco outro favor alto e divino
Outro mayor poder ſupremo e ſanto:
Vejam que neſte aſſento criſtalino
Sobre as azas da fama a voz levanto
E com ſonoro canto, e brando verſo
Eſpalho ſeu valor pelo univerſo.

Oo Vos Virgem mais pura que as eſtrellas
Que piſando-as eſtais no claro aſſento
E veſtida do Sol, que he Senhor dellas
Dais honra, gloria, e luz ao firmamento,
A quem das creaturas as mais bellas
Ajudando dos Ceos ao movimento
De anjos e Cherubins diverſos choros
Cantaõ hymnos, e Verſos mais ſonoros.

Vos theſouro do Ceo; certa eſperança
Dos homens, e dos bens que Eua perdeo
Doce reſtauro; Vos juſta balança
Em que ja ſe igualou a terra e Ceo,
Vos ſuſtentai Senhora a confiança
De quem em voſſo nome ſe atreueo;
Fazei que a minha penna o Ceo a coroe
E como de tal Aue, eſcreua, e voe.

Naõ

Naõ procuro o fauor da incerta fonte
A quem Pégaſo deu o nome e traça ,
Nem os louros do vaõ Caſtalio monte ,
Que honra as frontes poeticas, que enlaça
Para que do graõ Nuno os feitos conte
A vòs inuoco ſó fonte de graça ,
Monte de perfeiçaõ , louro mais nobre ,
Que outro diuino ſol defende e cobre.

Eſte he o capitão que ſó triunfaua
Dos armados contrarios que vencia
Quando ante voſſas aras penduraua
Os famoſos trofeos, que adquiria :
Eſte o que os altos templos fabricaua
Todos ao nome ſancto de MARIA,
Do voſſo Nuno canto humilde e forte
A valeroſa vida , e ſancta morte.

Voſſa he alta Senhora , a noua empreza ,
Meu eſte bem nacido atreuimento ,
Os louuores da gente Portugueza ,
Que dos voſſos naõ tira o penſamento ;
Onde ha tanto valor , tanta grandeza
Tenha meu verſo algum merecimento ,
Que nos voſſos muy firme , e mui ſeguro
Contra os mores perigos, me auenturo.

E vos principe claro , que eſtais vendo
Neſte fiel retrato que offereço
Quem ſeu nome immortal engrandecendo
A voſſo eſtado deu nome e começo ;
Vos a que eſtaõ os fados prometendo
De taõ heroicas obras fruito e preço ,
Vós, por vos , delle dino , e d'outro eſtado ,
(Se inda eſte pode auer) mais inuejado.

Vos

Vos ſegundo Theodoſio a quem ſe deue
O que eu no verſo humilde dar naõ poſſo,
Se merece fauor o que ſe atreue
Só na fé do deſejo de ſer voſſo,
Conſiderando o mais que ſe vos deue,
E quanto he limitado o poder noſſo,
Para que em louuor voſſo, eſcreua, e cante,
Dai-me Principe a mão, que me aleuante.

E ouui beninamente a larga hiſtoria
Daquelle fundador do voſſo eſtado,
Que adquerido o deixou com tanta gloria
Como o tendes com gloria ſuſtentado
Fique no mundo eterna eſta memoria
Porque a naõ perca o tempo deſcuidado,
Honreſe de tal peito, braço, e lança,
E tal principio a caſa de Bragança.

Quando hia Portugal degenerando
Daquelle antigo esforço, e valentia
Com que foy tantas terras conquiſtando,
Das que o barbaro Mouro poſſuia,
Quando a coroa e cetro de Fernando
A fermoſa Lianor tinha e regia
De cujo parecer prezo e vencido,
Elle a tomou caſada, a ſeu marido.

Quando naõ ſe aruoraua o eſtandarte
Pollo primeiro Affonſo aleuantado
Por quem era do mundo em qualquer parte
O nome Portugues quaſi adorado
Quando da jurdiçaõ do inuicto Marte
Poſſe Venus, e Amor tinhaõ tomado
E com o remiſſo principe indecente
Perdia o brio a Luſytana gente.

Aos

Aos ſeus ingrato, inutil, fugitiuo,
Na nobre Santarem viue, e deſcanſa
Nos amoroſos braços, que catiuo
O tem a ſeu querer, e a ſua vſança,
Naõ lhe lembra ſe he Rey, ſe morto, ou viuo
Se perde, ſe auentura, nem ſe alcança,
Ao appetite liure, a redea ſolta,
E a honra vay bradando que dê volta.

Quando o Rey valeroſo Caſtelhano
Dos Portugueſes braços offendido,
A vingança procura de ſeu dano,
De Fernando outro tempo recebido,
Que ou por juſtiça foſſe, ou por engano
De vaſſallos, e amigos induzido,
Dentro nos muros ſeus da propria terra
Lhe fora meter gente, e fazer guerra.

Que por morte do Rey cruel, e impio,
Dos ſeus açoute, e exemplo de dureza,
A quem o irmão deixou palido, e frio,
Oppondo a patria, â ley da natureza
A conquiſta do eſtranho ſenhorio
Moueo Fernando a gente Portugueza,
Por baſtardo Henrique o que ficara,
Por ſucceſſor de Pedro a quem matara.

Deſtas e muitas offenſas aggrauado
Como o poder bellicoſo de Caſtella,
O mar de brancas vellas traz qualhado,
E a terra de eſquadrões de gente bella,
Contra Fernando o braço levantado
Que ſem receo, auiſo, e ſem cautella
Em lugar de acudir á noua affronta
De ſeus amores ſó conhece, e conta.

O som ja das trombetas, e tambores
Por entre os altos montes vem soando
Dos guerreiros de Henrique vencedores,
Que do Tejo as areas vão pisando,
O pouo Portugues com mil clamores
Em vão inuoca o nome de Fernando,
Que noutra guerra o tras amor sujeito,
De quem vencido está mais satisfeito.

Huma noite que qual outras passaua
No mimoso descuido, em que viuia,
Que só com Lianor ledo sonhaua,
Contente se acordaua, ou se dormia;
Em hum profundo sonho o sepultaua
A sua mal segura fantasia,
E de mortal suor cuberto, e cheo,
Lhe mostraua isto em sonhos o receo.

Com espantosa furia vio decendo
Huma nuuem dos ares despedida
Que ao estrondo, e rumor que vem fazendo
Faz aballar a terra estremecida;
O Rey com tal visaõ ficou tremendo,
Qual a enzinha dos ventos combatida,
A morte este temor lhe representa,
E a voz dentro no peito lhe arrebenta.

Vio abrirse esta nuuem pollo meo
Rompendo com hum trouão mui furioso,
Que o ar de escuras treuas deixou cheo,
E só no meo hum rayo luminoso;
Timido alli ficara, e com receo
Qualquer coraçaõ forte, e valeroso,
Olhando hum vulto humano que apparece,
Que mais que o rayo offende, e resplandece.

Qual

Qual ſe coſtuma achar deſacordado
Quem dormindo ficou na caſa eſcura,
Que trazendolhe a luz fica enleado
Com a viſta, que mil couſas lhe afigura,
Os olhos abre, e cerra de turbado
Quanto mais olha a luz, menos atura
Tal o Rey quebra a viſta ſó de olhalla,
E o medo, dos cabellos prende a falla.

Com a tremula luz indifferente
Hum caualeyro armado vê diante
Com as armas e eſcudo tranſparente
Que parecem finiſſimo diamante
Aleuantado o elmo reluzente
Com huma coroa d'ouro radiante,
E no eſcudo as quinas Portuguezas
De eterno lume por milagre aceſas.

A eſpada com que fere o leve vento
De ſi deſpede os rayos de Vulcano
Com hum aſpeito cruel, hum termo iſento,
Olhaua ao Rey medroſo de ſeu dano,
Os olhos fitos nelle o roſto intento,
Soltando a voz do peito mais que humano,
Com grande ira que nelle ſe accendia,
Esforçando as palauras, lhe dizia.

Rey deſcuidado, indino da coroa
E nome Portugues, que inda o ceo ama,
Que hoje por ti taõ vil ſe infama e ſoa,
Quam claro o eu deixei na voz da fama,
Soccorre aos fortes muros de Lisboa,
Acode Rey ao Reyno que te chama,
E antes que da Fortuna a roda deça
Leuanta o coraçaõ, ergue a cabeça.

Teu

Teu imigo naõ vês que liure, e ledo
Vay piſando do Tejo a rica praya?
E que ſubido aqui com riſco, e medo,
Tu vigiando eſtás como atalaya?
Naõ vês que ja conhece, e verà cedo
Como o teu poder, e honra deſmaya?
Naõ vês que o campo ſeu vay preguntando
Aonde fica eſcondido el Rey Fernando?

Olha eſte armado, e forte cavaleiro,
Com as inſignias reaes, de que te eſqueces,
Acorda, olhame o roſto verdadeiro,
Que com juſta razaõ me deſconheces;
Eu ſou o grande Affonſo, o Rey primeiro,
A que em obras tam pouco te pareces,
Eu ſou o que ganhei com braço forte
A terra, a quem tu vas trocando a ſorte.

Eu ſou o que ao barbaro inimigo
As bandeiras ganhei com tanta gloria,
Eu ſou o que deixei com meu perigo
Eſte diuino eſcudo por memoria.
Eu ſou o que te chamo, o que te obrigo
A ſuſtentar a fé deſta victoria,
E a liberdade antigua Luſytana,
Que por teus vaõs deſcuidos ſe profana.

Deixa a vontade eſcraua, que te offende,
Segue o nome que tens com peito altiuo,
Com o poder da razaõ catiua, e prende
O deſejo, que aſſim te traz catiuo:
A affeiçaõ leue, o leue amor ſuſpende,
Vê que o preço da honra he exceſſiuo,
E obriguete (ſe a honra naõ te obriga)
Ver que te ha de vencer gente inimiga.

Olha o bom Rey Dauid por quantas vias
Foy no Reyno, e no cetro castigado
Por tomar a mulher ao forte Vrias,
Retrato natural do teu peccado,
Da culpa que sem fim chorar deuias
De Deos, de ti, da pena descuidado
Pollo suaue engano desta vida,
Te naõ lembra cobrar a honra perdida.

Poem os olhos no Ceo sereno, e claro,
Nelles o coraçaõ, tegora impuro,
De la veràs decer teu certo amparo,
Teu defensor, castello, forte, e muro,
Veràs que o que me a mim custou taõ caro,
Está no aureo seculo futuro
Por diuino poder, predestinado
A ser por largos annos sustentado.

E se por teu descuido negligente
For offendida a patria liberdade,
O Cetro passarà da illustre gente,
A quem nella renoue a minha idade,
A hum Rey tam valeroso, e taõ prudente
Que honra será dos Reys da Christandade
Que te detens Fernando, vê que aguardas?
Que outro ja se adianta, e tu só tardas?

Este que vês comigo o ceo benino
Pera remedio guarda de teu dano,
Este com braço, e com fauor diuino
A outro darà o imperio Lusytano,
E tingirà do Tejo crystalino
As correntes com o sangue Castelhano,
E com o nouo louuor do Reyno, e terra,
O temor vencerá de incerta guerra.

Isto

Isto dizendo hum moço lhe mostrou,
Que Polla mão direita prezo tinha,
Cujo sereno rosto assegurou
A furia com que o Rey bradando vinha
Armado, o elmo só desenlaçou,
No qual hum rayo estranho se detinha,
E o escudo na cor que afronta as cores,
Huma cruz branca aberta em quatro flores.

Esta visaõ ao Rey desaparece
Que com frio temor em nada acerta
Vay a falarlhe, a voz se lhe emmudece,
Tendo para a pergunta a boca aberta,
Neste suando acorda, e lhe parece
Que de hum grande perigo se liberta
Da voz que ouuio suspenso, e do que vira,
Nem despois de acordado os olhos tira.

Mas ja fóra do sonho e do perigo.
Vê em seu erro a causa, e a razaõ
Accusandose estaua só consigo
Constrangido de medo o coraçaõ,
E ou pollos ameaços do castigo,
Ou porque culpa ja sua affeiçaõ
Mil cousas traça, inuenta, e imagina,
Depois que contra si se determina.

Ia discorre na varia fantasia,
Como ha de restaurar tam grande afronta
Eis que outro nouo esprito lhe nacia,
Que mil ardis, e machinas lhe aponta,
Ia de seu poder só tudo confia,
Ia faz de seus amores menos conta
Com lembranças da honra e da vingança
Dá mil voltas no leito, e naõ descança.

Le-

Leuantase animoso diligente
Para o passo atalhar ao Castelhano
Chama a conselho, e armas toda a gente,
E elle se arma tambem com este engano,
Mas o Prior do Crato o naõ consente,
Sabendo que o presente he menor dano,
Que com gente sem ordem, e em tal modo
Auenturarse o Rei e o Reyno todo.

Ah diz o illustre velho, sabio, e forte,
De quem cedo ouuireis o nome e fama
Ah naõ corraes Senhor tras vossa morte
Num desusado estremo em que vos chama,
Hoje vos naõ fieis da varia sorte
Que o animo vos moue, e vos inflama
De atras conuinha ter tomado o salto
Naõ ja agora dos vossos, e armas falto.

Ordenay vossas gentes valerosas
E entaõ ousai depois de apercebido,
Que estas que vedes vir taõ animosas
Cuidaõ que estais dos vossos esquecido,
As horas que julgais por vagarosas
Asseguraõ melhor vosso partido
De vagar se conquista o Reyno alheo;
E he ardid dos ousados o receo.

Deixay passar o imigo que arrogante
Cuida que tem a empresa differente,
Quem deixa o forte atras, naõ vay diante,
Que se vira a Fortuna facilmente,
Arma mandai tocar no mesmo instante,
Que em breue se apercebe a forte gente
Que o que vay de prudente a voluntario
Vay de ousado senhor a temerario.

Des-

Deſtas razões vencido, o Rey ſe dece
Do temerario feito que intentara,
Mas ante os ſeus armado ſe offerece
A guyallos aſſim como os chamara,
Que ainda que ao Prior niſto obedece,
Nem por iſſo os deſejos atalhara,
Ia manda deſcobrir o campo alheo,
Que marcha ſem eſtoruo, e ſem receo.

Qual por obedecer ao Rey trocado
No ligeiro ginete vay voando,
Qual naõ quis eſperar nenhum recado,
E vem airoſo o campo atraueſſando,
Qual ſalta no cauallo confiado
A força dos eſtribos deſpreſando,
Qual para naõ fazer tanta demora
Calçou ſobre os arçoẽs a aguda eſpora.

Em breue eſpaço a villa deſpouoa
A gente que era á Corte coſtumada,
Como por toda ella ſe apregoa
Qu'atençaõ de ſeu Rey noutra he mudada,
Para onde o ſom das caxas moue e ſoa,
Atraueſſaõ caminhos, monte, eſtrada
Cada hum com nouo ſpirito buſca a guerra
Por naõ ver ſobjugar a patria terra.

Eſpalhados por valles, por outeiros,
Ia diuiſaõ as armas, e os pendões,
Donde voltaõ ſuſpenſos e ligeiros
Com temor dos armados eſquadrões:
Alguns que vaõ detras, voltaõ primeiros,
Batendolhe no peito os corações,
E os que contaõ das gentes do inimigo
Meſturaõ juntamente o ſeu perigo.

In-

Inda o Rey cuidadoſo naõ ſe eſquece
Do que vira no ſonho temeroſo
A tardança o offende, e lhe parece
Cada momento eſpaço vagaroſo
A's torres leuantadas ſobe e dece
De armas, de gente, e guerra cobiçoſo,
Quando no campo á fralda de huns outeiros
Vio em galope vir dous caualeiros. (nha,
Voltando as lanças vem com graça eſtra-
Suſtentando os cavallos ſobre o freo,
Que com hum brio igual, deſtreza, e manha
Mais repreſentaõ goſto, que receo;
Atraueſſando vem campo, e montanha,
Trazem de verde, e ouro hum rico arreo,
Em cujas guarniçoens o ſol ferindo
Se vay em varios lumes diuidindo.
Na torre ſobre hum braço reclinado
Entre huns dos melhores que o ſeruiaõ,
Olhaua o Rey aos moços com cuidado
Preguntando entre aquelles quem ſeriaõ
De ſua arte e poſtura namorado,
Como enuejoſos muitos dos que os viaõ
Dom Aluaro Gonçalues de Pereira,
Que era o Prior, fallou deſta maneira.
Os dous Senhor que vedes vir correndo,
Ambos da cor veſtidos de eſperança,
Que inda o peſado arnes deſconhecendo
Somente armaõ na paz eſpada e lança;
Ambos meus filhos ſaõ, que conhecendo
O que em ſeruir ſeu Rey cada hum alcança,
Foraõ por ver a gente de Caſtella.
Para vos dar noticia, e rezaõ della.

Que pois ja minha idade naõ permite
A estes membros cançados ligeireza,
Porque ás passadas forças pôz limite,
Com estas largas cãs, a natureza:
A elles he rezaõ , que agora incite
A que empreguem, seruindo a vossa alteza,
A lealdade, e esforço, que defendem ,
Que herdaraõ dos auós, de que descendem.

Naõ me fez recear esta vontade,
Que podiaõ seguir-se-lhe outros danos
De seu atreuimento, e liberdade,
Quando os vissem de perto os Castelhanos;
E posto que o mayor tem pouca idade,
A idade do menor he treze annos,
Ambos de animo nobre, e leuantado,
Mas este mais valente, e mais ousado.

Attento estaua o Rey que conhecia
O valor do bom velho, que responde,
E a veneranda barba lhe decia
A te o peito onde á cruz branca esconde,
Do rosto, corpo, e voz logo se via,
Que ao valeroso sprito corresponde,
Tambem mostraua o Rey no modo e rosto
Amor, satisfaçaõ, desejo, e gosto.

Dos valerosos moços mais contente
Por hum recado seu manda chamallos,
Que ouuindo o messageiro diligente
Saltaõ ligeiramente dos cauallos,
Do pouo corre a vellos muita gente,
Que naõ sabe entre si mais que louuallos;
Ia com Fernando está junta a Raynha,
Que com o que ouuira, iguaes desejos tinha.

Entre

Entra diante o de mais tenra idade,
Que Nunalures Pereira era chamado,
Que em arte, brio, esforço, e grauidade,
Foy logo dos da corte auentajado,
Mouendo o paſſo vay com liberdade,
O roſto muy ſeguro, e confiado,
Em cuja gentileza, graça, e arte
Igual contenda tem Apolo, e Marte.

Nem Narciſo entre as Nimfas taõ famoſo
Com ſettas, arco, e com dourada aljaua,
Nem outro Endimiaõ bello, e fermoſo,
Quando a lua em ſeus olhos ſe eclipſaua:
Nem Ganimedes moço venturoſo,
Que à Iupiter da terra namoraua,
Moſtraraõ gentileza mais louuada,
Que Nuno com a maõ poſta na eſpada.

O roſto varonil era comprido
Da cor das roſas ſobre a neue pura
O cabelo ſutil, louro, e crecido,
Que em aneis ſobre as fontes ſe pendura:
Na viſta muy ligeyro de ſentido
Olhos piquenos, mas de luz ſegura:
O corpo em proporçaõ de gentileza
Promete esforço, brio, e fortaleza.

A eſte olhando o Rey com ledo roſto,
lhe manda que o informe do que vira,
De que ſubido outeiro, de que poſto
As Caſtelhanas gentes deſcubrira;
O moço que conhece o preſupoſto
Delle que entre as palauras ſe ſorrira,
Aſſim reſponde; e todos eſcutauaõ,
Porque do que elle diz pendendo eſtauaõ.

Quiſera alto Senhor que neſta empreza
Foramos com razaõ de vos chamados
Quando paſſar nos vira voſſa alteza
De inimigas cabeças rodeados,
Que entaõ com huma vontade mais aceza,
E naõ ja como agora enuergonhados
Moſtrara cada qual ter ouſadia,
Mais de bom capitaõ, que naõ de eſpia.

Porem nem dos outeiros por ſeguros,
Nem d'entre aruoredos eſcondidos
Fomos buſcar lugares mais eſcuros
Para fugir, ſer viſtos, ou ſentidos;
Nem o amparo buſcamos de altos muros
Para ficarmos delles defendidos,
Mas na campina à viſta do perigo,
Fomos correndo o campo do inimigo.

Vimos do grande exercito, e famoſo,
A ſoberba vanguarda que marchaua
A onde o outro com o ſol mais poderoſo
Sobre mil varias cores ſe eſpalhaua,
O corpo do eſquadraõ tam numeroſo
Que a eſpeſſa multidaõ deſordenaua,
E a gente mais luzida, e mais galharda,
Dando coſtas ao Rey na retaguarda.

Mal com os olhos o numero comprende,
Quem d'outra experiencia naõ ſe enſina,
Mas quanto ao largo a viſta mais ſe eſtende
Cuberta de armas ve toda a campina;
A gente de apinhada a ſi ſe offende,
Que fora a confuſaõ della a ruina,
E com pouca da noſſa, e bem regida
Podera facilmente ſer rompida.

E ſe

E ſe me dera a idade confiança,
Como o coraçaõ ſey que esforço dera;
Com eſte tenro braço, e leue lança
Ajudado de poucos me atreuera,
Mas naõ me falta ó Rey outra eſperança
Se o enganado imigo vos eſpera,
De moſtrar o valor da minha eſpada
A' cuſta de ſeu ſangue mais honrada.

Qual a pedra que tem por natureza
O metal atrahir luzente, e fino,
Que no ar o ſuſpende, abate, e peza,
Fazendo com que a ſiga de contino;
Tal o Pereira ouſado que deſpreza
O poder do contrario, como indino,
Ia o Rey ſuſpenſo tem, ja o aleuanta,
Huns deſconfia, huns moue, outros eſpanta.

Qual gaba a confiança de ſegura,
Qual lhe louua a repoſta taõ diſcreta,
Qual a graça dos membros e a poſtura,
E a mudança do roſto tam quieta,
Outro que entre os louuores ja murmura
Com eſcondida inueja, e naõ ſecreta,
Que impoſſivel parece que ſe veja
Alguem com tantas partes ſem inueja,

A Rainha Lianor que o termo via
Do valeroſo moço que fallara,
E daquella alta moſtra conhecia
Huma couſa no mundo eſtranha e rara,
Emgraçadas preguntas lhe fazia
Ao que do campo imigo diuiſara,
Inquirindo as bandeiras, e os ſinais
Por lhe dar occaſiaõ de dizer mais.

Se alta Senhora diz me dais licença,
Que ao inimigo campo outra vez saya,
E sem arriscar mais que a minha offensa
Atrauesse do Tejo a branca praya;
Antes que o sol da noite as treuas vença
Aqui preza trarei huma atalaya,
Que obrigada confesse, ou por vontade
O que vós naõ fiais de minha idade.

E a pouco por seruiruos me auenturo,
Que naõ auerá braço que mo impida,
Nem esquadraõ armado, ou forte muro,
Nem setta do curuo arco despedida,
Com ir em vosso nome, irei seguro,
E se na empreza em fim deixar a vida,
Que mor gloria, e que mais felice sorte,
Que achar em pouca idade honrada morte?

Ella que a cortezia, auiso, e graça,
Igual tinha tambem á fermosura
Com huma benína mostra em nada escaça,
Com que esta confiança lhe assegura
Lhe diz, que alem de crer que a obra faça
A vida lhe naõ quer, nas da ventura;
A elRey por seu, naquelle instante o pede
Que com sembrante alegre lho concede.

O Prior valeroso naõ se esquece
Da ceremonia a tais tempos diuida,
Postrado com os filhos se offerece
A pôr em seu seruiço sempre a vida,
Que inda a merce, e fauor, que se merece
Deue ser como as mais agradecida
Que ou compre a preço igual, ou mais barato,
Nunca he capaz do bem hum peito ingrato.

Ar-

Armalo o Rey quer logo caualeiro
Com Diogo Alures Pereira o forte irmaõ
Auizado, valente, e bom guerreiro,
Que a nenhum do ſeu tempo daua a maõ;
Mas ha de ſer Nunalures o primeiro,
Que o fora por eſcolha, e por razaõ
Armas manda buſcarlhe, em vaõ buſcadas,
Que todas lhe eraõ grandes, naõ peſadas.

Naõ hauia armas que em taõ tenra idade
Hum caualeiro armaſſem para á guerra,
Naõ val ter a Rainha eſta vontade,
Nem mouerſe por ella o mar, e a terra:
Mandou prouar de arnezes cantidade,
Que o almazem real continuo encerra,
Mas nenhum ſerue para o moço ouſado,
Que ha de ſer pollo Ceo na terra armado.

Moſtra pezar de ver que o naõ podia
De aço fino veſtir naquelle inſtante,
Poem o deſejo em braços da porfia,
Porque atalha entaõ mais ſe aleuante
O appetite vaõ, que aonde ſe cria
Nada mais que a ſi proprio poem diante,
Nada fica que naõ reuolua e veja,
A fim de conſeguir o que deſeja.

Como o noſſo querer vay niſto errado;
Como a opiniaõ propria nos engana;
Quam longe anda a ventura d'hum cuidado
E quam perto apparece a viſta humana;
Quanto contenta ás vezes o arriſcado;
Quanto remedio ha que a muitos dana;
Quam certo he, na ventura, e na mudança
Deſmentir nos ſucceſſos a eſperança;

Por

Por contentar Perílo o ſeu tyranno,
Que de duro, e cruel ſe naõ contenta,
Fabrica de metal o nouo engano,
Que a voz humana em bruto repreſenta,
Por premio do trabalho teue o dano,
Que nelle ali primeiro ſe exprimenta,
Phalaris que conhece o baixo intento,
Pagoulhe num tormento, outro tormento.
Vai o filho do Sol cortando o Ceo
Sobre o carro do pay ſoberbo e ledo,
E o bem que para honrarſe pretendeo,
Por ſeu querer lhe trouxe o mal taõ cedo
Quando cuidou ſobir, entaõ deceo,
Sem querer crer ao pay eſte ſegredo,
Elle o miniſtro foy de ſeu perigo,
E outrem ficou chorando o ſeu caſtigo.
Lianor cobiçoſa affeiçoada
Sem tempo, e ſem razaõ ſegue o deſejo
Para eſta execuçaõ muito apreſſada,
Que o voluntario amor ſempre he ſobejo,
Mas quando deſte em vaõ deſenganada
Se vir noutros cuidados, noutro enſejo,
Com que eſtremos ſem tempo,e ſem proueito,
Reprendera iroſa os que tem feito.
Que differente em tudo ſe moſtrara?
Que veneno mortifero lhe dera?
Se ſeu futuro mal adiuinhara,
E aly preſente a cauſa conhecera,
Em ſua morte as armas procurara,
Entre as diſcordes ondas o eſcondera,
Ou fizera entaõ delle, o que fazia
O pay Saturno aos filhos que temia.

Mas

Mas da ordem fatal em tudo alhea
Buſca, qual ſoe a ſimplez borboreta,
A luz que a viſta alegre lhe recrea
E ſó nella morrendo ſe aquieta;
Mal o dano encuberto ſe recea
Com cauſa taõ diſtante, e taõ ſecreta
Em todos punha os olhos, e o deſejo
Em ver a Nuno armado neſte enſejo.

Hum caualeiro aly velho e prudente
Para quem ſe voltou niſto à Rainha
Diſſe que Dom Ioaõ claro excellente
Meſtre de Auis as proprias armas tinha
Feitas naquella idade floreſcente
Do nouel caualeiro, que aly vinha,
Lauradas com ſutil engenho, e raro
Deſſe metal que Arabia dà taõ caro.

Era o velho ſagaz de longa idade,
E inda do ſangue antiguo deſcendia,
Do que guardando a patria liberdade,
Deu preſo o Rey dom Sancho a dom Garcia,
Saltando aquelle ſprito de bondade
Do valeroſo corpo, que regia
Nos ferteis campos, que hoje o Tejo banha,
E o ſangue entaõ cobrio da nobre Eſpanha.

Era ſabedor na arte eſcura e fea,
Que Zoroaſtro aos Perſas inſinou,
E na com que a ſagaz, impia, Medea
Iaſaõ do drago em Colchos libertou,
Affiguraua o ar na forma alhea
Transformaua, qual Circe antigua vſou,
Ligaua as ſombras negras, que mouia,
Mudaua a luz ao ſol, a cor ao dia.

Por

Por ſeus encantamentos alcançara
Que inda daquelle ſangue valeroſo,
Que a antigua Luſytania ſempre honrara,
Naceria hum varaõ claro, e famoſo
De esforço, e de virtude illuſtre, e clara,
Do nome, que o dos ſeus farà ditoſo,
Dando alto principio á noua hiſtoria,
E a deſcendentes ſeus eſtado, e gloria.

E ſabendo que o tempo ſe chegaua
Daquella deſejada profecia,
Que nas armas do meſtre começaua,
E em armarſe Nunalures conſiſtia,
A morada deixou em que habitaua,
E na corte eſperando aquelle dia
A ſeus olhos tam doce, e tam contente
Naquella occaſiaõ ſe achou preſente.

Diſſe alli o que ouuiſtes: e Leonora
Vendo que alcança o fim do que pretende
Naõ conſente em deſejos mais demora,
Que com qualquer tardança o tempo offende
Como ſe aquelle o ſeu cuidado fora,
Só nelle ſe deſuella, e nelle entende
Com alegria manda, e aluoroſo
Pedir as armas pera o forte moço.

Prouidencia diuina em nada errada
Como a ſeu fim occulto tudo ordena
A vam opiniaõ noſſa enganada
Quam cegamente ás vezes nos condena,
Mil vezes a Fortuna grangeada
Tudo ao certo effeito deſordena
Se naõ guia o ſaber ſanto e diuino
O noſſo encaminhar he deſatino.

Per-

Permite quem ordena, e pode tudo,
Porque he ſó poderoſo, e verdadeiro,
Que então embraſe Nuno o forte eſcudo
Do que ha de ſer por elle Rey primeiro;
A gente humana em vaõ poem niſſo eſtudo
O Ceo ſomente o arma caualeiro,
E bem moſtrou depois no que venceo
Que as armas que trazia eraõ do Ceo.

Manda a Rainha, o meſtre lhe obedece,
Poſto que ella, ſem cauſa, o deſamaua,
Com as armas a vida lhe offerece,
Que ella menos que as armas deſejaua:
Ia o luzido arnes que reſplandece
Com o ouro que em mil laços o eſmaltaua
Trazia meſſageiro differente,
Que vem tam apreſſado quam contente.

Ia com a confiança mais madura
De aço fino o Pereira eſtá cuberto
Com outro brio ja, outra poſtura
Daua de ſeu esforço hum penhor certo
A Rainha em louuores o aſſegura
Com enueja de muitos que eſtaõ perto,
E toda a flor da corte ali preſente
Ella meſma o armaua alegremente.

Ali a ordem tomou de caualeiro
Com o apparato, e goſto que conuinha
A filho de hum varaõ tam verdadeiro,
E a hum mimoſo em graça da Rainha,
Hum tio ſeu lhe ſerue de eſcudeiro,
O Rey para mor honra lhe padrinha,
E com os olhos cheos de affeiçaõ,
Os preceitos lhe dá da profiſſaõ.

Mas

Mas ferindo-lhe o elmo com a espada,
Como em tais ceremonias he costume,
Sahio de ardentes rayos abrazada,
Ferindo pollos ares sutil lume,
A sala ficou toda alumiada,
E o Rey que algum segredo mais presume,
Entende do donzel que ali se armara,
Que era o que o Rey no sonho lhe mostrara.

Muitos da estranha luz foraõ turbados
Bem como quando a nuuem triste oppaca
Rompendo-se em trouões arrebatados,
Com relampagos fere a vista fraca,
Porem logo contentes socegados
Com a vista do Rey que a tudo aplaca
Cada hum grandes bens delle pronostica,
E seruindo a Lianor na corte fica.

Armado o moço altiuo parecia
Qual o capitaõ Grego douto e bello,
Quando a vizeira do elmo descobria
De ouro entre neue, e rosas o cabello,
Com armas obrigaua a quem o via
Muito mais a inuejallo que a temello;
Que hum tenro parecer brando e fermoso
Naõ pode ser aos olhos temeroso.

O Prior naõ consente que se aparte
Da corte, o que assim nella se estremara
Quem no animo, graça, auiso, e arte
Tam dino de ser visto se mostrara,
Deu-lhe de seus criados tanta parte
Quanta para o honrar lhe contentara,
E hum ayo sabedor, prudente, e velho
De autoridade, esforço, e de conselho.

Logo

Logo nos tenros annos começou
A mostrar o valor com que naceo,
Para ás altas emprezas que acabou,
E assinadas batalhas que venceo:
A terra em verdes annos contentou,
Como tambem depois a terra e ceo,
Que sempre he o principio estranho e raro
De soberanos fins indicio claro.

CANTO II.

ARGVMENTO.

ElRey dom Henrique poem cerco a Lisboa, o Cardeal de Bolonha legado do Papa Gregorio XI. faz as pazes entre os Reys em Santarem, torna-se o de Castella. O Prior D. Aluaro trata o casamento de D. Nuno Alures Pereira.

EM tanto o forte exercito marchando
Pollos desertos campos Lusytanos,
A cidade de Vlysses vay buscando
Fazendo estragos, roubos, mortes, danos,
Que os antigos descuidos de Fernando
Dauaõ esforço e valor aos Castelhanos,
Tendo por acabada huma conquista
Na qual naõ manda o Rey quem lhe resista.

Ia chegaõ junto donde o mar vizinho,
Que as correntes do Tejo ver procura
Contente vem buscalas ao caminho,
E em suas doces aguas se mistura;
Por onde nauegando o leue pinho
Retrata as brancas vellas n'agoa pura,
Que com o vento que sopra brando, e frio
Ferem em branca escuma o fundo rio.

Ia

Ia deſcobrem ao longe a populoſa
Cidade que de Vlyſſes foy fundada,
Ia lhe apparece a força poderoſa
De taõ guerreiras gentes ſuſtentada,
Ia receaõ a guerra perigoſa,
Ia a todos o temor lhes nega entrada,
Tremem ao ar bandeiras, e pendões;
Mas mais tremem no peito os corações.

Que vendo a deſuſada fortaleza
Das leuantadas torres e altos muros,
Donde encerrada a gente Portugueza
Os eſtranhos naõ deixa eſtar ſeguros;
Ia temem os ſucceſſos deſta empreza
Cotejando os paſſados, e os futuros,
O furor que ate li tanto os conuida,
Ia rende as armas ao temor da vida.

Mas vos ó moradores deſcuidados
Que liures de temer aſſalto alheo
Em brandos exercicios occupados
Vos naõ moue da guerra algum receo,
Vinde e vereis os campos ſemeados
De armas, e o largo mar de vellas cheo,
E ſe ainda o duuidais porque naõ vedes,
Leuantai-vos vereis o que naõ credes.

Vſem daquella antigua alta pujança
Voſſos guerreiros braços vencedores
Guarnecei-uos de eſcudo, eſpada, e lança
Cauallos, malhas, ſettas, paſſadores,
Renoue-ſe entre vôs aquella vſança,
De pifaros, trombetas, e atambores,
Que inda que forte o deſapercebido
Qualquer contrario ſeu faz atreuido.

Correi.

Correi ao campo pois quem a obrigaçam
Tinha para atalhar ao mal presente
Naõ pode vsar a tempo defensaõ
Mas por sobejo amor que pouca gente,
Outrem lhe tinha preso o coraçaõ
Que accudir como Rey naõ lhe consente
Mas vos como leais fortes, e ousados
Naõ sois a seus descuidos obrigados.

Tam mal crem neste tempo os da cidade
Aquelle estranho e vaõ atreuimento,
Que nem a noua certa os persuade
Para tocar de guerra hum instrumento,
Nem para defender a liberdade
Fazem qualquer vsado mouimento;
Ate que bate ás portas o inimigo
A onde he mayor afronta, que o perigo.

Huma legoa dos muros alojado
Estaua o Rey Henrique, quando a terra
Com o remedio tam tarde aparelhado
Em ordem se dispoem de fazer guerra,
Em bandos anda o pouo aleuantado
Huma porta atras outra ja se cerra
Tambores se ouuem, pede a gente ajuda
Armaõ-se, e nenhum sabe aonde accuda.

Tras isto o reboliço, e confusam
Da gente que entre as portas se mistura
A companhia sae sem Capitaõ
E todos saõ soldados da ventura,
O tropel de ginetes sem pendam
Dentre a gente de pee romper procura
Todos saem com animo á pelleja
Mas naõ ha quem os mande, ou quem os veja.

Hum

Hum diz que he bem q̃ a patria ſe defenda
Com cauas, terraplenos, e trincheiras,
Outro que ſeja em campo tal contenda
Toca tambores, faz mouer bandeiras,
Eſte por ſaluar filhos e fazenda
Na porta ajunta as gentes mais guerreiras
Aonde os dos arrabaldes com recatto
Metem molheres, ouro, prata, e fato.

Ainda á forte cidade entaõ faltaua
O muro que depois Fernando ergueo
Num eſtreito limitte ſe encerraua
Que ſó ao grande Affonſo ſe rendeo
A gente aly ſem ordem ſe ajuntaua
Com alaridos que enchem terra e Ceo
Vendo o campo inimigo que chegando
Como ſe ja vencera vay triumfando

Niſto pollo arrabalde liuremente
Sobindo para o alto ſe adianta
Acaſtellando a mais luzida gente
Na Igreja de Franciſco illuſtre e ſanta
Que como o ſanto humilde, e penitente
Sobre os Serafins claros ſe aleuanta
Aſſim o templo ſeu famoſo e raro
Mais junto eſtá do Ceo por ſermais claro.

Eſtá num alto monte o mais ſobido
Para a parte do mar ſobre a Cidade
Aonde ja foi a Deos hum templo erguido
Noutra de Portugal primeira idade
Que o Rey que aos cinco Reys tinha vencido,
E poſta Luſytania em liberdade
Tambem neſte lugar fez fortaleza
Aos ſantos zeladores deſta empreza.

Por-

Porque as deuotas gentes perigrinas
A que o Ceo trouxe á praya Lusytana
Por dilatar no mundo as santas Quinas
Contra a barbara seita Mahometana
Vestindo de aço armadas esclauinas
Para á conquista altiua, e soberana
Deste lugar mais liures, e seguros,
Assaltauam do Mouro os fortes muros.

Aly por fundamento mais famoso
Dos muitos que depois se aleuantaraõ
A' Virgem santa hum templo sumptuoso
Os romeiros de Christo fabricaram
Que hoje he mais nobre, antiguo, e venturoso
Pollos ossos, que aly se sepultaraõ
De alguns puros varões que a Maura espada
Derribou polla Fé santa, e sagrada.

Neste monte se aloja o Castelhano
Com toda a gente armada que trazia
Recebendo da nossa muito dano
Que inda a sem defensaõ, lho defendia
Daly trata por força, e por engano
De entrar o fortes muros que temia
Com machinas, valor, e diligencia
Mas he mayor que a força a resistencia.

A furia dos soldados disbarata
Da terra a descuidada vezinhança
Xaquea, rende, força, assola, e matta
Por cobiça, por odio, e por vingança
Quantas sedas? quanto ouro? quanta prata?
Tirou a vida a alguns, e a esperança?
Quanto sangue tengio aos apousentos?
De cobiçosos, vãos, e de auarentos?

Em quanto isto passaua se detinha
Fernando em fazer gente e recolhela
Mandando de socorro a que lhe vinha
Com animo mais facil que cautella
Naõ pode auer licença da Rainha
Nunalures que deseja ver-se entre ella,
Que como era taõ moço, a tenra idade
O fruito lhe tirou, naõ ja a vontade.

Ia a gente ousada, a que o furor de Marte
Obriga por vingança, e por inueja
Chega a Lisboa, e nella se reparte
Cada hum buscando a guerra que deseja
Escaramuças ha de parte a parte
Todos sentem o dano da pelleja
Hum morre por cobrar a honra perdida
Outro por sustentalla perde a vida.

Ia trinta vezes vira o Castelhano
Banhar o Sol seu carro luminoso
Nas cristalinas agoas do Oceano
Aonde entra nelle o Tejo vagaroso
E outras tantas o vira o Lusytano
Apparecer corrido e vergonhoso
De ver tam afrontada a forte gente
Que hauia de hir honrallo no Oriente.

Quando ao campo de Henrique era chega-(do
Guido, que em seu alcance caminhaua
Cardeal do Pontifice legado,
Para atalhar as guerras em que estaua
Delle tiuera o mesmo Rey recado
Ia quando em Portugal soberbo entraua,
Mas porque deste intento o naõ mudasse
Esperar lhe mandara a que voltasse.

E elle

E elle com pio zelo desejando
De acquietar ao Rey, seguindo-o vinha,
E quando as prayas vio do Tejo brando
Ia Henrique a Cidade em cerco tinha
Sua embaxada deu ao Rey Fernando
Que armado como ouuistes se detinha
Na nobre Santarem, donde ja fora
Se o naõ tiueraõ laços de Leonora.

E dizendo o que o Papa pretendia
Na desejada paz santa amisade
Para euitar a guerra, que seria
Offensa, e dano, á toda à Christandade
Vendo como Fernando a consentia
Porque a razaõ, e o tempo o persuade,
Para Henrique se parte, e na paz falla,
E a Santarem se torna a confirmalla.

Logo os embaxadores a Lisboa
Manda Fernando, e torna o Cardeal,
Ia se concerta a paz, ja se apregoa
Nos Reynos de Castella, e Portugal,
Em fazer os contraitos em pessoa,
Henrique tinha o gosto principal,
Vem buscar a Fernando em este ensejo
Os dous se visitaraõ sobre o Tejo.

Cada hum em seu batel embandeirado
De armas reaes; de ouro, e seda fina
O rico toldo, ao Tejo celebrado
Vaõ cortando a corrente cristalina,
Cada hum de dous varões acompanhado
Como primeiro a tregoa determina
Aly firmaraõ paz doce, e segura
Que hum de vontade aceita outro procura.

Cessaõ as armas logo, e os instrumentos
Que os animos á guerra prouocauaõ
Fazem-se jogos, festas, casamentos
E em firmeza da paz que celebrauaõ
Mudanse os trajos ja com os pensamentos.
Todos no gesto, e cores demostrauaõ
Aluoroço, prazer, gosto, alegria
Por agradar ao Rey, que assim queria.

Vai-se Henrique contente, e tambem fica
Fernando dos concertos satisfeito
Posto que aquellas pazes que publica
Lhe naõ podem caber dentro no peito
A armada Castelhana vai muy rica
E inda com mayor honra que proueito,
Que he assas d'entre gente taõ valida
Quem offendida a tem voltar com vida.

Grande parte dos pouos que acudiraõ
A defender Lisboa em tal jornada
Em breue a seus lugares se partiraõ
Depois que a paz dos Reys foy confirmada
Os Capitães, e os grandes que assistiraõ
Em quanto a doce patria foi cercada
Vendo o Reyno ficar neste remanso
A seus assentos vaõ buscar descanço.

Dom Alvaro se parte o nobre velho
Da liança dos Reys tambem contente
Na qual elle mostrou ser claro espelho
De hum valeroso animo, e prudente
Quanto el Rey bem sentio de seu conselho
Tanto a sua partida a Corte sente
Que hum varaõ de tal nome, e de tal sorte
Em guerra, e em paz he sempre hóra da Corte.

Del

Del Rey o mais amado, e mais valido
Era, e de toda a Corte o mais amado
Entre inimigos ſempre o mais temido
E entre os nobres da Corte o mais honrado
Graue na paz, quieto, e entendido,
Valeroſo na guerra, e esforçado
Benino, liberal, e generoſo
De vaſſallos, e terras poderoſo.

Era ſenhor muy grande em Portugal
Tinha tal condiçaõ, com poſſe tanta
Que qualquer que lhe foſſe em renda igual
Ao ſeu trato comum naõ ſe aleuanta
Em ſangue illuſtre, em caſa principal
Prior do Hoſpital da Caſa ſanta
Priuado de tres Reys muy venerando
Foi de Affonſo, de Pedro, e de Fernando.

Pedem ſeus feitos dinos de memoria
Eterna, a relaçaõ muy differente
Da que aqui tem lugar na noſſa hiſtoria
Que digreſſaõ taõ larga naõ conſente
Sua fama immortal, ſeu nome, e gloria
Sua vida entre todas excellente
Naõ pode em breue eſpaço ſer contada
Sem ſer mais offendida que louuada.

Eſte foi o que Pedro o Caſtelhano
Cruel, ao quarto Affonſo auô pedia,
Pollo valor, e esforço mais que humano
Honra, conſelho, e Fé que nella auia,
Eſte que as pazes fez ao Luſytano
Com Pedro o filho amante que queria
Vingar da bella Ines a morte injuſta
Que inda a fonte d'amor lagrimas cuſta.

O Por-

O Porto defendeo deste indinado
Principe, que abrazallo entaõ quizera
E dos pendões das naos embandeirado
Nouo muro formou que inda o naõ era
Deste, e d'outros seruiços obrigado
O Rey quando o chamaua a Parca fera
Antes que o charo espirito despedisse
Tais palauras se conta que lhe disse.

Valeroso Prior que eu sempre tiue
Nos olhos igualmente, e coraçaõ
Esta hora derradeira de quem viue
Para na morte auer de dar razaõ
Iusto he que neste estado naõ me priue
De a vossas obras dar satisfaçaõ
Confessando ante todos que vos deuo
O que pagar na morte naõ me atreuo.

Vossos antepassados valerosos
Com meus antecessores tam validos
Receberaõ mercês, cargos honrosos
Satisfeitos dos Reys, e os Reys seruidos
Mas os vossos seruiços tam famosos
Tam grandes, tam leais, tam conhecidos,
Naõ nos posso pagar porque os conheço
Delles (se he justo a Rey) perdaõ vos peço.

A Rainha que aqui está vos encomendo
E este Infante meu filho Dom Fernando
Que de vosso valor bem claro entendo
Que inda morto auereis que reino, e mando.
E depois que este espirito que viuendo
Sentistes para vôs tam leue e brando
Do corpo se apartar lembrai-uos delle
Pois que vivendo andastes sempre nelle.

Rei-

Reinando atras de Affonſo o riguroſo
Pedro, que do Pay foi n'alma agrauado
Naõ ſe eſquecendo o velho valeroſo
Do que o Rey lhe deixara encomendado;
Fez que á Rainha deſſe o juſtiçoſo
Mais terras do que o pay lhe tinha dado
E ao Iffante ſeruiço, caſa, e gente
A ſeu nome e valor conueniente.

Ao Conuento de Rhodes neſta idade
Foi de muy nobre gente acompanhado
E por ſeu nome, esforço, e dignidade
Foi na Religiaõ Meſtre eſperado,
Sempre esforço moſtrou, honra, e verdade
No lugar de Senhor, e de priuado
Teue trinta e dous filhos que viueraõ
Dos quais varios Pereiras procederaõ.

Neſſa regiaõ fertil Tranſtagana
Fez da Ameeira a força bellicoſa,
E nouamente á terra Luſytana
Edificou a alegre Frol de Roſa
Aonde á Virgem pura, e ſoberana
Fez do ſeu nome a caſa milagroſa
Da ordem lhe anexou muy groſſa renda
Ordenando de nouo huma Comenda.

Fundou os paſſos ſeus, e aquelle aſſento
De Bomjardim lugar ameno, e ledo
Alegre a qualque rliure penſamento
Freſco de vales, fontes, e aruoredo
De veraõ tinha aly nobre apoſento
Naquella branca idade, que mais cedo
Naõ buſca onde deſcance o peito que ama
Menos os paſſatempos, do que a fama.

Depois

Depois que de Fernando ſe apartou,
E dos filhos que mais que a ſi queria
Neſte lugar as armas pendurou
Como quem dellas já ſe deſpedia
O fruito dos triumfos que alcançou
Com os que gera o Sol, e a terra cria
Gozaua em breues annos; que eſte fruito
Attura pouco, e cuſta ſempre muito.

Deſpedio do caminho hum grande eſpaço
Os dous filhos que á Corte ſe tornaraõ
Tomando o forte Nuno pello braço
Que muitos por ſeu mal depois prouaraõ
Liando a ambos num eſtreito abraço
A que elles humilmente ſe inclinaraõ
A fé, o Rey, e honra lhe encomenda
Que ame cada hum, tema, e deffenda.

Ficaraõ os mancebos valeroſos
Seruindo ao Rey que em muito os eſtimaua
Iá tornaõ aos veſtidos curioſos
Que a guerra em aço e ferro lhe trocaua
E ainda que elles das armas cobiçoſos
O ferro mais que o ouro os contentaua
Naõ ha a quem naõ enleue a pompa vam
De huma ſoberba moſtra corteſam.

Como o ſonoro rio que na enchente
Do carrancudo inuerno ſe miſtura
E paſſando os limittes da corrente
Cobre com turuas agoas a verdura
Depois que o Sol ſe moſtra no Oriente
A cuja ſombra foge a neuoa eſcura
Se recolhe apreſſado, e na campina
Deſcobre a herua, a aruore, a bonina.

Aſſim

Assim depois da guerra, e confusam
Em que o prazer da Corte se derrama
Aleuantou a paz branco pendaõ
E cerrou Ianno a porta á vaga fama
Iá passeaua o brando cortesam
E ja apparecia á linda dama
Vestidos de contentes, varias cores
Trocando os feitos d'armas nos de amores.

Dom Nunalures tambem como obrigado
Ao estylo da Corte, semelhante
Ao sagaz cortesaõ mais apontado
Nenhum quer que em o ser se lhe adiante
Iá reforma o vestir, troca o cuidado
Iá se preza de ayroso, e de galante
Vendo que o que a Rainha estima e preza
He amor, cortesia, e gentileza.

Iá o coraçaõ liure naõ se isenta
De hum assalto qualquer de formosura
Iá do termo galante se contenta
Do passeo da volta, e da mesura
Iá dança nos seraos, já se apresenta
Com ar, graça destreza, e compostura
Em tudo de amor mostra o doce effeito
Porém dos olhos naõ lhe offende o peito.

Os seus se vestem já doutra librea
Ia se trata na Corte o mais custoso
O hispano ginete em que passea
He o mais cobiçado, e mais fermoso,
Ia com a caça dos montes se recrea
Outra ora com o Falcaõ mais generoso
As feras desprezando cá na terra
Moue ás aues do ar contenda e guerra.

Gasta

Gasta as noites isento de cuidados
(Que para estes cuidados saõ melhores)
Hora em ler as historias dos passados
Hora em ler auenturas por amores
Contentaõ-lhe entre os versos namorados
Os extremos , as graças , e os primores
Fruito daquella idade tenra e verde
Que faz tal differença em quem a perde.

Mas como o coraçaõ que traz no peito
Que de grande ja nelle naõ cabia
Sempre lhe procuraua o mais perfeito
Estado dos intentos que seguia;
Mais era afeiçoado que sujeito
Inda que sello a muitos parecia ;
Escolha certa só de amor humano
Que o mais he tudo pena, e tudo engano.

Lia neste exercicio costumado
Huma historia na lingoa Portugueza
Do casto Dom Galaz claro esforçado
Honra, e valor da antigua Corte Ingreza
Vitorioso sempre e celebrado
Pollas prerogatiuas da pureza
Tanto á virtude mais se inclina
Que até á morte ser casto determina.

Quanto he deuido aos claros escritores
O louuor que esta idade naõ consente
Que debaixo de escuros, e de cores
As virtudes ensinaõ sabiamente;
Entre o doce da honra e dos louuores
Que he isca popular que ceua a gente
A gloria , e fama os animos excitaõ
Dispoem , ordenaõ , mouem , facilitaõ.

A que

Aque honrado naõ moue huma lembrança,
Dos valerosos feitos dos passados ?
Que naõ conceba em si noua esperança,
De os seus serem no mundo celebrados
A quem naõ enuergonha e faz mudança
E inueja honrosa o vellos recontados
Se inda huma historia vãa, mas bem fingida
Moue hum animo illustre á santa vida.

Nisto a passaua Nuno; e tambem tinha
Fernando outra, que aos seus mais satisfaça
Ia ao Reyno ordenaua o que conuinha
Gastando o tempo liure em monte e caça
Tudo com gosto e graça da Rainha
Sem quem nada achaua gosto e graça
Que a vontade que tinha era da sua
Como he do Sol a luz, que mostra a Lua.

Como se vio na paz mais inclinado
Ao que pedia o Reino se mostraua
Fez em Lisboa o muro leuantado
Que para resistencia lhe faltaua,
Deu nouas leis ao pouo aluoraçado
Com qualquer nouidade que intentaua
Fez a terra mais forte, e mais barata
Fez pezos, fez medidas, bateo prata.

Em quanto goza alegre deste estado
A que logo a fortuna teue inueja
Ou por ver nelle o bem mal empregado
Ou porque ninguem quer que firme o veja
Dom Aluaro sigamos que apartado
Destes menores filhos que deseja
Carregado dos annos busca, e goza
A vida mais quieta, e mais gostosa.

Hum

Hum dia quando o Sol fermoſo e louro
Nos coroados montes ſe ſubia
Na ceſaõ que fugindo ao brauo touro
Aos dous filhos de Leda apparecia
Por gozar da manhãa que roſas e ouro
Sobre a verdura alegre desfazia
A' caça vay dos ſeus acompanhado
Que eſte he ſeu exercicio, e ſeu cuidado.

Partenſe de galope os caçadores
E os caſcaueis ſoantes ſacudindo
Os falcoens ſe debatem, e os açores,
As aues que medroſas vaõ fugindo
Os celticos podengos corredores
Que vaõ á viſta o mato deſcobrindo
Deſcobrem das perdizes neſcia banda
A's quais o velho huma aue ſoltar manda.

Logo o ligeiro açor nas vnhas leua
A que de tras das outras ſe partira
Empolga, dece à terra, aly ſe ceua
Ate que o caçador das mãos lha tira
Naõ ha huma das outras que ſe atreua
A querer reuoar donde caira
E tais as torna o medo com que decem
Que á cor da meſma terra ſe paracem.

Correm de nouo os buſcas diligentes
Por vales, por campinas, por ladeiras
Deſcobrem logo as aues imprudentes
Da que leuaõ vencida companheiras;
Te que ſoltando as vidas innocentes
Como rale das azas mais ligeiras;
Só huma falta aõ Prior do fraco bando
Que ante o furioſo inmigo vai voando.

Entre

Entre huns espessos ramos se meteo
A Perdiz temerosa e perseguida,
O açor sobre as nuuẽs corta o Ceo
Que já despreza a preza ja vencida.
Cada hum dos seus por ver onde deceo
Toma caminho e estrada conhecida
Te que o Prior famoso o ve primeiro
Que vai mais apartado, e mais ligeiro.

Atraucssa correndo hum aruoredo
Do qual hum rio o passo atrauessaua,
E encostando-se ás fraldas de hum rochedo
Por entre os brancos seixos murmuraua
Donde vio que no meo de hum penedo
Huma pequena hermida se mostraua
A cuja porta hum velho venerando
Estaua sobre as pedras repousando.

O descorado rosto penitente
Representaua idade assas comprida
Huma calua muy palida, e luzente,
A barba branca espessa e muy crecida,
Sobre hum pardo burel estreitamente
Huma larga correa tem cingida
E no peito huma imagem milagrosa
Da que foi Virgem, may, filha, e esposa.

Fez no claro Prior muy grande aballo
Ver aquelle lugar que nunca achara
Bradou ao Hermitaõ para acordalo
Que antes que elle bradasse ja acordara
Porque ouuindo as pisadas do cauallo
Para o Prior alegre se voltara
E com rogo modesto humilde e pio
Lhe pede que atrauesse o manso rio.

Naõ

Naõ estranhes o grande atreuimento
Lhe diz, ó varaõ forte a quem se deue
Mais humildade, e mais acatamento,
Que huma ouzadia assim ligeira, e leue:
Mas quem leua a tençaõ por fundamento
Na vontade do Ceo melhor se atreue,
Vem pois te trouxe agora a sorte minha
Que a grandes esperanças te encaminha.
Dom Aluaro ficou como enleado
Das palauras que o velho lhe dizia
Passa o rio suspenso, e com cuidado
Por saber de mais perto o que seria
Recebeo o Hermitaõ aluoraçado
Que a respeito obrigaua e cortesia
Que nas brandas razões, e na apparencia
Mostraua exemplo saõ, honra e prudencia.
Apeou-se o Prior sobre a verdura
E o cauallo de hum verde ramo prende
Entraõ na estreita hermida cuja altura
Ainda a entrada humilde lhe deffende:
Depois que á Virgem santa clara, e pura
Cada hum postrado em terra as graças rende
Sentados fora ao pé d' huma aueleira
Lhe falla o hermitaõ desta maneira.
Tronco daquella estirpe generosa
Que tem guardada a summa magestade
Para gloria da gente valerosa
Que ha de espalhar na terra a Christandade
Cuja illustre progenie venturosa
Dominará com gloria noutra idade
Os Reinos, e Prouincias, que oje encerra
Europa em quanto o mar rodea a terra.
Cujos

Cujos nunca vencidos deſcendentes
Nouos mares, e terras adquirindo
Dominarám remotas outras gentes
Que habitaõ Nilo, Bathro, Gange, e Indo.
Aqui te guia o Ceo para que aumentes
O que eſtaõ as eſtrellas permittindo
E começando huma obra taõ diuina
Miniſtres o que o fado predeſtina.

Tempo he conueniente, e oportuno
De ſe comprir ſeu deſejado intento
E de dar companheira ao forte Nuno
Que he deſte meu preſagio o fundamento
Será de Marte eſpanto, e de Neptuno
Serà de Portugal vigor, e alento
Que de ſeu braço armado em dura guerra
Tomará forças como Anteo da terra.

E para que ſe cumpra eſte concerto
Por influxo de eſtrellas ordenado
E naõ ſeja, o que eſtá nos fados certo
Por deſcuidos dos homens atalhado
Por mim neſte lugar te he deſcuberto
Que chara eſpoſa des ao filho amado
Cujo valor na terra ſem ſegundo
A ſeus pes deixará vencido o mundo.

Como guia da ſorte te encaminho
Pollo que das eſtrellas claro vejo
E antes que Apolo acabe o ſeu caminho
Verâs comprido o fim deſte deſejo,
Entre as terras que regaõ Douro, e Minho
A que ja agora enuejaõ Tibre, e Tejo,
Triſte eſtarâ, e chorando a bella eſpoſa
Que ha de ſer taõ alegre, e venturoſa.

Deſta

Deſta outra noua planta o mundo eſpera
Que com ſeus verdes ramos fruito e flores
Fará na Luſytania primauera
Reſucitando os braços vencedores,
E diz que como o Sol na ſua Eſphera
Nuno triumphar das armas, e tambores
Neſta armadura humilde que me veſte
N'outra empreza entrará alta, e celeſte.

Ceſſando o ſabio monge que fallaua
A voz, ao caualeiro ſuſpendeo
E vendo ſer do Ceo quanto trataua
Os olhos leuantou e as mãos ao Ceo,
Com palauras que o goſto lhe enſinaua
As graças humilmente offereceo
Com as lagrimas nos olhos de alegria
A quem tudo gouerna, ordena, e guia.

E logo o venerauel roſto e ledo
No que contaua hum pouco aſſegurou
Para ouuir ſe daquelle alto ſegredo
Ainda algum preſagio lhe ficou:
Porém no mais eſpeſſo do aruoredo,
Para onde o manſo rio atreueſſou
Os ſeus bradar ouuiraõ, que o cauallo
Pollos paſſos ſeguindo vem buſcallo.

Deſpedio apreſſado o hermitaõ
Cortando-lhe as palauras que reſponde
Satisfaz-ſe de verlhe o coraçaõ
Que em verdadeiros olhos naõ ſe eſconde,
Tempo ha de vir (lhe diz) claro varaõ
Lugar e occaſiaõ mais certa aonde
Se conheça a tençaõ deſta obra minha
E agora vay com o Ceo que te encaminha.

Como

Como acorda alterado o que ſonhaua
Achar algum theſouro defendido
Que no que o vão Protheo lhe moſtraua
Traz ſempre o penſamento, e o ſentido
Communicar naõ ouſa o que cuidaua
Por naõ ſer eſtoruado, ou entendido
E no lugar fantaſtico que via
Poem baliſas na varia fanteſia.

Deſta ſorte o Prior com os ſeus ſe parte
Pollo meſmo caminho que o guiara
Leuando o penſamento á aquella parte
Que o fatidico velho lhe moſtrara
As palauras recorda, o modo, a arte
Com que hum taõ grande bem lhe affigurara
Repreſentando o goſto na memoria
Daquella deſejada, e doce hiſtoria.

Porem deixando o ſabio que aly fica
Gozando a doce vida taõ quieta
Para o prudente ſó ſegura e rica
Quanto conceder pode o bom planeta;
Tras dos futuros bens que pronoſtica
Pollo que das eſtrellas interpreta
Vamos buſcar o effeito verdadeiro
Que eſte vio Nuno armarſe caualeiro.

Recolheſe o Prior ledo, e contente
Do penſamento occulto que trazia
Saber logo procura aſtutamente
O que em tal auentura ſe eſcondia:
O coraçaõ leal que nunca mente
Lhe daua alegres nouas cada dia
Em poucos ſoube em fim que o ſabio velho
Em mais fundaua as obras, que em conſelho.

Nas deleitoſas terras que honra e rega
O fundo Douro, e vagaroſo Minho
Que a corrente ao mar contente entrega
Deixando entre altos montes o caminho
Aonde Pomona, e Ceres nunca nega
Seu louro fruito, e Bacco o brando vinho
Aonde Zefiro, e Flora colhem flores
E chora Filomena os ſeus amores.

Ouue huma dama illuſtre e celebrada
Que com Vaſco Gonſalues de Barroſo
Eſtando hum breue eſpaço deſpoſada
A morte lhe roubou ſeu charo eſpoſo,
E naquella ceſaõ taõ magoada
Naquelle eſtado triſte e laſtimoſo
Entre lagrimas vãas ſeu mal publica
Só, fermoſa, diſcreta, honeſta, e rica.

Alem da clara eſtirpe generoſa
Da formoſura, e graça ſobre humana,
Que bem baſta ſer nobre e ſer fermoſa
Para vencer qualquer vontade humana,
Era ſenhora rica, e poderoſa
Que he o que mais contenta, e mais engana
Deulhe a ventura tudo o que mais preza
Para ſe auentajar da Natureza.

Foi o noſſo Prior logo auiſado
Que por ſeus meſageiros pretendia
Saber de algum ſinal, noua, ou recado
No lugar aonde o Monge lhe dizia,
E entendendo que o fim de ſeu cuidado
Naquella dona illuſtre ſe entendia
Sem mais ſe aconſelhar neſta demanda
Hum caualeiro ſeu ao Douro manda.

E

E por apreſſar mais eſta ventura
Outro inuiou ao Rey com o meſmo intento
Cuja vontade elle ha por bem ſegura
Se a pode aſſegurar merecimento
Cada hum dos meſageiros que procura
Moſtrar na diligencia ſeu talento
Ao Douro hum, á Corte outro ſe aparta
Chegou a el Rey Fernando e deulh'a carta.

De todas eſtas couſas muito alheo
Traz Nuno o penſamento, e o ſentido
Sem deſejo, eſperança, e ſem receo
De ſer entre irmãos tantos o eſcolhido
Mas quando eſte recado á Corte veo,
Ia della a Bomjardim era partido
Que por mandado, e goſto da Raynha
Ao deſejado pay viſitar vinha.

Elle o agaſalhou com feſta, e goſto
Como aquelle a que amaua de verdade
E em ſuas eſperanças ſós tem poſto
O deſcanço, e ſabor daquella idade
E porque tem ſó nelle, a vida, e goſto
Poucas horas lhe eſconde eſta vontade
Paſſeando com elle a larga ſala
Tomando-o polla mão deſta arte falla.

Moſtrame a idade Nuno o fim da vida
Vejo que eſtou da morte muy veſinho
Chegarei cedo á meta prometida
Porque ha ja muitos annos que caminho
Deſejo antes que a morte me deſpida
Pello que de teus feitos adeuinho
Darte huma companheira illuſtre, e bella
Por ver antes que acabe o fruito della.

Trago nisto continuo o pensamento
Cada hora mais se apura esta vontade
Naõ te ouzara fallar em casamento
Que he natural aos moços liberdade
Mas nas obras que saõ de entendimento
Naõ ha porque esperar madura idade
Conuem que a occasiaõ seja madura
Que em poucos annos ha muita ventura.

O Ceo benino agora me offerece
Lugar para honra tua e gloria minha
Que he huma dona illustre que merece
Naõ só ser tua esposa mas Rainha
Esta que em sangue e partes se ennobrece
Com riqueza e poder qual te conuinha
Desejo de escolher por filha e nora
Mas o teu querer só me falta agora.

Tras isto alegremente o que tratara
Do casamento o velho lhe dizia
Como o seu caualeiro lhe mandara
E como elRey tambem nelle entendia
Que siga aquella empreza illustre e clara
Com amorosos rogos lhe pedia
Nuno que outra affeiçaõ no peito esconde
Com humildade sabia lhe responde.

Vos Senhor me obrigais a hum nouo estado
Que nunca me passou polla memoria
Ia mais pus o desejo de ser casado
Mas por graça o julgaua, e por historia;
E como moço, e mal determinado
Que tem noutra conquista o gosto e gloria
Responder leuemente naõ me atreuo
Sem vos satisfazer contra o que deuo.

Quem

Quem em tal caſo em vão ſe determina
Ou acerta por erro, ou erra em tudo
Daime tempo ſenhor, que o que imagina
Erra por eleiçaõ, naõ por deſcudo
Ouuindo o pay repoſta taõ diuina
A replicar-lhe foi, mas ficou mudo
Mandalhe que de eſpaço cuide e veja
O que elle naõ cuidar tanto deſeja.

Satisfeito de ver que em tal idade
Cabia entendimento taõ maduro
Lhe deixara eſta eſcolha na vontade
Se o naõ aluoroçara o bem futuro,
Por mil vias o tenta e perſuade
Temendo hum coraçaõ tam firme e duro
Porem aonde a razaõ domina e manda
Tudo ſe rende em fim, tudo ſe abranda.

CANTO III.

Celebraõſe as vodas de Dom Nunalures Pereira, parteſe com ſua eſpoſa para as terras dentre o Douro, e Minho, chamado do prior vem, eſtà a ſua morte; com a del Rey D. Henrique ſe moue a guerra entre el Rey D. Ioão ſeu filho, e el Rey D. Fernando: D. Nunalures vai por fronteiro a Portalegre, donde manda deſafiar ao filho do meſtre de Santiago de Caſtella.

NAõ ſabia em que modo ſe eſcuſaſſe
Dom Nunalures ao pay do caſamento
Nem porque termo, e modo o deſuiaſſe
Daquelle ſeu deſejo, e penſamento;
Quando lhe hia a fallar; ſem que fallaſſe
D'ante mão lhe atalhaua aquelle intento
Nenhum declara aquillo que pretende
Que antes que hum falle, o outro o defende.

Roga o Prior, e em breue tempo obriga
A may de Nuno honrada e verdadeira
Que o moua, o aconſelhe a que lhe diga
O que he juſto que buſque, eſtime, e queira
Que alem de o filho a ter por certa amiga
Lhe obedece em tudo o bom Pereira
Mas das razões que daua conuencida
No meſmo que lhe roga ja duuida.

O Tio Ruy Pereyra ouſado, e nobre
D outra parte o combate cada dia
A quem mais claramente elle deſcobre
O differente intento que trazia
Cada hum ja de razões eſtaua pobre
Pollas com que elle a todos defendia
Tomar aquelle eſtado, doce, e graue,
Que he jugo, inda que a muitos he ſuaue.

Em quanto nelle o moço naõ conſente
Com huma vontade a tantas riguroſa
Tornemos a Fernando que contente
Lhe quer dar companheira taõ fermoſa,
Tanto que o meſageiro diligente
Lhe deu do velho a carta cobiçoſa
Com huma cobiça igual, igual vontade
A dona eſcreue, obriga, e perſuade.

Ia neſte tempo o caualeiro aſtuto
Que ao Douro era partido, a carta dera
A dama, que pagando o vão tributo
Em lagrymas; culpaua a parca fera
Por ver cortado em flor o tenro fruto
Que tantas eſperanças prometera
E inda naõ conuencida de ligeiro
Mandou tratar muy bem ao meſageiro.

E elle se ouue de sorte na embaxada
(Que era homem de valor, e entendimento)
Que deixa a dona illustre affeiçoada
A quem nunca pôs nella o pensamento;
Que he (responde) a tençaõ pera ella honrada,
Mas que tratar naõ quer do casamento
Sem que primeiro a el Rey delle informasse
E com vontade sua se acabasse.

Contente o caualleiro se tornaua
Da resposta da dona, e da cautella,
E com mores razões se contentaua
Das perfeições, e estremos que vio nella,
Quando a carta del Rey tambem chegaua,
Que com o mesmo desejo o desuela,
Pois tais termos a obriga, e de tal sorte,
Que faz que em breue espaço venha á Corte.

El Rey ao seu querer procura effeito
Para dar ao Prior satisfaçaõ
A dona ja de amor tem cheo o peito
Pollo que lhe reuela o coraçaõ,
Vendo o Rey naõ somente satisfeito,
Mas parte interessada na tençaõ,
Para a jornada apresta muitas gentes
De criados, vassallos, e parentes:

Aly vem os de Aluim prosapia antiga
Dos que ao Conde Henrique acompanharaõ
Contra a seita barbarica inimiga,
Que ja de Guimarães o nome honraraõ.
Os Coelhos illustres que inda obriga
A memoria dos peitos que mostraraõ
Os Melos que engrandece a clara fama
Todos do sangue illustre desta fama.

Che-

Chegou muy nobremente acompanhada
A Corte, aonde era assas bem conhecida
Foi del Rey com muyta honra festejada,
E da Rainha honrada, e recebida,
Das damas mais fermosas inuejada,
Ou polla fermosura, ou polla vida
Que vem tomar, e cada qual deseja;
Vida antes de se ter, dina de inueja.

Fernando que em tais obras naõ dilata
O fim que o bom desejo lhe pedia,
Despo sala com Nuno logo trata
Pollas partes, e dões que nella auia,
Ella que mais cortes dama que ingrata
Ao Rey quer parecer naquelle dia,
Obedece a seu mando facilmente;
Pouco faz quem deseja se consente.

Ia para o Bomjardim parte apressado,
O mesageiro alegre que leuaua
DelRey para dom Alvaro o recado
E da Rainha a Nuno que o chamaua,
Ah quanto fica o velho magoado
Da vontade que o filho lhe negaua,
Vendo a reposta, e carta ja da dama,
Que dona Lianor d'Aluim se chama.

Entaõ de seu desejo dobra a força
De parentes, e amigos se aproueita
Ia naõ busca razões, obriga, e força,
Entre as brandas que diz lagrymas deita
Nuno que a defenderse mais se esforça
Se vê em prizaõ mais dura, e mais estreita,
Ia mais deuagar peza e considera,
Mas naõ ja arrependido o que fizera.

Ven-

Vendo que a Rainha à Corte o chama
O pay o roga, o tio o aconſelha,
A may o obriga, que elle eſtima e ama,
Por amiga prudente e ſabia velha,
E que eſtà ja na Corte a nobre dama,
Que para os deſpoſorios aparelha,
Entende que Deos quer tal caſamento
Nelle a vontade poem e o penſamento.

Ah por quam varios, e eſcondidos
Deos infinito, e eterno, e ſoberano,
Deixou noſſos remedios repartidos
Para nos libertar do eterno dano,
Com huma ſombra de males naõ ſofridos
Com hum eſprito do ceo num peito humano
Aos bens nos chama, aos males nos acode,
Condiçaõ de quem ama, e de quem pode.

Manda ao ſanto Abrahaõ que lhe offreça,
A Iſac hum filho ſo que tanto amaua,
Que ponha em ſuas aras a cabeça,
Por trofeo de amor, com que o tentaua;
Faz que o velho chorando lhe obedeça
E o filho que a ſeu golpe humilde eſtaua
Depois que alegres vaõ a obedecello,
Entaõ poem Deos a mão entre o cutello.

Guarda ao moço Iſac porque pretende
De ſua geraçaõ ſublime, e ſanta,
Trazer o ramo excelſo, que deſcende
Ate a mais levantada, e pura planta,
Entaõ da morte a vida lhe defende,
Depois ſobre as eſtrellas o leuanta,
Nem o pay perde a gloria merecida,
Nem o filho innocente perde a vida.

Quer

Quer que o Pereira forte, e valeroſo
Entrando na dourada ſua idade,
Incline o peito altiuo, e generoſo,
A conſeruar perpetua caſtidade,
Faz que deſpreze eſtado poderoſo,
Por lhe dar em offerta eſta vontade,
Ate que elle lhe dá occulto indicio,
Que naõ quer, que eſte ſeja o ſacrificio.

Ia depois de obrigarlhe o coraçaõ,
Que humilde a ſeu querer todo ſe entrega
Depois que ao velho pay nega afeiçaõ,
E á ſua idade tenra o fruto nega:
Da Deos principio á clara geraçaõ,
Que em taõ ſobidos ramos prende e pega
Para occupar no ceo tantas cadeiras,
E abater ante a cruz tantas bandeiras.

Ao venerando pay logo ſe inclina
Com eſpirito nouo, e noua graça,
Diz que ſó elle o manda, e o domina,
Que a elle he juſto ſó que ſatisfaça,
Que ſeguir ſeu mandado determina,
Que ordene, que diſponha, mande, e faça,
Da vida ſua, e penſamentos della,
O que quiſer ſem medo, e ſem cautella.

Ao Ceo o velho humilde as mãos leuanta,
Dando as graças a Deos contente, e ledo,
Que naõ eſperou ja com gloria tanta
Ver começado o bem de ſeu ſegredo,
Como a verde era abraça a tenra planta,
Com que ſe foi criando no aruoredo,
Aſſim abraça ao moço eſtreitamente
Com as lagrimas nos olhos de contente.

As

As benções amorosas multiplica
Sobre taõ desejada obediencia,
Estado lhe promete, e casa rica,
Eterna, e generosa descendencia,
Parte do que oje vemos pronostica,
Com fé, com esperança, e com prudencia,
Tras isto da partida logo trata,
Que quem muito deseja naõ dilata.

Ia se parte contente o tenro esposo,
Que a dama espera ver de dia em dia,
E mais contente o velho valeroso,
Que entre os filhos hum Marte parecia,
Sobre hum cauallo forte e poderoso,
Que com as mãos entre a cilha se feria,
Dos caualeiros seus acompanhado,
Que da cruz branca o peito tem cruzado.

Foy de todos os grandes recebido
Com amor, aluoroço, e com respeito
Por taõ famosas obras merecido,
E empregadas melhor em tal sujeito,
O gentil esposado mais corrido
Dos muitos parabens, que satisfeito
Hora a cor muda, hora outra cor concebe,
Mas com vergonha, e graças os recebe.

Lianor, e Fernando o recebeo
Com gosto a tais cuidados oportuno,
E para as ledas festas de Himeneo,
Conuida alegremente ao forte Nuno,
E quando o sol cançado se escondeo
No cristalino reyno de Neptuno,
Vio a Leanora o nosso caualeiro,
E ali a bella dama o vio primeiro.

O

O que ambos sintiriaõ julgue agora
Quem pôs em tal estado o seu desejo ,
Porque eu que neste jogo estou de fora ,
Mal saberei pintar o que naõ vejo ,
Ella tomaua a cor da bella Aurora
Com a que lhe fazia hum nobre pejo ,
Elle que a vista â furtos empregaua
Da mesma causa a propria cor tomaua.
O Prior valeroso alegremente
Festeja a eleiçaõ daquelle emprego
Cada hora mais alegre , e mais contente
Com gosto , e com razaõ naõ tem socego ,
E quando o claro sol á negra gente
O orizonte mostrou escuro , e cego ,
E a nós trazendo o desejado dia ,
Encheo o mar , e a terra de alegria.
Ordena o casamento celebrado
Pollo cuidado , e gosto da Rainha ,
Sem o apparato vaõ e costumado
Porque a segundas vodas naõ conuinha ,
Com a nora depois , e o desposado
Para o Bomjardim logo encaminha ,
Que ainda que saudade á Corte daua ,
Nenhuma leua entaõ pollo que leuaua.
Venturoso mil vezes o que vio
Obedecer Fortuna a seus intentos ,
E que em seus proprios annos conseguio
O duuidoso fim de pensamentos ,
Ditoso a quem seu fado consentio
Naõ fazer mentirosos fundamentos ,
E mais vezes ditoso quando alcança ,
No fim de huma esperança , outra esperança.

Di-

Ditoſo pay que ja no fim da vida
Vê renacer qual fenix abrazada
Aquella nobre eſtirpe eſclarecida,
Que o ceo a Portugal tinha guardada,
Quando elle para glorias o conuida,
Lhe moſtra a terra a couſa mais amada,
A quem Deos ama, a quem ao ceo ſe offrece
O tempo, a ſorte, e a vida lhe obedece.

Chegou ao Bomjardim a bella eſpoſa
Na illuſtre e valeroſa companhia,
Huma tarde galante, e gracioſa,
Quando o ſol ſobre as nuuens ſe decia
Vio aquella obra rica e ſumptuoſa,
Que das nobres d'entaõ muitas vencia
Entrou contente, e nella ſe apoſenta,
Se a tudo contentou tudo a contenta.

Depois da cea alegre, e ſem limite,
Que de Helio vence o liberal ſujeito,
Aonde nada pintaua o appetite,
Que naõ moſtraſſe o prato mais perfeito
Depois do goſto, e jogos do conuite
No dourado metal, e eburneo leito,
Com o prazer que em tais tempos he deuido.
Foy Lianor entregue a ſeu marido.

Aquella noite as candidas eſtrellas
No deſcuberto olimpo ſe moſtraraõ,
E como luminoſas centinellas
A vagaroſa noite alumiaraõ,
O nome de Himeneo ſe ouuia entre ellas.
Das nimfas que do Tejo ſe ajuntaraõ,
Que em ſaltantes choreas juntas todas
Celebrauaõ com feſta as charas vodas.

Os

Os passaros na noite clara e fria,
Deixando os altos montes, e os penedos,
Cantauaõ com suaue melodia,
Voando entre os espessos aruoredos,
E como anticipando o nouo dia,
Sobre os tectos mais altos cantaõ ledos,
Dando sinal que o nouo ajuntamento
Ha de dar noua luz ao firmamento.

Colhe o Pereira o fruito desejado
Da Felix, e castissima Leonora
Que nas primeiras vodas alcançado
Do mal logrado esposo nunca fora,
Com castissimo pejo o tem calado
Que ninguem o sabia até aquella hora
Naõ quer que o mundo entenda esta fraqueza
Vencida da virtude, a Natureza.

Quam poucas se acharaõ na nossa idade;
E da antigua tambem, quam poucas lemos;
Que encobrissem pureza, e castidade
Fazendo por fingilla mil estremos,
Se por nos obrigar vida, e vontade,
O falso fazem crer, contra o que vemos
Ay do marido casto, ou fraco esposo
Que ou ha de estar corrido, ou ser cioso.

Duarte Rey terceiro de Inglaterra
A mulher por pureza naõ tocou
Como o primeiro Affonso que na terra
De Hespanha o casto nome sustentou
Culpada continencia que assim erra
Cada hum ao doce estado que tomou
Santo he ser casto em fim, mas ser casado
Pede as obrigaçoes daquelle estado.

Quem

Quem porem libertou tal continencia,
Das intactas esposas reprouada;
Naõ ser julgada mais por impotencia,
Que por virtude em tantas desejada,
Castissima Lianor, que esta excelencia
Para vos entre as outras foy guardada,
Della vereis ao tarde o doce fruito,
Que o ceo paga com muito, o que ama muito.

Passados alguns dias, que gastaraõ
Naquella alegre terra os desposados,
Para as do Douro, e Minho se apartaraõ
Com vassallos, amigos, e criados,
Na saudade interna que deixaraõ
Nas lagrimas, e termos costumados,
Naõ gasta tempo agora a minha musa,
Que hir passando adiante naõ se escusa.

Achou Nunalures casa nobre, e rica,
Mulher perfeita, e terras abundantes,
O ceo na terra os bens lhe multiplica,
Com mais fertilidade que nunca antes
Ao trato aldeaõ logo se aplica
Com os piquenos benino, e com os possantes
Amigo, liberal, e generoso,
Mais inuejado ali, que cobiçoso.

Por costume ordinario se seruia
Com quinze, e mais valentes escudeiros;
Que pollo nome, e partes conhecia;
Por fieis, esforçados caualeiros,
Com trinta homens de esporas que trazia
Apessoados bons, e verdadeiros,
Caçaua e monteaua, ò bem iucundo
Temia a Deos, estaua bem com o mundo.

Tres

Tres annos nesta vida socegada
Com a chara consorte ali viueo,
E nelles ouue a filha desejada,
Que á nossa Lusytania enriqueceo,
Dous filhos cuja vida em flor cortada,
Logo entrando na terra foi do ceo,
Antes que ella nacesse feneceraõ,
Tornando a ser do Ceo donde vieraõ.

E ja o velho pay de longa idade,
Sentia perto o fim da despedida,
Chamou-o o alto Deos cuja vontade
Dispoem, ordena, e traça, o fim da vida
Chama os filhos de esforço, e de bondade
Para se aperceber para a partida,
Nuno das terras vem que o Douro banha.
E com mais desasete o acompanha.

Deu o esprito a quem lho tinha dado
Na Amieira, aonde entaõ viuia,
Dali a Flor da rosa foi leuado
Com pompa funeral de Clerizia.
Naquella mesma Igreja sepultado
Que ergueo ao santo nome de Maria
Repousa la no Ceo liure de guerra,
Que obras dinas do Ceo deixou na terra.

Dom Pedralures Pereira forte, ousado
Dos irmãos o mayor, que a cruz trazia
Branca, e que tinha em Rhodes professado
Nessa religiaõ sagrada, e pia
Ao Rey pede do Crato o priorado,
Que por morte do pay vagado auia
E de seus bons seruiços e seu rogo
Fernando commouido, lho deu logo.

De-

Depois liuremente lho concede
Ficou na corte ; delle e juntamente
Dos mais irmãos Nunalures ſe deſpede
E aos ſeus lugares vai ledo e contente ,
A corte a liberdade naõ lhe impede
Nem ſaudade della ou falta ſente
Em hum ſocego igual gaſtando a vida
Serue a razaõ ao goſto de medida.

Aly nos freſcos valles, e campinas,
Que lhe dauaõ contentes ſeu tributo
Piſaua liure as heruas, e as boninas ,
Das ſetas colhia o louro fruto,
Gozaua as doces fontes criſtalinas.
Que de perlas naõ tem o valle enxuto,
Tinha da liberdade o mor theſouro;
Hora á viſta do Minho , hora do Douro

Eſtando hum dia aſſim neſte deſuio ,
Sem da corte enganoſa ter lembrança
Gozando o ſol fermoſo, o vento frio,
E as aruores veſtidas de eſperança
Ao longo do ſereno, e manſo rio ,
Que em amoroſas ondas ſe abalança
Com a amada mulher em graça, e feſta ,
Entretendo-ſe ali paſſaua a ſeſta.

Hum homem ve para elle vir direito
Com apreſſado paſſo preguntando
Hum alforje pendendo ſobre o peito,
Na maõ huma azagaya vem pezando,
Meſſageiro parece que he de efeito
Huma carta lhe traz do Rey Fernando,
Chegou, deu-lha, leo Nuno logo a carta,
Manda-lhe o Rey que á viſta della parta.

E Que

Que por morte de Henrique o Castelhano,
Com quem tiuera pazes, e concerto,
Succedera Ioaõ ao Reyno Hispano,
Do qual estaua imigo descuberto,
Que recebia o Reyno grande dano,
Pollo atreuimento, e desconcerto,
Do mestre que era entaõ de Santiago,
Que tem feito na raya grande estrago.

Que tinha ja as fronteiras garnecidas
Com valerosa gente Lusytana,
E entre os grandes as praças diuididas,
Das terras que diuide o Guadiana;
Para que fossem delles defendidas
Contra a furia da gente Castelhana,
Que em Badajoz o mestre imigo tinha,
Com que assalta a comarca ali vesinha.

Que em Portalegre está por capitaõ
O Prior dom Pedralures que entaõ era,
Que com os seus se vá ao nobre irmaõ,
Que por fronteiro seu contente o espera;
Salta no peito a Nuno o coraçaõ
Que outra noua melhor ter naõ podera,
Mas a Lianor o sangue o rosto deixa,
Por hir ao coraçaõ que ja se queixa.

Se elle recebe alegremente a noua,
A fermosa consorte se entristece
Elle por dar de si mais alta proua,
Ella ja polla ausencia que conhece,
Com mayor sentimento o fim reproua,
Quanto elle com mor gosto se offerece,
Cada hum faz seu officio custumado,
Ella de amante fiel, elle de honrado.

Des-

Despede o mesageiro, e logo ordena
E faz armar aos seus para a partida,
Os dias passa a doce esposa em pena,
Porque arrisca na sua a propria vida,
Mal diz ao Rey e a honra a condena,
Por parte de Nunalures, e o conuida,
Bem tomara faltar a quem lhe escreue,
Posto que contra o Rey, contra o que deue.

Mas como aquelle espirito mais vfano,
Que aspiraua a immortal, e eterna fama,
Despreza outro qualquer respeito humano,
Para seguir estrella, e Rey que o chama;
Depois que o sol se ergueo do largo Oceano
Repousando na casta e branda cama,
Iá da amada mulher se despedia,
Nestas, e outras palauras que dizia.

Bem me aconselha amor que naõ me aparte
Da gloria deste bem que està presente,
Que a alma de que vos sois taõ grande parte
Só com vosco, e por vos viue contente,
Manda-me que despreze as leys de Marte,
Que outro nenhum poder que o seu consente
Mas mandado de amor, cego e menino,
Naõ no segue a razaõ, que he desatino.

Desatino de amor aos olhos cego,
De quem erra o caminho que hoje atalho,
Naõ he para altos homens o sossego,
Pois he a honra o fruito do trabalho,
Inda que em vos està meu certo emprego
Muito por vos me estimo, posso, e valho,
Cõ o Rey, cõ Deos, cõ o ceo, cõ a terra, e gente
Mostre-se o valor meu que he differente.

Forçado me he deixar a amada terra,
E a vos que sois o bem de meu desejo,
E o mais caro penhor em quem se encerra
A luz dos mesmos olhos com que vejo;
Esta he a mor batalha, que ha na guerra,
Pois que só contra mim nella pelejo,
Leuando já daqui certa a vitoria,
Alcançarei nas armas, nome, e gloria.

Dai-me senhora os braços, e a licença,
Sede em fauor, e ajuda deste intento
Para que quando armado, e forte vença
Seja igualmente vosso o vencimento;
Conheça em mim a terra a differença,
Com que ante os inimigos me apresento,
Dai-me só por empreza o nome vosso,
Vereis quanto vos quero, e quanto posso.

Naõ vos sujeite, e vos obrigue a tanto
A affeiçaõ natural que a honra impida,
Olhai que a mores cousas me aleuanto,
Do que saõ terras, bens, sossego, e vida;
Deixai que os Fados siga agora em quanto
O Ceo para vittorias me conuida,
Vereis quanto ganhais, e eu quanto alcanço
Em me cortar ventura este descanço.

Que nestes mesmos braços, em que agora
Como em laços estou de affeiçaõ cheos
Em outro tempo espero vir senhora
A gozar mil vittorias e trofeos;
Vosso naõ merecera eu ser, se fora
Vencido por amor de vãos receos,
Nem posso dar de honrado melhor proua;
Que ver que o que vos quero naõ me estorua

Estas

Estas razões ouuia a clara esposa,
Enlaçando-lhe os braços com que o prende,
Das lagrimas que chora taõ fermosa,
Como quando o christal com o sol se offende;
Ou como com o orualho a fresca rosa
Que está mais engraçada, e mais transcende
Nos seus olhos ferindo hum viuo lúme
Entre sospiros solta este queixume.

Razões buscadas para consolarme,
Naõ me podem senhor liurar do dano,
Que nem eu sei com ellas enganarme,
Nem se encobre na vista o desengano,
Meo naõ ha entre hiruos, e deixar-me,
Contra o mal que se ve naõ basta engano,
Vos já para â partida estais disposto,
He morte para mim, mas vosso gosto.

Ide e ordene o ceo que na tornada
Viua eu para sentir vossa presença,
O coraçaõ leuais para á jornada,
Que os braços com razaõ negaõ licença,
A vida vai da vossa pendurada
Esperando de amor qualquer sentença,
E queira o Ceo que a vida tanto possa,
Que quando se perder sustente a vossa.

E se vos pede o animo esforçado,
Ser sempre nos assaltos o primeiro,
E no perigo grande, e arriscado,
Ser o vosso cauallo o mais ligeiro,
Mudai a condiçaõ de ser ousado,
E lembreuos senhor por derradeiro,
Que me leuais na vossa, a minha vida,
Que he de mulher, e he menos atreuida.

Mas

Mas ſe quereis guardalla facilmente,
Fugi ao riſco, e trance perigoſo,
Sede por vos qual ſois, fero e valente;
Sede por mim cobarde e vagaroſo:
Sacrificar a vida do innocente,
Naõ he de animo forte, e valeroſo;
Sois obrigado á vida que vos ama,
E naõ ja á cuſta della ganhar fama.

Porém a minha ſeja o voſſo eſcudo
Para o mor riſco, e trance da peleja,
Que na voſſa ſenhor perder-ſe ha tudo,
E naõ monta ſem vos que a minha o ſeja,
Dalma a parte melhor, com o meſmo eſtudo
Hira ſeguindo o bem que ſó deſeja;
Que ſe vós a deixais por honra, e fama,
Ella deixar naõ pode o que mais ama.

Neſtas e outras palauras que dizia,
A deſcontente eſpoſa ſe occupaua,
Quando o ſol já douraua o nouo dia,
E o ſeu amante eſpoſo ſe apreſſaua:
Iá dos ſeus a animoſa companhia
Com armas e valor â porta eſtaua,
Deixa o valente Nuno o brando leito,
E cobre de aço duro o forte peito.

Armaſe o valeroſo ſem detença,
E a fermoſa Lianor ajuda a armallo,
Com lagrimas moſtrando a differença
De querer mais detello, que ajudallo;
E em quanto ella lhe nega, e da licença
Rinchando fere as pedras o cauallo,
Que como que já ve preſente a guerra,
Mordendo o duro freo, rompe a terra.

Ia

Iá com hum eſtreito abraço ſe deſpede,
E Lianor entre os braços lhe deſmaya,
O ſentido chorar a voz lhe impede,
Que os ſoſpiros encontra antes que ſaya
A generoſa filha a bençaõ pede,
Que para ás ſaudades já ſe enſaya,
Elle decendo aos ſeus, na ſella ſalta,
Que o que Amor o detem, ao valor falta.

Ella em lagrimas vãs faz ſeu queixume
E ſobindo ao alto das janellas,
Segue com triſtes olhos ao ſeu lume,
Culpando ao do ſol, e ao das eſtrellas,
Neſta dor que depois ſe fez coſtume,
A conſolaõ as donas, e as donzellas,
Que o pouco exprimentado ſofrimento
Faz dos males mais agro o ſentimento.

Chegou em breue tempo o caualeiro
Ao prior valeroſo que o feſteja,
Que ter a hum tal irmaõ por companheiro;
Mais que tudo o do mundo entaõ deſeja,
Que alem de ſer ouſado, e bom guerreiro
E aduertido no aſſalto, e na peleja,
Fora do pay famoſo o mais querido,
E entre tantos irmaõs ſempre eſcolhido.

Ali ſe achaua em parte ſatisfeito,
Porem contente naõ de ſeu cuidado,
Que naõ ſofria o valeroſo peito
Na guerra em tanta paz andar armado,
Mas bem cedo cuidou que tinha effeito,
Quando á preſſa del Rey chega hum priuado,
Com negoceo de pezo, e de ſegredo,
Gonçalo Vaz ſe chama de Azeuedo.

Man-

Manda por elle o Rey que as frontarias,
Que estauaõ entre o Tejo, e Guadiana,
Conuocassem guerreiras companhias,
Por dar batalha á gente Castelhana,
Com hum furor bellicoso em poucos dias
Se ajunta toda a terra Transtagana,
Ia de Villa viçosa o campo armado
Parte para á batalha apparelhado.

Os espaçosos campos de arredor
Com caxas e trombetas retumbando,
Vaõ hum estranho e bellico furor
Nos Lusitanos peitos informando,
Cada hum ja esquecido o vil temor,
Os cauallos, e as lanças vaõ provando,
Deuisas varias vestem, e armas cobraõ,
As bandeiras aos ares se desdobraõ.

Ah quanto Nuno ousado se contenta
Deste desenho, e desta alegre noua,
Porque o desejo ali lhe representa
Fazer de seu valor primeira proua;
O que o lastima, mais, mais o atromenta
He alguma razaõ que o feito estroua,
Que os capitães estaõ em grande enleo
Com o general priuado que lhes veo.

Porem marchando em ordem concertada
Para á forte Eluas partem sem perigo,
A terra a toda vista atalaiada,
Liure de pejo e dano do inimigo,
Por hir a gente d'armas apartada,
A bagajem naõ leua entaõ consigo,
Que os carros vaõ diante da vanguarda,
E os soldados de a pé todos em guarda.

De

De madrugada vaõ neſte concerto,
E com a noua manhã que appareceo,
As lanças fere o ſol em deſcuberto,
Que vaõ voltando os ferros para o ceo,
Dom Nunalures que as vio naõ de muy perto
Dos carros, e ſoldados ſe eſqueceo,
Iulga que he geate armada de Caſtella,
Com o deſejo ſem fim, que traz de vella.

Com aluoroço eſtranho, e grande goſto,
Sem ſentido; á vanguarda vem correndo,
Moſtrando alegre a voz, alegre o roſto,
Boa noua á grandes brados vem dizendo,
Os olhos todos nelle ja tem poſto,
A nouidade eſtranha naõ ſabendo,
Os capitães para elle tambem vinhaõ
Vendo os que para ouuillo ſe detinhaõ.

O Meſtre eſtà ſenhores muy vezinho,
Diz, dai graças ao Ceo, que he eſcuſada
A deſpeza, e trabalhos do caminho,
Que aqui tendes batalha apparelhada,
Eu diuiſei as lanças, e adiuinho,
Que eſcondidos eſtaõ como em cilada,
Apreſſemos aos noſſos mais, vos digo,
Naõ cance de eſperarnos o inimigo.

Ah quantos roſtos vio taõ differentes
Nunalures entre a turba que o ouuia,
Huns descorados, varios, deſcontentes,
Outros cheos de esforço, e valentia!
Quantos ali ſe poem de inconuenientes!
Quantos moſtraõ tambem grande ouſadia!
Huns eſcutaõ a noua, outros feſtejaõ
Segundo a paz, ou a guerra, que deſejaõ.

Naõ

Naõ mudou desta ordem o esquadraõ,
Mas com mais vigilancia, e mor cautela;
Para qualquer assalto, ou preuençaõ
Das belligeras gentes de Castella,
Marcharaõ grande espaço, e quando naõ
Poderaõ descubrilla, ou sinais della
Conhecem que ou Nunalures se enganara,
Ou fora ardil de guerra que inuentara.

Que era entre todos ja taõ conhecido
Polla tençaõ a alguns naõ muito aceita,
Que foy de quasi todos entendido,
Que entaõ daquella astucia, se aproueita,
E do temor de muitos reprendido,
Por onde Nuno os corações lhe espreita,
Mas na sua tençaõ firme e constante,
Passou polla vanguarda e foy diante.

E hindo ja dos pendões muito apartado
Com aquella fantastica alegria,
Vio hir por hum outeiro aleuantado,
A gente que diante apparecia,
Facilmente entendeo ser enganado
Do coraçaõ, que aquillo lhe pedia,
Ficou de seu sentido quasi alheo
Com o pejo deste engano, e deste enleo.

Como homem que sonhou qualquer ventura
Que ve que o bem diante lhe apparece
Quando quer o desejo lhe affigura,
E tudo a noite escura lhe offerece;
Acorda; e este engano, que inda dura
Mostra que aquillo mesmo lhe acontece
Até que ja consigo se enuergonha,
Vendo que está desperto. e que inda sonha.

Assim

Aſſim ſe via Nuno o valeroſo
No engano em que o animo o poſera :
Mas a vergonha o torna taõ furioſo ,
Que ſó com hum campo entaõ ſe combatera ,
Do enganado , aluoroço , e cobiçoſo ,
Vingarſe no inimigo em campo eſpera ,
E porque ao ſeu deſejo tudo tarda
Se adianta muy longe da vaõguarda.

Na ſella a groſſa lança atraueſſada.
E huma peſada facha á maõ direita ,
Leua do arçaõ primeiro pendurada ,
Mais de eſporas , que redeas ſe aproueita ,
Com a imaginaçaõ niſto occupada ,
Que traças entre ſi ? que contas deita !
Que penſamentos forma ! que eſperanças !
Que aſſaltos ! que ciladas ! que vinganças !

Naõ tinha grande eſpaço andado quando
Atraueſſou a eſtrada por onde hia ,
Sobre hum rocim cançado caminhando
Hum homem que ao paſſar deſconhecia ,
Bradou-lhe o caualeiro elle voltando
Conheceo que dos noſſos era eſpia ,
As redeas hum ao outro logo ajunta ,
Nuno do Meſtre as nouas lhe pregunta.

Eſtá Senhor reſponde muy contente ,
Para vir á batalha apercebido
Taõ poderoſo de armas , e de gente ,
Que tem as noſſas poucas mao partido ,
Traz hum filho taõ deſtro , e taõ valente
Que o vence ja no animò atreuido ,
Com o qual vem graõ poder de gente armada
Voluntaria , eſcolhida , e esforçada.

Eſte

Este apressa a batalha desejo,
E o pay espera ao Lusytano Inffante,
Filho de Ines e Pedro o justiçoso,
Que dece em seu fauor forte, e arrogante;
La viuereis Senhor pouco ocioso,
E a Deos, que me releua hir adiante,
Elle o despede, e passa alegremente,
Que em todos os perigos bem consente.

Mas naõ lhe aueo assim como cuidaua,
Erra a conta, que faz dentro em seu peito,
Que á batalha do mestre que esperaua,
Polla mesma razaõ naõ teue effeito,
Que quando ao nosso exercito chegaua
O que esta noua deu taõ sem proueito,
Contra os que ousadamente se aparelhaõ,
Os Capitaẽs em Eluas se aconselhaõ.

Diuididos ali por varios modos
No parecer da guerra já differem,
Na voz comum batalha querem todos,
Mas os que mandar podem só naõ querem;
Arma os soldados gritaõ; d'entre todos
Sae huma voz, que diz, que nada esperem,
Mas em vaõ se desuelaõ neste intento,
Que o general naõ tem tal pensamento.

Dali para ás fronteiras fazem volta,
Ia esquecido o prazo da peleja,
E nesta confusaõ, nesta agoa emvolta
Algum alcança aquilo que deseja,
O Pereira com muitos na reuolta
Gritaõ ardendo em ira que naõ seja
Taõ poderosa a noua recebida,
Que troquem a honra, e a fama polla vida.

Eraõ

Eraõ muy pouco ouuidos neste ensejo,
Que quem pode mandar, naõ quis batalha,
A muitos valeo pouco o seu desejo,
Em que o desejo ás vezes muito valha,
Nuno ve que o temor de alguns sobejo
Seu valeroso intento ja lhe atalha,
Imagina outro modo de honra sua,
Com que a daquella empreza restitua.

Lembrou-lhe entaõ do espia o que contaua
De dom Ioaõ de Ozores o guerreiro,
Filho do Mestre a que elle tanto amaua,
E tinha em Badajoz por seu fronteiro,
Secretamente, logo imaginaua
Mandar de Portalegre hum mesageiro
Desafiallo, a prazo concertado,
Ou só, ou de alguns seus acompanhado.

Determinado em fim as redeas vira
Com o valeroso irmaõ (que descontente,
Tambem do mao successo se partira,
Porque trazia intento differente)
Logo em chegando a noite se retira
Com o desenho que traz, impaciente
A carta escreue, espera o nouo dia,
Que quem tais ancias tem, vela, e vigia.

CAN-

CANTO IIII.

ElRey dom Fernando ſabendo o deſafio de Nunalures o impede. Vem ſobre Lisboa huma armada de Caſtella el Rey paſſa ás terras d'entre o Tejo, e Guadiana, para offerecer batalha ao inimigo e deixa por defenſor da cidade o Prior dom Pedralues Pereira com ſeus irmãos: Dom Nunalures ordena huma cilada aos da armada Caſtelhana.

IA eſcondido o lume das eſtrellas,
Se ergue d'entre as ondas prateadas
De Dafne o louro amante, e deixa nellas
De ſeus rayos as ſombras debuxadas:
Ia ſe moſtraõ na terra as couſas bellas,
E as aues de mil cores eſmaltadas
Com innocente, alegre, e vario canto
Feſtejaõ a manhã, que eſtimaõ tanto.

Quando o Pereira ouſado ſe aleuanta
Contente de cuidar no fim que eſpera,
E hum dos ſeus que entre os outros ſe adianta,
Que elle na preſunçaõ logo eſcolhera,
Manda á preſſa chamar: mas naõ ſe eſpanta
O criado de ouuir o effeito a que era
Antes com aluoroço toma a carta,
E a ſeu ſenhor anima antes que parta.

Era pouca diſtancia a que partia
Os fronteiros, chegou, deu ſeu recado,
Abrio o moço a carta, que dizia
Com brando termo, humilde, e confiado:
Illuſtre capitaõ cuja ouſadia,
E valor he no mundo, tam louuado,
Que o que vos naõ eſtima, e vos naõ ama
Será de inueja ſó de voſſa fama.

Eu

Eu hum ſoldado honrado, cobiçoſo
De ſer neſta fronteira conhecido
Onde eſtou a meu peſar tam ocioſo,
Como ſou para tregoas mal ſofrido;
De voſſo nome claro, e valeroſo,
Que me tem dante mão quaſi vencido
Obrigado; deſejo de mais perto
Prouar o que tem todos por tam certo.

Em campo, ou ſeja igual, ou differente
Moſtrar quero o valor de minha eſpada
Com voſco, ou ſô por ſó, como valente,
Ou ſeja dez por dez numa eſtacada,
Se deſte meu deſejo ſois contente,
Pois faltar naõ vos deve gente armada
As armas me aſſinai, o campo, o dia
Que eſſe terei ſómente de alegria.

Deſejoſo de nome o Caſtelhano,
Que era de animo illuſtre, e leuantado,
Reſpondeo ao meſſageiro Luſytano,
Que eſtá para a batalha apparelhado,
Hum fica alegre, o outro volta vfano,
Por trazer ao ſenhor taõ bom recado,
Que de dez contra dez a briga aceita;
Cada hum de ſeus amigos ſe aproueita.

Porem ſe na primeira occaſiaõ
Naõ pode executar eſta vontade
O famoſo Pereira; porque entaõ
Ouue nos capitaẽs contrariedade,
Neſta achou mais peſada a ſujeiçaõ
Que de todo lhe tira a liberdade,
Que o Rey do deſafio teue a noua,
E eſcreuendo ao Prior o campo eſtroua.

Man-

Manda que este combate logo impida
Porque elle em algum modo o naõ consente,
E com o irmão que ás armas se conuida,
Para a corte se parta em continente;
Bem conhece o Prior quaõ mal sofrida
Será de Nuno a noua differente,
Mas por seruir ao Rey como lhe deue,
Despedillo procura em tempo breue.

O irmaõ que ja tem todo o concerto
Que para aquella empreza lhe conuinha,
E que deseja o prazo ver mais perto
Por mostrar seus intentos mais asinha,
Tendo a licença, e campo por tam certo,
Como certa a vontade do irmão tinha
Nesta cesaõ com sizo, e com respeito,
Lhe dá conta de tudo o que tem feito.

E diz-lhe em fim, sabeis que este começo
He senhor honra nossa que se acabe,
Naõ me tenhaõ por vil, de pouco preço
Em quem esforço, em quem valor naõ cabe,
Com noue companheiros me offereço
De que eu fio que o imigo se naõ gabe
Para que parta, và, peleje, e vença
Falta senhor, e irmão vossa licença.

O Prior lhe responde alegremente
Vosso valor irmão conheço, e vejo,
Mas tem esta obra o fim mui differente
Porque hoje impede elRey vosso desejo;
Elle me escreue, e diz que naõ consente
O que eu mais estimaua, e mais desejo
Que era deste successo aver vitoria,
E dar aos Portugueses nome & gloria.

Fi-

Ficou o bom Pereira embaraçado,
Tendo a noua razaõ por desconcerto,
E crê que só do irmão era estoruado,
Por o ver do perigo estar taõ perto:
No fero aspeito, e rosto perturbado,
Este segredo estaua descuberto,
O prior que a sospeita bem lhe entende,
Manifestando a carta se defende.

Vendo entaõ que do Rey era impedido,
E que por carta sua o estoruaua,
E que com outro intento naõ sabido
A elle e seus irmãos chamar mandaua,
E que era entre os fronteiros conhecido,
A forçosa razaõ porque faltaua,
Dissimulando o seu desgosto e pena,
Para a partida, a seu pesar, se ordena.

Esperando do tempo outra mudança,
No que o desejo ardente lhe pedia
Se parte, com leuar falsa esperança
De que o Rey, que o chamaua o mandaria,
Porem naõ acquieta, e naõ descança,
Com sospeitar mil vezes que seria
Entaõ de seus imigos mal julgado,
Que he mui escrupuloso hum peito honrado.

Chegaraõ a Lisboa os caualeiros,
(Só Nunalures d'entre elles descontente)
E o Rey que estimar sabe a tais guerreiros,
Os recebeo com honra alegremente
Com os olhos vagarosos lisongeiros,
Lhe grangea as vontades igualmente,
Beijaõlhe a mão prostrados de giolhos,
E a todos contentaua el Rey com os olhos.

E voltando-os a Nuno lhe pergunta,
Em que eſtado deixara a ſua empreza,
Mas elle ardendo as ſobrancelhas junta
Errizando os cabellos de braueza,
A cor do roſto palida, e defunta,
A dos olhos de ardente fogo aceſa,
O Rey que taõ irado e moço o via
Riſonho eſtas palauras lhe dizia.
Que vos moueo Nunalures a eſte intento
Nacido do feruor de voſſa idade?
Que afronta? que vingança? ou penſamento.
O coraçaõ vos moue, e perſuade?
Fazieis, por ventura, fundamento
De dar a execuçaõ eſſa vontade,
Ou ſabieis o effeito deſta minha,
Que para vos poupar taõ certo o tinha?
O valeroſo moço lhe reſponde
Mais na voz que no peito ſocegado,
Que a paixaõ, e o valor que nelle eſconde
Cada hum faz ſeu effeito coſtumado:
Naõ ſei, alto ſenhor, o como, e donde
Mereci ſer de vos taõ maltratado,
Senaõ he que com ſer grande e ſobejo,
Só por mim deſmerece o meu deſejo.
Nem eu naci de pai tam pouco ouſado
Que buſque por me honrar guerra fingida
Nem dei moſtras tégora de ſoldado
Que faltaſſe à palaura prometida
Nem deixara o meu prazo concertado
Por pai, nem por irmãos, nem pola vida
Senaõ por vos, em cuja alta preſença
Venho humilde a pedir noua licença.

O que me deu esforço e ousadia
Foi vossa pertençaõ, e o meu desejo
Com quem tenho batalha cada dia
Porque ja vos naõ siruo, e naõ pelejo,
Polos impedimentos que la via,
E pola obrigaçaõ que ante vos vejo
Procuraua mostrar esta lembrança
Onde eu fosse o senhor da minha lança.

Lembrauaõ-me as merces que recebeo
De vos meu pai e irmãos com honra, e renda
E que deixando a terra polo ceo
Seruiruos me deixou por encomenda,
Naõ me desconheci, nem me esqueceo
Que honra, nome, poder, casa, e fazenda
Vos ma destes senhor, que tudo he vosso
Que eu nem quero negar, nem menos posso.

Sei bem que por seruiruos visto, e trago
Estas armas pesadas, e ociosas.
Sei que esse mestre vão de Santiago
Offende as vossas quinas poderosas.
Sei que tem feito, e faz continuo estrago
Nas terras de Alemtejo mais fermosas
Quando os vossos naõ via accometelo
Este meo buscaua de offendelo.

Porque sei que deseja, estima, e ama
Hum filho que ali tem por seu fronteiro
Que entre nos apregoa a varia fama
Por destro, ousado, e forte caualeiro;
Eu com este desejo que me inflama
De me mostrar vassallo verdadeiro,
No qual mais que nas forças me confio
O mandei conuidar ao desafio.

Com tençaõ que se a sorte mal segura
Me mostrasse vitoria da peleja
Vos vingaua do mestre, que procura
Ver neste filho o bem que mais deseja:
E quando ali morresse por ventura
Poderá a meus irmãos deixar enueja
Mostrando, que o menor com gloria tanta
Em pôr por vos a vida se adianta.

Este era alto senhor meu pensamento,
Que ser mal recebido naõ merece
Daime, pois he razaõ, consentimento,
Para este bem que a sorte me offerece;
Naõ cuide o inimigo, que o intento
Com que me offereci ja me falece,
Ou que queixoso em vão para vos venho
Buscando os companheiros que ja tenho.

Deixai-me ir a buscar este inimigo,
Que a vosso nome offende cada dia,
Naõ vos ponha receo o meu perigo,
Que mais ao Castelhano se deuia;
Entre os noue dos seus, que traz comsigo:
Oxalá venha o pay na companhia;
(Permitta o claro ceo que isto aconteça)
Que eu vos presentarei delle a cabeça.

O Rey que via o moço que indinado
Mostraua nas razões, no gesto, e rosto,
Aquelle leal animo esforçado
A todo o risco, e trance taõ disposto,
Com voz serena o rosto leuantado
Lhe diz, mostrando nelle graça, e gosto,
Socegai-uos Nunalures que eu conheço
Vossa tençaõ, vossa honra, e vosso preço.

A

A fé que me mostraes, e a lealdade,
Eu sei que he de vontade não fingida,
Eya (se hum Rey merece por vontade)
Eu de muy longe a tenho merecida;
Sey que vosso valor, honra, e bondade,
Faz com que desprezeis a propria vida,
E me desejeis dar o risco della
A desse ousado mestre de Castella.

Cousa dina de vos, e que se espera
De quem sahio a hum pay taõ valeroso,
Cujo conselho, e braço o melhor era
Para o caso mais arduo, e duuidoso:
Menos do valor vosso nunca crera,
Que dar fim a hum começo taõ honroso,
Nem eu espero menos de hum criado,
Que com tanta affeiçaõ tenho obrigado:

O tempo vos dará sinal muy claro
De quanto preço tem vosso desejo,
E nenhum me fará que seja auaro
Da honra, e do lugar que vos desejo,
De vosso animo forte, illustre, e raro
Muito mayores cousas sinto, e vejo;
Nesta agora porém em que estais posto,
Está vosso querer contra meu gosto.

E porque espero cedo aleuantaruos
Em cargos de mór pezo, e de mais conta,
Naõ quero facilmente auenturaruos
Em cousa que a meu Reyno pouco monta;
E quando vosso Rey mandou chamaruos
Faltar ao prazo em nada vos afronta,
Outro tempo auerá, outra occasiaõ
Em que ante mim mostreis vossa tençaõ.

A

A ſeu peſar Nunalures conuencido
Moſtra que lhe obedece, mas procura
Por todos os caminhos ſeu partido,
Que nenhuma deſculpa o aſſegura:
Como imagina, e crê que eſtá perdido,
Tenta por varios modos a ventura,
E de quantos inuenta e conſidera,
Só neſte meo achar ventura eſpera.

Iunto com os fortes muros da Cidade
Eſtà huma groſſa armada de Inglaterra,
Que por liança antigua, e irmandade,
Vem à ajudar aos noſſos neſta guerra,
Gente traz de valor, honra, e bondade,
Com o conde de Cambri da propria terra
Que por general vem da frota Ingreza.
E occultamente traz mais alta empreza.

Entra num barco Nuno o deſtemido,
E buſca o Conde Aymon muy confiado,
Do qual foy brandamente recebido,
E do bom Condeſtabre agaſalhado,
Era delles amado, e conhecido.
Por animoſo, nobre, e bom ſoldado,
E tinhaõ ja noticia da peleja,
Qu'o Rey lhe impede, e elle em vão deſeja.

Fauor lhe pede neſta occaſiaõ,
Que com ſeu Rey lhe valha o eſtrangeiro,
Naõ ouue miſter larga informaçaõ,
Que bem conhece o Conde o caualeiro,
Offerecelhe a ſua interceſſaõ,
E ſerlhe em a batalha companheiro,
Ia o batel armada deſaferra,
Saluaõ trombetas, ſaltaõ logo em terra.

Po-

Porém pouco importou toda a valia
Do valeroſo Ingres, que naõ faltaua,
Que o Rey daquelle intento o diuertia,
Dando a razaõ que á Nuno mais honraua;
Dizlhe que auenturallo naõ queria,
Que para mores couſas o guardaua,
Que era menor a honra, que o perigo,
Que podia tirarſe do inimigo.

Ficou cada qual delles ſatisfeito
De conhecer o fim deſta vontade,
E o Rey cobrou de nouo mor conceito
Daquelle esforço ſeu, honra, e verdade
Só Nuno andaua triſte, e no ſeu peito
Soſpira pola amada liberdade,
Que a valeroſos animos ſe deue
E chama venturoſo a quem a teue.

Ah, diz, vil ſugeiçaõ, que tanto obriga
Hum coraçaõ leal forte animoſo,
Rigoroſa priſaõ, baixa inimiga
De qualquer peito illuſtre, e valeroſo;
Sempre dos ſabios foi ſentença antiga,
Que o ouro menos vale ao cobiçoſo
Que ao forte a liberdade, cujo preço
Eu por meu dano agora ja conheço.

Se a Aniba' por ſorte acontecera
Obedecer a hum Rey deſconfiado
Seu animo immortal que lhe valera,
E ſer tal capitaõ como ſoldado?
Nem os Alpes com fogo desfizera,
Nem Roma por ſeu mal o vira armado,
Que quem a outro querer viue ſujeito
Qual he ſeu capitaõ tal he ſeu feito.

Mal

Mal Leonidas forte, e valeroſo
Com quatro mil dos ſeus ſe auenturarâ
A aquelle feito agora taõ famoſo,
Sahindo com a empreza que tomára
Mal de Xerſes o campo numeroſo
Num eſtreito lugar desbaratára,
Se outrem, que o riſco, e trance mais temia
Lhe podera atalhar eſta ouſadia.

Que val eſte deſejo que me incita?
Eſte valor, e esforço que me monta?
Se onde eſperei ganhar honra infinita
Quem me deue animar, eſſe me affronta,
Mas o bom Macedonio me acredita
Que tinha hũ campo armado em menos conta
De Leões, ſendo hum ceruo capitaõ
Do que hum de ceruos ſendo o Rey Leaõ.

Ah braços Portugueſes taõ temidos,
Quem qual a mim vos prende, e vos acanha?
Que de hum receo vil andais vencidos,
Naõ ja deſſes leões da braua Heſpanha,
Ajudaime famoſos, e atreuidos.
Vamos liures entrar na terra eſtranha,
Naõ baſte o Rey que agora nos gouerna,
A que percais no mundo a fama eterna.

Mas em quanto eſta dor no peito encerra,
O Rey noutros deſenhos occupado,
Ajunta a flor da Luſytana terra,
Para nas de Ioaõ moſtrarſe armado,
Ia por todas as partes ſoa a guerra,
Tudo eſtá de tambores occupado,
Ia mouem as luſtroſas companhias,
Por onde o Tejo eſpalha as ondas frias.

Ia

Ia marcha a gente Ingreza de Lisboa,
E o conde de Cambri general della,
No pendaõ por diuisa huma coroa,
Que o irmaõ Duque aspira a de Castella,
Naõ se vê desarmada huma pessoa,
Polla praya do Tejo rica, e bella,
Em Santarem descansa o Rey Fernando,
E de barcos faz ponte ao Tejo brando.

A cidade ficou com força, e gente,
Que defendese os muros, e os cubellos,
E o claro capitaõ forte, e prudente,
Gonçalo Mendez he de Vasconcellos.
Que inda que hum termo vsou muy differente
Em que mais naõ tratou, que em defendellos
Seu peito de valor, e esforço cheo
Ia mais se sujeitou ao vaõ receo.

Eis que partindo o Rey nesta vontade
Huma possante armada de Castella,
Lançando ferro á vista da cidade,
Trata por mil caminhos de offendella;
E com huma temeraria liberdade,
Queima os burgos d'Almada e de Palmela
Os Passos de Enxobregas que el Rey tinha,
Frielas, Villa noua da Rainha.

Bem intenta o pouo Lusytano,
Liurar os arrabaldes desta offensa,
Se o capitaõ por falta ou por engano,
Lhe naõ tiuera as armas, e a licença,
Te que sintindo a terra o grande dano,
Reuolta em confusões, e em differença
Fez sabedor ao Rey do que passaua,
Culpando ao Vasconcellos que a guardaua.

Fer-

Fernando de honra, e de ira commouido
O capitaõ tirou como indinado,
Escolhendo o Prior forte, e temido,
De seus claros irmãos acompanhado,
De quem tem ja por obras conhecido,
Que alem de estar segura em seu cuidado
A cidade de assaltos temerarios,
Amansaria a furia dos contrarios.

Chamar manda o Prior que perto estaua,
A quem logo descobre esta vontade,
Como com seus irmãos elle o mandaua,
Por defensor e amparo da cidade;
Em quanto as ferteis terras se passaua,
Que Sertorio habitou ja noutra idade,
A pôr em armas as gentes que taõ cedo
Fez recusar as armas o Azeuedo.

E alem de fundar nelle a confiança,
Manda que a seus irmãos leue consigo
Em cujo esforço tem certa esperança,
Que a Cidade defendaõ do inimigo,
Pois com a muita estreita vesinhança,
A punha cada dia em grão perigo,
Tras isto lhe dá a ordem, e a maneira
Que ha de ter no gouerno o bom Pereira.

O Prior dom Pedralures, que da fama
De seus antepassados naõ se afasta,
E quer mostrar ao Rey que o honra, e ama
Seu esforço, e valor a quanto basta;
Aos Irmãos valerosos logo chama
Posto que nisto o menos tempo gasta,
O mandado do Rey lhes manifesta
Noua a todos os seus de gosto, e festa.

Bei-

Beijaõ a mão ao Rey no meſmo dia
Armados os Pereiras valeroſos,
E partem neſta amada companhia
Igualmente contentes, e animoſos:
Duzentas lanças ſaõ, cuja ouſadia
Podem temer exercitos famoſos
Eſcolhidos, guerreiros excellentes
Todos irmãos, vaſſallos, e parentes.

Seis irmãos, que de Marte o fero jogo
Armados exercitaõ de aço fino,
Pedro, Ioaõ, Rodrigo com Diogo,
Fernando, e Nuno, entre elles o mais dino;
Dous tios ſeus que a ferro, ſangue e fogo
Trazem o reyno Hiſpano de contino,
Que ſaõ Rodrigo, e Aluaro Pereira
E outros que do Prior cobre a bandeira.

Ia ſe apartaõ da villa, e com cuidado
Vaõ caminhando ao lume de Diana,
Quando hum correo ali lhe da recado,
Aſſas alegre à forte gente vfana,
Que no termo de Cyntra eſtaua entrado
Hum capitaõ da armada Caſtelhana,
Que hia roubando os campos liuremente
De mantimentos, gados, e de gente.

O quanto os aluoroça o meſſageiro,
Que tal noua lhes deu? quanto os conuida!
Aluiçaras lhe dera o bom guerreiro,
Que a noua mais eſtima, e mais duuida
E tomando o caminho que primeiro
Os guia aquella parte conhecida,
Manda o Prior da gente aſſas ouſada
Lançarlhe no caminho huma cilada.

Po-

Porém os descuidados corredores,
Que com a preza estaõ no campo alheo
Sem ter dos miseraueis lauradores,
Nem piedade alguma, nem receo;
Quando dos Portuguefes vencedores
Sentiraõ o tropel, de esforço cheo,
Por saluarem d'entre elles liure a vida,
Poseraõ o remedio na fugida.

Eraõ muitos porem tam pouco ousados
Que nem rosto tiueraõ ao perigo,
Deixaõ as proprias armas, deixaõ gados
Porque vaõ tendo o spasso do inimigo;
Mas quando mais seguros, e apartados
Entaõ acharaõ perto o seu castigo
Que dando na cilada que os espera
Cada hum se arrependeo do que correra.

Só a prisaõ de alguns que estaõ feridos
A rigorosa morte entaõ lhe estroua,
E se alguns escapáraõ vaõ fugidos
Leuar tristes aos seus taõ triste noua,
Os Pereiras tam fortes, tam temidos
Que naõ tem por estranha aquella proua
Entráraõ na Cidade ja triunfando,
E logo a noua foi ao Rey Fernando.

Logo o temor entrou, logo a cautela
Na Castelhana frota, e na Cidade
Mais liure a confiança de offendela,
Podendo accometer com liberdade,
Escaramuças ha da parte della,
Que os inigos ja vem de má vontade
Que a que trazem de guerra os bons Pereiras
Lhes tenge em sangue as lanças, e as bandeiras.

Os

Os noſſos Portugueſes vencedores
Com recontros, e entradas que faziaõ
Dauaõ animo aos ſeus, dauaõlhe cores,
Que ja outros no aſpeito pareciaõ;
Ouuindo o ſom guerreiro dos tambores
Todos aluoroçados acudiaõ
Com armas e vontades á peleja
Mouendo ós corações honroſa inueja.

Nuno Alures porem naõ ſe contenta
Deſta fraca vingança, que tiuera
Mil deſſenhos na idea repreſenta,
Para ver do inimigo o fim que eſpera:
Bem tomára paſſar qualquer tormenta
Com que hum dia ſó lhe amanhecèra
Em que ſentiſſe o brauo Caſtelhano
De ſeu braço, e valor notauel dano.

Tomou de parte hum dia a ſeu cunhado,
Que Pedro Affonſo do Caſal ſe chama
Caualleiro nas armas muy prouado
Marido de huma irmã, que elle mais ama,
Por fiel o conhece, e por ouſado
Cobiçoſo tambem de nome, e fama,
Deſcobrelhe o deſejo que trazia,
E o que mais lhe inſinaua a fanteſia.

Diz que determinaua occultamente
Lançar ao outro dia huma cilada
Ao amigo que às vinhas liuremente
Vinha o fruito colher de madrugada:
Conta que tem para iſto pouca gente
Mas de armas, e vontades apreſtada,
Que por qual lhe conhece a natureza,
Folgâra de o leuar na meſma empreza.

Reſ-

Responde o do Casal, que muito estima
Lembrarlhe para hum feito taõ honroso.
Ia se abraça com elle, ja se anima,
Ia se antecipa hum fim muy venturoso,
E porque no exercicio desta esgrima
Elle naõ sofre estar muito ocioso
Ja vai tratar de arnes, couraça, e malha,
Perguntandolhe as horas da batalha.

Porém naõ madrugou como conuinha,
Ou por querer leuar outros consigo,
Ou porque a sorte entaõ guardado tinha
Para Nunalures só tanto perigo:
Mas de tal modo o ceo tudo encaminha
A quem he de valor, e d'honra âmigo
Que tarde a tempo vem tam desejado
Que deu vida, e socorro a seu cunhado.

Elle que armado vela a noite inteira,
E está medindo as horas c'o desejo,
Qualquer piquena estrella que ligeira
Fere as ondas que espalha o mar no Tejo;
Da manhã lhe parece a luz primeira
E chama os seus, que com feruor sobejo
O saboroso sono deixaõ logo
Por ir exercitar de Marte o jogo.

E com quanto inda a noite se adormece
Sobre os braços da terra reclinada,
E qualquer luz de estrella que apparece
Naõ dá sinal da aurora desejada;
Hum com cobiça as horas desconhece
Outro reprende a leue madrugada
Mas todos se armão logo diligentes,
Aluoroçados, firmes, e contentes.

Em

Em quanto se arma a gente, e se desuela
O tenro capitaõ ja por costume,
Faz deuota oraçaõ a pura estrella
De quem naceo o sol que he nosso lume,
Só quer leuar consigo o fauor della
Para entrar na batalha; pois presume,
Que só com seu fauor vencer podéra
Quanto rodea o Sol na nossa esféra.

Depois com vinte e quatro de cauallo,
E trinta homens de pé que armados tinha
A horas que ninguem possa encontralo
Para a ponte de Alcantara caminha,
E sem fazer com os guardas grande abaio
Porque ao secreto effeito lhe conuinha
Entre huns barrancos altos embrenhados
Se encobriraõ nas vinhas com os valados.

Ia do sol os cauallos corredores
Vinhaõ tirando o carro do Oriente
Soprando a noua luz, e dando as cores
A verde terra, e mar resplandecente;
Quando os nossos guerreiros vencedores
Que vigiando estaõ a incauta gente
Vem a bordo hum batel, e antes que saya
Vinte soldados seus saltaõ na praya.

Mais vinhaõ para o furto concertados,
Que para peleijar estes guerreiros
De arnezes, e de lanças mal armados,
Só para fugir bem, vem mais ligeiros:
E inda nisto naõ saõ pouco auisados,
Pois contra os vinte e quatro caualleiros
Naõ tem outro remedio mais seguro
Que porem contra a morte o mar por muro.

Des-

Destes depois que entrárão, ledamente
Do sabroso fruito cobiçosos
Andaua cada hum ledo, e contente,
Colhendo os roxos cachos saborosos:
E o forte Nuno espera que mais gente
Da armada saya áquelles de inuejosos
Com tam poucos naõ quer perder a caça,
Antes na vinha os deixa por negaça.

Porem depois que vio q̃ outros naõ vinhaõ,
E esses poucos das vuas carregados
Para o batel contentes encaminhaõ,
Arremete Nunalures aos soldados:
Os seus tras delle entaõ naõ se detinhaõ
Com impeto, e furor desatinados
Atras dos Castelhanos vaõ seguindo,
E elles vaõ dando vozes, e fugindo.

Naõ entraõ no batel que tem defronte,
Para remedio ás ondas se lançaraõ,
Que temem ver a barca de Acheronte
Se em taõ estreito passo se embarcauaõ:
Saluáraõse na armada, que esta ponte
Passaraõ, a seu risco, os que nadauaõ,
Outros debaxo da agoa se esconderaõ
De modo que outras vuas naõ comeraõ

Recolhe Nuno os seus no mesmo posto
Praticando do salto, e da fugida,
Zombando cada hum com riso, e gosto
Do que comprara as vuas pola vida;
Hum diz que foi vinagre aquelle mosto
Sobre o qual agoa tanta tem bebida,
Outros diz que o nadar foi grande acerto
Para quem ja sentia o fogo perto.

Em

Em quanto elles zombando ſe empregáraõ
Em tratar dos guerreiros fugitiuos,
Os que na frota a nado ſe ſaluáraõ
Ia com o perdido alento pouco viuos,
Seu mao ſucceſſo em lagrimas contáraõ
E os capitães da armada vingatiuos
Fazendo muy pezada aquella injuria,
Enchem todos os ſeus de esforço e furia.

Sahiraõ logo em barcos muy ligeiros
Bem armados duzentos e cincoenta,
Fora gente de fundas, e bèſteiros,
Que em eſquifes pequenos arrebenta:
E Nuno quando os vio vir taõ guerreiros,
Que he o que mais o anima, e o contenta
Aos ſeus com alegria vira o roſto,
E diz cheo de amor, deſejo, e goſto.

Companheiros, e amigos valeroſos
Portugueſes leais, fortes ſoldados
Ia naõ temos razaõ de eſtar queixoſos
Nem de andar eſcondidos, e embrenhados;
Ia vejo os Caſtelhanos animoſos,
Que viraõ ir aos ſeus tam maltratados,
Vir com deſejo à terra por vingança
E acabar de comprir noſſa eſperança.

Dai louuores ao ceo que á viſta temos
E jà no campo a honra que buſcamos
Naõ vos eſqueça o intento que trazemos
E a preza que eſcondidos eſperamos:
Naõ cuidem que de os ver nos eſcondemos
Quando para os buſcar nos concertamos
Em lugar da vingança leuem pago,
Animo ó caualeiros, Santiago.

Vamos a elles, que eu ſerei primeiro
Em tingir eſta lança, e eſta eſpada,
Deixai-me ſer o voſſo auentureiro,
Que eu farei por entre elles larga eſtrada,
Pois me tomaſtes ja por companheiro
Naõ me deixeis na empreza começada,
Seguime ou por amor, ou por inueja,
Que o noſſo nome eſtà neſta peleja.

Que ſe ha na multidaõ deſigualdade,
He para ganhar nome o mor acerto,
Que o numero naõ val contra a bondade
Como aos mais de vós lhe he deſcuberto;
Tempo he que executeis hoje a vontade
Que contra elles moſtraueis de mais perto,
Que do perigo mór, mais certa a gloria,
E de mais inimigos, mór vittoria.

O valeroſo animo e conſtante
Se aleuanta, onde o fraco ſe deſmaya
Pouca ha a gente, e vil que eſtá diante,
Pois naõ occupa a toda a branca praya,
Deſembarque eſſa armada taõ pujante,
Toda contra eſtes poucos ſe arme, e ſaya
Tiraraõ com mais força os ſeus reuezes
Voſſos valentes braços Portugueſes.

E naõ porque dos meus deſconfiança
Tenha para vencer ſua ouſadia,
Deixo já de tingir em ſangue a lança,
E alcançar a vittoria deſte dia;
Mas porque tenho amigos na lembrança
Que viemos aqui de companhia,
Faço de minha gloria menos conta,
Só polla naõ comprar com voſſa afronta.

Atras

Atras destas palauras concertaua
A lança, ja na sella se assegura,
Alegremente a todos conuidaua
A prouarem as armas, e a ventura,
E vendo que nenhum se auenturaua,
Antes voltar atras busca, e procura,
As redeas recolhendo, os rogos proua,
Que com rezoẽs sem fruto lhes renoua.

Porem como o temor os senhorea,
Vendo a multidaõ grande, que se offerece
Por mais que com razões todos grangea
Nenhum para tal obra lhe obedece
Cada qual olha o outro que recea,
E só a quem o esforça desconhece,
Elle em ira ardendo brande a lança
Naõ sabe se dos seus tome a vingança.

Pede, roga, aconselha, e ameaça,
E em quanto se detem nesta porfia,
Os castelhanos vem tomando a praça,
Com grande grita, estrondo, e vozaria,
E tendo por ligeira aquella caça,
Correndo a qual primeiro chegaria,
Vem buscar a Nunalures que em seu posto,
Só ao inimigo tem virado o rosto.

Dos seus se aparta; e logo determina
Morrer como valente pelejando,
Porque tem por fraqueza, e cousa indina,
Voltar para onde o elles vaõ guiando,
Só quer ter a batalha, só se inclina
A acometer o espesso, e fero bando
Aprouando o custume por sesudo,
De trazer, ou tornar no mesmo escudo.

CANTO V.

Peleja Nunalures com os Castelhanos junto da ponte de Alcantara. El Rey dom Fernando recolhe as gentes das fronteiras d'entre Tejo e Guadiana, e assenta seu real entre Eluas, e Badajoz aonde Nunalures de improuiso apparece por se achar na batalha, a qual estando emprazada recusa o Rey Castelhano. Fazem-se pazes morta a Rainha de Castella se trata o casamento da Princesa dona Brites, em cujas vodas acontece a Nunalures huma auentura: Vai-se pera entre o Douro e Minho, donde com a morte del Rey dom Fernando vem a se achar nas suas obsequias: Mouem-se as alterações, e bandorias sobre a successaõ do Reyno.

AOnde está conhecida a honra, e fama
Posto que a vida esteja perigosa,
Naõ na sabe estimar, quem busca e ama,
Entre os homens memoria gloriosa,
Que no repouso em fim da branda cama,
E na vida do mundo mais sabrosa,
Tanto executa a morte o seu castigo,
Como na mor batalha, e mor perigo.
Diga o fermoso Adonis se temia
Algum perigo humano quando estaua
Entre as flores que a deosa lhe colhia,
Em que os lasciuos membros reclinaua,
Ao sol fazendo inueja, adormecia,
Ao som da clara fonte que passaua,
Quando o porco ferox, e denodado,
Esmaltou com seu sangue o verde prado.

Quan-

Quando com mor ſabor andaua á caça
Acteon deſpreſando a vida vrbana,
E vio no banho a fermoſura, e graça
E a belleza dos membros de Diana,
Tocado da agoa pura, que ameaça
Aquella culpa, que o deſejo engana,
Em ceruo foi da deoſa conuertido,
E dos ſeus proprios cães morto, e comido.

Comodo no banquete pereceo,
E Alexandre depois que o mundo abarca,
Ceſar entre os amigos que eſcolheo,
Depois que delle todo foi Monarcha:
Se nenhum goſto em fim ſe deffendeo
Da dura, inexorauel, fera parca,
Diſculpa tem, quem deſprezando a vida
Nos perigos naõ pôs taxa, ou medida.

O noſſo caualleiro que conhece
Quanto he o premio delles differente
Só com huma lança armado ſe offerece
A aquella multidaõ de armada gente,
E o ceo que ja eſtima, e fauorece
Aquelle ſpirito, e animo excellente
Fez conhecer aos ſeus, e a todo o mundo
Seu esforço ſem medo, e ſem ſegundo.

Forte ſobre os eſtribos arremete
A receber a gente que entaõ chega,
E em ſentindo as eſporas o ginete
Ao perigo aſſolto ſe naõ nega,
Por entre imigas lanças accomete
Obrigado da furia incauta, e cega
Triſte do que eſperou o encontro forte
E lhe naõ vio na lança a propria morte.

Nem

Nem da groſſa bombarda deſpidido
O pelouro veloz fez tanto dano
No ſeguro eſquadraõ, mal aduertido
Que vai piſando a praya do Oceano;
Como o forte mancebo deſtemido
Fez entrando no campo Caſtelhano:
Naquelles rompe a lança, a que a ventura
Tinha no campo feita a ſepultura.

E leuando da eſpada naõ vencida
Que os corpos igualmente, e armas trata
Reuoluendo-a com furia ſem medida
Atropela, golpea, fere, e mata:
O que pode nos pés ſaluar a vida
Eſte remedio a ſeu peſar dilata,
Que nenhum dos que o fero braço alcança
De tornar a fugir cobra eſperança.

Na multidaõ da gente que o rodea
Vai fazendo o cauallo larga eſtrada,
Correm fontes de ſangue polla area,
Voa a malha em pedaços leuantada,
Qualquer aguda viſta ali ſe enlea
Se ſaõ todos os golpes de huma eſpada,
Mas ſó a do Pereira aballa, e fere
Que naõ ha auentureiro que lhe eſpere.

Bem ſe acabára o fim deſte ſucceſſo
Com lhe ficar o campo que deixauaõ,
Se naõ foraõ as lanças de arremeſſo
Dardos, pedras, virotes, que voauaõ:
O ar ſobre Nunalures era eſpeſſo
Com os muitos que ſobre elle ſe juntauaõ
Nenhum nas fortes armas faz aballo,
Mas naõ pode valer ao bom cauallo.

Por

Por mil partes andaua mal ferido
Polla praya o ſeu ſangue ſe reparte,
A furia lhe detem inda o ſentido
Com que voltaua a huma, e outra parte;
Té que de alento já desfalecido
O que tam bom miniſtro foi de Marte
No mór aperto em fim daquella guerra,
Com ſeu ſenhor, ſe deixa vir á terra.

Cahe o Portugues forte e deixa preza
Huma perna debaixo do ginete,
Quando o tropel da gente mais aceza
Depois de o ver cahido o accométe:
Mas elle que conhece deſta empreza
O fruito que a ventura lhe promete
Dali com o braço irado alcança tudo,
E o cauallo o repara como eſcudo.

Nem o ſoberbo Antheo, que cobraua
Outra força mayor quando cahio,
Porque a mãi poderoſa o ſuſtentaua,
Se a ſeus braços c'os pés chegar podia;
Moſtrou poder mayor, furia mais braua
Da que Nuno moſtrou naquelle dia
Que meo ſepultado em terra dura,
Abre a quantos alcança a ſepultura.

Em quanto mais ſe aſcende eſta perfia,
E elle offendendo a tantos, ſe defende
Hum dos ſeus vinte e quatro que iſto via,
Aos outros companheiros ja reprende;
Ah, diz, valente, e armada companhia,
Que fraqueza ſem cauſa aſſi nos rende!
Para que morra aqui ſem noſſo amparo
Hum Portugues taõ forte, illuſtre, e raro!

Vamos

Vamos ao ſoccorrer que já me peza
Da vida que ſem gloria me deixou,
Seguime ó gente amiga Portugueſa
Que eu ſigo ao capitaõ que me guiou;
Niſto batendo os dentes de braueza
Entre as imigas armas ſe lançou
Fazendo mil encontros na peleja
Dinos de tanta fama, como inueja.

Chegou rompendo á força do perigo
Aonde ainda Nuno em terra faz batalha
E como bom, fiel, e forte amigo
Com obras, e razões ſeu dano atalha,
Matai ſenhor, dizia, que eu me obrigo
Que nem eſſa priſaõ em que eſtais valha
A multidaõ de imigos que o mar bota
Que pouco he para nos toda eſſa frota.

O Pereira esforçado que já achára
Quem ſeguiſſe em tal paſſo o ſeu intento
Dobra os pezados golpes; moſtra clara
Proua de ſeu valor, e ſufrimento:
Bem moſtra que ſe o pé deſenlaçára
Teuera em pouco tempo o vencimento
Porem ſomente os fortes braços muda
Quando em ſocorro o Ceo lhe manda ajuda.

A' redea ſolta vem tres caualleiros,
Que bem foraõ dos noſſos conhecidos
A quem ſeguem na praia alguns guerreiros
Com ameaças, gritos, e alaridos:
Eſtes rompendo as lanças nos primeiros
Que eſtauaõ de fugir mais eſquecidos
A Nunó Alures ſocorrem neſte enſejo,
Que ſempre o Ceo valeo a hum bom deſejo.

Diogo

Diogo Alures Pereira o valeroſo
Era, e Fernam Pereira o esforçado
Irmãos do moço ouſado, e animoſo,
A quem o eſtribo tinha embaraçado:
Outro era o do Caſal, que cobiçoſo
De vir dos dous irmãos acompanhado
Tardou ao prazo, e termo que poſera
O que ſó contra tantos ſe atreuera.

Com elles toda a gente ſe moueo
A de Nuno, e dos outros que acodiraõ
Pedras, virotes cobrem terra, e ceo,
Que os que ſaem do mar ao longo tiraõ,
Mas cada qual dos ſeus tanto rompeo
Que o valeroſo irmaõ deſempediraõ,
Do perigo da perna magoada
Triſte do que entaõ proua a ſua eſpada.

Eis ſe começa a dura batalha
Porque nenhum dos ſeus moſtra deſcudo
A gente de Nunalures ſe baralha,
Que quer da honra perdida cobrar tudo;
Contra elle nenhum ha que entaõ ſe valha
De malha, de couraças, nem de eſcudo
A pé ſuſtenta a furia do combate,
Todos os golpes dá, nenhum rebate.

Qual o Leaõ de Libia generoſo
Dos barbaros monteiros acoſſado;
Que depois de ferido, e furioſo
Engeita a vida, e quer verſe vingado.
Aqui fere, ali mata, e de brauoſo
Buſca o mais defendido, e mais armado.
Deixa o campo á fugida deſcuberto
Corre aonde vê mais fero, e mór aperto.

Affi

Aſſi andaua o fero Luſytano
Buſcando o Heſpanhol que mais lhe inſiſte
Como o rayo veloz que faz mór danno
Ao que com maior força lhe reſiſte,
Nenhum reues dos ſeus fere de engano
Em cada qual a vida perde o triſte,
Que naõ pode voltar o paſſo leue,
Porque a furia dos outros o deteue.

Hum valente ſoldado que entaõ vinha
Com muitos de ſocorro; liuremente
Para o bom do Caſal logo encaminha,
Que rodeado eſtá de armada gente;
E vendo que ante ſi mais corpos tinha
Feridos já por terra amargamente
Com huma lança de armas que trazia
Contra elle ouſadamente arremetia.

Foi tal o forte encontro, que paſſou
Humas laminas de aço, duro, e fino
Por onde o ferro agudo reſualou
Atraueſſando hum jaco jazerino:
A lança feita em aſpa lhe ficou
Mas como o Portugues naõ perde o tino
Remde-te Caſtelhano ouſado brada
Meneando ſobre elle a forte eſpada.

Mas Nunalures que via o bom cunhado
Sem ſe poder liurar da imiga lança
Imaginando que era atraueſſado
Corre ligeiro aly para á vingança,
E vendo que reſiſte o bom ſoldado
Com hum pezado golpe ſe abalança
A que elle ſó com rogos ſe defende,
E cruzados os braços ſe lhe rende.

Porem

Porem aquelle espiritu generoso
Que naõ consente afrontas ao rendido
Passa adiante alegre, e cuidadoso
Dando por preso o que deixou vencido;
Mas o soldado ingrato, e orgulhoso
Como liure se vio desempedido
Outra vez à batalha torna acezo,
E outra vez de Nunalures ficou preso.

Fernaõ Pereira o brauo caualleiro
A huma parte feria em roda viua
Que de seu braço intrepido, e guerreiro
Nenhum quer ja prouar a força esquiua:
Depois que o bando vil foge ligeiro,
Hum atropela, hum fere, outro catiua
Iá a gente Castelhana se desmaia,
E os Portugueses vaõ tomando a praia.

Diogo Alures Pereira por vir tarde
Procura arrecadar como conuinha,
Nenhum acha conselho que lhe aguarde
Pelo desejo, e pressa com que vinha
Mas da gente que foi menos cobarde
Alguns bem mal feridos presos tinha
Pedro Affonsso que a lança já arrancàra
Muito mais cara a dá do que a compràra.

O que primeiro a Nuno socorréra
Com tam grande valor, que o segue, e ama,
Bem mostraua entre os quatro que podéra
Entre tais pares sello em voz da fama:
E porque desta aqui saibais quem era,
Vasqueanes do Coto o mundo o chama
De ordem sacerdotal, mas na ousadia
Dala a bons caualleiros merecia.

Dos

Dos eſtremos que fez neſta contenda
Nuno o premio lhe deu tras do louuor
Que lhe ouue de Lisboa a mór prebenda
E das Habitureiras foi Prior;
Da Igreja, beneficios, clero, e renda
Da antigua Mafra o fez Gouernador
Que Ioane Biſpo illuſtre a fundára
E eſtas tres dignidades lhe ajuntàra.

Iá o campo fica liure aos vencedores,
Iá entaõ nos bateis os que eſcapáraõ
A recolher ſe tocaõ os tambores
Os amigos, e as armas deſemparaõ;
Os que ſe alongaõ mais ſaõ os melhores
Que os fracos por vileza ſe atrazàraõ,
Os ſoldados que vem á ſua empreza
Nos deſpojos dos outros fazem preza.

Qual béſteiro piaõ do braço leua
Catiuo o caualleiro deſarmado,
Qual o elmo, eſpaldar, o peito, a greua
Qual o rico colar deſabrochado,
Qual ha deſte tambem que a lança ceua,
No ſangue já dos outros encetado
Moſtrando o braço vil pouco atreuido,
Quanto corta huma eſpada em hum rendido.

Até ás ondas os noſſos vaõ ſeguindo
Elles cortaõ remando na agoa pura
A vellas deſpregadas vaõ fugindo
E nem o mar profundo os aſſegura;
Os que ficaraõ preſos repetindo
Queixumes vaõ tambem contra a ventura,
Iá o Pereira toma outro cauallo,
E outra vez para os muros faz abalo.

I Feita

Feita resenha aly de toda a gente
Os seus eraõ presentes, e corridos,
Nenhum perdéra a vida, que sómente
Alguns trazem da praia mal feridos;
Elle entre os bons irmãos vai tam contente
Como elles com razaõ engrandecidos
Com hum successo, e fim tam venturoso
Inda que a todos quatro assaz custoso.

Dos muros da cidade os esperaua
A multidaõ do pouo que se auiua
Em vozes ao passar todo bradaua
Viua o forte Nunalures, viua, viua;
Com oprobrios, e afrontas magoaua
A gente que vem vir presa, e catiua,
Condiçaõ muito certa da vittoria,
Que a desuentura de hũs, he d'outros gloria.

Mas deixemolo agora recolhido
Na cidade contente, e festejado
Dos seus com grande gloria recebido,
Do pouo em festa, e jogos celebrado:
Porque inda está da briga mal ferido,
E do cauallo, e pedras mui pizado,
Vamos seguindo ao Rey, que com desejo,
Hia pisando as terras de Alemtejo.

Em Eluas com seu campo se alojàra,
E aly das frontarias juntar manda,
Os que em varios lugares espalhára
Do Guadiana, de huma, e doutra banda,
Lugares, fortalezas já repara
Por onde o Mestre ousado se desmanda,
Chama os seus a Conselho, e nenhum erra
Que seja huma batalha o fim da guerra.

Logo

Logo ſe ordena aly para a peleja
De prouimentos, armas, monições
Faz quem ordene, tenha, mande, e reja,
Companhias, lugares, e eſquadrões:
Faz pagas, dá ventagés, certa inueja
De muitos bellicoſos corações.
Ao Rey dos Caſtelhanos deſafia,
E ſaeſe da villa o outro dia.

Entre ella e Badajoz ſeu campo aſſenta
A' viſta do ſoberbo Guadiana,
Que na ſombra das armas repreſenta
Hum temor nouo á gente Caſtelhana
Iã de vella Ioaõ ſe deſcontenta
E a furia já dos ſeus ſe deſengana,
Mas entre os torreados e altos muros
Faz reſenhas, e alardos mais ſeguros.

E antes daquelle dia em que eſperaua
Fernando ver o imigo roſto, a roſto
No ſeu real alegremente andaua
Tomando moſtras ás gentes no ſeu poſto;
Quando a vanguarda ouuio que aſſi gritaua
Com aluoroço eſtranho, e grande goſto
Vinde Pereira ouſado, vinde aſinha
Que os Caſtelhanos temos neſta vinha.

Fernando áquella parte ſe virou
Por ver quem cauſa foi deſta alegria
Hum caualleiro armado diuiſou
Com cinco, ou poucos mais na companhia;
Na poſtura, e nas armas com que entrou
Todo o campo a Nunalures conhecia
Que ſabendo de Alcantara a peleja
Com taõ nouos emboras o feſteja.

Longe

Longe á viſta do Rey com os ſeus ſe apea
A viſeira do elmo aleuantada
A multidaõ da gente que o rodea
Lhe dá os parabẽs daquella entrada:
Tambem Fernando o teue em boa eſtrea
E em ſinal da vittoria deſejada
Dos ſeus pés o leuanta ledo o roſto
Moſtrando-lhe nos olhos graça, e goſto.

E depois de louuar-lhe honradamente
O a que pollo ſeguir ſe auenturára,
Quando ſem fauor da propria gente
Copia taõ deſigual desbaratára
Lhe agradecia acharſe ali preſente,
E crendo que o Prior niſſo o mandára
Pregunta ſe tras delle algum recado,
E Nuno reſpondeo quaſi infiado.

Naõ trago mais ſenhor que eſta armadura
Com que ante voſſa Alteza me apreſento
E eſtes poucos ſoldados que a ventura
Sogeita a meu querer, e mandamento:
O Prior que de mim naõ ſe aſſegura
Para vir me negou conſentimento
Sem elle me apartei, e á força venho,
A' pena agora eſtou, ſe a culpa tenho.

Como menor irmaõ, como ſugeito
Lhe pedi que licença me outorgaſſe
Para que neſta empreza, em meu direito
Como ſoldado inutil naõ faltaſſe;
E viſſe o forte Ozores, que o defeito
Deſte animo naõ foi que me eſtoruaſſe
De acabar o combate prometido,
Mas, o de ſer por vos nelle impedido.

Ne-

Negou-me injuſtamente liberdade
Sem que meus juſtos rogos o obrigaſſem
Pós maior guarda ás portas da cidade
Mandou-lhes que ſahir me naõ deixaſſem:
Más teue maior força eſta vontade,
Que as que podia auer que ma eſtoruaſſem,
E aſſi de noite eu ſó com minha gente
O poſtigo arrombei de Sam Vicente,

Nem dos guardás a força, e reſiſtencia,
Nem o mandado ſeu mais força teue
Que para acrecentarme a dilligencia
E atalhar a alguns meus que aly deteue:
Se eſta culpa merece penitencia,
Ainda que viſta a cauſa he culpa leue
Dai-me agora ſenhor della o caſtigo,
E ſeja na batalha o mór perigo.

Se dos Reys a palaura nunca eſquece,
E inteira a guarda ſempre o juſto Rey,
Agora alto ſenhor ſe me offerece,
Satisfaçaõ da empreza que tomei,
Se neſta agora o Ceo me fauorèce
Diante de voſſa alteza moſtrarei
Ao Meſtre, e a ſeu filho, roſto, a roſto,
Que muito a meu pezar fiz voſſo goſto.

Deſta minha vontade cobiçoſa
Mandaſtes que ante vos moſtraſſe o preço
Em batalha importante, e duuidoſa,
Qual he eſta a que agora me offereço;
E pois eſtá minha honra perigoſa,
E a vos como a meu Rey temo, e conheço
Como tal permiti que aqui ſe apure
E alguem de meus principios naõ mormure.

Naõ

Naõ foi mais adiante o bom Pereira
Por vſar ante o Rey termo, e reſpeito,
E Fernando que o vé deſta maneira
Cada hora delle eſtá mais ſatisfeito;
Daquella fé conſtante e verdadeira
Daquelle forte braço, e leal peito
Bem cré que tudo acabe, e tudo vença
Dalhe o louuor, as graças, e a licença.

Nuno lhe beja a maõ neſte concerto
E eſperando a batalha ſe deſuela,
Elle contente eſtá pola ver perto
E muitos deſcontentes que haõ de vela;
Vai nalguns coraçoens mui grande aperto
Deſanima-ſe a gente de Caſtella
Que á viſta da batalha concertada
Entaõ parece a paz bem aſſombrada.

Chegado o prazo já aos contendores
Em arma o campo eſtá dos Portũgueſes
Deſpregaõ-ſe as bandeiras de mil cores
Veſtem-ſe malhas, laminas, e arnezes
Os pifaros, trombetas, e tambores
Fazem ecco nas agoas que mil vezes
Se encreſpaõ com o rumor que o duro Marte
Vai eſpalhando de huma, e doutra parte.

Mas Ioaõ que duuida neſta empreza
Sahir a ſua parte auentajada
Porque conhece a gente Portugueſa
Que alem de valeroſa he magoada,
E recea o valor da pouca Ingreſa
Que com a noſſa eſtá confederada
A batalha emprazada ja recuſa
Que nunca a quem faltou, lhe falta eſcuſa.

Nisto os grandes tratauaõ por seus meos
A liança entre os Reys desconcertados
Ou pola obrigaçaõ de seus receos,
Ou pola de fieis, e acautelados
Por occultos recados, e rodeos
Que em hum real, e em outro eraõ tratados
Suspende-se o combate até que seja
Deliberada a paz que se deseja.

Enfim com condições naõ mui decentes
Ioaõ aceita a paz temendo a guerra
Restituindo os roubos insolentes
Ou polo largo mar, ou pola terra,
E dando ás estrangeiras fortes gentes
Náos em que possaõ ir para Inglaterra
Sem disso terem fretes nem salarios,
Pezada condiçaõ para contrarios.

Tras isto o Castelhano vai tratando
Que casassem Beatriz linda donzella
Filha vnica do Rey, remisso, brando
De Portugal herdeira rica, e bella:
Com seu filho segundo dom Fernando
Que naõ herdaua os reynos de Castella
Porque o Rey Portugues naõ quis primeiro
O que dos dous estados fica herdeiro.

Naõ contentaõ as pazes aos Ingreses
Nas Castelhanas náos se partem logo
Aggrauados do Rey que em tantos meses
Os trouxera enganados como em jogo,
Que com o braço, e valor dos Portugueses
Queriaõ pór Castella a ferro, e fogo
Mas vendo as amisades, e liança
Naõ querem mais com os nossos vesinhança.

Iá

Iá naõ trataõ do bellico apparato
Os aduerſarios Reys, antes de aſſento
Daõ comprimento ás forças do contrato
A que tem dado já conſentimento
Ambos cuidaõ que compraõ bem barato
O deſcanço, com leue fundamento,
Contente cada hum ſe torna, e ledo
Hum a Rio maior, outro a Toledo.

Mas pouco o Rey Ioaõ ſe detiuera
Na cidade real que o Tejo banha
Quando a Rainha em Cuelhar fallecêra
Com ſentimento, e dor de toda Heſpanha
Em breue tempo a perda recupera
O que nella naõ ſente a dor tamanha
Que logo ao Portuguès legados manda
Noutra para elle aſſas doce demanda.

Procura confirmar noua amiſade
Que ſeja herdeiro, e genro de Fernando
Em lugar de ſeu filho a cuja idade
Conuinha eſtar mais annos eſperando
Lianor que já tinha eſta vontade,
E o Rey que era mudauel, leue, e brando
Conſente nella: o outro já ſe apreſta,
E a corte ſe desfaz em goſto, e feſta.

Os guerreiros tambores que incitauaõ
As luſtroſas, e armadas companhias
Iá com ſom differente ſe tocauaõ
Para contentes jogos, e folias
As canoras trombetas celebrauaõ
Pazes, contentamentos, e alegrias
As armas, os cauallos, e os arreos
Seruem de canas, juſtas, e torneos.

Mas cada hũ dos Reys vai contra o q̃ deue
Contra os tratos jurados que eraõ dantes
Que a Princesa innocente viuos teue
Por maridos hum Duque, e tres Iffantes:
Iulga isto o Rey Ioaõ por culpa leue
Que a cobiça as naõ faz muito importantes
E Fernando naõ tem por marauilha
Procurar muitos genros á huma filha.

Iá nos vesinhos reynos se publica
O casamento, já se alegra tudo
A Castelhana gente alegre fica
Mas triste em Portugal qualquer sesudo:
Se hum ao gosto do Rey e amor se aplica
Outro anda em confusões suspenso, e mudo
Temendo a sujeiçaõ do jugo alheo
Que lhe antecipa em sombras o receo.

Cada hum consigo em vaõ tem differença
Mas Ioaõ encurta prazos ao concerto
Que succede a Fernando huma doença
Que o faz estar da vida muito incerto:
Eis que a Rainha incauta sem detença,
Que pós o reyno só em tanto aperto
Para Eluas leua os grandes, e os do pouo,
Que quer jurar o Rey Principe nouo.

Ioane a Badajoz alegremente
Vem aonde logo as pazes saõ juradas
Que como se ordenáraõ facilmente
Leuemente depois foraõ quebradas;
E ainda que enfermo o Rey ficaua ausente
Naõ faltaõ cerimonias custumadas
Nos reaes desposouros que Leonora
Melhor as ordenou, que se o Rey fora

O dia

O dia do maior contentamento
Iunto á mesa del Rey da maõ direita
(Fóra muitas que tinha o aposento)
Outra estaua mais baxa, e mais estreita,
Aonde por foro, e por merecimento
Que sempre em tais lugares se respeita
Tinhaõ muitos assentos assinados
Os de hum, e doutro reyno mais honrados.

Nuno Aluares entre elles lugar tinha,
E o valeroso irmaõ Fernaõ Pereira
Por ordem, mando, e gosto da Raynha
Que os custumaua honrar desta maneira:
Porém como a vontade com que vinha
Naõ era em nenhum delles mui ligeira
Chegaõ taõ tarde aly, que os dos assentos
Nem lugar querem dar aos comprimentos.

Succedeo-lhes de modo que chegáraõ
E nenhum para ouuilos volta o rosto
Antes com os olhos baxos se inclináraõ
Cada hum muito arrogante no seu posto;
Mas a seu pezar logo os leuantaraõ
E acharaõ na comida pouco gosto
Que Nuno do jantar fez pouca conta
Mas pagou-lhe o desprezo com hũa afronta.

Perto da mesa a elles se chegou
Nenhum delles fallou, e a nenhum falla
O seu pé nos da mesa atrauesou,
E deu com ella em pezo sobre a sala;
Ao grande estrondo o Rey se leuantou,
E toda a gente áquella parte abala,
Mas Nuno com o irmaõ de espasso volta
Sem fazer conta alguma da reuolta.

Quem

Quem vio ja neſtes jogos cuſtumados
A que mais ledo o pouo ſe conuida
Cahir entre os riſonhos deſcuidados
A Pedra que de longe vem perdida;
Que todos feruem logo leuantados
Olhando o que ſe aqueixa da ferida
Eſpantado cada hum deſta arte vira
Sem ſe ver mais que a meſa que cahira.

O Rey bem deſejou ao deſacato
Dar em publico aly logo caſtigo
Mas por conſelho entaõ teue recato
De naõ pôr a juſtiça em mór perigo;
Aſſentou que era o preço mais barato
Diſſimular a offenſa ſó conſigo,
E informado da cauſa que o mouéra
Menos eſtranha o effeito que fizera.

Quem por ſatisfazer á ſua offenſa
(Diſſe o Rey) pós a vida em tal perigo
E teue em pouco aqui minha preſença
Muito mais teme afronta que caſtigo:
Muito atreuido foi neſta licença,
Mas de honra deue ſer mui grande amigo
E o que por ella a tanto ſe auentura
De grandes eſperanças me aſſegura.

Sem ouuilo os Pereiras partem logo
Para ás terras que regaõ Douro e Minho
Abrazado Nunalures no ſeu fogo
Por ver leuar ao reyno tal caminho;
Iulga aquillo que fez por graça, e jogo
Sendo o Rey Caſtelhano tam veſinho
Que a vontade que tem moſtrar deſeja
Naõ ja na meſa em paz, mas na peleja.

Chega

Chega com o forte irmaõ em companhia
A aquelle desejado, e doce assento
Enchendo o rosto, e olhos de alegria
Que na partida encheo de sentimento;
Lagrimas Lianor lhe offerecia
Daquelle desigual contentamento
Que como eraõ com gosto derramadas
Dauaõ mais graça âs faces delicadas.

Aly suspende as armas, e descança
Nos braços da gentil bella Lionora
Que em tam compridos tempos de esperança
Sua ausencia, e perigos sente, e chora
Aly de seus cuidados faz mudança
Aonde tudo se rende, e se namora
Com a fermosa filha a quem quer muito
De tam ditosas plantas bello fruito.

Em tanto, he ja jurado o Castelhano
(Que vai de industria as cousas apressando)
Por successor do reyno Lusytano
Como faltasse a vida ao Rey Fernando;
Mas porque Portugal ja sente o dano
Que vai destes contratos grangeando
Com varias condições se persuade
A fim de viuer sempre em liberdade.

E eraõ que se ao Rey tras deste intento
Primeiro a Parca a vida lhe cortasse
A Rainha Lianor no mesmo assento
O Portugues imperio gouernasse;
Até que o Rey Ioaõ do casamento
Ouuesse filho herdeiro que ficasse
Rey natural ao pouo Lusytano
Sem que admitisse o cetro Castelhano.

Fir-

Firmes eſtes contratos, e cautella
O Rey para ſeus reynos encaminha
Beatriz vai Raynha de Caſtella
E contente ſe parte a mãy Rainha;
Mas como a venturoſa ſua eſtrella
Com tanta gloria o curſo feito tinha
Pouco tempo deſcança e goza, quando
Tambem parte da vida o Rey Fernando.

Quantos enleos, trocas, e mudanças
Faz huma meſma idade em poucos annos
Que cobre de floridas eſperanças
Que deſcobre de enleos, e de enganos?
Ah fortuna cruel que naõ deſcanças
De encontrar o ſocego dos humanos
Que eſtreita conta tomas do que entregas?
Quanto dâs? Quanto tiras? Quanto negas?

Fauoreceſte aquella fermoſura
De Lianor que humana era e celeſte
Com amor, e com hum Rey lhe dás ventura
E outro Rey dás á filha que lhe deſte:
Como eſte bem tam pouco eſpaſſo dura
Se para elle, mudauel, a eſcolheſte?
Ia lhe tiraſte o mais que lhe tens dado
Cedo lhe tiraràs honra, e eſtado.

Mas ella que naõ ſabe o teu cuſtume
Menos lhe peſára do ſuccedido,
Que já podéra ſer que aſſi preſume
Ser Rainha a ſeu goſto ſem marido,
Quem tevé de mais alto perde o lume
Da razaõ quando attenta a ſeu partido
Mas naõ tyranna, e má quem te conhece
No que eſperou, perdeo, teue, e padece.

O

O castelhano Rey quando imagina
Que lhe adquires hum Reyno prometido
Lhe mostrarás no seu perda, e ruyna
Com tanto sangue illustre desparzido:
O que em ti assegurar-se determina
Se verá facilmente destruido
Quem pode esperar falsa que lhe acudas?
Se quando fauoreces já te mudas.

Em fim tambem o teue o triste pranto
Ou fosse a dor fingida, ou verdadeira
Veste o reyno de escuro, e negro manto,
Quebra-se o escudo, arrasta-se a bandeira:
Em Santarem no templo nobre, e santo
Do que por humildade verdadeira
Das chagas de Iesus mostra a figura
Lhe deu o reyno illustre sepultura.

Para ás reaes exequias saõ chamados
A Lisboa por cartas da Raynha
Os Condes, ricos homés, e os Prelados,
E os vassallos que o reyno em conta tinha
Ia do Douro deixaua os verdes prados
Nuno Aluares Pereira, e tambem vinha
Obrigado da carta, e do que deue
Ao Rey que em tanto a seus principios teue.

Triste polo Senhor que entaõ perdia
E confuso de ver o que esperaua
Ia da amada mulher se despedia
Que a volta com mil rogos lhe apressaua;
Trinta bons escudeiros que trazia
Todos consigo armados os leuaua
Muita gente de pé, com armas toda
Tal nas exequias vai, qual foi na voda.

A

A' cidade chegou da mesma sorte
Beija a maõ à Raynha naquella hora
Espanta-se de vello toda a Corte
Que nenhum a tal auto armado fora;
Mas ella que do Rey na vida e morte
Tam cautelosa foi como Senhora,
O recebe com nobre acolhimento,
Sem mostrar que lhe entende o pensamento.

Foi no melhor da Corte aposentado
Como era a seu valor conueniente
Mas hum corregedor pouco auisado
De quanto he mal sofrida a forte gente,
Por dar a hum coresaõ bom gasalhado
Foi mais do que conuinha diligente
Que huns escudeiros bons mudar queria
Dos que Nuno vem na companhia.

E estes que tinhaõ menos de sofridos
Do que de valerosos, e esforçados
Antes quiseraõ ser mal recebidos
Que estar na Corte mal aposentados;
Arremetem reuoltos, e atreuidos
Com elle, e com os ministros, e criados
E até ao paço aos golpes o trouxeraõ
Aonde fugindo às casas se valêraõ.

Sem folego chegou junto á Raynha
O que tam mal os seus agasalhaua,
Ella que ouuio gritar, e o vio qual vinha
Do reboliço a causa preguntaua:
Elle que ainda nem cor, nem sangue tinha
O que lhe acontecéra aly contaua,
E entre os queixumes vaõs que repetia
Estas, e outras palauras lhe dizia.

Escu-

Eſcudeiros ſenhora de tal raça
E em defender a caſa tam ligeiros
Naõ veſtiraõ ja mais ferro, e couraça
De quantos arma Heſpanha cavalleiros;
E bem me affirmo eu que em larga praça
Quinhentos de tam fortes eſcudeiros
Sós podem pelejar contra Caſtella
E dar a voſſa Alteza conta della.

Fora eſtou ja do dano, e do perigo
Que voſſa alta preſença me aſſegura
Mas quem os vira enuoltos vir comigo
Iulgàra que eſcapar foi graõ ventura:
Tratai ſenhora agora do caſtigo
Porque eu ſó quero a vida ter ſegura.
Ella que occaſiaõ, e o tempo entende
Abranda, e naõ caſtiga, nem reprende.

Nuno que diſto eſtaua deſcuidado
Moſtra logo á Raynha quanto o ſente,
Mas noutra pretençaõ anda enleuado
Que mais confuſo o tras, mais deſcontente:
Vê o pouo a mil partes inclinado,
O juizo entre os grandes differente,
Rebeldes diuiſoens, ſecretas juntas,
Varios os pareceres, e as preguntas.

Hum diz que tudo he vaõ quanto imagina
Quem naõ ſe inclina á parte Caſtelhana,
Outro ſe deſeſpera, e deſatina
Porque a patria ſe offende, e ſe profana:
E ſuſtentar té á morte determina
A liberdade antiga Luſytana
Qual mouido de amor, qual da cobiça
Confundem os reſpeitos, e juſtiça.

Eſte

Efte diz que fe guarde o juramento,
E o contrato dos Reys firme, e feguro
Eftoutro, que era injufto, e fraudulento,
Porque o ir contra a patria he fer perjuro:
Cada hum bufca a feu erro o fundamento
E pinta em fombra as coufas de futuro
O reboliço em todos he fobejo,
Mas nenhum manifefta o feu defejo.
Qual pola primauera doce, e branda
No valle de mil flores femeado
O vagarofo Enxame fe defmanda
Com hum murmurio inquieto, e empeçado:
Tecem as aues de huma, e doutra banda
Encontraõ-fe no ar com feu cuidado
Affi andaua o pouo differente,
Solicito, inquieto, e defcontente.
Mal fofre o que viueo com liberdade
Ver que ha de fuftentar o jugo alheo
Mas o que nam grangea efta vontade
Disbarata em mil outras o receo:
A muitos a efperança perfuade
De que tem Leonora o reyno cheo
Que o intereffe encobre a qualquer erro
E com arte, e poder fe doura o ferro.

CAN-

CANTO VI

Nuno Alures Pereira vendo os Portuguefes diuididos, fegue a parte de dom Ioaõ Meftre de Auis, que determina defender a liberdade da patria: O Meftre lhe communica feus deffenhos: Trataõ ambos a morte do Conde de Ourem, que por outro confelho fe differe: O Prior do Crato fe vai para Santarem, e Nuno Alures tras elle: Aly lhe conta huma donzella a defeftrada morte do Conde. Hum Alfajeme lhe pronoftica auer de ter o mefmo Condado: O Prior declara feu intento, que he feguir a parcialidade da Raynha: O irmaõ o defengana, e fe vem pera o Meftre a Lisboa.

DEpois dos funeraes, triftes cantares
Da Effa altiua, e pompa lagrymofa,
Quando para os caftellos, e lugares
Se recolhia a gente poderofa;
Depois de alguns juizos fingulares
Em que eftá toda a terra duuidofa
Vindo á publica praça a differença
Cada qual forma a caufa, e dá fentença.

Parte-fe o pouo em bandos differentes
Huns ao Meftre de Auiz feguir procuraõ,
Outros da bella Ines os defcendentes,
Que inda no Reyno alheo fe affeguraõ;
Mas como he melhor caufa a dos prefentes,
Com o Meftre a todo o rifco fe auenturaõ
Que era benino, oufado, e valerofo
Filho de Pedro o forte, e jufliçofo.

Affi

Assi sèm respeitar modo ou cautella
Com a vontade por ley, a gente ousada
Só quer a liberdade, e defendela
Pollo ferro da lança, e polla espada;
Outra seguindo a parte de Castella
A que a força mayor está inclinada
Da Rainha Lianor fazem cabeça
Para que o reyno enuolto lhe obedeça.

Qual no Romano imperio diuidido
Polla morte de Iulia que pudera
Ter de huma parte o pay, doutra o marido
Com que Roma em seus annos florecêra;
Com armas, e rezões, fero atreuido
Cada hum defende a causa que escolhèra,
Assi andaua o Lusytano pouo,
Elegendo por armas ao Rey nouo.

No meo desta furia naõ sabia
Determinar-se o forte Nuno, quando
Da parte Castelhana os grandes via,
E o pouo repartido doutro bando,
Em huma sala só andaua hum dia
Com estes pensamentos passeando
Descontente, confuso, e enleado
De ver a patria em tam confuso estado.

Depois de ter mil cousas discurrido
A Deos reméte o fim que naõ lhe achaua,
De amor do patrio reyno commouido
Pollo successo mao que lhe esperaua:
Quando de noua luz do ceo ferido
O sentido perdeo de donde estava,
E de inclinado assi lhe parecia
Que huma voz a seus ditos respondia.

De

De que te cansas Nuno? Que te alteras?
Que ordenas? Que imaginas; que te engana?
Se aquillo em que tam triste consideras
Naõ no gouerna o ceo por traça humana:
Se só nelle confias, nelle esperas,
Tem destinado a ordem soberana
Que sejas tu por quem se restitua
O antigo louuor da patria tua.

A defensaõ terá do reyno amado
Aquelle cujas armas venturosas
Te viraõ por seu bem primeiro armado;
Em sinal de vitorias gloriosas,
Este o escudo do ceo a Affonso dado
Com as cinco quinas santas tam famosas,
Que nunca a cor do ceo, e o seu ser perde
Depois leuantará sobre a cruz verde.

Rey do nome presago que primeiro
O mudo Zacharias escreueo,
Quando o Precursor santo do cordeiro
De Elizabeth esteril lhe naceo;
Que tambem por mysterio verdadeiro
E milagre que ordena o justo ceo
O nome deste, a que elle mais se inclina
Cedo dirá do berço huma menina

Morrerá á ferro o Conde miserando
Que a seu fauor dobrado o cetro tinha
Causador dos descuidos de Fernando
E hoje dos vaõs cuidados da Raynha;
E tu irás teu sangue eternizando
Dando aos futuros Reys ditosa linha,
Depois que este na terra aleuantares
Com braço ousado, e feitos singulares.

A tais

A tais palauras Nuno estremecendo
Tornou em si com leda fantesia,
Com os olhos foi aos ares reuoluendo
Por ver quem lhe falaua, e quem o ouuia:
Naõ vio mais que o lugar que estaua vendo,
E huma luz que entre as nuuẽs se escondia
Ficou confuso entaõ; porem mais ledo
Vai descobrindo o fim deste segredo.

Lembrando-lhe as ricas armas que vestira
Do valeroso Mestre dom Ioaõ
Filho de Pedro o duro, que ante vira
Neste o cetro real cahindo entaõ:
E inda que da herança o reyno o tira
Por filho natural, ao morto irmaõ
Tanto excede em valor, e em fortaleza
Que está por elle a mesma natureza.

Ia deste pensamento satisfeito
Deixa Nuno os irmãos, e busca o tio,
Porque he do Mestre amigo mais estreito
Que lhe deseja mando, e senhorio:
Descobre-lhe o que tem dentro em seu peito
A quem nunca o temor fez lento, e frio
O' quanto Ruy Pereira isto festeja
Que he o mór gosto, e gloria que deseja.

Ficou o velho illustre tam contente
Do que lhe o bom sobrinho communica,
Que ao Mestre vai buscar mui diligente
Tudo lhe manifesta, e lhe publica;
Elle que ha muitos dias que consente
Nesta mesma esperança, alegre fica
Nuno alures chamar manda sem detença
Que naõ esperou mais que esta licença.

E

E depois que entre os braços recebeo
Aquelles seus, que acháraõ tudo estreito,
Nuno nestas rezões lhe offereceo
O coraçaõ leal, e o forte peito;
Em quanto alto senhor sustenta o ceo
Vosso desejo, e vos nosso direito
O nome, a honra, e vida que sustento
Estaraõ sempre a vossa mandamento.

Sou Portugues, e o nome só me obriga
A naõ consentir nelle o jugo alheo,
E polla patria, e liberdade antiga
Perder com honra a vida, e sem receo,
Naõ mo deueis a mim quando eu vos siga
De meu sangue, e razaõ, do ceo me veo
Este cuidado, e a vos fico deuendo
Serdes o defensor do que eu defendo.

Que quando outra razaõ lugar primeiro
Tiuesse de obrigar-me, que esta minha
Ingrato fora, e pouco verdadeiro
Se naõ seguisse as partes da Rainha;
Ella me armou na terra cauallciro
Casou-me, deu-me a honra, e bens que tinha
Seu fui, que esta razaõ negar naõ posso
Mas o ser Portugues me fez ser vosso.

Segui claro senhor tam justo intento
Hide a diante assi naõ temais nada
Metei no mór perigo o pensamento,
Que eu lhe abrirei caminho com a espada
Com ser este somente me contento
Do Reyno, nem de vos naõ quero nada
Quisera daruos mais do com que venho
Mas douos quanto posso, e quanto tenho.

A isto contente o Mestre respondia
Prendendo-o pollas mãos amigamente
Valeroso Nuno Alures, quem creria
Menos de hum cavalleiro tam valente;
A vos só desejaua, e só temia,
Iá de vos, e de mim fico contente
Que o coraçaõ na vista me mostraua
Que naõ sem causa ha muito vos amaua.

Como em vos natural esse desejo
Assi o foi em mim, e essa vontade
Naõ pretendo ser Rey, nem o desejo
Mas defender do reyno a liberdade;
Nem me esquecerá nunca a que em vos vejo
Chea de tanto esforço, e lealdade
No gouerno, no mando, e no perigo
Me auei por companheiro, e por amigo.

Tras isto lhe foi dando larga conta
Dos meos que tomaua nesta empresa
De quam pouco o poder, e esforço monta
Seu; se o contrasta a gente Portuguesa
Tanto sente Nunalures esta afronta
Quanto mostraua o Mestre que lhe peza
Com razões hum ao outro se animauaõ
Para o feliz successo que esperauaõ.

Consideraõ tambem que he necessario,
Para a quietaçaõ que o Reyno nega
Dar morte occulta ao Conde ingrato, e vario
A quem Lianor incauta, a causa entrega:
Que tem por certo o pouo temerario
Que era por seu querer perdida, e cega,
Com infamia do enfermo Rey passado
Por seu remisso engano mal julgado.

E

E porque já Nunalures publicára
Ao tio, o que entaõ traz mais na vontade,
E o Mestre tinha proua viua, e clara,
De seu esforço, animo, e verdade;
Depois que tudo conta, e lhe declara,
Com mui poucas razões o persuade,
Que busque gente amiga, e que o socorra
Para que ás mãos de Nuno o Conde morra.

Assentado ficou que no outro dia
Com a mais gente armada que pudesse
O cauteloso Conde mataria,
Sem que a Rainha a tempo lhe valesse:
Nesta tençaõ Nunalures se partia
Porque o Mestre no feito o conhecesse
Escolhe dentre os seus sem nenhum medo
Os homens de mais feito, e mór segredo.

Porem depois de estar apercebido
Para acudir ao prazo concertado,
Por recado do Mestre foi detido
Que he já doutros conselhos atalhado;
Elle destas mudanças mal sofrido
Sem dar outra reposta a tal recado
Atras do irmaõ Prior as redeas vira
Que da Corte sem vello se partira.

Nas exequias do Rey tambem se achara
A quem deuia amor, e sentimento,
E com o valente irmaõ se visitára
E outro que aly se achou ao saimento;
E sem se ver com Nuno se apartára,
Porque tinhão diuerso o pensamento
Mas em Ponteual logo de ligeiro
O alcança o nosso ousado caualleiro.

De nouo alegremente ſe abraçârão
E foi encontro a todos opportuno
Com amoroſo intento ſe ajuntarão
Pedro o Prior, Diogo o forte, e Nuno;
Porem muy pouco eſpaſſo deſcanſarão
Com hum recado, que aos dous era importuno
Que do Rey dom Ioão mandado vinha
Com o meſageiro, e cartas da Raynha.

Trazia a embaixada hum capitão
Que então ſeguia as partes de Caſtella,
Que o Prior recebeo com huma affeição
Que moſtraua a que tinha ás couſas della:
E deſcobrindo logo o coração
Sem vſar de reſpeito ou de cautella,
Todos os caualleiros que aly erão
Com ira, e ſentimento ſe mouerão.

Dentre elles ſó Nunalures ſe atreueo,
E fallou ao Prior deſta maneira
Sempre ſenhor, e irmão me pareceo
Que eſta lança por vos foſſe a primeira,
Mas ſe elle rogo injuſto vos moueo,
E eſſas promeſſas vãs, o ceo não queira
Que eu veja em voſſo ſangue tal fraqueza
Contra a razão, e a ley da Natureza.

Se o Meſtre dom Ioão guarda, e defende
Ao reyno a liberdade, e ſeu direito
De cujo valor, e obras bem ſe entende,
Que ſegue o modo em tudo mais perfeito
Não deueis de admitir quem ſó pretende
Portugal a Caſtella andar ſugeito,
Libertemos a terra que habitamos,
Ou viuamos iſentos, ou morramos.

Cheo

Cheo de ira o Prior lhe volta o rosto,
E diz que razaõ tem? que entendimento?
Quem por obederer ao proprio gosto
Desencaminha assi seu pensamento?
Que engano he esse irmaõ, em que estais posto.
Que força o mestre tem? que fundamento?
Que fauor, que justiça, e que bom meo
Para tyrannizar a hum reyno alheo?

Temos Rey poderoso, e verdadeiro
Que os mais de vos por Principe jurastes
Ioaõ que he de Fernando claro herdeiro
Casado com Beatriz que sempre honrastes;
Se vos mudais agora de ligeiro,
Porq̃ em vaõ com o de Auis vos conformastes
Cedo vereis com elle o desengano
Se armado dece a nós o Castelhano.

Naõ respondeo Nunalures; de improuiso
Manda vir o cauallo, ardendo, parte
O prior vai tras elle sem juyzo,
Por poder inclinalo da outra parte;
A Santarem chegàraõ; que diuiso
Tambem em bandos varios se reparte
Cada hum de razões nouas se aproueita,
Hum offerece estados, outro engeita.

Ao outro irmaõ que tinha commcuido
Nuno em Santarem cada hora ensaia,
E sem nunca apartar disso o sentido
Passeando ambos vaõ junto da praia,
E porque o nobre animo atreuido
Nas arduas esperanças naõ desmaia,
Diogo nas de Nuno bem consente
Naõ sómente inclinado, mas contente.

Com-

Communicando andauaõ o ſeu deſejo
(Que animos juuenis, orna, e recrea)
Por onde alcantilado o doce Tejo
Vai fazendo huns ilheos de branca area:
E aonde com ſocego, e com deſpejo
As ſalgadas enchentes naõ recea,
Viraõ vir em galope hum eſcudeiro
No cauallo canſado, e naõ ligeiro.

A's ancas tras o moço huma donzella
Com mui ricos veſtidos, mal ornada,
Que a elle, e aos arções da eſtreita ſella,
Vem na furia dos ſaltos abraçada:
E alem do parecer gentil que ha nella
Vem de córadas rozas afrontada
Deſcompoſto o cabello creſpo, e louro
Entre hum toucado ſeu de menor ouro.

Ou que a fermoſa viſta os obrigaſſe
Ou que os moueſſe entaõ corioſidade
Ao eſcudeiro mandaõ que eſperaſſe
Que ao bom cauallo faz niſto a vontade:
Preguntaõ-lhe quem era e que contaſſe
Se traz aquella dama em liberdade,
Porque ſe aggrauo, ou força padecia
Ante elles com a vida o pagaria.

Elle que a dom Nunalures reconhece
Enleado ficou, e duuidoſo
Do que ha de reſponder entaõ ſe eſquece
Que quanto dizer pode he perigoſo:
Mas primeiro a donzella ſe offerece
Segura no ſeu roſto fermoſo,
Que de lagrimas cheo, e de brandura
Culpaua dante maõ logo a ventura.

E

E como o que inda a cauſa lhe dohia
Da lagrimoſa hiſtoria que contaua,
Primeiro mil ſoſpiros deſpendia,
Entre as cuſtoſas perlas que choraua:
Famoſos caualleiros, lhe dezia,
De quem ſempre a ventura ſeja eſcraua
Eſta que aqui me tras, como naõ deue
Iá em meu fauor ſeu vario curſo teue.

Mas como o ſeu poder foi ſempre eſcaço,
Para ſuſtentar bens em grande altura,
E ſempre a inueja eſtende mais o braço
Aonde vê chegar mais huma ventura:
Dos mimos, e delicias que ha no paço
Me traz aonde naõ ſei ſe vou ſegura
Em poder deſte irmaõ, que a vida amada
Pola minha ſaluar leua arriſcada.

Do principio de minha tenra idade
A' Raynha Lianor fui ſempre aceita
Por graça em parecer, e em liberdade
Que em vida corte'am nunca ſe engeita;
A vida tiue ſempre da vontade
Que eſta a nenhuma outra era ſugeita,
E a fermoſa ſenhora a quem ſeruia
Como a ſeu proprio goſto me queria.

De mim fiaua acenos, e recados,
Ou foſſe amor de ſiſo, ou foſſe graça
Eu era a ſecretaria dos cuidados
Que hoje o vulgo indomauel trouxe á praça:
O toque dos galantes, e auiſados
Era eu, que a ſorte agora me ameaça,
Que á viſta do perigo, e dano alheo
Crece em muitos culpados o receo.

Amaua

Amaua (como agora he conhecido)
A Raynha Lianor a hum eſtrangeiro
Galego a eſtes reynos acolhido
Cōmmumente chamado, o Conde Andeiro:
Corteſaõ, gentilhomem, bem nacido
Mais aſtuto, que ouſado caualleiro,
Tam mimoſo del Rey, tam ſeu priuado
Que o Condado de Ourem lhe tinha dado.

Ou foſſe que Fernando aſſi pagaſſe
O peccado que tinha commetido,
E por hum eſtrangeiro a hum Rey deixaſſe
A que elle deixar fez ao ſeu marido:
Ou que amor por cuſtume lhe tiraſſe
A honra, e do lugar todo o ſentido,
Tam publico iſto a todos parecia,
Que ſem temor, e eſpanto ſe dizia.

Morreo elle, e quiçais imaginaua
Que viueſſe Lianor mais liuremente,
Se o ſeu Reyno, e vaſſallos gouernaua
Polo Conde de Ourem liure, e contente:
Mas como ha muito ja que lhe eſperaua
A que durauel bem nunca conſente
Cahio aos pés da roda da fortuna
Nos bēs varia, nos males importuna.

Eſta noite paſſada (ah triſte ſorte)
Que bem foi para mim cruel, e eſcura
Teue o eu Conde ante ella amarga morte
E inda naõ terá agora a ſepultura:
Ontem fez termo a Portugueſa Corte
E faltou nella toda a fermoſura,
E eu perdi ſer amada, e ſer querida,
E bem ſerá ſe inda poupaſſe a vida.

Eſſe

Esse mestre de Auis, que ha tantos annos
Que nella conheceo odio immigo
Para que seu intento, ou seus enganos
Teuessem melhor fim, que ella castigo;
Com alguns que o seguiaõ, pouco humanos
Cobiçosos de sangue, e de perigo
Com muita gente, occultamente armada
Entrou no paço a hora desusada.

Entraõ de noite os feros homicidas
Os porteiros encontraõ, e os desuiaõ,
Polas portas se vaõ naõ defendidas
Mouendo as armaduras que encobriaõ;
E com o lume das tochas offendidas
As laminas, e as malhas reluziaõ
Por entre as vestiduras dos soldados,
Enchendo de temor aos descuidados.

A Rainha a tal tempo sem receo
Enleada ficou vendo o cunhado
Que com a cortesia, e termo alheo
De imigo, encobre intento tam danado:
Ella pouco segura neste enleo,
Que mal socega o animo culpado,
Com o grande sobresalto o peito frio
Perdeo do rosto a cor, a fala, o brio.

Nisto os do Mestre entráraõ sem mais tento
Porque os guardas das portas naõ valeraõ
Na camara real, que era aposento
Aonde entrada igual nunca teueraõ:
Lianor humilhando o sofrimento
Com mortaes sobresaltos que a moueraõ
A cor do rosto palida, e defunta
Da nouidade a causa lhe pregunta.

Elle

Elle com razões friuolas se escusa
Hora a tempos se cala, hora responde
Entre ambos era a pratica confusa,
E junto a ella estaua o triste Conde;
A' parte o Mestre o chama, e naõ recusa,
(Que quem fugir naõ pode mal se esconde)
Inda que o coraçaõ presago e certo
Lhe està mostrando a morte de tam perto.

Noutra camara entráraõ juntamente
Qual conuinha a materias de segredo,
E o Conde que seu mal conhece, e sente
As palauras erraua já com medo;
Mas em vendo o lugar conueniente
O deshumano Mestre ousado, e ledo
Com o punhal sem piedade, e sem respeito
Com o nome de traidor lhe passa o peito.

Cada hum dos conjurados logo occorre
Ao lugar que lhe fora encomendado
Ninguem ao Conde misero soccorre
Que cae em roxo sangue atrauessado:
Com o nome de Lianor fallando morre
E o retrato no peito traspassado,
O' hora triste, ó noite negra, escura
De treições e de enganos sepultura.

Aquelle reboliço tam medonho
Temerosa a Raynha áleuantou
Como quem de profundo, e triste sonho
Entre os braços da morte despertou;
Em gritos rompe a voz com som tristonho
Soccorro pede e vendo que faltou
Ao já defunto Conde a voz, e a vida
Tambem julgaua a sua por perdida.

E

E em fim como mulher que a natureza
Fez de animo ſugeito, e abatido
Da dor vencida, e miſera fraqueza
Para eſcapar procura algum partido;
Fugir he vaõ, que eſtá cercada, e preſa
Entre o pouo cruel, e indurecido
De que a ninguem perdoa, a cega furia
Sem perder vida; ou receber injuria.

Manda pedir ſoccorro ao inimigo
Pondo-lhe a honra, e a vida na vontade
E com as que entaõ tinha aly conſigo
Iá lhe naõ pede mais que a liberdade;
Elle a aſſegura em vaõ de ſeu perigo
Mas tam mal com temor ſe perſuade
Que hum rumor vaõ que fere a leue porta
Caie, deſmaia, e fica fria, e morta.

Neſte tempo huma voz bradando ſoa
Sobre hum cauallo corre eſte pregaõ
Polas praças, e as ruas de Lisboa
Mataõ no paço o Meſtre dom Ioaõ;
Tambores ſe ouuem, guerra ſe apregoa
Com grande eſtrondo, e grande confuſaõ
Cercaõ de gente armada o paço logo
Nas portas prouaõ ferro, e chegaõ fogo.

Aly a furia eſtranha ſe acrecenta
Das gentes pelo Meſtre amoutinadas
Cada hum rompendo as portas arrebenta
Que os da conjuraçaõ tinhaõ fechadas;
Como os vencidos d'agoa, e da tormenta
Bradaõ decendo as vellas deſpregadas
Aſſi ſe ouuem debaixo os alaridos
Do paço os ais, ſoſpiros, e os gemidos.

Nem

Nem na noite fatal em que as eſtrellas
Por naõ ver arder Troya ſe eſcondéraõ
Quando de Priamo as donas, e as donzellas
Entre as chamas de Grecia perecéraõ:
Se ouuiraõ mais ſoſpiros, mais querellas
Das que no paço aquella noite deraõ
Vendo já arder as portas, e entre a chama
Morraõ, morraõ, ſómente o pouo clama.

Dai-nos o Meſtre, huns dizem blasfemando
Da miſerauel dona que o naõ tinha;
Morra Caſtella, os outros vem bradando
Morra o Conde de Ourem, morra a Raynha;
Vingança polo incauto Rey Fernando
Gritando doutra parte hum tropel vinha,
Morraõ traidores, morraõ, grita o pouo
Viua o Meſtre de Auis noſſo Rey nouo.

Naõ ha contra eſta voz razaõ que valha,
Que jà do paço algumas lhes diziaõ
Porque com mór eſtrondo, e mór baralha
Os brados reuoltoſos tudo enchiaõ;
Té que chegando o Meſtre, a tudo atalha
As vozes ſocegando; dos que o viaõ
Com ſua falla a todos aquieta
Branda, amoroſa, afabil, e diſcreta.

A huma janella armado appareceo,
E alguns dos ſeus tras elle ſe aſſomáraõ
As graças brandamente offereceo
Aos que polo ſaluar ſe amoutináraõ;
E como apparecendo o ſol no ceo
Ao ar as negras ſombras deſempáraõ
Aſſi deixando a porta o feroz bando
Dece o nome do Meſtre appelidando.

Daly

Daly com fauor barbaro indomado
Polas ruas o ar tremendo atroa;
Morre de huma alta torre derribado
O miſerauel Biſpo de Lisboa,
E hum homem de que eſtaua acompanhado
Sem offenſa do Meſtre, ou da coroa
Que para perecer em tanto dano
Baſtou-lhe auer nacido Caſtelhano.

Eſte eſtranho temor, eſte alarido
Mouia os fracos peitos das donzellas
Temendo daquelle impetu atreuido
Que naõ paraſſe aly ſem dano dellas:
Qual procura o lugar mais eſcondido,
Qual acode a fugir polas janelas,
Qual com o ſangue do roſto a cor perdida
Cae dos brados vãos eſmorecida.

Eu que com razões móres me temia
Do perigo que em mim mais certo eſtaua
Camaras, e retretes reuoluia
Por ver ſe em algum delles vida achaua;
Deſte irmaõ finalmente me valia
Que a meus ſuſpiros triſtes perto eſtaua,
E tomando por capa a noite eſcura
Puſemos logo as vidas na ventura.

Eſta he a preſſa, e cauſa com que venho
Dos riſcos que paſſei tam offendida
Que aqui ſe hum breue eſpaſſo me detenho
Neſſe imaginarei que perco a vida;
Se he de tais caualleiros o deſſenho
Dar fauor a huma dama perſeguida
Naõ me detenhais mais, dai-me licença
Pois tenho o mòr perigo na detença.

Iſto

Iſto contaua a dama deſcontente
Que entre as razões mil lagrimas derrama
Porem conſolaa branda, e corteſmente
O que por fero ſó nomea a fama;
E ainda que aluoroço, e goſto ſente
No que com tanta dor ſentia a dama
Daua ſinal de magoa naõ pequena
Do que elle ouuio contar com tanta pena.

Peſa-me, diz, ſenhora, que naõ poſſo
No mal que já paſſou dar algum meo
Porém baſtará agora o poder noſſo
A liurar-uos de imigos, e receo:
Se eſte nobre mancebo, e irmaõ voſſo
Que para voſſa guarda atéqui veo
Naõ for baſtante a ter liure, e ſegura,
Voſſa ſoſpeita, e voſſa fermoſura.

Aqui tendes preſentes neſte eſtado
Dous de quem podeis ſer bem defendida
Que ambos temos por ordem profeſſado
Offerecer a damas, braço, e vida
Cada hum de voſſas partes obrigado
Alem de obrigaçaõ tam conhecida
Em voſſa guarda iremos juntamente
Té onde de ficar fordes contente.

Naõ vos offenda a morte fea, e crua
Deſſe Conde a ſeu Rey prejuro, ingrato,
Que nem ſois parte vos na culpa ſua
Nem em ſeu enganoſo, e falſo trato:
Deixai que ao ceo, e á terra reſtitua
Que ainda he a morte hum preço muy barato
E vos enxugai lagrimas ſem fruito
Que em brandos corações produzem muito.

Só da vontade a dama ſe aproueita
Com razões a agradece, e ſe deſpede,
E ajuntando-ſe a ſella mais eſtreita
Ao moço os braços liures lhe concede:
Elle que ainda que irmaõ naõ nos engeita
Aos dous fortes irmãos licença pede,
E com o Tejo por guia, e por veſinho
Vaõ ſeguindo de nouo o ſeu caminho.

Alegre ficou diſto o caualleiro
Diogo mais confuſo, e porém ledo
Que a morte eſcura já do Conde andeiro
Lhe contará o irmaõ muito em ſegredo:
Cada hum vai ao Prior por meſageiro
Cuidando de o dobrar muito mais cedo
Mas tudo perde o preço, e tudo ceſſa
Aonde a cobiça aceita huma promeſſa.

Nuno que em armas ſempre anda cuidando
E com ellas ſómente ſe occupaua
Andára o dia de antes paſſeando
Donde entaõ a donzella ſe apartaua,
E vio a hum Alfajeme pendurando
Huma luſtroſa eſpada que acabaua
Com tal primor polida, e perfeiçaõ
Que lhe fez ter cobiça a guarniçaõ.

Entaõ lhe preguntou ſe ſe atreuia
A lhe guarnecer outra como aquella;
E reſpondeo-lhe alegre que faria
Inda mais atilada, inda mais bella;
Mandou-lhe Nuno aquella que trazia,
E indo-ſe (como ouuiſtes) a donzella
Como o deſejado irmaõ voltando vinha
Sem lhe lembrar a eſpada que aly tinha.

Como

Como os olhos voltou á aquella parte
A vio na porta eſtar bem guarnecida
E tomando-a com brio, graça, e arte
Ameaçou rompendo huma ferida;
Temeo na ſua eſphera o feroz Marte,
O Sol moſtrou na ſua a cor perdida,
Parou hum pouco o Tejo de aſſombrado
Naõ vendo contra qual eſtaua armado.

Da eſpada, e do cuidado ſatisfeito
Mandou Nuno pagar liberalmente
Ao Alfajeme entaõ; que outro reſpeito
Lhe faz que eſpere a paga differente;
Satisfaçaõ ſenhor nenhuma aceito
Diz, nem de vos a quero facilmente
De Ourem tornareis Conde em tempo breue
Pagarmeeis o cuidado que outrem teue.

Sorrindo o cauallleiro lhe tornou
Que aceitaſſe o ſeu premio, mas em vaõ
Porque com taes razões ſe lhe eſcuſou,
Que ſe partio ſem mais ſatisfaçaõ;
A noua ſó que a dama lhe contou
Lhe deſuela, e occupa o coraçaõ
Que de lealdade, esforço, e de honra cheo
Nunca admitio cobiça, nem receo.

Ao Prior deu a noua, que a donzella
Trouxera magoada, e deſcontente
Que admirado ficou ſem poder crella
Por quam mal niſto o goſto lhe conſente;
E depois que em diſcurſos ſe deſuella
Temendo algum ſucceſſo differente
Do pouo ſem reſpeito, e ſem recato
Da nobre Santarem ſe vai ao Crato.

Ten-

Tentáraõ-no os irmãos, mas naõ puderaõ
Naquelle intento ſeu fazer mudança,
E em partindo elle o tempo naõ perdéraõ,
Porque achauaõ perigo na tardança;
Ao Meſtre vaõ buſcar que nelle eſperaõ
Aſſegurar melhor ſua eſperança.
Porem muy pouco eſpaço caminháraõ
Quando com mór enleo ſe apartáraõ.

Que vendo Diogalures que offendia
Ao valeroſo irmaõ que atras deixaua
Em cuja proteiçaõ, e amor viuia
Cuja militar ordem profeſſaua:
A Nuno eſta vontade deſcobria,
E com nouas promeſſas ſe obrigaua
De inclinar ao Prior que eſtaua duro
Com a eſperança incerta do futuro.

Mui cuidadoſo e triſte ſe deſpede,
E volta logo as redeas ao cauallo
Que volte a elle o forte irmaõ lhe pede
Porem nada baſtou para obrigalo;
E aquelle alto valor que nunca impede
Caſo, temor, reſpeito, ou interuallo
Que no ſeu peito viue, e reſplandece
Iá de perigos, já de irmãos ſe eſquece.

Porém deixando a cauſa que moueo
Ao que contra ſeu goſto ſe partia,
E como o Prior logo o recebeo
Com aluoroço eſtranho, e alegria,
Vamos ſeguindo a Nuno que venceo
A que vencéra os dous naquelle dia
Que com os poucos que tinha ſe tornaua
Para a cidade aonde o Meſtre eſtaua.

Contra a fortuna vai determinado,
Que á parte do inimigo volta o rosto
Iá se vê entre os muitos arriscado
E no caminho á guerras já disposto;
Com tudo lhe contenta o seu cuidado
Que nos perigos tem, a vida, e gosto
Iunto de Aluerca passa a noite fria,
E confirmando os seus espera o dia.

Naõ estaua porém certa a pousada
Antes chea de engano: e perigos
Que o que serue a razaõ que he desprezada
Logo acha cautelosos inimigos;
Mas vamos a Lisboa amoutinada
Reuolta entre contrarios, e entre amigos
E as lagrimas ouçamos de Leonora,
Que o seu Conde de Ourem defunto chora.

CAN-

CANTO VII.

Conta-ſe o ſentimento da Raynha polla morte do Conde de Ourem: Sae-ſe da cidade, e faz ſe forte com os ſeus em Alemquer. Dom Nunalures vem a Lisboa: O Meſtre o recebeo com muito aluoroço, e o faz do do ſeu conſelho. Vem a ter com elle ſua mãy com cartas da Raynha para o reduzir ao ſeruiço del Rey de Caſtella, e conuencida de ſuas razões muda o intento: Toma-ſe o caſtello de Lisboa. Nunalures he perſeguido da inueja dos companheiros. Entra o Meſtre em Alemquer, e leuantando o cerco ao caſtello vem a Lisboa. El Rey de Caſtella dece a conquiſtar o reyno por armas: Aſſenta ſeu arreal em Santarem: Deſafia Nunalures ao Conde de Mayorga: O Meſtre atalha o combate, e o manda a Syntra donde traz mantimentos para a cidade, e vai ao Lumiar a buſcar os capitães de Caſtella, que lhos queriaõ impedir.

DAmas, que com o poder da gentileza
Sugeitais ao mais liure entendimento
Que titulo, naõ ha, honra, e grandeza
Que de voſſos poderes ſeja izento:
Porque pagais tam mal á natureza
Hum dote tam fermoſo, entre cento
Naõ ha huma, que a quem ſe vence della,
Naõ ſeja tam ingrata como bella.

Se o engano de voſſa fermoſura
Faz a eſſa condiçaõ ſer tam tyranna
E deſprezais a amor, temei ventura
Que c'o exemplo de tantas deſengana:
Se por ſer ſoberanas na figura
Naõ quereis condiçaõ que ſeja humana
Olhai quantas figuras ſe trocaraõ
De fermoſas, e ingratas que paſſaraõ.

Naõ he conſelho o meu de intereſſado
O rigor mais eſtranho vſa comigo,
Se para hum mal tam doce, e deſejado
Quem naõ mereceo gloria tem caſtigo,
Mas naõ veja de amor mal empregado
Em vos algum tormento, algum perigo,
Que mal ficará delle ſatisfeito
Quem ſabe ſer amante, e ſer ſugeito.

Que razaõ pode dar que leue eſcuſa?
A fermoſa Lianor, que preſo tinha
Hum Rey que o pouo ſeu continuo accuſa,
Porque elle a ſeu peſar a fez Raynha:
Nega as Leyes, e a razaõ ſó buſca, e vſa
A ley que para amala lhe conuinha;
Se ella a tam grande amor tam mal reſponde
Que eſquece hum claro Rey, e eſtima hũ cõde.

Ah damas, que naõ ſei ſe vos reprenda
De tyrannas, crueis, de enganadoras?
Mas como pode ſer, que vos offenda
Quem vos confeſſa, e ama por ſenhoras;
Antes que a juſta Nemeſis entenda
Neſſas partes de tudo vencedoras
Tomai de tais caſtigos nouo exemplo
Naõ ſiruais de trofeos ao ſeu templo.

Qual a era que viueo ſempre enlaçada
Na verde enſinha, ou vlmo na montanha
Que ſendo a caſo a aruore cortada
Que com ſeus ramos orna, e acompanha:
Fica na terra humilde, e deſprezada
Que qualquer vento vaõ, e ſol a acanha
Tal a Raynha eſtaua ſem conforto
Com o matador preſente, o Conde morto.

Mil

Mil ſucceſſos contrarios imagina,
Neſte primeiro aſſalto de ſeu dano
Com dor, amor, e odio deſatina
Ferindo o peito bello quanto humano;
E com razões que o meſmo mal lhe enſina
Vendo o roſto cruel ao deſengano,
A noite em que temia o mór caſtigo
(Como ouuiſtes) falaua aſſi conſigo.

O fortuna cruel, cega, enganoſa
De quem ſempre fiei quantos bens tinha,
Quem me vio nos teus braços tam mimoſa
Quaõ mal crerâ neſta hora a ſorte minha:
De que ſeruia eſtrella tam ditoſa?
O nome, a honra, o trono de Raynha?
Se cae em tal eſtado a minha eſtrella
Que fora mór ventura a de naõ tella.

Que me fica já mais que a vida triſte
Sugeita a mil afrontas, e contrarios,
Iá fora do lugar em que a ſubiſte
Offerecida a perigos neceſſarios;
Com os bens a pouco e pouco me fugiſte,
Deixaſ-me em tantos males, e tam varios,
Leua cruel agora o que me deixas,
Tirar-me-as a razaõ de móres queixas.

Ah grande ſem razaõ da natureza
Só em noſſos reſpeitos encolhida,
Que dê a huma molher tanta fraqueza
Com tais razões para tirar-ſe a vida
Quem vejo? quem me atalha? que me peza,
Mas naõ ha quem atalhe, nem me impida
Senaõ o proprio mal que ſempre ordena
Que dure a vida; para que dure a pena.

Aonde

Aonde me apartarei deste perigo ?
Quem me aconselhará, se he morto o conde?
Porei a honra, e reyno no inimigo,
Que a tençaõ de tyranno nada esconde ?
Esperarei dos fados o castigo ?
Que sempre igual aos gostos corresponde?
Que cautella ha, que termo, ou que bõ meo,
Para vencer a vida, e o receo ?

Se em mãos da cruel Parca a vida vira
Antes que neste trance em que me vejo
A magoa de a perder menos sentira
Que o duuidoso mal com que pellejo :
Como meu sonho vaõ ficou mentira !
Como se tornou em pena o meu desejo
Que farei triste agora sem caminho ?
Que quanto temo entendo que adeuinho ?

Quem viueo já nos males por custume
Nenhum assalto delles nouo estranha,
Que nem espera os bens, menos presume,
E já conhece aquelles que acompanha ;
Ao que viue sem luz offende o lume,
Ao que foi sempre pobre o ouro acanha ;
Ay de quem viueo sempre em tal bonança
Que nunca temeo males, nem mudança.

O enganosa vida a de hum contente,
Que com nenhum cuidado se desuella
Como todos os bens crê facilmente !
Quaõ pouco dos successos se acautella ?
Como se mostra a sorte differente
A quem mais liuremente se crê della ?
Quaõ tarde a conheci ? triste, quaõ tarde ?
Pois naõ posso fugir, e estou cobarde.

Sahi

Sahi lagrimas minhas pouco vſadas
A chorar o rigor de hum ſentimento
Que ſe vos tinha a ſorte repreſadas
Podeis correr agora, cento, a cento:
Ay horas de reynar tam cobiçadas,
Que tiueſtes tam doce o fundamento
Como vos pago agora á mór valia,
Quando eu já naõ cuidei que vos deuia.

Atras deſtas palauras, eſmorece,
E cae ſem ſentir adormecida
Até que o dia alegre lhe offerece,
Remedio, defenſaõ, ſoccorro, e vida;
Que quando o Sol aos montes amanhece
He de muitos, dos grandes ſoccorrida
Deixa o conde ſem alma, e ſepultura,
Vai buſcar caſa, e ſorte mais ſegura.

Para Alemquer ſe parte acompanhada
Dos parentes, que armados vaõ com ella;
Naõ he do Meſtre entaõ niſto eſtoruada,
Que naõ tem penſamentos de offendella,
Aly procura eſtar fortificada
Té vir ſoccorro, e gente de Caſtella,
Ao Rey Ioaõ eſcreue o ſuccedido,
E diz que ponha em armas ſeu partido.

Na vila ſe fez forte, e huma eſpia
Huma noite de Aluerca a auiſaua
Que Nuno Alures Pereira aly dormia
Que ao Meſtre (como ouuiſtes) ſe tornaua:
Ella, que delle o meſmo preſumia
Prendello pelos ſeus logo mandaua,
Que de ſeus penſamentos naõ ſe eſquece
Nem do cuidado em vaõ, que lhe merece.

Mas

Mas elle que naõ viue descuidado,
Todos seus vãos intentos disbarata,
A Aluerca chega, e passa a noite armado
Como quem sabe a causa de que trata:
Com os que leua está determinado
De naõ vender a vida muy barata
Se alguma gente imiga se ajuntasse
Que o gosto da jornada lhe atalhasse.

E quando a bella aurora já decia
Sobre as nuués, que a noite escurecéra;
E os passaros com canto, e melodia
Cada qual mais contente o Sol espera:
Se parte a valerosa companhia,
De quem o proprio Marte se temera,
E em pouco espasso pella terra chega.
Que o Laercio fundou da gente Grega.

Do Mestre alegremente recebido
Foi o Pereira ousado, e animoso
Que do seu grande animo atreuido
Todo o successo espera venturoso;
Os que o tem já por obras conhecido
Festejaõ companheiro tam famoso,
Que a muitos adeuinha o coraçaõ
Que tem só no seu braço a defensaõ.

Valeroso Nunalures sem receo
(Lhe diz o Mestre) a quem em nada auaro
O ceo fez de valor, e esforço cheo
Como de antigo sangue, illustre, e claro;
O muito que eu em vos tenho, e grangeo
Nesse espirito tam nobre, altiuo, e raro,
Bem manifesta o meu contentamento,
Se o eu noutros sinais naõ represento,

Sem-

Sempre tiue ſegura a confiança
Em voſſo grande animo, e verdade,
Como a quem nunca fez fazer mudança
O reſpeito de irmãos, e de amiſade;
Se no que eu vos mandei tomar vingança
Mudei o parecer, naõ já a vontade
Que por a voſſa ter grande inueja,
Eu quis tomar a empreſa da peleja.

E quando doutro amigo confiára
Matar ao falſo Conde, incauto fora,
Que nem a outro Nunalures logo achára,
Nem eſperara acharuos como agora:
Se niſto o meu deſejo ſe declara
E voſſo injuſto aggrauo ſe melhora
Noutra ſatisfaçaõ; aqui me offereço
Se errei em pouco, em muito vos mereço.

Parece a Nuno eſte louuor ſobejo
Quaſi delle afrontado muda as cores
Muito ha, lhe diz, ſenhor, que o meu deſejo
Satisfaçaõ merece, e naõ louuores;
Deſuiou-mo a ventura, agora vejo
Que me guarda occaſiões muito melhores
Pois era ſem proueito offerecida
Para a paz hum ſoldado, e huma vida.

Em guerra eſtais, e a tempo me offereço,
Que moſtrará à vontade ſe vos erra
Que as vidas dos criados tem mais preço
Nos perigos, e trances que ha guerra;
O que procuro em vós, muy bem conheço
Que he o mayor valor que em mi ſe enſerra
Quantos vós me eſtais, e quanto eu poſſo
Como naceo de vós de todo he voſſo.

Amor

Amor, poder, e irmãos nada me atalha
Que a mim deuo ser sempre o mór amigo
Naõ quero outro respeito que me valha
Mais que este intento só que vem comigo:
Em fortalezas, campos, e em batalha,
No mais estreito passo, e mór perigo
Só me mandai senhor, seja o primeiro
Com este esforço só por companheiro.

Pode vencer-me a força Castelhana
Mas naõ me vencerá della o receo
Do mais nada me aggraua, nem me dana
Foi gosto vosso, ou parecer alheo;
Nem cobiça de gloria vã me engana
Nem nouas honras, bés, terra, grangeo,
A vida, a honra, a fama, o nome, o gosto
Só em vosso seruiço o tenho posto.

A estas leaes razões, que o caualleiro
Dizia sem receos, e embaraços;
Que a hum coraçaõ nobre, e verdádeiro
Prendem, obrigaõ, ataõ como laços,
Naõ lhe responde o Mestre, que primeiro
Lhe lança ao pescoço os fortes braços,
Naõ fiando da lingoa, quanto o peito.
De tal vassallo estaua satisfeito.

E ou fosse hum natural conhecimento
Que lhe daua a presaga fantesia
De aquelle ser collumna, e fundamento
De quanto imaginaua, e pretendia;
Ou que o accidental contentamento
Lhe enchesse o rosto, e olhos de alegria
Nas palauras, no modo, termo, e gesto
O seu desejo estaua manifesto.

Do

Do ſeu conſelho o faz, e ſendo eleito
Cadá hum dos delle alegre o recebeo
Entre os quaes logo em animo, e reſpeito
Como o cedro entre os Platanos ſe ergueo
Depois por ſecretario do ſeu peito
Em todo o tempo o Meſtre o eſcolheo
Que nada imaginaua de tam perto,
Que já naõ foſſe a Nuno deſcuberto.

O reyno enuolto em armas, e em contenda
Gente inclinada, e gente receoſa
Huns polla liberdade, outros por renda,
E enganos da cobiça mentiroſa;
Nuno Alures porque a patria ſe defenda
Aſſegurando a parte duuidoſa,
A' ſua vida, o termo vſado nega,
Naõ repouſa, naõ dorme, naõ ſocega.

Em quanto iſto paſſaua na cidade
Iá no Crato o Prior ſe apercebia
A moſtrar ſeu valor, honra, e verdade
Ao Caſtelhano Rey que elle eſcolhia;
E porque o quer ſeruir com mageſtade
De vaſſallos, irmaõ, força, e valia,
Vendo que ſó Nuno Alures lhe falece,
De nouo a conquiſtalo ſe offerece.

De promeſſas do Rey que elle recuſa
De cartas da Raynha que o honrára,
Dos amoroſos rogos de irmaõ vſa
E de muitos amigos que tratára;
Naõ deixando lugar á noua eſcuſa
De quantas dante maõ lhe imaginára
Roga, grangea, pede, eſcreue, e manda;
Mas quem o vencerá neſta demanda?

Faz

Faz vir de Nuno a mãy logo a Lisboa
Dos ſeus muy nobremente acompanhada
Sabendo que nenhuma outra peſſoa
He delle mais querida, e reſpeitada:
Primeiro a ſeus intentos a afeiçoa,
Iuſtificando a cauſa praticada,
E depois com promeſſas a aſſegura
Que alem de ſer razaõ, que era ventura.

A venerauel dona que pretende
Ver ao ſilho em eſtado poderoſo,
As nouas eſperanças já ſe rende
Com animo contente, e cobiçoſo;
Naõ conhece porém que niſto offende
Aquelle peito altiuo, e valeroſo
Chegou, logo ao filho deſejado
Communicou ſeu goſto, e ſeu recado.

Offerecer-lhe manda o Caſtelhano
Titulo, renda, e honras deſejadas,
Se do famoſo Meſtre Luſitano
Deixaſſe as eſperanças enganadas;
Chama a ſeu bom deſejo, cego engano,
E a ſeus illuſtres feitos, vãs paſſadas
A Raynha igualmente o combatia
Com razões, com promeſſas, com valia.

Mas qual a rocha em alto leuantada
Dos diſconformes ventos combatida
Que entaõ fica mais firme, e mais fundada
Quando de aſſaltos ſeus mais preſeguida;
Tal de Nuno a firmeza contraſtada,
Foi de intereſſes vãos, mas naõ vencida
Antes ficou mais firme, e mais conſtante
Do que o pezo dos Ceos ſobre Athalante.

E

E em lugar da reposta que esperou
Das cartas, e promessas com que vinha
As rezões delle a dona se inclinou
Crendo que só seguia o que conuinha;
E finalmente o filho lhe affirmou;
Que com a vida, o esforço, e quanto tinha,
Ou ao Mestre veria o que deseja
Ou deixaria a vida na peleja.

Ah naõ permita o Ceo que seja ingrato
(Dizia) á minha Patria, e que algum meo
Dos leais pensamentos com que trato
Me tire por cobiça, ou por receo;
Quem tem por preço leue, e mais barato
Catiuar Portugal a hum reyno alheo,
Siga seus vãos intentos, mas entenda
Que ha braço Portugues que lho defenda.

Que quando a vam cobiça possa, e monte
Tanto nos peitos vis que ella profana,
Veraõ sempre este peito estar defronte
Resistindo a essa furia Castelhana;
Antes da minha morte entaõ se conte
Por defensaõ da terra Lusytana,
Que afrontar-se viuendo hum peito honrrado
De ser só com promessas conquistado.

Ella que o filho ouuio desta maneira
O confirma no intento que lhe via,
E o seu mais moço irmaõ Fernaõ Pereira
Lhe promete mandar por companhia;
Isto na despedida derradeira
Lhe encomenda, lhe lembra, e lhe confia,
Lança-lhe os braços, dalhe a bençaõ, parte
Já inclinado o gosto noutra parte.

Quaõ

Quaõ facilmente hum coraçaõ catiuo
Se vence do intereſſe, e da cobiça?
Como á Ley natural ſe moſtra eſquiuo?
E faz do ſeu querer honra, e juſtiça?
Nunca pode o deſejo ſer altiuo
Se eſta vil ambiçaõ ſeu fogo atiça
Só pode ſer illuſtre, e excellente
O coraçaõ magnanimo, e prudente.

Que ſe he tam poderoſa artelharia
Eſta que vence agora a tantos peitos
Menos nace de ter força, e valia
Que de bater em muros imperfeitos:
Que em lhe dando a primeira bataria
Caem por terra altiſſimos reſpeitos
Que dantes naõ fundára a natureza
Em verdade, razaõ, e em fortaleza.

Nuno os irmaõs famoſos deſampara
O maternal amor em pouco eſtima
Porque a cobiça vil, injuſta, auara
Seus altos penſamentos nunca opprima:
Polo amor natural da patria chara
Os eſtados, e a vida deſeſtima
Tanto a ſeu cargo toma o defendella
Que mais que o Meſtre em tudo ſe deſuella.

E porque de ambos era o mór cuidado
De Lisboa o caſtello que inda tinha
Martim Affonſo valente acompanhado
De Affonſo Anes das Leis pola Rainha:
O Pereira valente, acautelado
Huma ſecreta carta lhe encaminha
Para o caſtello armado ſó ſe abala
E com o capitaõ delle á parte falla.

E

E com tantas razões lhe representa
A tençaõ com que o reyno se defende
Que o Valente inclinado se contenta
De vir com elle âquillo que pretende;
Mas só pola omenagem que sustenta
Escusa sem afronta achar entende
Por tanto pede o prazo que cónuinha
Para esperar recado da Rainha.

Quarenta horas foi termo limitado
Que o nosso caualleiro lhe consente
Em refés fica o Leis depositado
E Pedreanes Lobato hum seu parente;
Nuno o castello á noite tem cercado
Com machinas, escadas, força, e gente
Para que outra de nouo naõ lhe acuda
Se alguem se offerecesse a dar-lhe ajuda.

Passado o prazo, e o requerimento,
Que liuraua de culpa o capitaõ:
Mandado de Lianor consentimento
Pois querer acudir-lhe fora em vaõ:
Iá conseguido o fim daquelle intento
Que a muitos era dantes confusaõ
Entregue ao Mestre logo a fortaleza
Iá se aluoroça a gente Portuguesa.

O defensor da patria que já via
Quando o forte Nunalures lhe importaua
Assi no esforço com que accometia
Como no modo com que aconselhaua
Em qualquer occasiaõ que se offerecia
Sempre a seus pareceres se inclinaua
Descobrindo já nelle hnm claro espelho
De esforço, de ousadia, e de conselho.

Po-

Porém a inueja vil, que naõ consente
Preço e valor âs obras de alta estima,
E roendo as entranhas sutilmente
Corta como a secreta, e surda lima:
De alguns trazia o peito descontente
Aos quaes o valor doutrem desanima
Porque como acanhados do receo
Aborrecem qualquer esforço alheo.

Estes eraõ dos grandes que assistiaõ
No conselho do Mestre mais ousado
Que mouidos de inueja porque viaõ
Que era a Nunalures já mais inclinado:
Entre si conjurados pretendiaõ
Que fosse em tudo delles reprouado
E que quanto da guerra aconselhasse
Por cada hum, e por todos se encontrasse.

Foi logo isto a Nunalures descuberto
Por quem d'entre elles veo dar-lhe auiso
E por ver este engano de mais perto
Entre si o escondeo com modo, e siso
Mas cedo veo o dia do concerto
Que das tenções daquelles fez juyzo
Rendendo a cada hum pejo, e vergonha
Que a condiçaõ da inueja he da peçonha.

No outro dia o Mestre disputando
No conselho hum negocio que conuinha
Foi a tento o Pereira as razões dando
Que com o seu parecer conformes tinha:
Quando os aremessados do outro bando
A quem logo a tençaõ desencaminha,
Todos a huma voz condenaõ, que era
Errado tudo quanto aly dissera.

De

De confuſas razões ſem apparencia
Faz cada hum de encontrallo fundamento
Elle rindo-ſe eſtá da competencia
De todos deſcubrindo o penſamento:
Exercitando aquella paciencia
Que eſperaua mais alto vencimento
Mas o Meſtre enleado de tal junta
Do nouo riſo a cauſa lhe pergunta.

Tras de importunos rogos deſcobria
O contrato que entre elles ordenáraõ
E com quanta razaõ delles ſe ria
Vendo que o ſeu ſegredo mal guardáraõ?
A cada hum dos outros que iſto ouuia
De noua cor os roſtos ſe afrontáraõ,
Porém o defenſor cauto, e prudente
Os reprende, e diſculpa juntamente.

Qual ſoe o laurador, que pouco aſtuto
Cahio no cepo occulto que elle armara,
De que o lobo faminto, mais que bruto
Deſuiando as piſadas eſcapára;
Que a vergonha que aly colheo por fruto
Mais a ſente, que o mal que eſprimentára;
Aſſi cada hum no roſto moſtra hum pejo,
Que caſtigaua entaõ ſeu mao deſejo.

Ceſſou a tençaõ nelles enganada
Com a propria vergonha reprendida
Ordena o Meſtre de ir com gente armada
Sobre a freſca Alemquer, que tem perdida;
Eſtaua a villa forte, e bem murada,
Donde já a Raynha era partida.
E o caſtello com gente, e monições
Suſtenta Vaſco Pires de Camões.

Partio, e entrada a villa graciosa
Tras de huma escaramuça mui trauada,
Huns defendendo a casa saborosa,
E outros que nella vaõ buscar pousada:
Aposentada a gente belicosa,
Que a pezar dos de dentro teue entrada,
Nuno Alures posto á mira do castello
Ao outro dia espera combatello.

Nisto o contrario Rey determinado
De conquistar por armas sua herança
Pois do Portugues cetro, e nouo estado
Naõ pode ter na paz outra esperança:
De valerosa gente acompanhado
Entra no Reyno armado, e naõ descança,
O Mestre que de longe se apercebe
Eis que a ligeira noua aly recebe.

Iá alta noite o campo socegado
Com escutas, com guardas, cintinelas
De Santarem lhe vem certo recado,
Quefo Rey com o poder todo de Castella,
Ia áiamosa villa era chegado,
Para r sobre Lisboa, e combatella,
A gente perturbada, que isto ouuira
Deixa ao seu defensor, e as redeas vira.

Disto auisado Nuno de repente,
Que mais junto ao castello se apousenta.
Como já ao Mestre deixa a facil gente
Porque o temor da noua os amedrenta:
Com elle volta o rosto diligente
Sem leuar laaças mais que até sesenta
Mas tam firme na sua, que inda espera
Accometer ao Rey se aly viera.

Eis

Eis o conſelho em partes diuidido
Em eſpanto e temor enuolta a terra
Que naõ querem que o Meſtre apercebido
Aguarde o primeiro impetu da guerra:
Antes com os mais que ſeguem ſeu partido
Se embarque por entaõ para Inglaterra
Donde com gente, e com poder alheo
Conquiſte o reyno imigo ſem receo.

Outros de opiniaõ muy differente
Defenſores da patria liberdade
Querem qne o Meſtre em armas ſe ſuſtente
O qual tambem ſuſtenta eſta vontade;
O valeroſo Nuno ouſadamente
A todos roga, esforça, e perſuade
Fortalece, aſſegura, e ſe conuida
A pór ao mór perigo ſempre a vida.

Cada hora o inimigo armado eſpera
A que o pouo veſinho ſe ajuntaua
Do qual mais teme as forças que lhe dera,
Que as q̃ a guerreira Eſpanha antes lhe daua
Contra ſi ſeus irmãos, e o que mais era
Aquelles contra ſi que elle ajudaua,
Com tudo o que mais buſca, e mais deſeja
He ver chegado o dia da peleja.

Mas o contrario Rey, que ind anaõ tinha
Com eſtes bem ſegura a confiança
Em Santarem de eſpaſſo ſe detinha
Donde por todo o Reyno os olhos lança:
Cartas, dinheiro, e rogos encaminha
Huns obriga, outros moue, outros alcança
Guarnecendo de gentes Portugueſas
Alguns lugares, villas, fortalezas.

Vendo Nuno que a guerra ſe dilata
E o deſejo de alguns já perde o brio,
Com o Meſtre communica, moue, e trata,
Ter com o campo inimigo hum deſafio:
Que elle trinta por trinta ſe combata
Iunto á praia que corta o doce rio,
Com o Conde de Mayorgas, cuja fama
Por todo o mundo em armas ſe derrama.

Era eſte conde em guerras arriſcado
Em obras, e em peſſoa temeroſo,
Do Caſtelhano Rey muito eſtimado
De ſangue claro, illuſtre, e generoſo:
Famoſo capitaõ, deſtro ſoldado
Deſcendente do forte, e valeroſo
Dom Ioaõ Nunes de Lara, a cuja hiſtoria
Deue inda Portugal Feliz memoria.

Que ao Rey (que preſo o tinha) Caſtelhano
Recuſa condições muito importantes,
Se do Rey valeroſo Luſytano
Naõ ficaſſe vaſſallo como dantes;
Da priſaõ lhe deu logo o deſengano
Que eſtando os dous imperios deſcrepantes
Entendia de entrar-lhe a propria terra,
E nella fazer dano, e mouer guerra.

Naõ pareceo ao Meſtre deſatino
Eſte accometimento do Pereira
Antes o tem por lanço illuſtre, e dino
De huma fé tam conſtante, e verdadeira:
Nelle conſente, e vendo-o tam benino
O que tinha a vontade tam ligeira
Ao de Lara eſcreue, e deſafia,
E manda o meſageiro no outro dia.

Em

Em breue tempo a guerra ſe concerta
Dom Nuno Alures cõmete, o Conde aceita
O campo eſcolhem, o dia ſe liberta
Cada qual dos amigos ſe aproueita:
O Meſtre vê depois quaõ pouco acerta
Quando com os ſeus fez conta mais eſtreita
O prazo impede, o deſafio eſtroua,
Tendo por eſcuſada aquella proua.

O vaſſallo indinado deſeſpera
Vendo como o ſeu impetu ſe atalha,
Tudo imagina, e tudo conſidera
Para ſe ver com o Conde na batalha;
Buſcalo a Santarem logo ir quiſera
Por nelle naõ ſe achar tam grande falha
Té que o Meſtre lhe diz que he auiſado
De lhe eſtar certo engano concertado.

E que de Santarem ſecretamente
Lhe mandauaõ recados que naõ deſſe
Lugar, que o Caſtelhano diligente
Aos cobiçoſos peitos corrompeſſe:
Que com a verdadeira, e pouca gente
Que tinha, os fortes muros combateſſe,
Paſſando em barcas logo o doce Tejo,
Aonde acharia os mais por ſeu deſejo.

Eſte conſelho a todos preferia
Reſoluto Nuno Alures ſem mais tento,
Té que a razaõ de todos o deſuia,
Que era o perigo mór, que o fundamento:
Nem da fé dos recados ſe confia,
Nem para gentes, armas, mantimento
O numero das barcas baſta, e chega
Que até Porto de Mujem ſó nauega.

Neſte

Neſte tempo á cidade já faltaua
A abaſtança commum que ſempre ha nella,
Porque o commercio, e trato ſe eſtoruaua
Dos lugares, que eſtauaõ por Caſtella,
A Nunalures o Meſtre encarregaua
O neceſſario encargo de prouella;
A' deleitóſa Syntra logo o manda
Na guerra altiua, e forte, e na paz branda.

Leua trezentas lanças, corre a terra
Que o Conde de Sea em armas tinha
Com muita gente, e preuenções de guerra
Em nome de Caſtella, e da Raynha:
Porém nos muros ſeus a gente enſerra
Em quanto aly Nuno Alures ſe detinha,
Fazendo liure o ſalto, e bem lhe peſa
Naõ vir o Conde a demandar-lhe a preza.

Com os ſeus já alta noite apouſentado
Com graõ copia de gados que traziaõ,
De Alemquer huma eſpia tras recado,
Que tras elle á mór preſſa ſe partiaõ:
De Santiago o Meſtre nomeado,
Com as guerreiras gentes que o ſeguiaõ,
E outros dous capitães em companhia
De que o contrario Rey mais ſe confia.

Era o Meſtre que agora a lança empunha
Polo Rey natural na terra alhea,
O ſucceſſor do Ozores, teſtimunha
Que foi já, de que Nuno os naõ recea;
O Cabeça de vaca tem de alcunha
Que dom Pedro Fernandes, ſe nomea;
E outro do meſmo nome o acompanha
Dos de Velaſco antiga luz de Heſpanha.

Outro

Outro Pero Rodrigues de Sarmento
Tambem da geraçaõ antiga, e clara
Do Conde que com perda, e ſentimento
Do Caſtelhano, o de Aragaõ matára;
E eſtando os Reys depois ao caſamento
De hum filho; diſſe aquelle a quem faltára
Se a cepa me cortaſtes de dom Gomes
Sarmentos tenho, aſſi os tem por nomes,

Eſtes tres Pedros vem determinados
De caſtigar de Nuno a liberdade,
E que com os mantimentos deſejados
Naõ ſoccorreſſe as faltas da cidade;
Numero trazem grande de ſoldados,
Que de encontrar aos noſſos tem vontade
Mas a de Nuno a quem nenhuma eſpanta
Mais que todas as outras ſe adianta.

Naõ ſe moſtra cuidoſo, ou deſcontente
Da noua occaſiaõ, que ſe lhe ordena;
Porém cada hum dos ſeus ſecretamente
O temerario intento lhe condena:
Fogem muitos, que a noite lho conſente
Liurando-os da vergonha, e mais da pena
Achou-ſe dom Nuno Alures no outro dia
Com menos de ſeſenta em companhia.

Eſtes poucos pedindo que ſe parta
Antes de ſer mais perto do inimigo
E que dos fugitiuos naõ reparta
Por entre aquelles poucos o caſtigo
Mas elle nem ſe moue, nem ſe aparta
Da vontade que tinha, e do perigo
Com razões os detem té vir a tarde
Que o Sol já ſobre o mar ſe inclina, e arde.

Entaõ

Entaõ vio vir ſeu tio Ruy Pereira
Com muita gente armada: que o mandára
O Meſtre á ſoccorrello, que a maneira
Soube com que o ſeu campo ſe eſpalhára:
Reconheceo Nunalures a bandeira,
Com que á primeira viſta ſe enganára
Elle com os poucos ſeus ledo o feſteja,
E ordenados eſtaõ para a peleja.

Iá reprende ao dia de apreſſado
Porque falta com elle a confiança
De vir o Meſtre, imigo deſejado
Do qual quiſera ter certa eſperança:
Atè faltar de todo o Sol dourado
E eſcurecer-ſe a noite, naõ deſcança
Qualquer brado, ou rumor que ſe offerece
Tropel de Caſtelhanos lhe parece.

Cerrou-ſe a noite eſcura, e naõ vieraõ
Quando o tio a partirſe o perſuade
Azemelas, e carros, que trouxeraõ
Iá carregados vaõ para á cidade:
Se nella alegremente o receberaõ
Deixemos a geral neceſſidade,
Que inimigo naõ ha que tanto dome
Como a vil, importuna, e triſte fome.

Mas os tres capitães, que eraõ partidos,
Por encontrar ao noſſo caualleiro,
De quem poderaõ ſer bem recebidos
Se trouxeraõ galope mais ligeiro:
Iá depois que os Pereiras recolhidos
Teueraõ na cidade hum dia inteiro,
Chegaõ de Syntra aos freſcos arredores,
A ouuir as queixas vãs dos moradores.

E com a gente ouſada, que arrogante
Nas coſtas do inimigo a furia acende
Vaõ dous ao Lumiar que eſtá diante
Porque niſſo a cidade mais ſe offende:
Mas o Meſtre de Auis, que hum breue inſtante
Naõ falta á liberdade que defende
Naõ lhes dá tempo a que elles dano façaõ
As deleitoſas terras que ameaçaõ.

Logo que da chegada teue auiſo,
E que eſtoruaila á preſſa lhe conuinha
Por naõ fazerem dano, e prejuizo,
A' gente da cidade tam vezinha;
A dom Nunalures manda de improuiſo
Porque elle de chegar mór preſſa tinha
Com os trezentos que ſeguem ſeu pendaõ
Polas portas ſahio de ſanto Antaõ.

Naõ caminha tam leue, e tam contente
O que vem deſcançar de graõ jornada,
Nem mais ſe alegra a marinheira gente
Que vê de longe a terra deſejada:
Do que o capitaõ forte e diligente
E a leda companhia aluoraçada
Se contenta de ver tam perto a terra,
Aonde tem certo o imigo, e certa a guerra.

Ficou em pouco eſpaſſo delles perto,
Porque o deſejo a todos apreſſaua
Poem os ſeus em batalha, e em concerto
Guia para onde o imigo ſe alojaua;
Que já como auiſado, e como experto
Em ordem de peleja poſto eſtaua
Tocaõ trombetas de hum, e doutro bando
Seguindo a Nuno, os noſſos vaõ chegando.

CAN-

CANTO VIII.

Offerece dom Nuno Alures batalha a dom Pedro Fernandes de Velaſco e a Pero Rodrigues Sarmento: Elles ſe retiraõ ſem pelejar. O Meſtre dom Joaõ o faz recolher á cidade, donde vai com elle a Almadá: Aly tem palauras no conſelho com o Conde de Arrayolos, e com ſeu Confirma depois os filho moradores da villa em ſeruiço do Meſtre. Entraõ no Crato muitos capitães Caſtelhanos com fauor do Prior dom Pedralures Pereira, para deſtruirem as terras de Alem Tejo; Manda o Meſtre a dom Nunalures a defendelas: Vai a pelejar com o Prior ſeu irmaõ, com o Meſtre de Calatraua, e outros capitães Caſtelhanos: O irmaõ lhe manda ao caminho hum meſageiro para o deſuadir deſte intento, e elle ſeguindoo lhes dá batalha entre Fronteira, e Eſtremos.

DIante do eſquadraõ armado, e forte
Vai o famoſo heroa Luſytano,
Que a pé tenta prouar a varia ſorte,
E dar de ſeu esforço o deſengano:
Ameaçando dano, perda, e morte
Deſtroço, e fim ao campo Caſtelhano,
Por baſtaõ huma lança, e tam piquena,
Que a reſpeito das outras era entena.

Em os contrarios entra o vil receo
Vendo aquella ouſadia temeraria,
Cada hum vê pouca a gente com que veo,
E lhe parece muita a que he contraria,
Nos capitães ſe vê o meſmo enleo
Faltaõ da guerra a ordem neceſſaria
Cada qual já ſe anima, e já ſe eſpanta,
Mas nenhum para os noſſos ſe adianta.

E

E aſſi como na náo a que a ventura
Leuou com o brando vento mais fermoſa
Que vendo vir no ceo a nuue eſcura
Que ameaça a tormenta riguroſa:
Teme o Piloto: a turba ſe miſtura
Amaina, grita a gente receoſa,
Aſſi aos inimigos lhes parece
Que he o Pereira algum trouaõ que dece.

O Sarmento que vinha na vanguarda
A pé, e a pelejar determinado
Vendo o temor dos outros ſe acobarda,
E torna atras do intento começado:
Salta a cauallo, e cuida que inda tarda
Segundo o capitaõ vinha apreſſado
E o illuſtre Velaſco que atras vinha
Com toda a gente armada ſe detinha.

Mas logo teue auiſo do Sarmento
Que voltar he conſelho mais maduro
Do porque, que elle ſabe o fundamento
Mas tambem para nós he pouco eſcuro;
Retirados ao ſeu alojamento
Se vaõ daly que he termo mais ſeguro:
O Pereira brandando os enxoualha
Vendo-os fugir armados da batalha.

Ah, diz, capitães fortes eſperai
Naõ ſe conte de vós eſſa indecencia,
Prouemos a ventura, pelejai,
Que me fará graõ dano voſſa auſencia:
Eſtes poucos que tenho catiuai
Que faraõ pouco eſpaſſo reſiſtencia
Se inda hoje ereis liões feros, e ouſados
Como agora ſois ceruos, e eſpantados?

Se

Se para me buſcar foſtes armaruos
Fazendo em vaõ jornada tam ſobeja
Aqui venho á mór preſſa por buſcar-uos,
Que cada hum buſca aquillo que deſeja:
Que razões achareis de deſculparuos
Se agora me fugis deſta peleja?
Como naõ vos correis gente atreuida
De antes de pelejar, ficar vencida?

Em vaõ neſtas razões ſe deſpendia
O capitaõ famoſo, que o Sarmento
Os ſeus com medo, e arte recolhia,
Por naõ dar com mais cuſto o vencimento;
Do que lhe diz Nunalures nada ouuia
Que perdendo de todo o ſofrimento
Soltou muitas palauras deſcompoſtas
A que o bom capitaõ viraua as coſtas.

Ficou por elle o campo liuremente
E a vitoria alcançada ſem peleja,
E elle deſte ſucceſſo deſcontente,
Porque nem buſca a paz, nem na deſeja;
E animando de noua a forte gente,
Para qualquer perigo mór que veja
Ir ſeguindo procura o Caſtelhano
Que naõ quer vencimento ſem ſeu dano.

Sabendo logo o Meſtre eſta vontade,
Que ſempre do perigo fez a eſcolha
Sae com gente á preſſa da cidade,
E faz que o caualleiro ſe recolha:
Com iſto a ſeu pezar ſe perſuade,
E a cada paſſo em vaõ para tras olha,
Como que lá lhe fica a melhor caça,
Mas já para outro dia os ameaça.

Deſte

Defte inimigo a terra focegada,
Porque doutros vezinhos fe temia
O Meftre defenfor vai para Almada
Com o noffo Pereira em companhia:
A villa a feu intento rebelada
Ficou da fua parte aquelle dia,
Com promeffas, fauores, e amifades,
Que he a prifaõ mais facil das vontades.

Aly o vem bufcar, e fe lhe offrece
O Conde de Arrayolos, que antes era
Do Caftelhano Rey, porque conhece
Quaõ bem em tudo o Meftre procedera:
Polo que dos principios lhe parece,
E a feu filho dom Pedro, que trouxèra
Ficaõ pera que o Meftre os reja, e mande,
Que entaõ de fi lhes deu parte mui grande.

Ouue aly feu confelho acuftumado,
Aonde o de Caftro honrado lugar teue:
Conta-lhe todo o feito começado
Quanto faz de prefente, e fazer deue,
Seu intento tam firme, e tam fundado
Os verdadeiros feus, em que fe atreues
Mas o Conde lhe oppoem razões mui varias,
Nenhuma em feu fauor, todas contrarias.

Conta o poder, e as forças de Caftella,
E os grandes que de cà por elle eftauaõ
Os muitos que ha mifter para offendela,
E os poucos que por elle pelejauaõ;
Diz, que demanda vam parece aquella,
Em que tam mal as forças fe igualauaõ,
Que he jufto, e bem fundado aquelle intento
Mas nos feus mal feguro o fundamento.

Nuno

Nuno a quem já a ira ousada nega
Lugar á magoa que no peito esconde
De colera a rezaõ catiua, e cega
Insiado tornou ao claro Conde;
Quẽ vem buscar ao Mestre, e se lhe entrega
Mal com o desejo ás obras corresponde;
Quem lhe impunha o intento que defende
Naõ no venha seruir contra o que entende.

Nem Portugues se chame verdadeiro
Nem seruidor do Mestre, e bom vassallo
Nem forte, e valeroso caualleiro
Quem com razões procura estoruallo:
Naõ lhe faltaõ vassallos, e dinheiro
Gentes de Iffantaria, e de cauallo;
Naõ a se defender de gente estranha
Mas para conquistar a toda Hespanha.

E quem para seruillo se offerece
Naõ lhe deue encontrar tençaõ tam pura,
Que tudo o que ha na terra o fauorece,
E o ceo com grandes mostras o segura;
Na peleja, e nos trances se conhece
Quem seguilo deseja, ama, e procura,
Que conselhos contrarios saõ sem fruito
E ainda que valem pouco offendem muito.

A isto afrontado o Conde respondia,
E apunhando dom Pedro lhe responde:
Accusando de Nuno a demasia
Em offender sem causa ao nobre Conde:
Mas como os elle entaõ pouco temia,
Nem lhes nega reposta, nem se esconde,
Mas o Mestre que vê que as razões crecem;
Calar os manda, e todos lhe obedecem.

A

A cada hum ardia em fogo o peito,
Que com furor nos olhos ſe deſcobre
O Meſtre com brandura, e com reſpeito
Conforma o capitaõ, e o Conde nobre:
Volta para á cidade ſatisfeito
Da villa que a tençaõ fingida enco bre
E aſſi vendo que della era partido
Iá andaua o pouo em partes diuidido.

Que como a terra fora da Raynha,
E os nobres della ſeus, logo atalhauaõ
A vontade leal que a gente tinha,
E mil motins entre ella leuantauaõ,
Deſtes ao defenſor cada hora vinha
Noua, que os ſeus leais diſto auiſauaõ,
Manda de nouo a ella o forte Nuno
Que alegre paſſa as agoas de Neptuno.

Com ſó quarenta lanças que leuou
Sem dar noua ou ſinal que aly chegaſſe
Da fortaleza as portas lhes tomou
Porque nenhum da villa nella entraſſe:
A noua de huns aos outros alcançou,
E por ſaber de perto a que voltaſſe
Se ajuntaõ aonde eſtá forte o Pereira
Que a falar começou deſta maneira.

Moradores leais cuja verdade
O Meſtre meu ſenhor ama, e deſeja
Obrigar mais por termos de amiſade
Que por força de gente, e de peleja:
Depois de ter moſtrado eſta vontade
Que bem deueis ſaber quaõ pura ſeja
Soube que andaua a voſſa na balança,
E mandou-me informar deſta mudança.

Se

Se como Portuguefes verdadeiros
Quereis guardar o voſſo foro antigo
Amigos nos tereis, e companheiros
Como a elle por ſenhor, e por amigo
Mas ſe como rebeldes, e ligeiros
Quereis ſeguir a parte do inimigo,
Ou vereis voſſa morte, ou voſſo dano,
Se vence o Meſtre, ou vence o Caſtelhano.

Como vos eſqueceis que prometeſtes
Ao voſſo defenſor fidelidade?
Naõ ſois vós Portugueſes? naõ ſois eſtes?
Quem vos fez Caſtelhana eſſa vontade:
De que promeſſa, ou rogo vos venceſtes?
Para dar tam barata a liberdade,
E ſem ver o rigor da injuſta guerra
Catiuais eſperanças, vida, e terra.

Naõ vos moua a Raynha, que já agora
Naõ pode ter lugar na terra alhea,
Que naõ quer já de Almada ſer ſenhora
Só para o genro eſtranho vos grangea;
Se inda ha raizes ſuas, lançai fora
Aquellas de que o pouo ſe recea,
Ou ficai Portugueſes confirmados,
Ou ſereis como imigos conquiſtados.

Eſtas, e outras palauras que dizia
Foraõ de tanta força, que moueo
Os do contrario bando que aly auia
E toda a gente á huma reſpondeo:
Que por ſenhor ao Meſtre conhecia
Pois para defenſor lho dera o ceo
Leuanta-ſe huma voz que a voz lhe priua
Viua o defenſor noſſo, o Meſtre viua.

Para

Para que eſtas vontades confirmaſſe,
O ſabio capitaõ, com mais certeza
E porque logo a villa lhe entregaſſe
As armas, moniçóes, e a fortaleza;
Manda pedir ao Meſtre que paſſaſſe
Aquella tarde o mar, com ligeireza
Paſſa á Almada, o caſtello ſe lhe entrega
Faz a volta a Lisboa, á noite chega.

Ao outro dia aly lhe vem recado
Das villas que entre o Tejo, e Guadiana
Os pouos tem por elle leuantado
Contra o poder da gente Caſtelhana:
Mas que capitães grandes deſſe eſtado
Correm de nouo a terra Tranſtagana
Cujo campo no Crato ſe alojára
Que o Prior por Caſtella aleuantára.

O Portugues com os ſeus ſe delibera
Por atalhar ao dano tam ſobejo
Com ſó duzentas lanças que eſcolhera
Que ſoccora Nunalures a Alem Tejo;
Elle que da jornada cedo eſpera
Abrir caminho a todo ſeu deſejo
Em breue ſe diſpoem para á partida
E com tal capitaõ nenhum duuida.

Com elles paſſa a Almada, aquella tarde
E o mar outra conquiſta lhe offerece
Que a terra em reboliço, e armas arde
Por huma noua armada que aparece:
Eſta faz que na villa, hum dia aguarde
Até ver o ſuceſſo que acontece
Oito náos de Caſtella ſaõ de armada
Que tem toda a cidade aluoraçada.

Mas o Meſtre de Auis em breue ordena
Nauios, gente armada, e bellicoſa
Que tem aquella empreſa por pequena
Para a vontade altiua, e cobiçoſa;
Dom Nuno Alures tambem que viue em pena
Parecendo-lhe a guerra vagaroſa
Naõ quer perder monçaõ com que ſe veja
No perigo, na afronta, e na peleja.

Daly paſſa entre as ondas que bramiaõ
Naõ ſofrendo tam grande atreuimento
Com elle ſeis no barco naõ cabiaõ
E os mares vem tras elles cento a cento,
Com brados os da terra o reprendiaõ
Mas elle vai ſeguindo o meſmo intento
Té que huma barca encontra de mór vella
Ioaõ Vaz de Almada o toma dentro nella.

Foi tomada, e vencida a frota imiga
Nuno ſe vem cançado, mas contente
De Almada parte, e com o ſucceſſo obriga
A que mais ſe aluoroce á forte gente:
Naõ ha quem com os deſejos o naõ ſiga
Se com os olhos naõ pode eſtar preſente
Chega aonde Couna ás varas ſe nauega,
E aly no meſmo tempo o Meſtre chega.

Com elle jantou Nuno aquelle dia
Honra que a ſeu valor, e amor ſe deue
Foi em todos geral, grande alegria
Saboroſo o comer, e o tempo breue;
Caualga a valeroſa companhia
De que o pendaõ já moue o vento leue
Té o recio o Meſtre os acompanha
Com natural amor, com graça eſtranha.

Aly

Aly em publico a Nuno os encomenda
Que com amor os trate, e com brandura
E a elles que cada hum tema, e defenda,
E ame a ſeu capitaõ com fé ſegura:
A que os manda lhe diz, a que contenda
Que eſpera, que deſeja, e que procura
Humas mercês promete, outras concede,
E dando a mão, e os braços ſe deſpede.

A parta-ſe o famoſo caualleiro
Na patria defenſaõ poſto o cuidado
Como vaſſallo nobre, e verdadeiro
De qualquer moſtra, e fé mais obrigado
No caminho gaſtado o dia inteiro
A Setuual chegou, e a ſeu recado
Os da terra naõ querem dar ouuidos
Que eſtaõ tambem no intento repartidos.

Nem ſabem ſe he da parte Portugueſa
Nem ſe querem fiar de gente armada
Aſſaz ao bom Nunalures diſto peza
Por logo achar tam perto má pouſada:
Mas o ſeu ſofrimento, e fortaleza
Que nunca foi aos males obrigada
O ſuſtenta muy ledo, e num momento
Nos arrabaldes forma alojamento.

Poem eſcutas, e guardas diligente
No caminho que vai contra Palmela
Porque os naõ tome incautos de repente
Algum tropel das gentes de Caſtella:
Dormindo pola noite a mais da gente
Para onde o capitaõ armado vella
Se ouue logo huma voz, arma, arma amigos
Que eſtaõ á noſſa viſta os inimigos.

Armaõ-se, e parte entre elles o Pereira
Para onde a escuta, e guardas apontaraõ
Cada hum tomar procura a dianteira
Que cõ hum galope igual todos marcharaõ
Até que soube a escuta mais ligeira
Que com huns alheos fógos se enganáraõ,
Porque o que o medo ás vezes faz sobejo
Affigura em mil partes o desejo.

Naõ foi sem fruito aquella madrugada
Que lhe facilitou mais o caminho,
E ainda estaua a noite descuidada
Quando vem Montemór que está vesinho:
Os da villa lhe daõ com gosto entrada
Alojamento, carnes, fruta, e vinho
Detem-se hum dia aly, e a noite escura
Em que huns inclina; os outros assegura.

A Euora chegou ao outro dia
Té onde para o fim desta vontade
Leuaua já da corte em companhia
O que tinha o gouerno da cidade:
Fernaõ Gonçalues Darca se dizia
Homem fiel, e de esforço, e de verdade
Repousa a noite aly liure, e quieta
Tê que tras outro dia o graõ Planeta.

Manda logo recado em continente
Pola comarca, e pouos de arredor
Pedindo armas, cauallos, carros, gente
Em seruiço do Mestre defensor:
Mas como estaua alguma differente
Ou por respeito injusto, ou por temor
Só lhe vem trinta lanças, mil bésteiros
Mas estes bons, leais, e verdadeiros.

Com

Com eftes, e com os feus faz a partida
Para Eftremôs, e no arrabalde affenta
Aonde lhe chega a noua tam temida
Que mais lhe dobra as forças, e acrecenta:
Que a gente que de Hefpanha era faida
Que de Alem Tejo as terras amedrenta
No Crato eftaua, foube o conto della
Os capitães, e os grandes de Caftella.

Como teue efta noua do inimigo
Intrincheira-fe forte, e fem receo
Porque com os poucos fó que tem configo
Poffa atalhar qualquer engano alheo:
Bem quifera ir bufcar logo o perigo
Mas a gente chamada que naõ veo
Lhe tira pôr em obra o que defeja
De nouo efcreue a Eluas, manda a Beja.

De cartas, e promeffas obrigados
Alguns vieraõ, mais que offerecidos
Foraõ bem recebidos, bem tratados
Com termos liberaes, e agradecidos:
Confirmando-lhe os animos turbados,
Duuidofos alguns, algũns vencidos.
E junta toda a armada companhia
Com voz, e com gefto amigo lhes dizia.

Companheiros leaes em quem confifte
A liberdade, e honra Portuguefa
Defenfores da patria, que tam trifte
Se vê de eftranhas gentes feitas preza;
Se voffo valor grande naõ refifte,
E acanha dos contrarios a braueza
Acabe Portugal, perca-fe a fama
Que de feu grande esforço fe derrama.

De

De Auis o Meſtre ouſado dom Ioaõ
Defenſor voſſo, e pay mais verdadeiro
Me mandou para voſſa defenſaõ
Menos por capitaõ, que companheiro:
De cujo amor, esforço e condiçaõ
Os que eſtais informados por inteiro
Conheceis com qual animo, e vontade
Defende o reyno, e voſſa liberdade.

E porque agora temos de tam perto
O arrogante contrario Caſtelhano
Que com odio mortal, e deſcuberto
Procura ſeu partido, e voſſo dano
Para que em dano ſeu façamos certo
O noſſo antigo nome, e o ſeu engano
Armas, armas famoſos Portugueſes
A vencer cuſtumados tantas vezes.

No Crato eſtaõ com força naõ ſegura,
Que em Deos he ſó fundada a fortaleza
Com o meu rebelde irmaõ, que na ventura
Pôs tudo o que deuia a natureza;
O que quer cada hum, buſca, e procura
He deſtruir a gloria Portugueſa
E com peitas, ardis, engano, e guerra
Tirar-vos juntamente a honra, e terra.

Polo que agora eſtou determinado
Se algum parecer voſſo naõ me eſtroua
De tam valentes braços ajudado
Com elle na batalha vir á proua;
Antes de ter ſeu feito começado
Com que a vontade, e forças ſe renoua
Madruguemos melhor, vamos mais cedo
Moſtremos-lhe as eſpadas, naõ já o medo.

As

As vltimas palauras que acabou
O famoso Pereira, em continente
Inquieto rumor se aleuantou
Entre a mal ordenada, e varia gente:
Cada hum seu parecer dissimulou,
E posto que o naõ diz, mostra o que sente
Mas de todos só huma voz se ouuia
Que querem responder-lhe no outro dia.

Elle desta razaõ mal satisfeito
Dilatar tanto o prazo naõ quisera
Porque claro conhece o vil respeito
Com que liurarse o pouo considera.
E encobrindo entaõ dentro no peito
O que daquellas mostras conhecera
As vidas lhes lembrando, a honra, e fama
Naõ nace inda outro dia quando os chama.

Com mil razões guiadas do receo
Aly o pouo incerto se defende
Contando-lhe o poder do campo alheo
Que o medo mais dilata, e mais estende:
A pouca gente, e armas com que veo,
E o muito a que se arrisca lhe reprende
Sobre ser cousa indina que se veja
Contra os proprios irmãos numa peleja.

Quanto sente aquelle animo esforçado
A fraqueza dos poucos que aly tinha?
Quantas razões em vaõ lhes tinha dado
Tantas por varios modos lhe encaminha;
Como se mostra antelles confiado
Contra o valente irmaõ, que tambem vinha?
Como faz pouco caso do inimigo?
Como aly facilita o mór perigo?

E vendo que naõ val esta ousadia
Contra o temor que os animos sugeita;
Hum pouco espassio delles se desuia,
E de hum ardil estranho se aproueita:
Hum ribeiro passou que aly corria
E como quem já tinha a conta feita,
Voltando o rosto a elles menos ledo
Com taes palauras quer tirar-lhe o medo.

Gente esforçada agora duuidosa
Portugueses amigos, porém varios
Esquecidos da fama tam custosa
Que hoje voltais á parte dos contrarios;
Que he da vossa vontade bellicosa?
Que he desses corações tam temerarios?
Que he dos braços valentes, e atreuidos?
Que antes de pelejar mostraes vencidos?

Temeis a multidaõ da gente estranha
Naõ já perda mayor da liberdade,
Naõ he menos vencer a toda Hespanha
Que viuer como escrauos por vontade?
Algum fez feito honrado? ou fez façanha?
Se nas forças buscou sempre igualdade?
Se poucos, e animosos naõ vencerdes;
Sempre muitos fareis aos que temerdes.

Poucos vencestes já de varias gentes
Numero desigual da que hoje temos
Naõ defendendo os filhos innocentes
As mulheres, e as terras em que viuemos;
Mas conquistando em outras differentes
A honra, e presunçaõ com que viuemos;
Como agora ha temor que entre vós possa
Entregar sem batalha a patria vossa?

E

E ſe vos repreſenta o mór perigo
Ver que contra irmãos meus empunho a lança
Nelles vereis primeiro o mór caſtigo,
E o mais famoſo exemplo de vingança,
Cada hum tenho por intimo inimigo
Depois que contra a patria ſe abalança
Paguem primeiro á morte o ſeu tributo
Que inda que he ſangue meu ſahio corruto.

E he juſto que ſe negue a natureza
A quem negou a fé da patria chara,
E que falte valor, e fortaleza
A quem tam juſto intento deſampara;
Pouco me parecera neſta empreza
Se contra pay, e irmãos aſſi me armàra
Que pois já pola patria outrem fez mais
Injuſtamente agora me accuſais.

Por aplacar aos Deuſes que a famoſa
Rōma ameaçaõ, com tam grande abalo
Se offerece Curcio á coua temeroſa
Da terra que ſe abrio para eſpantalo;
Em ſacrificio ſeu (couſa eſpantoſa)
Armado ſe lançou ſobre o cauallo,
Té o centro paſſou, e o golpe duro
As almas fez tremer no reyno eſcuro.

Porque o leue oraculo dizia,
Que o campo cujo Rey na meſma guerra
Morreſſe, eſſe a vitoria alcançaria
Codro a coroa e cetro poem por terra;
Disfarçado ſe vai ſem companhia
Morre por libertar a patria terra:
Os Decios tam famoſos, tam louuados
Em ſacrificio á patria foraõ dados.

Mais

Mais he hir contra a vida desejada
Precipitarse ousado no profundo,
Por ver a doce patria libertada
Como fez o primeiro, e o segundo;
Que ir contra huma vil gente rebelada
Que nem a guarda o ceo, nem sofre o mundo
Se naõ ha quem contra ella as armas tome
Eu só quero ir morrer por vosso nome.

Todos podem partirse em liberdade,
Que eu naõ busco senaõ quem se conuida:
E quem em seu fauor nega a vontade
Naõ teme a sugeiçaõ de infame vida:
Se algum desta razaõ se persuade,
E naõ quer ver a patria destruida
Em seruiço e fauor de Luso, e Marte
Passe comigo aqui destroutra parte.

Ou fosse que a vergonha os obrigou
Ou de Nuno as razões, confusamente
A gente a grandes brados lhe gritou
Que era já de o seruir leda, e contente
O quanto da reposta se alegrou
O' Pereira, que a crê difficilmente,
Que palauras de esforço lhe dizia?
Que promessas? que amor? que cortezia?

Aquella tarde a varia gente ordena
Para daly partir de madrugada
Repousa alegre a noite, em que condena
Por preguiçosa a Aurora, e descuidada:
Mas inda quando a parte mais piquena
Do quieto repouso era passada
Na sua tenda entra aluoraçado
O forte, e fiel Aluaro Coutado.

Iá

Iá naõ durmia o brauo capitaõ,
Que ao rumor do criado ſe leuanta:
Ah, diz, ſenhor que as gentes ſe vos vaõ,
E naõ fogem do medo que as eſpanta:
Fogem como inimigas que eſtas ſaõ,
A brandura naõ ſeja agora tanta
Leuantai-uos, prendei-as pois ſe atreuem
A fugir contra vós, contra o que deuem.

A eſta voz o Pereira as armas tinha,
E ſó com o Coutado o paſſo eſtende:
E chega a Gil Fernandes, que caminha
E a outro que ſeguilo já pretende;
Eſta he a confiança com que eu vinha
Em vós? (lhe diz Nunalures) bem ſe entende
Que nenhum medo, ou ſombra vos engana
Mas que he a voſſa vontade Caſtelhana.

Fez que ambos num momento ſe apeaſſem
Deteue a gente, e cargas que leuauaõ
Mandou dar ás trombetas que marchaſſem
E as eſtrellas á noite alumiauaõ
Deſpede alguns ginetes, que marchaſſem
A deſcobrir o imigo que buſcauaõ
Para Fronteira armados encaminhaõ
A eſperar os do Crato qne já vinhaõ.

O Prior que tambem era auiſado
Do que o irmaõ famoſo determina
Como o tem por valente, e por ouſado
De ſeu grande valor tudo imagina.
E ou foſſe de ſagaz acautelado,
Ou que o amor de irmaõ a tudo inclina
Hum eſcudeiro manda que o ſeruia
Por meſageiro a Nuno, e por eſpia.

Eſte a todo o poder do bom cauallo
Trotando em breue eſpaſſo lhe apparece,
Nuno ſe adiantou para encontrallo,
E logo de mais perto o reconhecello:
Depois de alegremente feſtejallo
Como o criado antigo lhe merece
Pregunta polo irmaõ, duro inimigo,
E polas gentes mais que traz conſigo.

Pede-lhe que o informe ſem engano
Da preſunçaõ, deſprezo, ou do receo,
Que delle, e dos ſeus tinha o Caſtelhano,
Quem aly o mandou, e o a que veo:
Se tem por certo o vencimento vſano
Aquelle campo imigo de armas cheo
Com que gente marchaua, quanta, e donde,
E a tudo o meſageiro lhe reſponde.

Valeroſo ſenhor cuja bondade
He por tam claras obras conhecida,
Que engano deuo vſar? que falſidade?
Ao filho de hum ſenhor que me deu vida:
Quando importára a vida eſſa verdade
Era em voſſo ſeruiço bem perdida,
Mas aſſaz pouco he ſer mais declarado
O que naõ he ſegredo, antes recado.

Voſſo irmaõ teue a noua verdadeira
Da empreza que tomais tam perigoſa
A pouca gente voſſa, e a maneira
Com que a trazeis forçada e duuidoſa;
E porque em voſſo dano (o ceo naõ queira)
Se naõ conuerta huma obra tam cuſtoſa
Por atalhar ao mal que eſtá veſinho,
Me mandou encontaruos ao caminho.

Pede-

Pede-vos que deixeis a noua empreza
Em armas desigual, em força, e gente,
Rebelde, e pouco certa a Portuguesa,
A de Castella muita, e mui valente:
Que como irmaõ fiel tambem lhe peza
Naõ vos valer no trance, que presente
Está nesta batalha, e que deseja
Mais vossa honra, que o fruto da peleja.

Que sigais de Castella o Rey benino,
Que he conselho mais justo, e mais seguro
Que vos fará as mercês de que sois dino
Neste tempo de agora, e no futuro;
Que o al he tudo engano, e desatino
Que naõ cabe em juizo tam maduro
Que volteis o cauallo, e a tençaõ
Pois que naõ val sem gente o capitaõ.

E eu valente senhor que agora vejo
A pouca que trazeis em companhia,
Mais obrigado estou por meu desejo,
Que por este recado que trazia:
O numero dos nossos he sobejo,
E faz sobeja, e vam vossa ousadia
Voltai daqui, voltai, que o mór acerto
He fogir do perigo que está certo.

Os capitães, e os grandes que acompanhaõ
O Prior vosso irmaõ, lhe preguntáraõ
De vosso intento vaõ, que tanto estranhaõ
E delle em vossas cousas se informáraõ;
Ellas saõ taes, que ao mór esforço acanhaõ
Esta em particular todos culparaõ
Peza-lhes por saber que o vosso intento
Tem certo o dano, e falso o fundamento.

Foraõ

Foraõ de parecer que me mandasse
A dar de sua parte esta embaixada,
Que com o recado a elles me voltasse
A' fronteira, que deue estar cercada;
E como amor antigo me obrigasse
Fiz com maior fauor esta jornada
Este he o intento seu, e o meu recado
Se mal aceito for, he bem fundado.
A isto que relataua o escudeiro
Com palauras discretas, e auisadas;
Lhe responde mui ledo, e prazenteiro
Que lhe agradece o animo, e passadas:
Mas que naõ quer o irmaõ por conselheiro,
Nem seguir as que tem tam mal contadas,
Que aceita da vontade a tençaõ boa,
Porèm que á pretençaõ naõ se affeiçoa.
Que isto ao Prior, e a todos respondesse,
E que para a batalha se aprestassem
Aonde esperaua em Deos se arrependesse
E os outros seu poder desenganassem;
Pede ao mesageiro que se apresse
E lhes fosse dizer que o esperassem
Que chegar tam depressa naõ podia
Que elle naõ fosse já na companhia.
O escudeiro as redeas recolhendo
Dà mui rijo de esporas ao cauallo
Aos seus o bom Nunalures vai dizendo
Que temem já os imigos de esperallo;
Alguns se vaõ de nouo esforço enchendo
E a outros foge o sangue de cuidallo,
Cada hum no rosto mostra que creceo
Mais cores toma, e formas que Protheo.
Em

Em quanto o capitaõ ſe deſuelaua
Os poucos duuidoſos ordenando
E poſta a gente em ordem caminhaua
Os alegres pendões ao vento dando;
O meſſageiro aſtuto ſe apreſſaua
A leuar a repoſta; que eſperando
Eſtauaõ junto aos muros de Fronteira
Os irmãos, e inimigos do Pereira.

Tinhaõ cercada a villa, e pretendiaõ
Que naquella hora o muro foſſe entrado
Quando ao traſpor de hum monte deſcobriaõ
Que vinha o meſageiro com o recado
Em continente o cerco ſuſpendiaõ
Ouuindo como vem Nuno apreſſado
Cada hum dos capitães mais diligente
Poem em concerto, e armas toda agente.

Da villa os arrabaldes já deixauaõ
Pondo logo em campanha os ſeus guerreiros,
Quando os noſſos tambores já ſoauaõ,
E ſonoras trombetas nos outeiros;
As bandeiras ao vento deſpregauaõ
De alegres, varias cores, e ligeiros
Os ginetes o campo deſcobriaõ,
E as armas contra o Sol reſplandeciaõ.

O exercito diſpoem dos que conſigo
Tras, num lugar á guerra accomodado,
Mea legoa da villa; que o imigo
Antes com ſeu poder tinha cercado
Que era com humilde nome aſſas antigo
Do vulgo os atoleiros nomeado;
E eſta agora dos noſſos, e eſtrangeiros
A batalha ſe diz dos atoleiros.

O aluoroço em huns, noutros o eſpanto
Fazia effeitos, e roſtos differentes;
Elle inuoca primeiro o fauor ſanto
Depois com elle esforça as poucas gentes.
Naõ no vence do imigo poder tanto
Nem teme os braços, fortes, e valentes
Só ſente ir contra hum peito Luſitano,
Que encerra hum coraçaõ tam Caſtelhano.

Os ſeus faz apear, porque imagina,
Ou vencer, ou morrer como esforçado
E porque o prometera, determína
Diante accometer o bando armado;
E em quanto ao pé de hum monte, e na cãpina
Eſtaua o ſeu exercito eſpalhado,
Correndo a todas partes o animaua,
A Deos, a terra, a vida lhes lembrauã.

Depois armados a pé na dianteira
A' furia dos contrarios ſe offerece
Por cumprir a promeſſa verdadeira
Que á viſta do perigo naõ lhe eſquece;
Lança que ſempre he ſô, ſeja a primeira
Que contra á força imiga preualece
E aquelle, braço, e peito mais que humano
Arme, e ſuſtente hum campo Luſitano.

Ah exemplo de esforço, e de bondade
Honra, e gloria da gente Portugueſa
Peito onde o esforço, a fé, honra, e verdade
Fizeraõ contra o tempo fortaleza;
Nem cargo, nem razaõ vos perſuade
Nem cautella que aſſombre huma fraqueza
Bem he que indo diante aſſombreis tudo
E que cubrais aos poucos com o eſcudo.

CAN-

CANTO IX

Conta-se a batalha dos Atoleiros, da qual fica dom Nuno Alures com a vitoria: Cerca a Monforte: Arronches; Entregase-lhe Alegrete: Torna-se a Euora. Chega a Cascaes huma grossa armada de Castella para se juntar com o campo del Rey que vem sobre Lisboa: O Mestre manda armar outra no Porto para se combater com ella. Dom Nunalures por se achar neste encontro, deixa as fronteiras: Conta-se o que lhe succedeo até tornar a ellas: Toma o castello de Monsarás: Disbarata a Ioaõ Rodrigues de Castanheda junto aos muros de Badajoz. De nouo se ajunta no Crato a força das gentes Castelhanas para destruirem Alem Tejo, e darem batalha a Nunalures: Elle sae de Euora aos receber, e chegando de perto recusaõ a peleja.

TAnto que os animosos combatentes
Os offendidos muros desamparaõ,
E vendo Nuno as ordenadas gentes
Que na chã dentre os valles se assentáraõ:
Os capitães solicitos: e ardentes
Com os seus em breue espasso se apeáraõ,
E á vista do contrario caminhando
Tambores, e trombetas vaõ tocando.

E ainda que vinhaõ todos cobiçosos
Da vitoria que já por certa auiaõ,
E a pé como valentes, e animosos
Combaterse com os nossos pretendiaõ,
De hum vil receo os animos medrosos
Nos conselhos e traças desuariaõ,
Que entre elles nenhum ha que naõ se espante
Vendo a Nuno Alures já que está diante.

N Mudaõ

Mudaõ intento, e mui ligeiramente
Caualgaõ, presumindo que he bom meo
Para a bem ordenada, e forte gente
Se mouer á fraqueza, ou arreceo;
Porém sahio o effeito differente
Desta presunçaõ sua assaz alheo
Que as armas de ventagem que tomáraõ
Contra seus proprios donos se tornáraõ.

Com hum tropel arremete, e graõ quadrilha
A que incita a trombeta sonorosa
O bom Pero Gonçales de Seuilha,
Cuja lança entaõ foi pouco ociosa;
Escapar-lhe será graõ marauilha
Que leua muita gente, e furiosa
Dando alaridos vãos, que o campo atroaõ
Dardos, settas, virotes, lanças voaõ.

Qual soe polo inuerno temeroso
A corrente do Tejo mais izenta
Romper o campo fertil, e espaçoso
E as aruores leuar com a tormenta:
Té que encontrando o monte pedregoso
Que seguro a seus golpes se sustenta
Tornando atras as ondas atreuidas
Quebraõ já de cansadas, e vencidas.

Com tal braveza a gente Chastelhana
Com temeroso som, e estranho aballo
Rompendo entraua a gente Lusytana
Que espera a furia toda de cauallo;
Té que encontrando a rocha mais vfana
De quantas fere o mar Hispano, e Galo
Vencida torna atras, e o seu receo
Do numero mayor faz mór enleo.

Qua

Qual encontrando a lança mais ſegura
Com o ferido cauallo proua a terra,
Qual entre os ſeus fogindo ſe meſtura
E aos proprios companheiros faz a guerra,
Qual dos arções trazeiros ſe pendura,
Qual ſolta a redea, e do peſcoço afferra,
Qual do golpe feroz deſacordado
Vai Preſo dos eſtribos pendurado.

Hum cae aqui, e nelle outro tropeça.
Outro correndo vem, que a queda eſpanta
Confuſamente a briga ſe começa,
Com o pó que em negras nuuẽs ſe aleuanta:
Naõ ha quem determine ou quem conheça
Se fere o braço, o peito, ou a garganta
Para onde hum volta, volta o ſeu veſinho,
E o cauallo ſem redeas faz caminho.

No meo deſte aſſalto perigoſo
Suſtenta Nuno o campo com a eſpada
Golpes eſtranhos dá, fero, animoſo,
E com a voz aos ſeus anima, e brada;
Do perigo maior mais cobiçoſo,
Hora aqui, hora aly fazendo entrada
Os da vanguarda a tempos ſoccorrendo.
Iá polo campo imigo vaõ rompendó.

Dobra-ſe a furia, entaõ crece a pujança
Dos poucos Portugueſes vencedores
Cada hum emprega o golpe, enſopa a lança
Deſpede dardos, ſettas, paſſadores;
Nuno gritando eſtá (mas naõ deſcança)
Pelejai valeroſos defenſores,
Que agora he tempo, e neſte naõ ſe eſquece
De hum cauallciro armado que aparece.

Pero Gonçalues era eſte guerreiro
Que vendo os ſeus que voltaõ ſem concerto
Como animoſo, e brauo caualleiro
Acode da batalha ao mór aperto:
E vendo aquelle Marte verdadeiro
Que o chaõ de ſangue, e armas tem cuberto
No peito forte eſtriba a lança dura
Pondo a vitoria ſó neſta ventura.

Encontra o fero Nuno, e foi de ſorte
Que a lança em varias partes diuidida
Rompe a ſoslaio a malha dura, e forte
Té lhe fazer no peito huma ferida
Mas em preço deixou nas mãos da morte
Com honra grande a deſejada vida
Que com hum pezado golpe Nuno o alcança
E corta juntamente o braço, e lança.

Vira o cauallo já á redea ſolta,
E o ſenhor arraſtrando tras ſi leua:
Vendo o ſeu capitaõ por terra, volta
A gente que naõ quer outro ſe atreua;
Na confuſaõ furioſa, e na reuolta
Onde o odio mortal ſe acende, e ceua
Soccorre o Meſtre entaõ de Calatraua,
Que aly tambem a morte o eſperaua.

Vinha fazendo o Meſtre grande eſtrago
Na ala, que entre os ſeus punha a bandeira,
Dizendo a grandes vozes Santiago,
E fere ouſadamente o graõ Pereira;
Elle que a recebeló, e dar-lhe pago
Eſtaua poſto a pé na dianteira
O recebe com furia tam ſobeja,
Que deixa o Meſtre a ſella, e a peleja.

Entre

Entre os braços de Nuno perde a vida
Como Antheo a perdeo nos de Thebano
Que resuelando a lança desmentida
Da sella o tira o forte Lusytano:
E a furia dos soldados desmedida
Lhe deu de seu esforço o desengano,
Que a pesar do senhor tomaõ vingança
Dos que tinha offendido a forte lança.

Volta a vanguarda já sem resistencia,
E o Prior na reguarda como escudo
Os seus anima á noua experiencia
Iunto com Martim Annes de Barbuda;
Mas esforço naõ val, arte, ou prudencia,
Que o receo cobarde vence a tudo,
Cada hum da propria vida trata experto,
Que naõ quer ver a Nunalures de tam perto.

Aos seus diz o Prior (que nesta enuolta
Em vergonhosa ira o peito acende)
A elles caualleiros, volta, volta,
Que agora acabará quem vos offende:
Este de quem fugis á redea solta
Que a seu sangue afrontar por si pretende
Saberá com razaõ, que he delle indino,
E pagará seu fero desatino.

E sopesando a lança grossa, e dura
Para buscar o irmaõ se apercebia,
Quando a vencida gente se mestura,
E emnouellada o passo lhe-impedia,
Em vaõ busca o Prior, que a nuue escura
Do leuantado pó tudo encobria
Dando vozes sem tempo, e sem proueito
Fere os seus sem gouerno, e sem respeito.

Volta

Volta o bom capitaõ tras dos ſoldados
A que os noſſos no alcance vaõ ferindo,
Que algũns cauaigaõ deſtros, e apreſſados
E com o capitaõ Nuno os vaõ ſeguindo:
Muitos deixaõ feridos, derramados
Que para varias partes vaõ fogindo
Té que o ceo lhe reprende a vam perfia,
Que já para voltar lhes falta o dia.

Legoa e mea do campo as redeas viraõ,
Para voltar aos ſeus, que alegremente
Da batalha os deſpojos diuidiraõ
Nuno Alures da vitoria ſó contente:
Fronteira ſe vaõ, aonde dormiraõ
Ferida muita, e morta a menos gente
Porém tam animoſa a que ficára,
Que nenhum nouo aſſalto receára.

Mas vós, ó capitães, que antiguamente
Conquiſtaſtes a fama vencedora
Cuja memoria vem de gente em gente
A nos ſeruir de exemplo para agora,
Qual de vós mais ouſado, óu mais prudente
Que por esforço, ou arte ſe melhora
Com aſtucias, ardis, e enganos varios
Venceo primeiro os ſeus, do que os cõtrarios?

Anibal, Scipiaõ, Ceſar e Antonio,
Brutos, Fabios da fama tam louados,
Pompeo Magno, o Magno Macedonio,
Exemplo de valor, temor dos fados;
O Grego aſtuto, o bom Lacedemonio;
E outros que aqui poderaõ ſer contados
Perçaõ do nome antigo a fama, e gloria
Que eſta he das mais vitorias, a vitoria.

Vencer

Vencer ao imigo em campo aberto
Disbaratalo em forças, e em muralha
Com poucos he esforço; e grande acerto
Vencer com muita, e barbara canalha;
Mas com razões vencer a hum pouo incerto
E com elle esforçado huma batalha
Tam desigual em armas, força, e gente,
De temor do passado, e do presente.

E tras isto vencendo á natureza
Desprezando honras, bẽs, socego, e terra,
Só pola liberdade Portuguesa
Fazer contra os irmãos, e o mundo guerra
Só de Nunalures foi famosa empresa
Só tal peito tam grande esforço encerra
Só delle canta a fama, porque a tanto
Nem alcança o louuor, nem sobe o canto.

Descança a noite aly deste trabalho
(Se nos seus he de crer, que isto se entenda)
Aonde a buscallo vem Vasco Porcalho
Que entaõ tinha de Auis a môr Comenda;
E entre muitas razões, que agora atalho
Se queixa de que a sorte lhe defenda
Achar-se aquelle dia na peleja
De cujo meo, e fim tem grande inueja.

Mal dizendo á ventura se queixaua
De naõ verse com elle em tal perigo,
Mas o forte Nunalures o animaua
Para outros que estaõ certos no inimigo;
Com elle a noite passa, cura, e laua
A ferida a que deu tam bom castigo,
Mas como della espera outra vingança
ouco repousa aly; pouco descansa.

No

No cume, e polo vaõ dos altos montes
Os cauallos do Sol appareciaõ,
E dourando-ſe os roxos oriſontes
As riquezas da terra deſcobriaõ;
Nos alegres ribeiros, e nas fontes
Mil rayos entre as agoas ſe eſcondiaõ;
Quando acordando o capitaõ valente
Faz logo tocar caxa á forte gente.

A Monforte ſe vai aonde ſabia
Que eſtaua Martin Anes recolhido
Com o reſtante da gente, e pretendia
Recolher todo o campo diuidido:
Cercando-o Nuno vio que naõ podia
Entrar o lugar forte, e defendido
Com tudo o dia inteiro o cerco teue
Por ver ſe alguem lhe ſae, mas naõ ſe atreue.

Iá vinha o ſanto dia amanhecendo
Em que o lume faltou ao Sol, e á Lua
Vendo o ſeu criador na cruz morrendo,
Por quem nella lhe ordena a morte crua:
Quando o capitaõ pio recolhendo
Para outro nouo intento a gente ſua,
Deixa o furor das armas cuſtumado
E com outras a Deos buſcaua armado

Deſcalço, lagrimoſo, e penitente
A pé triſte ſe parte em romaria,
E em prociſſaõ deuota a forte gente
Que para achar a Deos leua tal guia;
Com animo humilde, e penitente
Chegaõ ao ſanto templo de Maria
Que ao Açumar cahio ditoſo em ſorte
Huma legoa dos muros de Monforte.

Onde

Onde atras muitos actos de humildade
Mostrou aos seus exemplo proueitoso
Que quanto mais o sobe a dinidade
A Deos se humilha mais hum generoso;
O' estranho valor, alta bondade
Capitaõ tam humilde, quaõ famoso
Quem vos naõ seguirá no mór perigo
Se indo conuosco, a Deos leua consigo.

Depois passado o tempo tam diuido
A penitencias, e asperos silicios
A Deos o campo todo reduzido
Por confissões, jejũs, e sacrificios:
De aço Nuno outra vez está vestido
Para os guerreiros, duros exercicios,
E vai cercar á Arronches que estaõ nella
Companhias da gente de Castella.

Entrada a villa á força Portuguesa
Pedem só liberdade, e pedem vida
Por partido os que estaõ na fortaleza
E esta lhe he do Pereira concedida:
Dado fim facilmente a esta empresa
Outra noua melhor tem recebida
De Alegrete hum recado á pressa chega
Ao chamar que a villa se lhe entrega.

Manda logo em seu nome hum caualleiro
Que o lugar polo Mestre aceite, e tenha
Que he delle natural, bom, verdadeiro
Martim Affonso o chamaõ de Aramenha:
Bastecer os lugares vai primeiro
Para qualquer cuidado que lhes venha
Que a Euora torna o capitaõ famoso
Aonde a ventura o tem pouco ocioso.

Nella

Nella o deixemos: que arde a graõ Lisboa
Vai graõ tumulto, e graõ reuolta nella
Com guerra que ameaça, e apregoa
Huma mui groſſa armada de Caſtella;
Cujo eſtandarte os ares corta, e voa
Pola praia do Tejo rica e bella
Que de Caſcaes no largo mar ſe eſtende
Cujo deſenho a terra toda entende.

Pára o temor do bando vil plebeo
A confuſaõ da gente mal ſegura
A mudança dos animos, o enleo
Dos que tem ſempre os olhos na ventura:
O Meſtre de valor, e esforço cheo
Entre tantos contrarios de miſtura
Acode a toda a parte, e para a guerra
Repara os muros, fortalece a terra.

Na cidade do Porto em continente
Manda armar outra frota poderoſa
De náos, e de gales de varia gente
Voluntaria, eſcolhida, bellicoſa:
Que no mar a batalha lhe apreſente
Deſaſombrando a terra receoſa;
O Conde dom Gonçalo que vai nella
E o brauo Rui Pereira já daõ vella.

Eis deſta nouidade ſuccedida
O noſſo capitaõ logo auiſado
Iá aos guerreiros ſeus moue, e conuida
Para ſe achar num feito tam louuado;
Que como a gente eſtá tam diuidida
E o tempo do ſoccorro he tam chegado
Teme que á frota falte alguma parte
Para o deſenho altiuo com que parte.

Alguns

Alguns ſe offerecem que primeiro
Lhe deſuiauaõ diſto o penſamento,
Mas com tal capitaõ tam verdadeiro
Iá ſe lhe antecipaua o vencimento;
Deſpacha logo a preſſa hum meſſageiro,
Num cauallo que iguala o leue vento
Aos capitáes da frota com huma carta
Diz como vai: pedindo que naõ parta.

Daly com os ſeus paſſando logo o Tejo
A Thomar chega aonde agaſalhado
Foi do Meſtre de Chriſto, e ſeu deſejo
Delle, e doutras razões era aprouado:
E o a quem o deſcanſo era ſobejo
Para o deſejo ſeu ſempre apreſſado
Parte; chega a Coimbra, e daõ-lhe a noua,
Que a ſeu peſar o mais caminho eſtroua.

Soube como jà a frota era partida,
E dos della queixoſo ſe tornaua
Quando huma treiçaõ grande, e eſcondida
A Condeſſa de Sea lhe ordenaua:
Que inda que illuſtre aſſas, como offendida
Prender a dom Nunalures deſejaua
Em vingança da afronta que o marido
Tinha já delle em Syntra recebido.

Ajunta logo amigos, e criados
Porém naõ pode ſer tam cautamente
Que naõ foſſem os noſſos auiſados
Que com remedio acodem facilmente;
No paço onde ella os ſeus jà tinha armados
Deraõ com tanta furia de repente;
Que a Nuno Alures naõ ſer diſſo aduertido
Mal tiuera a Condeſſa o ſeu partido.

Com

Com hum descuidado riso o valeroso
A treiçaõ tendo em pouco, os aquieta
Doutro maior contrario cobiçoso
Que de huma mulher nobre, e indiscreta:
Mas por na terra estar pouco ocioso
Outra segunda noua o inquieta,
Que em Buarcos a nossa frota anchóra
Aonde hum correo enuia na mesma hora.

Mas alguns capitães a que a inueja
Naõ consente leuar tal companhia
Por ter mais certa a gloria da peleja
Que cada hum da jornada pretendia;
A fim de elle a naõ ter no que deseja
Desprezando o recado que trazia
Daõ as vellas ao vento mais ligeiro,
E torna com tal noua o mesageiro.

Ardendo em ira o capitaõ valente
Trocendo as mãos recebe este recado,
E as palauras detinha escassamente
No peito em viua colera abrazado:
As fronteiras se vai; mas porque á gente
Falta o soccorro, e soldo acustumado
Falla com os da cidade, que lhe acodem
Senaõ com o que ha mister, com quãto podem.

Descontente se torna imaginando
No tempo da jornada que perdera
E indo a passar o Tejo doce, e brando
Outra noua lhe daõ, que elle escolhera;
Que do Crato huns soldados vem passando
A Santarem: ouuindo a gente que era
Por lhes ficar da estrada tam vesinho
Procuraõ darlhe assalto no caminho.

Num

Num valle que cortaua aquella estrada
Se aloja aquella tarde a companhia
Iunto de huma ribeira descuidada,
Que entre huns amenos freixos se escondia;
E aly comendo á hora acustumada
Huma escuta lhe tras noua iguaria
Que Nuno mais deseja, estima, e preza
Que as que tinha Eliogabalo na mesa.

Armas dizia o ledo messageiro
Senhor, que os Castelhanos vem chegando
De cima os descubri daquelle outeiro,
Que vem de espasso o valle atrauessando;
Leuanta-se depressa o caualleiro
Os seus tras delle alegres vaõ sellando
Os elmos (que aly tem) à pressa enlaçaõ
Lanças tomaõ, adargas logo embraçaõ.

Ante elles o Pereira forte, e ledo;
Que de o sentir o imigo se arrecea
Marchemos, diz, amigos com segredo
Naõ se faça de nós a presa alhea:
A mesa fique aqui neste aruoredo
Teremos mór desejo para á cea,
Que o exercicio bom sempre conuida
Para se achar mais gosto na comida.

Daly sobindo o valle descobriaõ
Os que caminhaõ liures descuidados,
Que como deste assalto naõ temiaõ
Vinhaõ, mal aduertidos, mas armados:
Os nossos rijamente arremetiaõ
Em confuso tropel aluoraçados
Das trombetas o som, e os alaridos
Enchem do valle os eccos, e os ouvidos.

Pauo-

Pauorosos os outros neste enleo
Pararaõ conhecendo o que seria,
Mas logo cada hum de esforço cheo
Mui destro a deffenderse arremetia;
Poucos saõ de cauallo; e sem receo
De lanças cento entre elles aueria
Andaluzes mui destros, e guerreiros
Armados, e animosos caualleiros.

Durou-lhe breue espasso a deffensaõ
Em que animosamente se mostraraõ,
Naõ lhe val contra as forças coraçaõ,
E assi mui breuemente lhes faltaraõ:
Rendem-se ao vencedor, vendo que em vaõ
Procuraõ deffender-se, aly se acharaõ
Oitenta presos mortos, e feridos
Os mais com a noite, e matos escondidos.

Qual com pouca agoa o fogo mais se acende
Tal com esta silada o seu desejo
O día espera, e nelle já pretende
De tornar a passar o brando Tejo;
Mas cada hum logo á vozes lhe reprende
Aquelle animo em tudo tam sobejo
Culpaõ os seus tam nouo atreuimento,
Que ainda lho naõ consente o pensamento.

Que aquella imiga, e poderosa armada
Que passou por Cascais a ancora ferra
A' vista de Lisboa amotinada
Mais do temor vencida, que da guerra,
Graõ copia, e graõ poder de gente ousada
Logo em chegando aly lançára em terra
Com a qual o Rey seu campo juntar vem,
Que tinha na famosa Santarem.

Pôs

Pôs a cidade em cerco trabalhoſo,
Porque os lugares tem veſinhos della
Toma a entrada ao rio vagaroſo,
E os caminhos com guarda, e com cautella:
Sabe eſte aperto o capitaõ famoſo,
Que em ſó ſeruir á Patria ſe deſuella
Determina de noite, e com recado
Dar que entender ao campo deſcuidado.

Tomar de ſobreſalto o Caſtelhano
Deſte caminho ſeu mal aduertido,
E com os poucos que tinha fazer dano
A naõ ſer deſſes poucos reprendido:
Naõ ſofre aquelle peito mais que humano
Deſcanſo dos humanos tam querido
Paſſada aquella noite, e vindo o dia
Para Euora cuidadoſo ſe partia.

De Monſarás tem noua, que o caſtello
Polo Rey Caſtelhano era tomado,
E que ha muy poucos meos para auello
Por defendido, e bem fortificado:
Muito importaua ao Luſytano tello
Polo lugar aonde he edificado,
Mas com o alcaide naõ val nenhuma couſa,
Que Gonçalo Rodrigues he de Souſa.

Hum ardil eſtremado lhe occorreo
Entre outras preuençoens que im gi
Dez, ou doze dos ſeus logo eſcolheo
A que em ſegredo o feito encomendou;
E foi que antes que o Sol douraſſe o ceo
Encubertos dos muros os lançou,
E algumas poucas vaquas para hum monte,
Que á viſta do caſtello eſtá defronte.

Por-

Porque de algumas presas, que faziaõ
Naquella parte as gentes de Castella,
Era de presumir que ficariaõ
Encubertas da noite, e guardas della:
E para recolhelas que abririaõ
Da fortaleza as portas sem cautella
Que por estar fundada em tal assento
As vezes lhe faltaua o mantimento

E com esta occasiaõ ligeiramente
Podiaõ ter os nossos nella entrada,
Tendo ao longe copia de mais gente
Para o soccorro desta aparelhada,
A obra se ordenou tam facilmente
Que era já feita em sendo começada
O castello se toma, e Nuno chega,
Repara a força, a villa se lhe entrega.

Necessidade vil, baxa, importuna
Que portas naõ abriste, e naõ rompeste?
Em vendo a teu sabor cousa opportuna,
Que perigo sem fim? que fim temeste?
Tu só es sempre escraua da fortuna
Os poderes que tem tu só lhos deste,
Que pende o bom successo de huma empresa
Da tua força, e naõ doutra fraqueza.

Em fim deixou o castello já vencido,
A mulher do alcaide, e filhos delle fora
Nuno outra vez a Euora acolhido
Aonde descansara bem pouco agora;
Que em Badajoz estaua apercebido
Com muita gente armada, com que fora
Por Guadiana entrar, soberba, e leda
Ioaõ Rodrigues tambem de Castanheda.

Iá pera Eluas parte o Luſytano,
Que deſeja tratallo de mais perto,
Aonde o viſitar manda o Caſtelhano,
Que hum ſucceſſo taõ bom naõ tem por certo:
O meſſageiro vem contente, e vſano
Mas mais o eſtá Nuno Alures do concerto
Que diz que o Caſtanheda no outro dia
Com elle junto a Eluas ſe veria.

Com aluoroço alegre lhe reſponde,
Que o trabalho eſcuſaſſe da jornada
Que elle hia a Badajoz buſcallo, aonde
Lhe faria mercê ter-lhe a pouſada,
E em quanto o Sol nas agoas naõ ſe eſconde
Por dar lugar á noite enuergonhada,
Manda tocar trombetas, e o correo
Ligeiro leua a noua a donde veo.

Com os ſeus o Caſtanheda em armas poſto,
Se ſae hum grande eſpaço da cidade,
Animando-os com ledo e brando roſto,
Que a ventura paſſada ò perſuade;
Mas o Pereira ouſado, que o mor goſto
Vê de quantos lhe pede eſta vontade,
Em breue tempo a elle o deſengana,
E faz caminho á gente Caſtelhana.

Naõ foi a eſcaramuça muy comprida,
Bem pelejada ſim de parte á parte,
Leua o Pereira os outros de vencida,
Fere, corta, deſtroça, abala, e parte,
Quem pode com fugir ſaluar a vida,
Bem cuida que eſcapou das mãos de Marte:
A' cidade ſe acolhem com cuidado,
Em volta o capitaõ tras do ſoldado.

O Com

Com gritos das mulheres, e alaridos,
As portas vem cerrar por onde entrarão
Muitos dos Castelhanos mal feridos,
A que de Nuno os golpes alcançarão:
Os nossos leuão presos e offendidos
Vinte bons caualeiros, que ficarão,
E de junto aos muros dauão grita,
Aos que tão mal se ouuerão na visita.

Para Eluas faz a volta, aonde primeiro
O lugar com receo o esperaua;
Pouco nelle repousa o caualeiro,
Que entre tantos perigos caminhaua:
Mas como o seu repouso verdadeiro
Consiste no fim a que aspiraua,
Quanto mór o trabalho se lhe offrece,
Mór a gloria de tello lhe parece.

Em Euora dez dias descansara,
Quando teue outra noua de repente,
Que com o prior do Crato se ajuntara
Outra vez grão poder de armada gente,
E que outra companhia se apartara
Do arrayal del Rey, que em continente
Se hão de juntar na mesma villa, e logo
Pôr as terras do Mestre, a ferro, e fogo.

Com os seus não pode o forte caualeiro
Portugueses, que encontrallos pretendia,
Atalhar-lhe o caminho tão ligeiro
Como elles o passarão, porque hum dia
Iá antes que chegasse ali primeiro
Era passada aquella companhia
Polla ponte de Soro, aonde em chegando,
Soube quantos passarão, como, e quando.

Para

Para Euora tornou mui pezaroſo
De naõ prouar com elles a ventura,
Mas logo ſe moſtrou pouco ocioſo,
Que pôr em defenſaõ aos ſeus procura,
O Meſtre que lhe teme o perigoſo
Riſco, com pouca gente, e naõ ſegura
Da gente que partio do campo eſcreue
Dinheiro, armas lhe manda em tempo breue.

O capitaõ famoſo que naõ tarda
As gentes da comarca logo ordena,
Que nunca a força alhea acordaua,
E ſò tardança propria lhe dá pena,
Parece-lhe que teme, pois que aguarda
Iuntamente ſe anima, e ſe condena
Em ordem para o Crato já caminha,
Donde o imigo a procurrallo vinha.

Trinta e quinhetas lanças ajuntara
Con cinco mil infantes com preſteza,
Com que elle commettera, e confiara
Dar liberdade á terra Portugueza;
E inda muy pouco eſpaço caminhara
Com aquella ouſadia ſempre aceza;
Quando hum ſoldado dos do contrario bando
Por elle vem aos noſſos preguntando.

Huma carta lhe ofreſce do Sarmento
Pouco cortes, ſoberba, e confiada,
Que Nuno leo com pouco ſofrimento,
E guardou-lhe a repoſta com a eſpada,
Sem ſangue o meſſageiro, e ſem alento,
Que a vida tinha aly como empreſtada,
As redeas vira, e vai ſem mais repoſta,
Nouas leua ao ſenhor de que naõ goſta.

Logo de corredores, e de eſpias
Soube a vinda das gentes Caſtelhanas,
Que ſaõ muitas, e armadas companhias,
Que aſſollar vem as terras Tranſtaganas;
Do Crato caminhauaõ já dous dias
Do vencimento incerto mais vfanas
Do que os noſſos alegres eſperauaõ
A multidaõ das lanças que contauaõ.

Vinha de Niebla o conde valeroſo,
O Sarmento arrogante, e deſmandado
E de Alcantara o Meſtre valeroſo,
E o Caſtanheda hum pouco magoado,
O de Barbuda alegre, e cobiçoſo
De hum titulo que tras anticipado,
E o Prior dom Pedralures, caſo eſtranho
Que ſofra a natureza hum mal tamanho.

Duas mil e quinhentas lanças vinhaõ,
Com ſeiſcentos ginetes eſcolhidos,
Beſteiros, e peões conto naõ tinhaõ,
Em deſiguaes eſquadras repartidos,
E tam aluoraçados já caminhaõ,
Que ſendo deſte os noſſos diuididos,
Occupaõ Arrayolos, e Euora monte,
E o Vimieiro alegre tem defronte.

De Euora partia Nuno quando á meſa
Para jantar de eſpaço ſe aſſentaua
Mas tudo em pouco tem, tudo deſpreſa
Pello goſto, e ſabor que niſto achaua;
E os verdadeiros ſeus a que eſta empreſa
Mais que os outros manjares conuidaua,
Mal jentados ſe vaõ tras da bandeira,
E alojaõ-ſe na quinta da Oliueira.

Muy

Muy bem nesta cessaõ dizer pudera
Com confiança igual aos que trazia,
O que Alexandre Magno já dissera
Iunto do rio Granico outro dia
Que aquelle que de espaço naõ comera,
Alcançada a vitoria jantaria,
Pois tinha os mantimentos necessarios
Na prouisaõ sobeja dos contrarios.

Aly passou a noite sempre armado,
Valendo-se da cea de hum besteiro,
Hum paõ pouco mimoso, encetado,
E hũ rabaõ, se he de crer, que estaua inteiro;
E inda o sol naõ mostraua o ceo dourado,
Quando já da trombeta o som guerreiro
Chama, aluoroça, e arma os seus soldados
Com igual fome, e sono sepultados.

Para os contrarios marcha alegremente
E á descuberta vista o campo assenta,
Porque com tam faminta, e pouca gente,
Para tam grande copia se contenta,
Presumindo tambem que em continente
Batalha o inimigo lhe apresenta,
Que a multidaõ da gente que trazia,
Naõ daua a sospeitar que inda temia.

Eis que numa egoa baya assas ligeira,
Para elle vem airoso hum calleiro,
Dom Gracia Gonçalues de Ferreira,
Marichal de Castella, e bom guerreiro
A lança entre os arçóes, alta a viseira,
Tras elle de galope hum escudeiro,
A Nuno Alures chegou, que já espera,
Que logo aly dos seus soube quem era.

Capitaõ

Capitaõ valeroſo cuja fama
(Dizia o Caſtelhano) tanto álcança
Que o maior inimigo mais vos ama,
E em voſſo esforço tem mais confiança;
Segui ao fado amigo que vos chama,
Deixai a incerta e fragil eſperança,
Poſto que ſeja de animo inuenciuel,
Tomar por ſua empreza o impoſſiuel.
Os fortes capitães que a ſorte imiga
Tem tam perto de vós, que eſta vontade
Mais moue, mais contente e mais obriga,
Do que a vitoria certa os perſuade:
Conſiderando aqui como periga
Entre eſta gente em vaõ voſſa bondade,
Todos pedir vos mandaõ, e eu vos peço
Que atalhemos ao fim de hum mao começo.
Bem vedes vós ſenhor a differença
Do poder voſſo, e que he mais temeraria,
Que valente ouſadia; e quando vença
Ou polo valor voſſo, ou ſorte varia,
Que inda naõ he final eſta ſentença,
Nem tem numero a gente que he contraria
Para abater ao voſſo fundamento,
Que para hum Portugues ha mais de cento.
Tornai ſenhor ao Rey que vos deſeja,
E offerecer-uos manda a graça ſua
Ao meſtre a quem ſeruis fareis inueja,
Quando ſeu poder todo ſe deſtrua,
Naõ queirais ver o fim deſta peleja,
Para vós deſigual, aduerſa, e crua,
Tornai aos inimigos ſeruidores,
E aos famoſos irmãos voſſos mayores.

A isto lhe responde o Lusitano
Com huma alta segurança bem fundada,
Esse animo senhor, e termo humano,
De conseruar-me a vida desejada;
Bem sei que em vós he honra, e naõ engano,
Mas a vossa tençaõ vay nisso errada;
Que naõ he bemque estime, busque, e siga,
Mais que a rezaõ da Patria que me obriga.

Em vaõ se me offerece outro concerto,
Se naõ for a batalha que procuro,
Que o perigo da paz esse he mais certo,
E o partido da guerra o mais seguro;
E assim gozeis algum ditoso acerto
E este risco a que agora me auenturo,
Que apresseis esta vinda, que já agora
Me pareceraõ annos qualquer hora.

A tardança dos seus com isto accusa
Pois tam seguro o campo Castelhano
Vir com elle á batalha inda recusa
E o manda aconselhar sobre seu dano;
Que nem que fora o vulto de Medusa
Que em pedra trãsformaua hum peito humano
Mudará de seu peito, e pensamento
A fé de Portuguez, e o sofrimento.

Que sobre esta certeza naõ dilatem
A honra da vitoria tam sabida
Que accometaõ, que vençaõ, disbaratem
Aquella pouca gente, e mal regida;
Que se sò com razões nisto combatem
Segura a sua está de ser vencida
Com isto ao nobre Marichal despede,
E o que huma vez pedio mil vezes pede.

Mas.

Mas vendo aquellle peito tam alheo
De temor, tam seguro, e confiado
Entrou nos capitães tanto o receo
Que suspendem o intento começado:
De ira o Pereira entaõ, de esforço cheo
Cometelos quisera de indinado
Porém hum passo estreito os diuidia
Que aos seus estrago, e dano prometia

CANTO X.

Diuididos em companhias se retiraõ os capitães do campo Castelhano e vaõ muitos parar ao real del Rey que está sobre Lisboa: Com occasiaõ da peste que nella se aleuantou se descreue a casa dos castigos do mundo: Dom Nuno Alures se vem pera Aldea Galega: Toma Palmela; Poem a saco Almada, com muito dano dos inimigos que a tinhaõ por Castella: Continua a peste no campo del Rey: Leuanta o cerco, e vai-se pera seu reyno. Dom Nuno Alures passa a Lisboa por entre a armada Castelhana, visita ao Mestre: Torna-se a Euora: Toma Portel: Acquieta os bandos que em Eluas se leuantauaõ contra o seruiço do Mestre.

PAssou o dia, e vinha a noite cega
Iá assombrando os montes leuantados,
Porque o dourado Sol contente entrega
A Thetis seu queixume, e seus cuidados:
Nuno vendo que a guerra se lhe nega,
E que os seus sem comer disbaratados
Repouso pedem: logo as redeas vira
A' cidade outra vez donde partira.

Pollo

Pollo escuro da noite temerosa
Muitos das companhias se alongaraõ,
Huns como em branda cama e saborosa
Ao amparo das aruores ficaraõ,
Outros que a fome obriga trabalhosa
A sua terra, e casas se tornaraõ,
Nuno se poem em armas no outro dia,
Que tornar á batalha pretendia.

E posto que dos seus falta a mor parte,
Prrtir com aquelles poucos determina:
O mantimento e soldo lhes reparte
Para attalhar ao mal que os amotina;
Mas chega-lhe recado doutra parte
Que tudo torna em vaõ quanto imagina,
Que he leuantado o campo do inimigo,
Leuando alguns peões prezos consigo.

Para Viana marchaõ com segredo,
Que a noite os encobrio de enuergonhados,
Ou fosse bom conselho, ou grande medo,
Duas legoas vaõ de Euora alongados;
E por hirem marchando assim taõ cedo,
Prendem, e mataõ alguns dos que deitados
Entre as vinhas ficauaõ polla terra,
Que morreraõ da fome, e naõ de guerra.

De ira, e paixaõ Nuno Alures desespera,
E com trezentas lanças só que tinha
A Viana buscalos hir quisera
Se outra noua tras desta naõ lhe vinha;
Que Arrayolos dos nóssos se lhes dera,
Por imigos do Mestre, a quem conuinha,
Que aly o campo, e gentes se apartaraõ,
Das quais muitas ao Crato se tornaraõ.

Cas-

Castanheda, e Sarmento o bellicoso
Sem reposta da carta que mandara
Com setecentas lanças pouco airoso
Para o campo del Rey dali voltara;
Nuno de responder-lhe cobiçoso,
Com esta noua os seus depressa armara
Tras elle alegre vay, que ouque receo
De lhe mandar primeiro outro correo.

Com o vagaroso sono descuidados
Os capitães estauaõ, quando a noua
De Nuno lhe chegou com mil recados
Que o repouso, e caminho já lhe estroua,
Leuantaõ-se sem cor desatinados,
Que naõ querem chegar a fazer proua
De seu famoso braço, e forte lança,
Iá obrigado de ira, e de vingança.

E qual do rouco tiro da espingarda
Que entre os passaros deu, com desconcerto
O bando se derrama, e se acobarda,
Voando cada hum ao campo aberto,
Por morto tem os outros ao que tarda,
Crendo que o caçador lhe fica perto,
Nem nas aruores altas se asseguraõ,
Que com o voo chegar ao ceo procuraõ.

Tal entre gente timida, e turbada,
Foy a noua de Nuno taõ temido,
Que cada hum deixa a ordem custumada,
Do capitaõ que o tinha ali trazido,
Qual por atalhos vay, qual polla estrada;
Qual caminha entre os matos escondido,
E o Sarmento que entaõ se arrependera,
Da mal notada carta que escreuera.

Que

Que as palauras de hum animo insolente,
Sem discurso, sem tempo, e sem medida;
Nunca as soltou a lingua facilmente,
Sem ser de hum mao successo reprendida:
Por isto a Natureza diligente
A tem com tantos muros defendida,
Que he perigosa a sua liberdade,
Posta nas mãos da ira, ou da vontade.

Afronio por fugir deste perigo
Na montanha entre as feras habitaua,
Tres annos fallou Agatho consigo
Que com hum seixo na boca sempre andaua,
Epimenides diz ao charo amigo,
Que a fallar no banquete o conuidaua;
Que a callar só, seis annos aprendera,
Dez no mar a sofrer, e os mais perdera.

Diga Tantalo o fruito que colheo
De fallar liuremente, e sem cautella,
Lara da lingua ousada que perdeo,
E Ecco que inda na voz se aqueixa della,
Batto que em dura pedra conuerteo,
Mercurio pollos furtos que reuella,
E Anaxarco pisado a morrer veo,
Por fallar liuremente, e sem receo.

Quanto com mór razaõ será culpado
Quem naõ só com palauras solto e leue,
Offender ousa hum peito forte e honrado,
Antes de espaço as cuda, e lhas escreue,
Arrependido agora, e castigado,
Paga ao Pereira a honra que lhe deue,
O que tanto sem conta as contas deita,
Que da lingua nas armas se aproueita.

Em

Em Almada parou sem companhia
Dos seus, e inda nas costas o receo
Quanto Nunalures de Euora naõ partia
Polla apressada noua que lhe veo,
Que cousas no caminho cuidaria?
De vergonha, e de medo o rosto cheo:
Que diriaõ os seus que estauaõ perto,
Quando escreueo tam liure hum desconcerto?
Huns ao campo del Rey chegaõ fogindo,
Outros paraõ nos montes destroçados,
Outros cuidaõ que Nuno os vai seguindo
E embrenhaõ-se entre os matos leuantados,
Elle que isto entendeo logo em partindo
Os seus tem na cidade sossegados;
Que seguir a quem foge he vãa porfia,
Que o medo tem mais azas que a valia.
Passaua neste tempo grande aperto
A cidade que o Rey tinha cercada,
Tomados os lugares de mais perto;
E pollo mar com naues atalhada,
O remedio de todos era incerto;
Que crecendo o poder da gente armada
E no Rey peruenções, e diligencia,
Hia faltando aos poucos resistencia.
Só a terra abundante Transtagana
O valeroso Nuno sustentaua,
Que repremindo a furia Castelhana
Com vitorias aos poucos animaua:
Mas naõ bastaua aquella mais que humana
Fortaleza, que os animos armaua
A accudir aos portos, que o receo
Tinha tomado a todos neste enleo.

Que

Que já quasi rendidos ao perigo
Viaõ enfraquecer sua esperança,
Quando a benigna sorte, e fado amigo
Transtornou tudo em subita mudança:
E antes de ver deixar ao forte imigo
Aquella estreita, e dura vesinhança
Renouemos ó Musa na memoria
Hum grande espasso atras da nossa historia.

Aquelle sabedor astuto, e velho,
Que a Nuno conheceo quando se armaua
E na pequena hermida deu conselho
Ao Prior valeroso que caçaua;
Que nas estrellas como em claro espelho
Os futuros successos contemplaua,
Do reyno Portugues, que em tanto aperto
Tinha entre fogo, e agoa o fim tam perto.

Deixando a coua escura, aonde tinha
A morada encuberta em tantos annos
Com o zelo da gloria que conuinha
Ao fim dos claros feitos Lusytanos:
Cuidadoso de ver como encaminha
O cerco, a patria terra, immensos danos
Nouo termo imagina, e modo estranho
De a Portugal tirar jugo tamanho.

Hum espritu tirou do lago escuro,
Que obedecer custuma a seu mandado,
E sobre elle inuisiuel, e seguro
Os ares passa em nuuem transformado;
Da zona fria, e congelado Arcturo
Os negros orisontes tem passado,
E voando atrauessa o mar profundo
Té descobrir no centro hum nouo mundo.

Che-

Chegou á coua estranha do castigo
Chea de vaõ queixume, e triste pranto
Ilha do reyno escuro do inimigo,
Aonde Minos gouerna, e Radamanto:
Qual Ethna vomitando o fogo antigo
Entre nuués de fumo, e luz de espanto
O ar de espessas treuas se cobria
Como que nunca aly chegára o dia.

Parou o negro esprito aly diante,
E achou patente a temerosa entrada;
Entra na coua o cauto nigromante
Como quem sabe os passos da morada:
Sobre hum globo de fogo triunfante
Vio a ira no meo estar sentada,
Com hum aspeito feroz, medonho, horrendo
Ante o qual toda a terra está tremendo.

Negro o cabelo, e crespo que teciaõ
Venenosas serpentes assanhadas,
Que mil lingoas de fogo azul lambiaõ
Daquelle globo ardente leuantadas:
Raios de enxofre os olhos despediaõ
Nuués de fumo, as ventas indinadas,
Das mãos deitaua ferro, sangue, e fogo
Com os pès pisaua amor, brandura, e rogo.

Logo em outtros assentos que ficauaõ
Cercando o tribunal desta inclemente
Os castigos do mundo se mostrauaõ,
Cada hum com rosto, e forma differente:
He sangue, e fogo a terra que habitauaõ,
O ar sanguineo fumo, espasso ardente,
E ante todos em pé, sem força ou brio
Se mostraua o temor palido e frio.

Sem

Sem cor o rosto, os olhos inſiados,
A boca aberta, os braços deſcaidos,
Os pés menos ſeguros, que pezados;
No ar ſempre os cabelos, e os ouuidos:
Atropelando bẽs, honras, eſtados,
Glorias, bonanças, goſtos, e apellidos,
E o mais que ſem temor na terra alcança,
Quem naõ ſe acanha á vil deſconfiança.

Sobre hum tropheo de armas deſtroçadas.
Pernas, braços, cabeças ſobre a terra,
Vertendo ſangue em veas deſuſadas
Se via eſtar ſentada a dura guerra:
Carniceiros os olhos, e indinadas
As juntas ſobrancelhas para á terra,
Os dentes apertados, e huma eſpada
Na maõ, de ſangue, e fogo desbotada.

Logo a miſera fome differente
Com os deſcubertos oſſos diuididos,
E os olhos cintilando triſtemente
Nas profundas cauernas eſcondidos:
Com o frio alento eſtá continuamente
Dibilitando os corpos e os ſentidos
Raros cabellos, groſſos, e empeçados
A boca branca, os dentes deſcarnados.

Tras ella aquelle mal triſte, e funeſto
Té no nome odioſo á gente humana,
Que á maior força, e animo mais preſto
Abate, accanha, vence, e deſengana:
Com turbado, medonho, e frio geſto
Sobre a tumba intratauel, e profana
Reſpirando da boca o frio alento
Corrompe a viſta, a terra, o ar, e o vento.

Ante

Ante ella pardas nuués ſe enrolauaõ
De hum veneno mortifero, e de ſorte
Que os eſpiritos ſem fim que aly morauaõ
Em viua pena, eſtaõ temendo a morte:
As outras furias della ſe apartauaõ
Como que o ſeu poder era o mais forte
De esbulhadas cáueiras tudo cheo,
Que inda á terra aonde eſtaõ fazem receo.

Aly o velho aſtuto com cuidado
Do ſeo tira hum vidro mui pequeno
Por magicos encantos fabricado
Aonde o Sol nunca doura o ceo ſereno:
E daquelle ar cruel inficionado
Enchendo-o de mortal triſte veneno
O eſconde no peito; e já ſe vinha
Se huma viſaõ eſtranha o naõ detinha.

Porque voltando já pola outra parte
Quatro furias achou com que ſe enlea
Que caſtigaõ do mundo tanta parte,
Quanta o mar cerca; e quanta o ſol rodea:
Por quem honra, valor, juizo, e arte
Se eſcurece, ſe perde, e ſe recea,
Por quem anda a virtude em grande aperto
O mundo em confuſaõ, e em deſconcerto.

Vio a inueja infame, e tragadora
Que os óſſos pola pelle deſcobria
A cor palida, e verde, e por defora
Bichos que a roem, e cobras que comia:
Do veneno mortal que nella mora
A lingoa azul, e verde parecia
Com os olhos eſquinados de ira cheos
Vigiando de continuo os bẽs alheos.

Logo

Logo eſtaua a cobiça, que auarenta
Até da terra informe, que aly auia
Com a boca aberta eſtá ao ar que venta,
E com a cede hydropica o bebia:
O peito era outro Euripo na tormenta,
O ventre hum monte eſtranho parecia,
A viſta tam aguda, e tam ligeira
Que o lince naõ na tem de tal maneira.

No terceiro lugar mais eſpaçoſo
Porém naõ deſtes dous muito apartadas
Sobre hum trofeo mui alto, e ſumptuoſo
Ignorancia, e malicia, achou ſentadas:
O roſto mui riſonho, e gracioſo
Em ſeus geſtos ayroſos confiadas,
Ambas num cetro ás vezes ſe pegauaõ,
Mas nunca as mãos, e os roſtos apartauaõ.

O' caſtigos do mundo naõ temidos
Tratados entre nós continuamente,
Peſte, e guerra ciuil d'entre os nacidos
Ambicioſa fome, e deſcontente:
Se como perigoſos conhecidos
Foſſeis da miſerauel cega gente
Mais fugira de vós, mais vos temera,
Que Teſiphon, que Alecto, e que Megera.

Que deſejo? que intento? que eſperança?
Que virtude, ſaber, ou fortaleza?
Que goſto? que intereſſe? que bonança?
Que titulo? que cargo? ou que nobreza?
Se deſeja, ſe eſpera, nem ſe alcança,
Que naõ atalhe logo com preſteza
Qualquer deſtes imigos vencedores?
Que nem nos ha, nem podem ſer maiores.

 Arre-

Arrependido o velho bem quisera
Leuar desta peçonha por mais fina,
Que á da peste odiosa que escolhera
Para o castigo, e fim que determina;
Mas de espasso imagina, e considera
Que esta será do reyno á mór ruyna,
E que o fim naõ daria a tanta guerra
Quem foi principio della cá na terra.

Torna a voltar, e os ares vem cortándo
Naquella nuuem negra que o rodea
Se em diametro o Sol o fica olhando
Naquella regiaõ nada alomea:
Mas em quanto tam liure vai voando
Que do mar, nem da terra se arrecea
Tornemos a Nunalures, que ha já muito
Pára o custume seu que naõ faz fruito.

Iá com trezentas lanças que escolhera
Deixa Euora, cidade nobre antiga;
Porque huma carta o Mestre lhe escreuera
Por onde o chama, e com razões o obriga
O vassallo leal que nada espera
E crê que na tardança amor periga
Parte a Lisboa, e chega á vista della
Encuberto dos muros de Palmella.

Tomou da villa a nobre fortaleza,
Que por Castella estaua aleuantada,
E entrando nella a gente Portuguesa
Cobria a noite a terra descuidada;
Naõ se esquece Nunalures com destreza
De dar sinal ao Mestre da chegada
Por cubellos, e ameas logo manda
Fazer fogos que vissem da outra banda.

O

O Caſtelhano Rey que naõ ſabia
Os deſſenhos do noſſo Luſitano
Com os ſeus do campo olhaua, e preſumia
Que foſſe dos da villa algum engano;
Que tudo ao parecer de longe ardia,
E alguns grandes do campo Caſtelhano
Soccorrer ao caſtelhano bem quiſeraõ
Se vindo a Aurora as nouas naõ tiueraõ.

Tambem de Almada eſtranha aquelle fogo
Sarmento, e Caſtanheda deſcuidado,
E o valeroſo Meſtre entendeo logo
Que era o ſeu capitaõ já aly chegado;
E inda que o aluoroça aquelle jogo
Pola agoa, e pola terra eſtá cercado
Que ir juntar-ſe com elle bem quiſera
Como na ſua carta lhe eſcreuera.

Que vieſſe apreſſado lhe dizia
Té Aldea galega occultamente,
Donde com elle foſſe em companhia
As tranſtaganas terras fazer gente:
Porque a tam larga guerra pretendia
Dar fim numa batalha breuemente,
E approuando o Pereira aquelle intento
Mais depreſſa partio que o penſamento.

Paſſa no caſtello hum, paſſa outro dia,
E as vagaroſas noites ſempre armado
Do mar as ſurdas praias deſcorria
Ao hoſpede eſperando o conuidado,
Qualquer fraco batel que o mar mouia
Lhe parece que he elle, ou ſeu recado
Naõ ha dos ſeus com frio quem lhe aguarde.
Elle o naõ ſente, e cada vez mais arde.

Era isto na sezaõ que o Sol passaua
Do matador de Orionte o cabo estreito
Quando com brancas neues prateaua
O ceo as caluas serras sem proueito:
Mas nunca o caualleiro desarmaua
As greuas, espaldar, celada, e peito
Todas as noites vinha a ver a praia,
Esperando que o Mestre á borda saya.

Vinda a manhã, tornaua-se a Palmella
Queixoso da tardança, e da ventura
Via do campo imigo a gente bella,
E a armada pollo mar liure, e segura:
Ah com quantos cuidados se desuella!
Que contas faz? que pinta! que affigura!
Anima-o quanto vê; só o acobarda
Em tantas cousas ver que o Mestre tarda.

Hum dia por cansar este cuidado
Sahio com os seus á monte, que era vsança
Aonde hum porco feroz, e denodado
Prouou do braço iroso a forte lança:
E por ser grande em modo desusado
E ter tam perto aquella visinhança,
O mandou ao Sarmento de presente,
Que o mostra receber muy cortesmente.

O escudeiro astuto, e animoso
Que de Nuno o recado lhe offerece
Lhe diz que seu senhor quasi inuejoso
Do que ouue de seus feitos, e conhece:
Está de o visitar mui cobiçoso,
E que antes de tres dias lhe parece
Que chegaria a Almada para vello,
Se fóra o esperasse do castello.

A isto

A isto lhe naõ responde o capitaõ:
O presente mostrou quanto estimara,
E com hum recado alegre, e cortesaõ
Esquecido já doutro que mandara;
Responde: e manda logo ao Rey Ioaõ
O animal de estranha vista, e rara
Que foi de espanto a todos na outra banda,
E de pouco sabor a quem o manda.

Nuno sem mais licença determina
Fazer esta visita de mais perto,
E para o nouo assalto que imagina
Iá poem os seus em armas, e em concerto
Hum dia antes da Aurora matutina
A noite despedir, della encuberto
De Palmela se parte, e chega, quando
O Sol vai já aos montes matisando.

Ante os seus grande espasso se adianta
Por ver que se apressaua o nouo dia
Com tanto feruor vai, com furia tanta
Que se esquece da armada companhia:
Eis quando a villa em armas se leuanta,
E a gente enuolta em bandos accudia
Por defender a entrada se ajuntaraõ,
Porque de Nuno as gentes diuisaraõ.

Do cauallo saltou destro animoso
Com hũa lança nas mãos grossa, e pesada
Commete hũa barreira o valeroso
Aonde mais copia vio de gente armada;
Quando com hum brauo impetu furioso
Sobre elle vem com grita embaraçada
As pernas igualmente, e os braços mouem
Pedras, dardos, virotes, lanças chouem.

Elle

Elle qual brauo touro denodado
Que as garrochas naõ teme, e vai bramindo
Por onde o pouo vil, fraco, e turbado
A cada paſſo empeça, e vai fogindo;
Furioſo fere de hum, e de outro lado
Dardos, ſettas, e lanças deſpedindo
De tal ſorte das forças ſe aproueita,
Que naõ acha entre tantos rua eſtreita.

Iá tem conſigo o forte caualleiro
Que o perigo maior mais buſca, e ama
Tres, cujo braço, forte, e verdadeiro
Naõ he juſto que eſqueça á clara fama;
Gil Vaz Sarilho hé hum brauo guerreiro,
Vaſco Pires Chacim outro ſe chama,
E o primeiro que as pernas pôs mais rijas
Gil Rodrigues ſe diz de Santaſijas.

Com eſtes vai ſeguindo o bom Pereira
Os que temem ſeu nome de tal ſorte
Que nenhum ha ouſado que já queira
A furia exprimentar do braço forte,
Trombetas ſe ouuem já, chega a bandeira
E indireitando todos para o forte
Toma outra rua, aly ſe acende a guerra
Iá ſe reuolue o ar, já treme a terra.

Iá chega Nuno ás fraldas do caſtello
Aonde os contrarios tomaõ nouo alento,
Ou foſſe o penſamento de prendello,
Ou lhes deſſe a vergonha atreuimento:
Remetem rijamente a combatello
Quando com ira eſtranha, e mouimento
Sem cautela, ſem medo, e ſem receo
Hum homem d'entre os ſeus ſaltou no meo.

Leua

Leua logo em chegando hum Castelhano
Numa escuma que tras grossa e pesada,
Dá áos que lhe tem rosto o desengano,
E faz nos que lhe fogem larga estrada;
Paredes, muros tinge em sangue Hispano
Com huma fereza estranha arrebatada
Golpes tira sem medo, e sem compasso
Que a nenhum dos que alcança fica escasso.

Moço de esporas era do Pereira
Este forte, e Lopalures se chamaua,
Que vendo a seu senhor de tal maneira
Mostrar-lhe desejou quanto o amaua:
Naõ sae do arco a seta tam ligeira
Qual elle entre os imigos se lançaua
Eis que já a multidaõ que aly parara
As costas vira, a rua desempara.

Entre estes, que á mór furia vaõ fugindo
Se vê o Castanheda em passo estreito
Naõ acerta hum jubaõ que vai vestindo
Porque o tomou a noua inda no leito:
A vitoria Nunalures vai seguindo
Naõ contente do estrago que tem feito
Quando pela outra parte o pendaõ chega,
E a gente foge já toruada, e cega.

Ao castello se acolhem nesta enuolta
As portas cerraõ logo com mór pressa,
Nenhum a defender-se o rosto volta
Porque o imigo as ruas lhe atrauessa:
Hum por fugir mais leue a lança solta,
Outro ao muro de salto se arremessa
Presos se acharaõ muitos na partida
Muitos feridos mal, muitos sem vida.

Ce-

Ceuaõ-ſe nos deſpojos os ſoldados
Metem a ſaco a villa liuremente
Quaes vaõ de leues roupas carregados
Quaes de armaduras de aço rezulente:
Quaes leuaõ os ginetes cobiçados,
E os deſejos dos donos juntamente,
Que o que a vida eſcapou de tal perigo
Aſſaz fez quando a ſi leuou conſigo.

Recolhe Nuno os ſeus ſem grande dano
Sómente alguns feridos da peleja,
Poem-ſe á viſta do campo Caſtelhano
Porque o contrario Rey armado o veja;
Aruorar lanças manda o Luſytano
Faz que a bandeira ao vento ſolta eſteja,
O Rey que o caſo eſtranho naõ conhece
O Sarmento chamou que aly ſe offerece.

Ou foſſe imaginar, que em tal ſezaõ
Nuno Alures vir buſcallo naõ podia
Ou lhe eſqueceſſe o termo corteſaõ
De eſperar a viſita aquelle dia:
Perdeo a deſejada occaſiaõ
Que outrem mais deſejaua, e pretendia,
E porque logo as gentes conhecerá
Preguntando-lhe o Rey, diſſe quem era.

Depois vendo-o ficar como aſſombrado
Dando-lhe a elle a culpa de tal feito
Naõ ſejais, diz, ſenhor diſſo eſpantado
Que a capitães, nem Reys guardou reſpeito:
E cada hora do dia aquelle ouſado,
Menor que o coraçaõ que traz no peito
Viera a voſſas tendas ſem receo,
Se naõ ficara o mar poſto no meo.

Cre-

Crecem nisto as razões, crece a persia
De que o forte Pereira goza a gloria,
Que a Couna vem jantar aquelle dia,
E aos seus larga os despojos da vitoria:
Mas tornemos ao velho, que trazia
Para aquella obra a nós tam meritoria
O venefico vidro tam guardado,
Que ao arraial com elle era chegado.

No silencio da noite escura, e cega
As tendas mais humildes visitando
Do estigio licor que a vida nega
Vai por occultas partes derramando:
De modo o ar corrompe aonde chega
Que erua, ou planta que toque está secando,
E a terra aonde respira este ar corruto
Nega ás plantas a flor, nega-lhe o fruto.

Parte-se em dando fim a aquelle intento
Para o lugar occulto aonde moraua;
Nasce o dia, começa o sentimento
Da miserauel gente a que tocaua:
Aqui sae hum ferido, e macilento
De cujo alento aly outro espiraua,
Acola outro cae, outro o soccorre:
Que sem poder valer-lhe a seus pés morre.

Passa hum, passa outro dia, e vaõ passando
Muitos em que este fogo mais se atea
As tres irmãs naõ cessaõ de ir cortando
Cloto, e Lachesis dura, Atropos fea:
O Rey que neste estado miserando
Vê que aventura mais do que grangea,
Leuanta o arrayal com pressa estranha
Crendo que o que aly salua, isso só ganha.

Aly

Aly deixa o Sarmento ſepultado
Naõ menos valeroſo que arrogante
Do reyno de Galiza Adiantado
Na guerra, e para a paz muito importante:
O Velaſco tam nobre como ouſado
Camareiro maior do Rey poſſante,
De Santiago o Meſtre ſem reſpeito,
E outro que depois delle fora eleito.

Aly dom Fernaõ dalures de Toledo
Marichal de Caſtella, que primeiro
Eſte titulo teue, e deixou cedo,
De Touar Fernaõ Sanches bom guerreiro:
Guarda maior del Rey, que hum tempo ledo
Gozaua da vitoria, que primeiro
Teue daquella armada, que ao graõ Nuno
Fugira ſobre as agoas de Neptuno.

E outros que aqui contar fora infinito
De ſangue illuſtre, e peito valeroſo,
Que aquelle ar das cauernas de Cocito
Tam triſtemente trouxe a fim forçoſo:
E como ſe tiuera algum preſcrito,
E certo termo hum mal tam venenoſo,
Nenhum Portugues preſo, nem vencido,
Nem veſinho do campo foi ferido.

Manda pôr fogo o Rey naquelle aſſento,
E terra contra a morte mal ſegura
Ardem quintãs, e caſas de Sam Bento
Na mór força, e temor da noite eſcura:
O ſom vaõ das trombetas fere o vento;
Tangem roucos tambores de miſtura,
Quãto a noite he mais triſte, e mais cobarde
Mais ſe ouue tudo, e tudo moſtra que arde.

Num

Num quieto repouſo entaõ durmia
Nuno em huma alta torre de Palmela,
Quando o acorda gritando o que vigia,
Que eſtá fazendo a quartos cintinela:
Dizendo que a cidade em fogo ardia
Que hia graõ chama, e grande eſtrŏdo nella
O capitaõ confuſo do que ouuira
Toma armas, chama os ſeus, ardendo em ira.

Vio o incendio grande, e leuantado
Cuidou que era treiçaõ ao Meſtre feita,
Paſſar o mar intenta embaraçado,
Se o perigo das horas naõ reſpeita:
Toda a noite paſſea ſempre armado
Que imagina? que diz? que contas deita?
Té que a fermoſa aurora alegra os montes
E Apolo vem dourando os Orizontes.

Com o dia appareceo ſeu claro engano,
Sem offenſa Lisboa, e ſem receo
Aleuantado o campo Caſtelhano,
Mas de velas o mar ornado, e cheo:
E inda o Sol ſobre as agoas de Oceano
Doura o cabello ás filhas dé Nereo
Quando hum correo ſeu ao Meſtre chega
Que com faltar o imigo naõ ſocega.

Manda pedir licença, e já lhe peza
Naõ ir tomar-lhe o paſſo diligente,
Por dar vingança á terra Portugueſa
E deſengano á aquella armada gente;
Mas quer acharſe o Meſtre neſta empreſa,
Se o naõ atalha intento differente,
Manda, ſem ſeu recado que naõ parta.
O' quanto peza a Nuno deſta carta?

Tar-

Tardou o Meltre, o Rey foi caminhando,
O capitaõ efpera, e defconfia,
Paffos, horas, momentos vai cortando,
Aonde o Meftre vira, e o Rey feria;
E fem nunca ir em fi defenganando
Aquelle oufado intento que trazia
Polo eftoruo, e caufas que imagina
Ir bufcallo á cidade determina.

Com os feus a todo o rifco cuftumados
Parte huma madrugada alegre, e branda
Toma bateis ligeiros, e efquipados
Para paffar do Tejo á outra banda:
E dentre aquelles feus fortes, oufados
Que no batel configo meter manda
Hum efcudeiro affaz prudente, e forte
Antes de entrar, lhe falla defta forte.

Valerofo fenhor, cuja oufadia
Ia mais foro pagou ao vil receo,
A cuja fombra, a cuja companhia,
A cujas obras mais que á forte creo:
Que a armada Caftelhana vos prendia
Sonhei de noite hum fonho efcuro, e feo,
Vejo que eis de paffar por junto a ella,
Quiçais que he ifto alguem que mo reuella.

Sufpendei fenhor hoje efta partida,
Se eu confiado affi pediruos poffo,
Que o perigo menor de voffa vida
Será o fim de todo o esforço noffo:
Lembrar ifto o temor naõ me conuida,
Nem refpeito menor, mais que o fer voffo,
Naõ faõ defejos vis, baixos, cobardes,
Que eu quero paffar fó fe vos ficardes.

Seguro

Seguro o capitaõ lhe reſpondeo
Riſonho o roſto, alegre, e ſem mudança,
Naõ creo inſpiraçaõ ſe naõ do ceo
Nelle eſtâ minha vida, e confiança:
Pois a vós ſó tal ſonho commoueo
Ficai, que a vós fazia eſta lembrança,
Mas eu por voſſa parte me enuergonho
Que quẽ naõ teme os homẽs, tema hũ ſonho.

No batel ſalta, e mandá liuremente
Ficar em terra a eſte que o ſeguia
Por mais que o roga enfim naõ no conſente,
E elle a ſeguilo a nado arremetia:
Na praia fica triſte, e deſcontente
Vendo partir alegre a companhia
Era o mar leite, os ventos naõ ſoprauaõ
Ao ſom do remo as ondas ſe calauaõ.

Paſſa por entre a armada de Caſtella
E por naõ parecer que hia eſcondido
Depois de a ſeu ſabor paſſala, e vella
Manda tocar trombetas o atreuido:
Eis que já ſe réuolue a gente della
Subito ſe ouue o nautico alarido,
Polas cubertas ſae gente infinita,
E os remeiros dos barcos lhe daõ grita.

Deixo o aluoroço grande, e alegria
Do ſenhor que ante ſi vê tal vaſſallo,
E a que o Pereira illuſtre aly teria
De o ver, de lhe fallar, e de abraçallo:
As palauras de amor, e corteſia.
Os termos cuſtumados, que aqui callo
Nuno já a ſeus intentos lugar pede
O Meſtre lhe dilata, e lhe concede.

Mas

Mas hia já marchando o Castelhano
Para fora do reyno, e do perigo,
Que he conselho sem falha, e sem engano
Fazer pontes de prata ao inimigo:
Que inda que recebesse perda, e danno
Podia ser aos nossos graõ castigo
Assi deixou Nunalures sem seu gosto
Aquelle firme ousado prosuposto.

Torna com os seus guerreiros esforçados
A sustentar a sua antigua empresa,
Despedem-se saudosos, e abraçados
Os columnas da patria Portuguesa:
Nos ligeiros bateis aparelhados
Entra o famoso exemplo de firmeza,
E quando o Sol as ondas douro esmalta.
De Montijos na praia em terra salta.

Por Palmela passou aonde já tinha
O castello com guarda, e com recado
Passa a noite em Setuual, e caminha
Para Euora seu posto custumado:
A recebello o pouo todo vinha
Com alegria estranha aluoraçado
Nos rostos, lingoas, e animos se entende
Viua o bom capitaõ, que nos defende.

Aly esteue alegre, e satisfeito
De ver nos naturaes tanta amisade
Seu desejo ao pouo todo aceito,
E armado a defender a liberdade:
Mas como naõ descansa o brauo peito
Sem obrar de contino esta vontade,
Iá vai contra Portel villa arrogante
Para a Fronteira entaõ muito importante.

O

O esforçado Sousa a defendia
Fernaõ Gonçalues proprio senhor della,
Com muita gente illustre, e de valia
Dos mais nobres guerreiros de Castella:
Outro Mestre dom Pedro, e dom Garcia
Que em offender aos nossos se desuella,
Tanto Nuno se cansa, e imagina
Que entrar hum dia a villa determina.

Por dous apaixonados moradores
Hũa porta dos muros lhe foi dada
Entraõ subitamente os vencedores
Huma manham quieta, e descuidada
Despidos vaõ fogindo os defensores
Que a Villa deixaõ já desamparada
Acolhem-se com gritos ao castello,
Mas o Pereira ordena combatello.

Por concerto lho entrega o forte Sousa,
Iurando os bons de Nuno juntamente,
De naõ leuar daly nenhuma cousa
Deixando os ir com tudo liuremente:
Nuno que em tais materias naõ repousa
De tudo o restitue em continente
Poem-nos em saluo, e toma a fortaleza
E entrega-a logo á gente Portuguesa.

Teue nouas que em Eluas leuantauaõ
Bandos seguindo a parte de Castella,
A ella chega, e sabe os que culpauaõ,
E mandando-os ao Mestre, os tirou della:
Vio dos seus entre as armas que leuauaõ
Ou fosse com descuido, ou com cautella
Huma espada, e huma cota de valia
Que o bom Fernaõ Pereira aly trazia.

Voltou-lhe irofo o rofto, porque entende
Que a trouxe de Pórtel delle efcondida,
E com palauras afperas reprende
Quebrantar-lhe a palaura prometida:
O irmaõ com o filencio fe defende
Do bello rofto a cor quafi perdida;
O' eftranha nobreza, ó claro effeito
De hum forte capitaõ, de hum nobre peito.

Tanto fente efta afronta o caualeiro
Que naõ muda já mais della o fentido
De hum irmaõ tam leal, tam verdadeiro
Tello por cobiçofo, e fementido:
Tambem peza a Nunalures de ligeiro,
Pola mefma razaõ, tello offendido
Muda as razoens, e ás queixas muda o pofto
Por ver ao charo irmaõ mudado o rofto.

Ah intereffe vil baxo inmigo,
Que em vaõ contra a virtude te engrandeces
Quaõ certo he na vergonha o teu caftigo!
Quando o rofto defcobres, e appareces;
A vida, a honra, o fer poẽs em perigo,
Nem dás vida, nem fer, por mais que creces,
E fe fuftentas, fartas, e das vidas
Digaõ de teus louuores Craffo, e Midas.

CAN-

CANTO XI.

Vai dom Nuno Alures ſobre Villa-viçoſa, mouido de alguns recados que dos moradores teue: Na entrada da porta morre o valeroſo Fernaõ Pereira: Conta-ſe o eſtranho ſentimento de ſeu irmaõ: Finge-ſe hum ſonho que teue na villa de Borba, em o qual ſe lhe moſtra ſua alta deſcendencia: Enterra o corpo morto em Eſtremos: Manda liurar a Aluaro Coutado, que leuaõ preſo ao campo del Rey de Caſtella: Vai viſitar ao Meſtre.

COM o felice ſucceſſo, que a ventura
Nas obras de Nunalures prometia
Iá a Portugueſa gente ſe aſſegura
Piſando a ſugeiçaõ, que antes temia;
Qualquer caſtello, ou villa, já procura
Valerſe de ſeu braço, e ouſadia
Iá de Villa viçoſa antigua, e nobre,
Eſte deſejo a terra lhe deſcobre.

Mandaõ-lhe auiſo alguns ſecretamente
Que ſe com os ſeus a ella foſſe armado
Lhe dariaõ a entrada facilmente
Para a villa, e caſtello ſer tomado,
Aonde eſtá de Caſtella a melhor gente,
Com o Alcaide ao Meſtre rebelado,
Nuno logo á conquiſta ſe offerece,
Que a menores offertas obedece.

De Eluas ſae com os ſeus na dianteira
Para o que a ſeus deſejos tanto importa;
Mas quebra incauto a aſte da bandeira
O Alferez atraueſſando a porta:
Vendo hum agouro aly deſta maneira,
Deſconfiada a gente, e quaſi morta
Voltai ſenhor, lhe diz, que he ſer prudente,
Pois vos auiſa o ceo tam claramente.

Mas elle que os agouros tinha em nada
(Qual Claudio que o das aues naõ curou
Que em lhe contradizendo outra jornada
Entre as agoas do Tibre as ſepultou,
Alcançando a vittoria deſejada
Que contra os ſeus preſagios procurou)
A bandeira noutra aſte pregar manda,
E aos ſeus esforça, e diz neſta demanda.

Como? aſſi receais ſem fundamento
Companheiros leais eſta partida?
Quereis que nos eſtorue o vencimento
Huma couſa incapaz de ſer temida?
No que foi ſó do Alferez deſatento
Conſiſte por ventura a noſſa vida?
Sabei (ſe inda ignorais eſte ſegredo)
Que he autor dos agouros ſempre o medo.

Pois como pode ſer que em vos ſe veja
(Se vencido naõ for) eſte inimigo,
E quem naõ teme os riſcos da peleja
De ſombras vãs, naõ teme o vaõ perigo:
Todos conſentem já no que deſeja,
Mais dos com que partio leua conſigo,
No Arrehal deſcanſa a noite fria,
E parte antes que o Sol lhes moſtre o dia.

Naõ

Naõ ha rumor que entre elles se aleuante,
Que o silencio lhes era encomendado;
Mas a ligeira fama que diante
Com esta noua á villa tem chegado:
Faz que com preuençaõ muito importante
Esteja o inimigo acautellado,
A porta aberta, a terra posta a ponto;
E os soldados que ha nella saõ sem conto.

Fernaõ Pereira a todos se adianta
Com Aluaro Coutado o bom guerreiro
Que como aos dous nenhum perigo espanta,
Cada hum naquelle entende ser primeiro:
O rayo naõ deceo com furia tanta
Como o mancebo ousado vai ligeiro
A prouar com os contrarios a ventura
E buscar entre as lanças sepultura.

Tem huma porta a villa nobre, e bella
Com hum estreito vaõ antes da entrada
De abobeda mui forte, e feita nella
Huma aberta enganosa, atreiçoada,
Aonde a guerreira gente de Castella
Tem para a defender, sempre encerrada
Pedra, e mais moniçoes com que a soccorre
E o nome inda hoje tem porta da torre.

Aly aonde era a parte prometida
Os nossos chegaõ já com grande pressa,
E vendo a porta aberta, e defendida
Fernaõ Pereira a ella se arremessa
A nenhum dos que encontra deixa vida
O reboliço, e grita já naõ cessa
Setas, dardos, e pedras, e alaridos
Vaõ atroando as almas, e os ouuidos.

E a trauessando o vaõ daquella entrada
À custa do que armado lha defende,
Dando tam feros golpes com a espada
Que o que fugir naõ sabe, se arrepende:
De sobre a falsa porta huma pesada
Pedra, com grande furia os ares fende
Dá no mancebo, o elmo de aço parte
Cae sem vida aquelle ousado Marte.

Com sangue os roxos beiços se cerrauaõ
Inda inuocando o filho de Maria
Com os espritos vitaes que se apartauaõ
Na terra os fortes braços estendia:
Aos imigos soldados, que o olhauaõ
A dor, receo, e espanto commouia;
Metem na villa o corpo sanguinoso,
Que outro naõ tinha Espanha taõ fermoso.

Bem junto a elle espira hum escudeiro
Seu, que seguindo-o foi forte atreuido
Mas Aluaro Coutado que ligeiro
Fogio da pedra entraua assaz ferido;
E faltando-lhe o forte companheiro
Que pelejando assas ficou rendido
Iá chega Nuno; a gente a porta cerra
Que de ira acende o ar, e come a terra.

Sabe do charo irmaõ tam triste noua,
Só se arremessa ás portas de indinado,
Mas a gente magnanima lho estroua,
Que o tem dos fortes braços subjugado:
Naõ ha razaõ que o vença, nem que o moua;
Que o tem a ira, e dor desatinado,
Porém he já forçada a paciencia,
Que naõ val contra as portas resistencia.

Dellas

Dellas se aparta iroso, e descontente
Com o rosto baxo, os olhos inclinados
Os seus chorando todos tristemente,
E o pendaõ arrastrando os verdes prados:
Nenhum se ouue fallar, nada se sente
Se naõ sospiros tristes magoados
Em Borba aquella noite se apousenta,
E aly nouo cuidado o atormenta.

Naõ perde hum só momento do sentido
O peccado do irmaõ, que commetèra
Quando contra o contrato prometido
De dom Garcia as armas escondèra:
Crendo que por perjuro, e fementido
Tam aspero castigo o ceo lhe dera
Cansou-lhe tanto a dor a fantasia
Que sobre o leito armado se durmia.

Iá alta noite á hora mais serena
Dormindo ouue hũa voz doce, e suaue
O forte Heroe (diz) suspende a pena
Desse cuidado vaõ, pesado, e graue;
Que quem do ceo na terra tudo ordena,
E só de seus segredos guarda a chaue
Quanto o juizo humano naõ comprende
Té guarda, te engrandece, e te defende.

Nisto huma claridade mais fermosa
Que a do Sol, polos olhos lhe passaua;
E huma terra contente, e graciosa
Via na casa estreita aonde pousaua:
Chea de fontes, de aruores viçosa
Em cujo meo hum alto templo estaua:
De marmore luzente, e jaspe duro
Guarnecido e laurado de ouro puro.

Sobre

Sobre columnas mil ao ceo ſubia
De eſtranha obra, de eſtranha architectura,
O cume entre as eſtrellas ſe eſcondia,
Que a viſta naõ chegaua a tanta altura;
O aſſento na terra ſe eſtendia
Onde obra naõ fizeraõ tam ſegura
Meleagenes, Sugilas, Hermodoro
Cteſifon, Zenodoto, Apolodoro.

Hum eſprito luzente, e criſtalino
Dando-lhe a maõ, do leito o aleuanta,
E para o alto templo peregrino
Guiando hum pouco eſpaſſo ſe adianta:
Abre hũa porta eſtranha de aço fino,
Que outra naõ fez Epeo de arte tanta
A hũa ſalla o leua illuſtre, e bella,
Que nunca Nero a teue como aquella.

Encima do portal tinha entalhada
A Fama, juſto premio das grandezas
Sobre hum eſcudo de armas leuantada
Com hũa cruz entre as quinas Portugueſas:
A ſala alegremente alumiada
Com eſtrellas do Sol continuo aceſas,
As paredes em quadros de pinturas
Com diuerſos retratos, e figuras.

Aly tomando a Nuno a maõ direita
O varaõ mais que humano, lhe dizia,
De quem tanto hoje a terra ſe aproueita
Quanto para outra idade o ceo confia;
Eſta triſteza vam agora engeita
Que eſperando te eſtá noua alegria
Que a teu nome famoſo o ceo propicio
Hoje a pedra lançou neſte edificio.

Naõ

Naõ foi a com que a gente Caſtelhana
Deu ao famoſo irmaõ mortal ferida,
Cuja inuejada morte deſengana
A quem ſem gloria eſtima muito a vida:
Foi o ſangue da eſtirpe mais que humana;
De Deos para altas obras eſcolhida
Derramada nos muros que aleuanta
A teu immortal nome, a fama ſanta.

Aqui ſerá eterno o claro aſſento
De teus tam poderoſos deſcendentes,
Cujo aliceſſe, e cujo fundamento
Neſte irmaõ começou que agora ſentes:
Alegra-te, e deſterra o ſentimento
Abre os olhos, tégora deſcontentes
Verás varões, e heroas ſoberanos,
Que haõ de ver os futuros Luſytanos.

Nuno com goſto igual, e ligeireza
No que fallaua, a viſta aſſegurou
Que com aquella luz contino aceza
Marauilhas naõ viſtas lhe moſtrou:
Todas com tanta graça, e tal viueza,
Que a natureza da arte ſe eſpantou,
E no painel primeiro que apparece
A filha Beatriz naõ deſconhece.

O bello roſto aly mais venerando,
No qual huma luz grande ſe acendia
Voltaua ao charo eſpoſo, doce, e brando,
Que alegremente a maõ lhe offerecia:
Hum trofeo immortal eſtaõ piſando
Que os leuantaua a ambos; e os ſubia;
E o eſprito que a Nuno aly guiára
Deſta ſorte as pinturas lhe declara.

Eſta

Eſta que ves ó forte Luſytano
He aquelle alto ramo que eſcolheo
De tua ſtirpe o braço ſoberano,
Donde colheſſe flores todo o ceo:
Eſte eſpoſo que tem altiuo, e vſano,
No que em teu nome, e obras mereceo,
Filho he do Rey, que agora te affeiçoa,
A quem cedo darás cetro, e coroa.

Eſte terá de ti famoſa herança
Que com o real ſangue ennobrecida
Vencerá tempos, fados, e mudança
E a teu nome dará perpetua vida:
Será Duque primeiro de Bargança
Terra a teus deſcendentes eſcolhida,
Será forte, magnanimo, e ditoſo
Verdadeiro, catholico, e famoſo.

Della, e deſte varaõ ditoſo, e claro
Ha de nacer a gente mais que humana;
Que o alto ceo promete para amparo
Da antigua, e nobre terra Luſytana:
Logo o ves com esforço grande, e raro
Pelejar contra a gente Mauritana
De quem o pai com juſta, e ſanta guerra
De Iuliaõ entregue, cobra a terra.

Tambem neſte painel que eſtá diante
O ves em ciuis guerras occupado
Contra o incauto irmaõ, miſero Infante
Dos ſeus indoutamente aconſelhado:
Que ao Rey ſobrinho, e genro tam poſſante
Nega o reſpeito, e foro cuſtumado.
O morte triſte, ó caſo duro, e feo
O memoria de Ceſar, e Pompeio.

Iá

Iá neſte tempo tem por companheira
Conſtança de Noronha illuſtre, e bella
Do Conde de Gijon filha primeira
Neta do Rey Henrique de Caſtella:
E do Rey Portugues, que a derradeira
Por herdeira deixou do reyno, e della
A quem por meo occulto a ſorte priua
Naõ lhe ſendo no alheo reyno eſquiua.

Deſte primeiro Duque Affonſo, aonde
Teu ſangue irá ſobindo ſem detença,
O valeroſo filho naõ ſe eſconde,
Que ao pai naõ fez no nome differença:
Eſte ſendo por ti famoſo Conde
Affonſo o Rey Marques faz de Valença
Titulo que em grandeza acrecentára
Se a parca antes de herdar naõ no atalhára.

Atenta aqui verás que em terra eſtranha
Dá de ſeu graõ valor proua eſtremada
Leuando a Federico de Alemanha
A ditoſa conſorte, e deſejada:
Com deuota affeiçaõ que o acompanha
Peregrinando a terra mais ſagrada
Corre outras regiões, climas, e aſſentos,
Até tornar aos patrios apoſentos.

Funda o caſtello illuſtre, e leuantado
Que do de Magdalena naõ ſe eſquece,
Fortifica os lugares com cuidado,
Que já por ſeus na patria reconhece:
Faz de Ourem alta o templo celebrado
Que com deſpojos ſantos enriquece
Té que com os ſeus, da vida tranſitoria
A todos deixará queixa, e memoria.

Que

Que antes que o Duque perca a luz do dia,
Iá gozara do filho a ſepultura,
Que bem viuer na terra merecia
Quanto o mundo durar, e a fama dura:
De huma illuſtre dona, e de valia
(Que hum mao ſucceſſo faz de ſorte eſcura)
Outro Affonſo auerá muy generoſo,
Que o nome a Portugal faz mais fermoſo.
Ves delle a clara eſtirpe ſe derrama
Que aqui vai neſte quadro retratada;
Do Vimioſo a caſa, cuja fama
He graõ tempo dos fados inuejada,
A quem Minerua, e Marte tanto ama,
Que ella o eſcudo lhe dá, elle a eſpada,
Mas no que o mundo tem, buſca, e reſpeita
Naõ lhe dará a ventura a maõ direita.
Olha verás Fernando, que a herança
Terá do pai, e irmaõ, que nelle goza
Duque ſegundo a caſa de Bragança,
E primeiro Marques Villa viçoſa;
Cuja alta geraçaõ, cuja lembrança
Inda a pezar da inueja viguroſa,
Entre varias nações, e varias gentes,
Eternos fará ſer ſeus deſcendentes.
Ves que na tenra idade florecente
De Arrayolos por ti tendo o Condado,
Cae no valo, a braços juntamente,
Com o valero Mouro ſubjugado:
Eſtando defenſor na Lia ardente,
E fronteiro de Ceita celebrado
Aonde ſua memoria em largos annos
Guardáraõ ſempre os muros Tingitanos.
Eſta

Eſta he a eſpòſa illuſtre, quanto bella
Dos Caſtros honra, e luz, dona Ioanna,
Que rayos deitará de clara eſtrella,
Com que engrandece a terra Luſitana:
Mas hum Fernando altiuo nace della
Que ao mais ſeguro eſtado deſengana,
Com mudanças do tempo, e da ventura,
Nos quaes naõ pode auer couſa ſegura.
Eſte Duque terceiro dom Fernando
Mais magnanimo, e forte, que ditoſo:
Por quem triſte a conſorte eſtá chorando,
E o Rey, ou enganado, ou ſoſpeitoſo:
Virá a pôr neſte eſtado miſerando
O Reyno em varias partes duuidoſo,
Que quando ſopra o vento duro imigo
O mais alto lugar he môr perigo.
Fere primeiro o rayo furioſo
Os leuantados montes, que a planura,
E quando o mar cruel tempeſtuoſo
Menos o maior peixe ſe aſſegura:
Perde o Duque tam claro, e generoſo
Em hum momento a vida, e a ventura
Porque o mao proceder, e peito alheo
Traz ao Rey em perigos, e em receo.
Eſta a que volta o roſto tantas vezes
Sendo de Guimarães Duque eſtimado
Dona Lianor illuſtre he de Meneſes,
Filha de Pedro o Conde celebrado:
E eſtoutra que chorando largos meſes
Tem na corrente o Lena acrecentado
He Iſabel do proprio Rey cunhada
Que viuua a deixou deſemparada.

Eſte

Este he o valeroso, e forte irmaõ
Marques de Monte mór, que o peito altiuo
Mostrara com valor, e opiniaõ
Se lhe naõ forá o fado, e tempo esquiuo;
E sem deixar na terra geraçaõ,
Mas o seu nome só inteiro e viuo
O esprito soltará na terra alhea,
Porque da patria propria se arrecea.

Ves dom Affonso illustre, que primeiro
Conde será de Farao conhecido
Deste Fernando irmaõ, mui verdadeiro
Magnanimo, excellente, e mais valido:
Esta que o faz do Conde Sancho herdeiro
Escolhendo-o na terra por marido,
He Maria Condessa, illustre, e bella
Dos Noronhas reais famosa estrella.

De Odemira, com o seu cobra o Condado
Dando a tal nome assi môr esperança;
E enche de flores todo o reyno amado
Este ramo da casa de Bragança:
Por hum sexo e por outro derramado
Quanto a vista cõprende, e quanto alcança,
Que vaõ com nome, e gloria sustentando
Dous Sanchos, hũ Francisco, e hũ Fernando.

Dona Guiomar de Castro esta se chama,
Que na terra aonde está fica estrangeira,
Que por belleza illustre, sangue, e fama
Foi do Infante Fortuna companheira;
Dona Mecia estoutra, illustre dama
Naõ menos gloriosa que a primeira,
Medina Celi alcança por Duqueza,
Exemplo de valor, sangue, e nobreza.

Estes

Estes varões que ves claros lustrosos,
Que cada hũ tem seu nome em outro escrito,
Saõ Condes, Bispos, e homẽs valerosos
De virtude, saber, braço, e de esprito,
Cujos feitos tam claros, tam famosos
Quererte aqui contar fora infinito;
Mas outro irmaõ verás destoutra parte,
Honra de Astrea, e gloria do Deos Marte.

Ves aqui està com a vara gouernando
Com coraçaõ igual, com rosto inteiro
Que he do primeiro Duque dom Fernando
Dom Aluaro tambem filho terceiro:
No qual està Tentugal esperando
Para alta géraçaõ Conde primeiro,
Cuja illustre progenia altiua, e bella
Portugal goza, e honrará a Castella.

Este he o filho amado dom Rodrigo
De Ferreira Marques claro, e famoso,
Dom Iorge o charo irmaõ leua consigo,
Que de Gelues será Conde animoso:
Mas olha as irmãs claras, que eu me obrigo
Que teu sangue auerás por venturoso
Dona Isabel de Castro naõ te esqueça,
Que he de Benalcaçar a Condessa.

Ves della a toda Hespanha enrriquecendo
Com o fruito deste ramo florecente
Como os Duques de Bejar vem nacendo,
Tambem os Duques de Alua, e outra gente:
Toda esta terra estranha que estás vendo
O fruto occupará desta semente.
Dona Beatriz estoutra he de Vilhana
Honra da patria terra Lusytana.

Ves

Ves de Coimbra Duque o claro esposo
Filho do Rey segundo dom Ioaõ,
De Santiago, e Auis Mestre famoso,
Que a forte espada tem na destra maõ:
De cujo sangue illustre, e generoso
Terá principio a illustre geraçaõ
Daquelle exemplo raro, e verdadeiro
De honra, sangue, e valor Duque d'Aueiro.

Ves que de Aluaro nace outra Maria,
Condessa á Portalegre desejada,
Que tem da illustre gente clara, e pia
Dos Syluas Lusytania sameada;
Com Ioaõ Conde illustre, e de valia
Esta dama que ves será casada,
E delles naceraõ com mil louuores
Venturosos, e illustres successores.

Ves Beatris tam clara e tam fermosa
Do primeiro Fernando filha amada,
Que com o Marques primeiro da famosa
Nobre villa Real será casada;
Cuja progenie illustre, e venturosa
Será por largos annos dilatada,
Enchendo a terra alhea, e largos mares
De varões entre os homens singulares.

Estes que armados vaõ destoutra parte
Gloria da nossa antigua Lusitana,
Honra de Apolo, inueja do deos Marte,
E flagelos da infinita Mauritania;
Que haõ de extinguir no mundo tanta parte
Da Mahometica, immunda, e vil cizania,
Saõ tais, que sua fama eu afrontára
Se tam depressa aqui delles contára.

Olha

Olha as irmãs de trajo differente
Dona Guiomar se chama esta primeira
Condessa de Loulé clara excellente
De Henrique desejada companheira:
Dama, esposa, viuua em continente
He Catherina estoutra derradeira
A quem a morte aborrecida, e calua
O seu Conde tirou de Marialua.

Verás outro painel que està mostrando
De armas negras vestido hum caualleiro,
Que he do terceiro Duque dom Fernando,
E de Isabel, dom Gemes claro herdeiro;
Com o tio Rey á parte está fallando
Que lhe entrega os estados por inteiro
De que o priua outro Rey que injustamente
Executaua a ira no innocente.

Cá aonde o ves com os Mouros na peleja
Com magnanimo esforço, e braço ousado
Aruora este pendaõ da santa Igreja
No Barbarico muro naõ domado:
Toma a forte Azamor, que assi deseja
O Portugues imperio dilatado,
Que fique o Rey, e Ceo mais satisfeito
De seu famoso braço, e de seu peito.

Esta a quem dá a maõ, e tirà a vida
Por huma temeraria vam sospeita,
(Que em tam altos sugeitos concebida
De razaõ, nem de modo se aproueita)
He Lianor, que a sorte fementida
Poem nesta condiçaõ misera estreita,
Filha do Duque illustre, e verdadeiro
Que a Medina Sidonia he terceiro.

A

A ſegunda que ves logo he Ioanna
Do tronco dos Mendoças ramo nobre,
Que enche de fruto a terra Luſitana
Como todo eſte quadro te deſcobre:
Mas acabando eſtoutro donde mana
A geraçaõ que aqui naõ ſe te encobre
Olha outro filho illuſtre de Fernando
Que vai teu ſangue, e nome acrecentando.

O claro dom Dinis de Lemos Conde
A quem o ſobrinho, a filha faz Duqueza
Cuja bella progenia naõ ſe eſconde
Da Caſtelhana terra, e Portugueſa:
O filho dom Fernando he eſte aonde
Condes de Andrada apuraõ a nobreza,
Dom Affonſo he eſtoutro, que tens viſto
Comendador maior da cruz de Chriſto.

Deſte ves a conſorte deſejada
Neta de Pedro o bom Marques primeiro,
Do claro dom Diogo filha amada
De quem o meſmo Affonſo fica herdeiro:
Tecendo a geraçaõ tam venerada
Que abonará ſeu nome verdadeiro
Com os varões que o ceo já lhe aparelha,
A que aſſinala a cruz branca, e vermelha.

Ves de Dinis a filha generoſa,
Que a Saboya eſpantou, dona Mecia
Condeſſa de Salon, bella, e fermoſa;
Que ver a patria cá naõ merecia:
Olha Lianor naõ menos venturoſa,
Nem menos grande em partes, e em valia
Condeſſa deſejada, illuſtre, e bella,
Que a naõ tem Ribadauia tal como ella.

Ves

Ves a Antonia tambem diſcreta, e bella
Filha que de Dinis te eſtou moſtrando,
A quem ſorte fatal, benina eſtrella
Deu ao Coutinho illuſtre dom Fernando:
Marichal venturoſo, que com ella
Irá ſeu nome, e eſtado aleuantando,
E com os deſcendentes deſta dama
Crecerá ſeu louuor na voz da fama.

Mas volta os olhos cá com a eſperança
Deſte vindouro ſeculo, e ditoſo
Verás Duque a Barcellos, e a Bargança
Theodoſio tam claro, e tam famoſo
Cujo nome immortal, cuja lembrança
Naõ poderá vencer tempo inuejoſo
Honra do reyno amado, que o deſeja,
E dos eſtranhos Principes inueja.

Eſte herdeiro de Gemes tam valido
Com tantas excellencias eſtremado
No reyno em ſanta paz enriquecido,
Mais acrecentara ſeu grande eſtado:
Faz-ſe por todo o mundo conhecido,
E ao ceo mais aceito, e mais amado
Na caſa, e na capella, illuſtra, e rica
Reforma, illuſtra, funda, e edifica.

Eſta dama primeira a que offerece
A generoſa maõ como eſtá vendo,
He Iſabella illuſtre, que merece
Mais do que lhe eſtá a ſorte prometendo;
Filha de dom Dinis ſe naõ te eſquece
O que delle te fui moſtrando e lendo
Eſtoutra he Beatris clara, e altiua
A quem do Duque amado a morte priua.

Cá verás Isabel ditosa Iffante,
Que do ceo tem na terra tanta parte,
Com o alto esposo seu que tem diante
O valeroso Iffante dom Duarte;
Taõ amado do Reyno, como amante,
Que tudo justamente o Ceo reparte,
Cuja morte custosa aos Lusytanos
A patria chorará muy largos annos.

Verás Gemes, Fulgencio, Constantino
Filhos tambem de Gemes Duque ousado,
Cada hum por varias obras perigrino,
E o terceiro tam alto, e celebrado,
Passa no humido reyno Neptunino
E no que tem aos nossos subjugado
Tanto com santo zelo se engrandece
Que idolos pisa, e ouro desconhece.

Este he Theotonio aquelle espelho claro
De virtude, nobreza, e de prudencia,
Cuja religiaõ, e exemplo raro
Fez da alta dinidade penitencia,
Das nacões estrangeiras doce amparo,
Da nossa natural noua excellencia
De Euora Arcebispo, e dino juntamente
Da Cadeira de Pedro penitente.

Attenta este painel, e olha á Ioana
Que ves do esposo seu contente, e leda,
Será Marqueza de Elçhe soberana,
E nace della o Duque de Maqueda,
E Eugenia que na terra Lusytana
Terá da sorte a roda firme, e queda
Do famoso Francisco companheira
Conde, e Marques famoso de Ferreira.

Eis

Eis de outro trajo aqui ves a Maria,
E tambem a Vicencia clara, e pura,
Que com a deuaçaõ humilde, e pia
Daõ luz, e resplandor desta clausura;
Mas deixando o que aqui dizer podia
Para chegar ao fim desta pintura,
A Theodosio vamos aonde espera
Lusitania ditosa primauera.

Este he Theodosio vnico herdeiro
O Duque claro, e pio dom Ioaõ,
Principe fiel, firme, e verdadeiro,
Desprezador de inueja, e de ambiçaõ,
Em verdade, e justiça sempre inteiro,
Obseruante, catholico, e Christaõ,
Prudente, liberal, justo, esforçado
Só de imprudentes peitos pouco amado.

Esta que ves de tanta gloria dina,
Que a maõ dando-lhe está com graça, é arte,
He a alta, e generosa Catherina
Filha do claro Iffante dom Duarte:
A cuja géraçaõ quasi diuina
Inuejáraõ o Sol, Diana, e Marte,
Cujo juizo, e ser mais peregrino
Louuor será do sexo femenino.

Ves deste Theodosio valeroso
Nacer e de Beatris clara Duqueza,
Izabel nouo exemplo generoso
De virtude, brandura, e de nobreza;
Aqui ves o Marques seu doce esposo
Da antiga, e alta stirpe Portugueza,
Mas volta a ver a excelsa geraçaõ
Da filha de Duarte e de Ioaõ.

Delles por bem mayor daquella idade
Nace outro Theodosio desejado,
Que hum nouo sol será de lealdade
Na confusaõ do Reyno perturbado
Em esforço, valor, honra, e verdade
Fará crecer seu nome, fama, estado
Com eterno louuor sobre as estrellas
Ajudado da graça, e fauor dellas.

Ves que na tenra idade de dez annos
Vai cõ hum bello esquadraõ de gẽte armada
Com o animoso Rey dos Lusytanos
Que o real cetro deixa polla espada;
Aruorando nos campos Africanos
A bandeira dos fados venerada,
Que por segredo, e ordem naõ sabida'
Depois de vencedora foi vencida.

Ves que com o tenro braço as armas guia
Aqui, seguindo ao Rey no fero assalto,
Que de seu braço só tudo confia,
Do numero dos seus sendo taõ falto;
Mas Deos que occultamente moue e guia,
Os successos humanos de mais alto
Lhe dará nesta hora o desengano,
E que chorar ao Reyno Lusytano.

Iá em sangue e furor enuolta a guerra,
Contra Luso a vitoria se publica
De mortos, e feridos, se enche a terra
Do sangue, e dos despojos farta e rica,
O Rey entre as batalhas moue e cerra,
No real coche o tenro Duque fica,
Mas depois noutro o muda o vario fado
Iá dos vassallos seus desemparado.

Ves

Ves de Alarabes cá guerreiro bando,
Que o Duque em humas andas tem ferido
Os imigos alfanjes apartando
Que cada qual procura o ſeu partido:
Sobre a preſa os ingratos pelejando,
Tem o Duque magnanimo atreuido
De quem os fados daõ certa eſperança,
Que viuo ha de ficar para á vingança.

Ceſſa o rigor do barbaro inſolente,
Aqui em ſendo a preza conhecida,
Poſtrada ſe lhe ofreſce a Moura gente,
De terlhe feito offenſa arrependida:
Banhado em ſangue o principe excelente,
Aos ſeus procura em vaõ ſaluar a vida,
Que huns ficaõ já catiuos, e apartados:
E outros no turuo Luco ſepultados.

O graõ Rey perde a vida, e a ventura,
E o nome Portugues, que honrar pretende,
Ficando aos ſeus a ſua morte eſcura,
Que parece que a Parca ſe arrepende:
Todo o mundo terá por ſepultura,
Que Mauritania ſó naõ no comprehende,
E aſſim na opiniaõ do vulgo errado,
Andara viuo depois de enterrado.

Verás como na patria deſejada
No ſoberano eſtado já ſuccede,
E á confuſa gente, e perturbada
As armas, e as vãs lagrimas lhe impede,
Ves Luſitania triſte, e magoada
De males, que hum tras outro lhe ſuccede,
Feita em preza das gentes de Inglaterra
Oprimida com roubos, fomes, guerra.

Ves

Ves já contra ella o mar que senhorea
De inimigos nauios pouoado,
E a cidade de Vlisses que recea
O contrario possante, e desmandado;
Ves o principe Alberto que na alhea
Terra o gouerno tem, mando, e cuidado,
Poem todo o reyno em armas, e em defensa,
Mas naõ ha tal poder que o temor vença.

Poem cerco á graõ Lisboa o atreuido
Ingres, com gente illustre, e valerosa,
Desmayar ves ao povo tam temido,
Em huma occasiaõ tam duuidosa,
Tudo já julga o vulgo por perdido,
Que huma gente rendida; outra queixosa,
Como senhoreada da ventura,
Em nenhuma esperança se assegura.

Mas nesta confusaõ que ao longe vejo,
Verás decer ao Duque generoso,
Suas gentes consiguo e seu desejo,
Que he mais que as mesmas gentes poderoso,
Com cinco mil dos seus passando o Tejo,
Desperta, e arma o pouo receoso,
Que vendo o bello Principe a quem ama,
Cobra nouo valor com que se inflama.

Naõ vay chamado o principe escolhido,
Ou mandado do tio Rey prudente,
Mas de animo leal offerecido,
Sustenta á propria custa a forte gente:
O cerco taõ fundado, e taõ temido,
Ves que o Ingres leuanta em continente
Porque á defensaõ do reyno acode,
Quem tanto nelle manda, e tanto pode.

Iá

Iá ſe embarca, já dá ao vento as vellas,
E a Theodoſio ves que tambem parte:
Que baſtara a tomallas, e a rendellas,
Se a mais deraõ lugar Neptuno e Marte:
Mas o ſagaz contrario que em cautellas
Eſtratagemas, fogo, engano, e arte,
Funda mais ſeu poder que em braço e lança,
De nouo inda concebe, outra eſperança.

Poucos annos deſpois, ves que ſe atreue
A proſeguir a empreza começada:
Ves que o traz a ventura, e vento leue
Sobre Cadiz com poderoſa armada;
Ameaça a Lisboa que em mais breue
Se reforma da gente á guerra vſada,
Outra vez vem o Duque a ſoccorrella
Com hũ guerreiro eſquadraõ de gente bella.

Ves que Felippe o irmaõ moço animoſo
Lhe faz na tenra idade companhia,
Chega o Duque guerreiro poderoſo,
Deixa o Ingres o intento que trazia;
Torna a voltarſe o Principe ditoſo,
Que aqui ves entre jogos e alegria,
Eſperando já ver a chara eſpoſa,
Que na terra ha de ſer taõ venturoſa.

Aqui a ves deixar a patria chara,
E amanhecer a Luſo como eſtrella,
Dona Anna de Velaſco illuſtre, e rara.
Filha do Condeſtabre de Caſtella:
Da antigua géraçaõ illuſtre e clara,
Do valeroſo Infante, que dom Vela
Teue por nome, e delle deriuados
Seraõ os de Velaſco celebrados.

Eſta

Esta fará ditosa a santa liga
Dos estandartes hoje tam contrarios,
E será fim da competencia antiga
Dos fortes Condestabres aduersarios;
Grandes bẽs lhe promete a sorte amiga,
Em successos estranhos, casos varios:
Mas em pouco lhe rouba a Parca dura,
Tudo a que podem dar tempo, e ventura.
Ves aqui fica o Principe animoso
De sentimento e dor desanimado,
Que como amante triste, e saudoso,
Chora o seu mayor bem taõ mal logrado;
E ainda este successo riguroso
Ante os olhos terá representado,
Quando com noua dor, tristeza, e pranto,
Os irmáos sentirá a que ama tanto.
Mas o benino Ceo nunca auarento,
A quem lhe sabe dar justos louuores:
Vencerá esta magoa, e sentimento,
No desejado bem destes penhores;
Que do tronco real, que te apresento,
Brotaraõ neste ramo como flores,
Que haõ de illustrar a terra Lusytana,
E ser honra, e valor da Castelhana.
De Anna fica hum principe excelente,
Com que já Lusytania se engrandece
Ioaõ que a patria, o nome, a terra, e gente
Alegra, anima, honra, e enriquece;
E Duarte tambem que aqui presente
Com Alexandre agora te aparece,
E Caterina, que em muy tenra idade
Será da patria terra claridade.

Olha

Olha a Duarte, a quem a natureza
Formou para vencer a ventura,
De Fſechilla Marques, que á Oropeſa
Deixa o famoſo herdeiro, que procura;
Vendo cortado em flor com graõ triſteza
Eſte eſtremo fatal de fermoſura,
Beatris, da caſa illuſtre, e celebrada,
Que foy dos Paleologos deriuada.

Deſta dama, taõ clara, quanto bella,
Lhe nace o doce herdeiro dom Fernando,
A quem promette a venturoſa eſtrella
Senhorio mayor, ventura, e mando;
Honra ſerá no Reyno de Caſtella,
E o nome Portugues aleuantando,
Fará com mór valor ſeu grande eſtado.
Ser a pezar da ſorte acrecentado.

Tambem nace Ioaõ, que de tres annos
Vay a gozar da gloria prometida,
E Franciſco á que os fados deshumanos
Tiraõ de ſete injuſtamente a vida;
Em graça, auiſo, e dões mais ſoberanos
A natureza deixará vencida,
Vendo na ſua idade tenra e verde,
O que nas mãos da Parca em fim ſe perde.

Deſta parte o verás acompanhado
Doutra bella conſorte, que em grandeza
Naõ he inferior ſeu nobre eſtado,
E em tudo o mais contenta á natureza:
Dona Guiomar que o nome celebrado
Fará de Malagon felix Marqueza,
Da géraçaõ illuſtre, e do appelido
Que he mais em toda Heſpanha engrãdecido.

Olha

Olha Alexandre hum Principe excellente,
Que o ceo á Lusitania tem guardado,
Que a purpura deuida liuremente;
O Tibre lhe detem como enleado;
Os olhos nelle tem de Luso a gente;
Que como hum nouo Athlante sustentado
O ceo aos ombros tem, e a terra antiga
Que Giraldo liurou da gente imiga.

Mas na força maior desta esperança
Em que a patria estará toda influida
Da terra para o ceo fará mudança,
Dando por gloria eterna a mortal vida;
Ah quanto custará delle a lembrança
A terra de seus bẽs desconhecida,
E á aquelle soberano, excelso templo
A quem será na vida estranho exemplo.

Aqui verás Felippe moço ousado,
Que como o sol, que rompe do Oriente
Doura com sua vista o monte, e prado
E de esperanças enche a patria gente,
Mas seu preço, e valor tam desejado
O seu braço magnanimo e valente,
Cortará com rigor a Parca injusta
Na mais florente idade, e mais robusta.

Esta que ves de branco estar vestida
Coroada de Palmas, Cedro, e Louro,
He Maria que a morte rouba á vida,
Por nos roubar da vida o mor thesouro:
A sua estrella em nuués escondida
Irá tocando o sol com rayos douro,
Quando se eclypsar com perda estranha
Magoa de Portugal, e toda Hespanha.

Olha

Olha a bella Duqueza Serafina
De Escolona e Marqueza de Vilhana,
No ser, no nome, e parecer diuina
Na condiçaõ real sómente humana,
Que sendo a Lusitania della indina
Faz venturosa a terra Castelhana
Dando a Ioaõ, que o Ceo estima em muito
Estas flores que ves com tanto fruito.

Este da geraçaõ antiga, e clara
Do conquistador forte, e caualleiro
Que a dom Henrique o Conde acõpanhára
Pay do Rey Portugues que foi primeiro:
Será Duque de fama illustre, e rara
Prudente, e generoso, verdadeiro
Que de Pacheco o celebre appellido
Fará no mundo ser mais conhecido,

A ella nos roubara de pura inueja
Roma deixando a Hespanha magoada,
Clemente he este o bom pastor da Igreja
De quem com santo amor he venerada:
Mas o ceo que a mais ama, e mais deseja
De espiritos luzentes rodeada
A leua a pôr os pés sobre as estrellas
Pois na vida, e na luz soube vencellas.

Ves cá sobre esta nuuem cristalina
Quatro flores seguir a huma donzella,
Angelica, Isabela, e Chyrubina,
Cada huma mais angelica, e mais bella;
E outra Maria a quem a terra indina
Deu em nacendo ao ceo por noua estrella
E estes longes que ficaõ da outra parte
Poder naõ tenho agora de mostrarte.

Neste

Neste quadro a pintura fenecia,
E no alto outra historia começaua
Aonde huma bella dama apparecia,
Que com hum Leaõ contente se abraçaua:
Mas o espirito que a Nuno aly trazia
Lhe soltou leue a maõ com que o guiaua;
Ao perguiçoso sono o corpo entrega,
Que tanta luz lhe mostra a noite cega.

Mas já a Aurora vinha desatando
A sombra escura que atalhaua o dia,
E d'entre as pardas nuuens cintilando
O Sol as claras agoas acendia;
Ao sinal da trombeta despertando
Daquelle sonho alegre a fantasia
Do morto irmaõ, o corpo auer procura,
Para lhe dar honrosa sepultura.

O Alcaide da villa naõ lho impede,
Mas manda-o dar aos seus honradamente,
Assim por se temer de quem lho pede,
Como por ser honrado, e ser valente;
Com a pompa que na guerra se concede,
E lagrimas da amiga, e forte gente
No templo a S. Francisco dedicado,
Mosteiro de Estremos, foi sepultado.

Torna Nuno a cercar Villa viçosa,
Com mor poder de gente apercebida
Por ver que aquella terra graciosa,
Era a seus descendentes prometida,
Durou o cerco, e guerra trabalhosa,
Foy com graõ força a villa combatida,
Mas tem de moniçóes tanta abastança,
Que tirou a Nunalures a esperança.

Deixa

Deixa a empreza, e já lhe daõ recado
Que a Oliuença leuaõ neſte enſejo
Preſo o ſeu valente Aluaro Coutado,
De que o contrario Rey tem graõ deſejo,
E por poder valer ao bom criado,
A quem ſempre tiuera amor ſobejo,
Manda dos ſeus alguns ſecretamente
Tomar a eſtrada áquella armada gente.

Aſſim pollo valor que ali moſtrara
Quando a porta paſſou fero atreuido,
Aonde animoſamente pelejara,
Sem ver á liberdade algum partido,
Como por ver que a Nuno era taõ chara,
A vida de hum ſoldado taõ valido
O Caſtelhano Rey vello quiſera,
Se o bom Pereira a noua naõ tiuera.

No vaõ que entre huns montes ſe fazia,
Aonde duas eſtradas ſe cruzauaõ,
No mais alto da noite eſcura e fria,
Os ſeus com graõ ſegredo ſe embrenhauaõ
Quando paſſando os deſta companhia,
Que a deshoras com medo caminhavaõ
Os noſſos daõ ſobre elles num momento,
Que fogem taõ ligeiros como o vento.

Ali deixaraõ preſo o caualeiro,
Que os noſſos trazem já com graõ ruido,
Recebe-o alegremente o bom guerreiro,
Que era delle contente, e bem ſeruido:
Que alem de leal ſempre, e verdadeiro,
Era forte nas armas, e atreuido,
Cuja memoria he bem que naõ ſe eſqueça,
Antes com nome eterno ſe engrandeça.

Deſte

Deſte inda os deſcendentes que naceraõ
Seruindo a grande caſa de Bragança
Como fieis e honrados ſuccederaõ ,
Suſtentando a virtude deſta herança ;
Coutados em Machados conuerteraõ ,
Naõ fazendo nas obras a mudança ,
Goze lembrança , e nome taõ honrado ,
Nuno e ſeu ſucceſſor , Luis Machado.

Deixado aquelle cerco , que a vontade
Taõ ſolicitamente lhe obrigaua ,
Poſto o criado em doce liberdade ,
Que elle por ſeu valor tanto eſtimaua ;
Em Euora aſſentar ſe perſuade ,
Porem cuidando ali que deſcanſaua ,
Para hir buſcar ao Meſtre ſe aparelha ,
Que mal ſem ſeu esforço ſe aconſelha.

CAN-

CANTO XII.

Trataõ os pouos de aleuantar por Rey ao Mestre D. Ioaõ. Elle se aparta da cidade, e vai por cerco a Torres vedras aonde D. Nuno Alures Pereira vem ter com elle, e o leua a Coimbra. He dos pouos eleito por Rey, e D. Nunalures feito Condestabre. Aparece huma grossa armada Castelhana sobre Lisboa, vai o Condestabre á cidade do Porto armar contra ella, acha sua mulher e filha, intenta hir em romaria a Santiago, toma o Castello de Neiua, e Viana: entregaõ-se-lhe Caminha, Villanoua, e Monçaõ, neste tempo chega o Rey ao Porto poem cerco a Guimaraens, e o Condestabre deixando sua romaria toma a cidade de Braga, e Ponte de Lima, e tornando com elRey ao cerco, lhe daõ nouas que elRey de Castella dece com todo o seu poder sobre Portugal.

EM quanto isto passaua alem do Tejo
O pouo de Lisboa aluoroçado,
Com natural amor, mostra desejo
De ver por Rey ao Mestre aleuantado:
E alguns que tem por leue, e por sobejo
Ter-lhe o nome real antecipado,
Entre o enleo vão de razões varias,
Iulgauaõ as leaes por temerarias.

Hum murmuro continuo discorria
Por praças, e lugares da cidade,
Mas quanto hum contradiz, outro aprofia;
Taõ igual he no vulgo esta vontade:
O mestre valeroso, que entendia
O que a huns, e a outros persuade
Por tirar occasiaõ ao dano alheo,
Os muros da cidade poem no meo.

Vay

Vay cercar Torres vedras villa altiua,
Que eſtaua entregue á parte de Caſtella,
Que quanto mais rebelde, e mais eſquiua
Mor o deſejo tem de combatella;
Entra nos arrabaldes, e catiua
A deſcuidada gente, e ſem cautella
Donde combate os muros cada dia,
Com deſtreza, com ſorça, e com porfia.

Mas em vaõ foraõ delle combatidos,
Neſte primeiro aſſalto, porque eſtauaõ
De guerreiros mui deſtros defendidos,
Que com valor, e esforço pelejauaõ:
Os capitaens, e alcaides diuididos,
Que por Caſtella em Ribatejo eſtauaõ,
Correm a armar de noite huma cilada,
Contra o Meſtre, que a villa tem cercada.

Bem como os lauradores na montanha,
Perſeguidos da fera roubadora,
Contra a qual lhe naõ val deſtreza, e manha,
Que lhe deſtrue os gados cada hora,
Quando a vem ſem colheita, e na campanha,
Das brenhas naturaes lançar-ſe fora,
Iuntos com multidaõ confuſa, e leue,
Cada hum na fé dos muitos ſe lhe atreue.

Aſſim eſtes fronteiros enganados
A que a occaſiaõ tanto conuida,
Com ſecretos correos, e recados,
Concertaõ huns com os outros a partida,
Com grande eſtrondo vem aluoroçados
Como á contenda, e couſa ja vencida,
Porem ſem receber o Meſtre injuria,
Antes de accometerem falta a furia.

Seu

Seu campo ordena o principe famoſo,
Que foi logo auiſado deſte intento,
Poem roſto á aquelle aſſalto perigoſo,
E fortifica o ſeu alojamento:
No campo largo, e monte pedregoſo
Para hũa parte, e outra com bom tento
Atalaias, e eſcutas auiſadas
Tem tomado os deſuios, e as eſtradas.

Mas o que neſte aſſalto teme, e ſente,
O temor he dos ſeus, que o perſuade,
Que tem fraco poder, e pouca gente,
Para a que vem com tanta liberdade,
Que aſſaz he com os que tem ſeguramente
Defender-ſe entre os muros da cidade,
E eſtando de conſelho quaſi alheo,
Vede o ſocorro eſtranho que lhe veo.

Ao deſcobrir de hum cerro appareceo
Como hum tropel de gente de a cauallo,
Que a todo o noſſo campo commoueo,
E no Meſtre naõ fez pequeno aballo,
Mas logo a Dom Nunalures conheceo,
E ſae-ſe dos ſeus para eſperallo;
E entre abraços de amor, e de alegria;
Nos ſeus já dos perigos ſe eſquecia.

Nuno que ouuindo em Euora que queriaõ,
Que foſſe aleuantado por Rey nouo
O Meſtre alguns, e que outros o impediaõ,
Encontrando o querer de todo o pouo,
As duuidas, e as couſas que mouiaõ,
Menos da razaõ ſolida, que eſtrouo,
Para ſe achar preſente neſte enſejo
Deixara as frontarias de Alemtejo.

Com setenta de mulas vinha, armados
De cotas, e braçaes sómente, á corte
De Lisboa chegou, acha os recados,
Donde o Mestre ficaua, e de que sorte:
Arneses busca aos seus ali emprestados,
Armou-se em breue espaço a gente forte,
Parte-se, chega a Torres como ouuistes,
Aonde o Mestre, e os seus eraõ taõ tristes.

Logo o campo mostrou grande alegria,
Vendo em soccorro seu tal companheiro,
E muito mor o Mestre a recebia,
Que em respeitos e amor era o primeiro,
De nouo a villa armada combatia,
Que o naõ dilata o nosso caualeiro,
Escaramuças ha continuamente,
Leuando sempre a palma a forte gente.

Os capitães, que estauaõ de concerto
De Obidos, de Alemquer, de Santarem,
De Syntra, e dos lugares mais ao perto,
Que com mil lanças contra o Mestre vem;
Tanto que no caminho sabem certo,
Que consigo o Pereira ousado tem,
Da sua gente, e forças desconfiaõ,
Tornaõ atras do intentento que traziaõ.

Neste tempo os da villa a quem naõ falta
Diligencia sutil que tudo espreita,
Descobrem hũa mina escura, e alta,
Que ao castello os nossos tinhaõ feita:
Nuno que já no cerco sente a falta
De preuençóes, do tempo se aproueita
Sobre elegerem Rey se ha de tal arte,
Que eis já para Coimbra o Mestre parte.

A fazer

A fazer cortes vay determinado
Sobre o nome de Rey taõ merecido,
De algũs por seus intentos encontrado,
Do Reyno lealmente offerecido,
De dom Nunalures só taõ desejado,
Como depois guardado, e defendido:
Iá se leuanta o cerco, o tambor soa,
A gente os arrabaldes despouoa.

Dos muros se apartou a gente armada,
E elle na retaguarda astutamente,
Quando atras ouue hum cego que lhe brada:
Ah leuai-me senhor dentre esta gente,
Que eu só naõ vou tras vos nesta jornada
Por naõ seguir aos outros leuemente
Naõ quero vida aqui para mais danos,
Pois deixais liuremente os Castelhanos.

O capitaõ piadoso quanto ousado
As redeas volta á mula muy ligeiro,
A's ancas toma o cego desprezado,
Que nenhum quis leuar por companheiro;
Da villa quatro legoas apartado,
O deixa liure o forte caualeiro,
E recolhendo as gentes derramadas,
Num corpo leua os seus pollas estradas.

Passa Obidos alegre, e bem murada,
Alcobaça fructifera, e viçosa,
Leiria doce, alegre, e desejada,
E Montemor antigua e bellicosa:
E huma clara manham bella e dourada,
Descobre a terra altiua e graciosa,
Coroada de palmas, era, e louro,
Que he de Minerua e Phebo o mortesouro.

Eis atrauessa o campo tam famoso,
Que de Hercules o nome inda sustenta,
E as altas torres vê, que o vagaroso
Mondego em seu remanso representa;
O quaõ alegre o Mestre valeroso
Da deleitosa vista se contenta,
Aonde as agoas, os montes, e a verdura,
Menos parecem montes, que pintura.

A corrente serena, e graciosa,
Os alegres outeiros leuantados,
Os limites da praya tam fermosa,
Com salgueiraes espessos assombrados,
A cidade tam nobre, e populosa,
Descobrindo do alto o rio, os prados,
Aos olhos parecia estar diante,
Qual no esmaltado anel claro diamante.

Com aluoroço as gentes, e alegria
A vagarosa ponte atrauessauaõ,
A ver aquella illustre companhia,
Em cuja mostra os peitos se alegrauaõ,
Em bandos os mininos, e em porfia
Ante o cauallo ao Mestre se ajuntauaõ,
Entoando contentes por seus modos,
Viua o nosso bom Rey cantando todos.

Elle suspenso, os seus aluoroçados,
Manda chamar do Reyno os seus mayores
Condes, Bispos, Abbades, e letrados,
E dos pouos comũs procuradores;
E inda que em parecer muito apartados,
Rostos, e corações de varias cores,
Intentos, e tenções de muitas sortes
Sobre elegerem Rey fizeraõ cortes.

Com

Com grandes alegrias recebido,
Como depois em grande eſtremo amado,
Por eleiçaõ dos pouos eſcolhido,
Pollos grandes do Reyno leuantado,
De Meſtre em Rey Ioaõ foy conuertido,
Pollos homẽs perdido, e por Deos dado
Cujo nome immortal, cuja memoria
Naõ pode eſcurecer nenhuma hiſtoria.

Iá do cargo real mais cuidadoſo,
Porque ſeu Reyno, e nome ſe ſuſtente,
Faz Condeſtabre o forte, e valeroſo
Dom Nuno Alures Pereira em continente;
Menos ſe altera o capitaõ famoſo.
Do que ſe alegra a Luſitana gente,
De ver o peſo, e ſer de toda a guerra
Naquelle zelador da patria terra.

Aly com grande aplauſo lhe foi dada
Aquella antigua, e nobre dignidade:
A gente Portngueza aluoraçada,
Com Rey, com defenſor, com liberdade,
Tem nouas de Lisboa amedrentada,
Que tem no rio á viſta da cidade
Hũa armada muy grande de Caſtella,
Que hum dia amanhecera á viſta della.

Chega ali com o recado hum meſageiro
Ao Rey que deſte nome naõ ſe eſquece,
Chama a conſelho os ſeus dos quais primeiro
O Condeſtabre as armas ſe offerece;
Que aquelle leal peito ſempre inteiro,
Que em nenhum riſco, ou trance desfallece,
Pollo mar duuidoſo, e polla terra
Quer ſuſtentar a furia deſta guerra.

Ao

Ao Porto vay com os ſeus, e leua intento
Com mais gentes, e a pouca que leuaua
Dar á ſorte do mar vellas ao vento,
Para onde a inimiga frota eſtaua,
Com eſte ouſado, e firme pençamento
Dos campos do Mondego ſe apartaua,
Com ſòs ſeiscentas lanças, que ali tinha
Ia do Rey ſe deſpede, e já caminha.

Dos de a cauallo leua em companhia
Trez vezes ſincoenta, que a mais gente
Armada marcha a pé, que naõ podia
Encaualgarſe ali taõ facilmente,
A tardança, e jornada que fazia,
Mais vagaroſas niſto, o quanto ſente
E indo as ſentira mais ſe conhecera
Naquella occaſiaõ o bem que eſpera.

Quiçaes me auereis ja por deſcuidado,
Ou que eſtareis tambem diſto eſquecido,
Que depois que Nunalures foy chamado,
E d'entre o Douro, e Minho deſpedido,
A obrigaçaõ da guerra, o ſeu cuidado
Em tantas couſas grandes repartido,
Lhe apartáua as lembranças cada hora,
Da bella Beatris, e de Leonora.

Deixara-as como ouuiſtes deſcontentes
Nas deleitoſas terras, que habitaua,
Entre leaes criados, e parentes
Que elle em preſença tinha, e conſeruaua:
Mas os tempos, e intentos differentes,
As diuiſões que o pouo aleuantaua,
Tambem naquelle aſſento tam ſecreto
Lhes naõ poderaõ dar lugar quieto.

Em

Em Guimaraes estauaõ, quando hum dia
Foy leuantada a villa por Castella,
E polla parte aduersa que seguia
Nuno, as teue com guarda a gente della,
Que inda que era a prisaõ de cortesia,
Era com vigilancia, e com cautella
Em Euora Nunalures teue a noua,
Quando a lhes socorrer o tempo estroua.

Em outra occasiaõ tinha esperança
De cobrar liuremente taes penhores,
E a todo o seu poder tomar vingança
Dos mal considerados moradores;
Porém fez a ventura outra mudança
Que a seu grande valor deu valedores,
E quando mais remoto, e mais alheo
Do bem que desejaua entaõ lhe veo.

Aluiçaras lhe pede hum messageiro,
Antes de entrar naquella terra altiua,
Que o nome do lugar tomou primeiro,
Donde o do patrio reyno se deriua,
E diz com rosto alegre, e prazenteiro,
Que a consorte leal que era catiua,
E a fermosa Beatris, em liberdade
O esperaõ com gloria na cidade.

Porque hum parente seu de animo ousado
De Guimarães alcaide occultamente
Com alguns seus fieis de noite armado,
A seu saluo o tirou liure, e contente:
Gonçalo Pires Coelho era chamado,
Taõ nobre, e valeroso, e quaõ prudente
A quem depois Nunalures nunca ingrato,
As graças soube dár deste bom trato.

Rece-

Recebeo esta noua o caualeiro
Com o coraçaõ saltando de alegria,
Sinal daquelle amor taõ verdadeiro,
Que no seu casto peito se escondia:
Promessas grandes fez ao messageiro,
E ja menos da empreza que trazia,
Que deuer tais penhores cobiçoso,
Lhe parece o cauallo vagaroso.

Chegou: e aquelles braços valerosos,
(Entaõ cheos de amor, e de brandura)
Em apertados laços, e amorosos,
Com os da bella consorte ali mistura,
Cujos olhos serenos graciosos
Queixosos tantos tempos da ventura,
De lagrimas contentes estaõ cheos,
Ia com mais aluoroços que arreceos.

A bella filha entre elles abraçada,
Que era dos corações doce liança,
Qual vide entre dous olmos enredada,
Que orna o mesmo lugar aonde descança:
Tambem falaua alegre, e agrauada,
Misturando entre os gostos, a lembrança
De antiguas saudades, e queixumes
De esquiuanças, descuidos, e ciumes.

O curto dia, a noite vagarosa,
As horas, e os momentos recontauaõ,
Lianor huma ausencia tam penosa,
Em que tantas razões atormentauaõ,
Elle da guerra dura, e trabalhosa
Dos cuidados que a esta acrecentauaõ,
As lembranças do bem que tinha ausente,
Que este he o que entre os males mais se sente.

Aly

Aly hum dia, e outro ſe deteue,
Que eſtes Marte de Amor ficou vencido;
Eſtando neſte tempo doce, e breue,
Das ſuas armas ja como eſquecido,
E depois que a ventura vio que eſteue
Mal pago de hum deſterro tam comprido,
Faz que o deſcanço deixe, e polla terra
Caixas manda tocar, e ordenar guerra.

Ah goſtos ſempre á vida fugitiuos
Eſcaſſos ſe chegais de pouca dura,
Buſcados por trabalhos exceſsiuos,
Achados por deſcuido, ou por ventura;
A quem vos ama mais ſois mais eſquiuos,
Catiuos de quem menos vos procura,
Moſtrando claramente aos humanos,
Que naõ ſois para bens, mas para enganos.

Quam mal imaginaua que vos tinha
Aquelle caſto peito, firme, ouſado,
Que aos perigos do mar armado vinha
Só de voſſas lembranças deſarmado!
Vede quam pouco eſpaſſo ſe detinha
Eſſe ligeiro bem no meſmo eſtado,
Que a obrigaçaõ da honra o tempo apreſſa
Quando amor entre as armas ſe atraueſſa.

Logo ajunta os melhores da cidade,
E os pilotos alegre, e diligente,
De ſeu Rey os deſſenhos, e a vontade
Lhes communica a todos igualmente;
Pede depois da terra a quantidade
Que ha miſter de nauios, armas, gente,
Marinheiros verſados, mantimento
Para em mais breue dar vellas ao vento.

Dila-

Dilataõ a reposta os Portaleses,
Que vem difficuldade na apparencia,
Mas como bons, e amigos Portugueses,
Fazem resenha logo, e diligencia:
A terra, e mar reuoluem muitas vezes
A onde estaua da guerra a prouidencia,
Naõ ha embarcações para esta empresa
Ah quanto disto a dom Nunalures pesa?

Ao Rey escreue, e dá satisfaçaõ
Do porque entaõ cessaua esta jornada
Para outra inclina logo o coraçaõ
Com toda a sua gente aluoroçada:
Ia mouido de amor, de deuaçaõ,
Delle nunca entre as armas desprezada,
Com toda aquella armada e companhia
A Santiago parte em Romaria.

Leua consigo à gente valerosa,
Que para a guerra tinha exercitada
Que a pé polo terra aspera, e fragosa
Ia de Coimbra vinha assaz cansada:
Que daquella prouincia populosa
Determina trazela encaualgada,
Mas em sahindo hum pouco da cidade
Que naõ se parta, toda o persuade.

Que huma azemela grande que leuaua
Do Condestabre a cama, de repente
Cahio morta entre as portas, que passaua
Com grande admiraçaõ de toda a gente;
Logo hum murmuro aly se aleuantaua
Que era auiso do ceo que expressamente
O mandaua ficar, mas elle entende
Que nunca á hum bom intento o ceo reprende.

Sem

Sem respeitar agouros caminhou,
E no mesmo lugar, ao mesmo dia
Hum espirito infernal, no corpo entrou
De hum miserauel homem que seguia:
Que elle fora o ministro declarou
Daquelle falso auiso, que queria
Tirar ao pio, e forte capitaõ
O fruito de tam santa deuaçaõ.

Em Leça aquella noite se aposenta
Polo seu rio a nós já conhecida,
E quando o Sol as nuuens afugenta
Descobre huma quadrilha assaz luzida;
De armas, e bons cauallos saõ quarenta
Gente forte, lustrosa, e bem nacida
Pedirlhe vem que os tenha em seu seruiço
Que alegremente armados vem para isso.

Elle com rosto, e olhos lisongeiros
Com palauras de amor, e cortesia
Agasalha contente os caualleiros,
E a alguns de pé que vem na companhia:
Muitos eraõ Galegos estrangeiros,
A quem só sua fama aly trazia,
Que a gente menos moue, obriga, e chama
Dos capitães o soldo, do que a fama.

Dos lugares lhe vinhaõ liuremente
Cauallos para os seus offerecidos,
De que elle se mostraua tam contente
Quando os donos ficauaõ bem seruidos:
A cauallo ficou toda a mais gente
Quatro centos saõ fortes, e escolhidos
Com que á vista de Neiua chega hum dia
Que estaua contra o Rey que elle seguia.

Alo-

Alojose defronte do castello
(O mais forte que entaõ Portugal tinha)
Pensamento naõ traz de combatello,
Porque era outra a tençaõ com que caminha:
Alguns dos seus que ao perto querem vello
Chegandoselhe mais do que conuinha
Trauáraõ com os de dentro de tal sorte
Qie sae enuolta em ira a gente forte.

O alcaide tambem da fortaleza
Ferindo vem com furia desmedida,
E animo ousado a gente Portuguesa,
Que leua o do castello ja vencida;
Mas do meo da furia mais aceza
Huma seta cruel lhe tira a vida,
Que passando a viseira mal segura,
No cerebro lhe esconde a farpa dura.

Vendo o seu capitaõ cahido em terra,
Voltaõ as costas logo os da peleja
Daõ breuemente fim á inutil guerra,
E ao Condestabre a presa que deseja;
A volta entra com os seus, e as portas cerra
Rende o castello altiuo, aonde sobeja
Arnezes bem laurados, seda, e prata
Que entaõ aos nossos custa assas barata.

Sobindo á salla, vio entre os soldados
Huma dona que em gritos se queixaua
Douro os cabellos soltos, e empeçados,
Que com mãos cristalinas arrancaua;
Os olhos fontes de agoa transformados,
Com que hum campo de flores se regaua,
Que ainda q̃ as murcha a dor, pena, e desgosto
Se orualhaõ de perlas no seu rosto.

Em

Em o vendo ſe inclina de giolhos,
E eſmorecida cae da outra banda
Dando mais força ás lagrimas dos olhos,
Que o triſte coraçaõ do peito manda:
Roſas tornará os aſperos abrolhos,
E os corações de pedra em cera branda,
Quando d'entre os ſoſpiros arrancadas
Soltaua eſtas palauras magoadas.

Se em hum peito tam forte, e tam valido
Com a ventura, cabe á volta della
Compaixaõ de huma dona ſem marido,
A quem ou tu tomaſte, ou minha eſtrella:
Se pode ſer piadoſo em ſeu partido
Quem ja foi tam cruel para offendela,
Matame ó capitaõ, que ſe me deixas
Teu nome infamarás com minhas queixas.

Meu charo eſpoſo, ay triſte, me tiraſte,
E mataſteme a mi, que nelle vinha
Matame, acaba o mal que começaſte,
Pois no ſeu peito a miſera alma tinha:
Sua era a vida ſó que me deixaſte,
Que a que a elle tiraſte, eſſa era minha,
E he vaõ deſpojo huma mulher catiua
Morta, e ſepulchro vaõ de huma alma viua,

Tomaſte por teu Rey, caſtelo, e terra;
Naõ quero deſta mais que a ſepultura,
Para o que tu mataſte em dura guerra,
E para mi que viuo em guerra dura:
Pois quanto na ventura vil ſe encerra
Me tiras num momento ſem ventura,
Naõ me offendas nos bens da natureza
Tirame a vida, e guardame a pureza.

Aſſi

Aſſi o ceo teus feitos engrandeça
(Como contra mi triſte engrandeceo)
Aſſi a ſorte auara naõ ſe eſqueça
De vêr como entre tantos te eſcolheo:
Aſſi no mór perigo que te offreça
Na terra contra ti, te ajude o ceo
Me dá meu charo eſpoſo, ſem conforto
E eſta alma tornarei ao corpo morto.

As palauras da dama magoadas,
Ao ſeu roſto tam triſte, e tam fermoſo,
As tranças douro fino mal tratadas,
Pola morte do mal logrado eſpoſo:
Com palauras piadoſas, e auiſadas
Reſponde o Condeſtabre valeroſo
Mouido á compaixaõ, e a ſentimento
Das perllas que cahiaõ cento a cento.

Pois aſſi permitio a varia ſorte
(Lhe diz) bella ſenhora, aqui naõ vejo
Remedio que ſe aplique a mal tam forte,
Que todos intentara o meu deſejo:
Se atras naõ torna a riguroſa morte,
E tem poder tam liure, e tam ſobejo,
Neſſa de voſſo amor tam mal ſofrida,
Porque elle viua em vós, detende a vida.

Que ſe no meu peſar, e na dor voſſa
O remedio do dano conſiſtira;
Nem reprendera em vôs magoa tam groſſa,
Nem tam vãmente o mal della ſentira:
Mas que humano auerá que aplacar poſſa
Da parca riguroſa a cruel ira?
Ou antever primeiro hum mao ſucceſſo
Para aſſi a talhar que ſeja aueſſo.

Nem

Nem foi em voſſa offenſa a minha lança,
Nem foi o meu querer, mas a ventura
Nem deſta que alcancei tinha eſperança,
Nem na tenho por tal, nem por ſegura:
Se em mi quereis tomar della vingança
Empregando em rigor voſſa brandura
Eſſas lagrymas baſtaõ, que ja agora
Mais mataõ quem vos vê, que a quem as chora.

Emxugai eſſes olhos amoroſos,
E eſſe ouro, que das tranças diuidiſtes,
Naõ eclypſeis os rayos tam fermoſos
Deſſe eſcondido Sol, com nuuens triſtes:
Baſtem tantos ſuſpiros, tam queixoſos
Quantos tras voſſo amante deſpediſtes,
E pois ja o mal paſſado naõ tem meo
Naõ temais doutro algum nouo receo.

Que ſe para offender voſſa pureza
Temeis que algum dos meus ſe moſtre ouſado
Mouido mais do amor deſſa belleza,
Que do temor que deue a meu mandado:
Eu quero aſſegurar voſſa fraqueza,
E eſſe peito tam bello, como honrado,
Pondouos em lugar liure, e ſeguro,
O que por terra, e ceo prometo, e juro.

Encomendaime a mi neſta partida
De voſſo amante o corpo ſem ventura,
Que pois naõ poſſo darlhe alento, e vida
Darlhe-ei em voſſo nome a ſepultura:
A iſto a bella dama eſmorecida
Com ſagrimas regando a terra dura
Se debruça a ſeus pés com hum accidente
Sinal de quem ſe obriga, e de quem ſente:

Elle

Elle a consola, e brandamente anima,
E dos seus com cuidado se informou;
E ao pai que tinha entaõ Ponte de lima
Com caualleiros seus logo a mandou:
E por mostrar que o corpo morto estima
Com grande honra na villa se enterrou;
Que o vencedor que a sorte fauorece
No tratar aos vencidos se conhece.

Deixa o castello, e nelle accomodado
Com valerosa gente Lusytana
Do Casal Pedr'Affonso seu cunhado,
E em breue espasso ja chega a Viana,
Que de alguns moradores ajudado
Combate ousadamente a villa vfana
Que o alcaide lhe entrega por concerto
Vendo o perigo, e a morte estar tam perto.

Aly repousa, parte, e no caminho
Se lhe manda entregar logo a primeira
Caminha, donde estaua assaz vesinho,
E depois Villanoua de Cerueira:
E chegando huma tarde a par do Minho,
Que com os campos iguala a graõ ribeira
De Monçaõ huma carta a Nuno chega
Que tambem sem batalha se lhe entrega.

Mas neste tempo as serras leuantadas
Encubertas de pura, e branca neue
Dos mais ardentes rayos obrigadas
Soltauaõ o cristal, que ao mar se deue:
Deszafiaõse as serras prateadas,
Que o sol da primauera assi deteue
Com que crecendo o rio cristalino
Detinha ao caualleiro peregrino.

Tam

Tam fundo corre o Minho, tam furioſo
Com o nouo fauor da força alhea,
O vao he tam cuberto, e perigoſo,
Que a parte ſó deſcobre cega area;
O Condeſtabre em traças cuidadoſo
Eſperando ſe aloja em huma aldea,
E em quanto elle ficaua neſte eſtado
Chega ao Rey a Lisboa o ſeu recado.

O qual mudando logo o penſamento
A' cidade do Porto ſe partia,
Com eſperança certa, e fundamento
De fazer firme a gente que o ſeguia;
E indo de hum aſſento, a outro aſſento
Do Condeſtabre a fama ſe eſtendia
Que Conquiſtaua as terras ſem peleja
O quanto o Rey tais nouas ter feſteja.

Ao Porto chega, e foi bem recebido
De ſeus fieis vaſſallos, e Leonora
Saudoſa da auſencia do marido,
Que aſua auſencia, e ſeus cuidados chora;
Foi ver ao Rei, que della aborrecido
Pola meſma razaõ graõ tempo fora,
Que nem elle algum tempo a tinha viſto
Nem ella a elle o vira, dantes diſto.

Paſſo as honras da dona recebidas,
Que eraõ mui deſiguaes das cuſtumadas,
Do Condeſtabre a el Rey tam merecidas,
Como de hum tam bom Principe eſperadas:
Com doaçõés mui firmes, mui compridas
Por elle logo aly lhe foraõ dadas
Barroſo fertil, Bouças terra amena,
Penafiel, Barcellos, Baſto, e Pena.

Della, e do Porto em pouco ſe deſpede
Vai cercar Guimarães para cobrala,
Mas a ſeu goſto a couſa naõ ſuccede
Por quam bem ſabe o capitaõ guardala:
Traças, e intentos ſeus de ſorte impede
Que lhe falta eſperança de alcançala
Com prevenções, vigias, com cuidado
De deſtro capitaõ, de bom ſoldado.

De Braga o Rey no cerco carta teue
Em que hum leal vaſſallo o perſuade,
Que ſe gente lhe manda em tempo breue
Lhe daria huma porta da cidade:
Ao Condeſtabre o meſmo logo eſcreue,
Com graõ ſegredo, e grande breuidade
Pouco gaſta o correo no caminho,
Que ainda na aldea eſtaua apar do Minho.

Naõ ficou do recado deſcontente
Que já ſe auia aly por deſcuidado
Sem que paſſar podeſſe aquella gente
Por ſer cada hora o vào mais arriſcado:
A Braga chega, e entra occultamente
Daquelle cidadaõ ſempre ajudado,
Toma a cidade antiga, e o caſtello
Começa no outro dia a combatello.

Eſtaua nelle o meſmo capitaõ
Que a partido deixára o de Viana
A quem por amiſade, e por razaõ
O Condeſtabre auiſa, e deſengana;
Mas elle dando fé ao coraçaõ,
Que em accometimentos ſempre engana
Todo o partido, e toda a razaõ nega
Até que ja por força a força entrega.

Com

Com trabucos, e engenhos que se acharám
Na cidade, de sorte a combatia,
Que hum dia, e duas noites naõ cessáraõ
De bater fortemente, e no outro dia;
Tantos mortos, feridos dentro acháraõ
Da ruina, e da pedra que cahia,
Que a Nuno as vidas pedem, e a fazenda.
Dando o castello liure, e sem contenda.

Elle adquirido, os seus aposentados
Por el Rey a cidade antigua, e nobre,
Tam principal nos tempos ja passados
De Portugal quando elle entaõ mais pobre
Vai com poucos dos seus fortes, e armados
Ao nouo Rey pedir que a terra cobre
Depois de em Guimarães falarlhe, e vello,
Ao alcaide falou junto ao castello.

Com palauras de amor se lhe offerece
Polo primor que vsára, e cortesia
Com a amada mulher que naõ lhe esquece
Nem do sangue, e razaõ que entre elle auia;
Pedelhe que a seu Rey, pois o conhece
Queira seguir na sua companhia,
A tudo lhe respondeo o bom Coelho
Mas por entaõ naõ segue o seu conselho.

Daly fez volta a Braga, e naõ descansa
Quando do Rey lhe chega outro recado
A fim de o ter melhor huma esperança,
Que de Ponte de Lima lhe tem dado;
Que hum frade de valor, e confiança
E hum morador da villa o tem chamado
Para darlhe huma porta, e facilmente
A entrou de madrugada a forte gente.

O Rey, e o Condestabre vaõ sobre ella
A porta aberta, a gente descuidada,
Sem receo de engano, e sem cautella
Em breue espasso a villa foi tomada:
Depois de posta em cobro a gente della,
E a duuidosa, alegre, e socegada
Torna com o Rey por Braga, e nesse dia
Foi hospede de Nuno a noite fria.

Daly continuando o começado
Prouia com valor, e diligencia
As villas que o Pereira tem tomado,
E outras que se lhe daõ sem competencia:
Mas ja chega outra noua, outro recado,
Que mais fórça demanda, e mór potencia,
Que com graõ poder dece o Castelhano
A' conquista do reyno Lusitano.

Ioaõ a quem o nome excelso chama
A' noua empreza, á perigosa guerra,
E vê no pouo seu que estima, e ama
Hum temor que nos peitos se lhe encerra:
Que em todo o reyno a noua se derrama
Que se diuide em votos toda a terra
Triste, confuso, ousado, quam prudente
Se queixa, contradiz, anima, e sente.

Ah titulo de Rey tam leuantado
Com tanto sangue ás vezes adquirido
Por tam duros caminhos procurado
Com tam varios cuidados possuido:
Quanto he dos homens sabios inuejado
Podéra antes de todos ser temido,
Que tanto pesa mais, do que contenta
Que o ceo aos ombros tem quem o sustenta.

Dano-

Damocles que enleado neste engano
Dizia a Dionysio de continuo
Que era só venturoso, e soberano,
E ca na terra quasi homem diuino:
Na dilicia, no trato brando, vfano
No seruiço tam grande, e peregrino
Senhor da liberdade dos vassallos
Para seruillos, e so para mandallos.

Como chegasse hum dia a verse posto
Naquelle bem que tanto engrandecia,
Traspassado de medo o peito, e rosto
Que inda mal acertaua o que dizia:
Perdendo do comer o vsado gosto
Pondo os olhos na espada que pendia
Que de hum cabello fino só se enlaça,
E á rigurosa morte o ameaça.

Ah Damocles, ao ceo benigno ingrato
(Dizia o sabio Rey) se tu só tinhas
Num liure, moderado, e facil trato,
Com que fazer inueja ás glorias minhas,
Se te daua a ventura tam barato
O bem, que nescio, e vaõ louuar me vinhas,
Porque temes ser Rey? Se essa coroa
Que ves tam perigosa, era tam boa?

Leuanta o cerco ó Rey confuso, e parte
Com o rosto no perigo delle em meo,
Animando os ministros vai de Marte
Para deitar de si o jugo alheo:
Gentes ajunta d'huma, e d'outra parte
Das quaes lhe esconde muitas o receo,
Que até aos muito ousados persuade
Ser a vida melhor, que a liberdade.

CAN-

CANTO XIII.

El Rey de Portugal chega aos campos de Santarem, que estaõ contra elle: Aly Vasco Martinz de Mello, e seu irmaõ Martim Affonso tem hũa perigosa escaramuça com a gente Castelhana. Vay o Condestabre a fazer gente entre Tejo, e Guadiana: Vem com ella á Abrantes, onde se ajunta com el Rey. Ha entre os do Conselho varios pareceres sobre offerecer batalha ao contrario D. Nunalures se aparta com os seus para lhe sahir ao encontro; O Rey o segue, formaõ campo contra Leiria: Dase a batalha.

EM quanto marcha o campo numeroso,
Que ao reyno Portugues he ja vesinho;
E a frota pollo mar brando, e fermoso
Corta na branca escuma o verde pinho:
Os seus ajunta o claro Rey famoso
Que deseja apressar este caminho,
E com a gente em forma de batalha
Nas areas do Tejo o campo espalha.

De Santarem á villa chega vfano
Com sua valerosa companhia,
Aonde a mór força tinha o Castelhano
Da Portuguesa gente que o seguia;
Vem na vãguarda o forte Lusytano,
E atras o segue o Rey que elle seguia,
Descobrem Mugem logo, e perto della
Hum tropel de ginetes de Castella.

Estes

Estes que o campo, e pastos defendiaõ,
E outros em cuja guarda aly ficauaõ
Que à noite em Santarem se recolhiaõ
Com as eruas, e o trigo que leuauaõ;
Os nossos corredores descobriaõ,
Que com mais risco seu galopeauaõ
A estes vaõ com furia, e com desejo
De naõ ficar entre elles fundo o Tejo.

Vasco Martins de Mello hum valeroso
Mancebo tam illustre, quanto ousado,
Da preza dos imigos cobiçoso
O vào passa ante todos quasi a nado;
Como o Liaõ de Libia generoso,
Só no seu braço, e coraçaõ fiado,
Entre os contrarios com valor se lança,
E ao primeiro encontro rompe á lança.

Depois ferindo a huma, e outra parte
A espada tinta em sangue, e tinto o braço
Elmos, peitos, braçaes amolga, e parte,
Que nenhum golpe dá que seja escaço
Inueja lhe tiuera o proprio Marte,
Que Vulcano prendeo no ferreo laço
Do esforço, destreza, e valentia,
Com que entre tantas lanças só se auia.

De huma seta o cauallo mal ferido,
E elle tirando hum golpe á terra vaõ
Mas eis chega gritando embrauecido
Martim Affonso o valeroso irmaõ:
Com elle a pé se poem, que está ferido
Na gente imiga estranhos golpes daõ,
Até que a multidaõ tanto os aperta
Que se o soccorro tarda, a morte he certa.

Mas

Mas qual apparecendo no Oriente
O filho de Latona a ſombra eſcura,
Que cobre a terra, a deixa ver contente
Cheia de varia cor, e fermoſura:
Cada hum dos irmãos, que honroſamente
Ia naõ compraua mais que a ſepultura
De nouo o frio alento tem cobrado
Vendo a Nunalures ja poſto a ſeu lado.

Quem vio ja muita gente embaraçada
C'o raſteiro foguete que lhe deu,
Foge huma por entre outra ſem ver nada
Cad'hum c'o corpo alheo eſconde o ſeu:
O fogo aqui, e aly fazendo entrada
Alcança o que mais longe ſe acolheo;
Tal andaua eſta gente c'o deſmaio
De ver que entre elles dera aquelle rayo.

Vaſco Martins dobrando os golpes duros
Deſpacha a multidaõ que tem diante
Martim Affonſo os tira tam ſeguros,
Que o naõ ſofreraõ peitos de diamate,
Polos ares do pô continuo eſcuros
Faiſca a ſua eſpada penetrante,
Nuno Alures de tal ſorte os deſobriga,
Que hum nouello traz feita a gente imiga.

O que pode fugir, por ſeu mal tarda,
Que aly tinge de ſangue a ſeca area,
Quando ja chega a gente da vanguarda,
Que cortaua do rio a branda vea:
Nenhum dos inimigos tempo aguarda,
Vendo toda a campina de armas chea,
Voltaõ redeas com medo, e ſem ſentidos
Deixaõ graõ parte preſos, e feridos.

Tor-

Tornaõse os nossos ja no seu concerto
Marcham para Alemquer, passaõ o Tejo,
Aly se aloja o Rey por ficar perto
Da guerra, do inimigo, e do desejo:
E porque o prazo a ambos era incerto
E o poder do contrario tam sobejo
Ao Condestabre manda em continente
A's Transtaganas terras fazer gente.

Partese do arraial bem concertado
E a Mugem dormir torna áquelle dia,
Aonde dos seus ficou desamparado
Com trinta e cinco sós na companhia:
Que sabendo que os outros tem recado
Da jornada, e caminho que fazia
Temendo a muita gente de Castella,
Naõ quiseraõ prouar a furia della.

Com aquelles bons, e poucos se assegura
Cheos todos de esforço, e de bondade,
E entre elles Antaõ Vaz que a fama escura
Deixara da soberba antiguidade;
Se vencera outro Horacio na ventura,
Como o igualou no esforço, e na vontade,
Que armado toda a noite a ponte guarda
Queixandose do imigo porque tarda.

Sobre a ponte jurou que a naõ deixasse,
Por mais força de imigos que occorresse,
Té que o cauallo em sangue naõ nadasse,
E outra ponte de mortos se fizesse,
Que se o campo contrario se juntasse,
E naquella hora a ponte accometesse
Que no rio que laua os arcos della
Afogaria a fama de Castella.

Dei-

Deixemos a arrogancia valerosa
Deste que em seu grande animo a fundaua,
Que armado passa a noite vagarosa,
Em quanto o Condestabre repousaua:
A manham desejada, e graciosa
Na coroa de hum monte se mostraua,
Quando cõ os seus partio sem dano ou guerra
E ja se aloja alem de Saluaterra.

A Montemór chegou noutra jornada,
E achou Nuno Fernandes de Moraes
Triste com gente só, desbaratada,
Que inda de hum fero encontro traz sinaes;
Que lá na grossa Arronches salteada
Fora dos aduersarios naturaes,
Donde escapou ferido, e com trabalho,
E vasco Gil o brauo de Carualho.

Assaz fica o Pereira descontente
Desta noua tam triste, e deste dano
Por ser a mais daquella a forte gente
Com que elle ja vencèra o Castelhano:
Mas consolando ao capitaõ vallente
Com palauras de amor, com rosto humano
Consigo o leua a Euora, e em breue
As gentes chama, aos capitães escreue.

Ia neste tempo em Portugal entraua
O Castelhano Rey na sua empresa,
E com multidaõ bellica occupaua
Essa antiga prouincia Portuguesa:
Ia dos seus tinha os campos, que pisaua
Sem fazer conta aos gastos da despeza,
Ia faz merces no reyno, ja das Villas,
Que mais custa o ganhalas, que o pedillas.

Ia

Ia do Mondego as praias reluzentes
Bebendo as puras agoas de criſtal
Atraueſſaõ guerreiras, varias gentes,
Que à vam conquiſta vem de Portugal:
Bandeiras deſenrolaõ differentes,
Que a Caſtelhana ſeguem principal,
Galiza vem atraz, Cantabria fria,
Catalunha, Aragaõ, Andaluzia.

Dos lugares a gente pouco experta
Que ve aquelle exercito marchando
Palida a cor do roſto, a boca aberta,
Por entre o mato eſcuro fica olhando:
Nenhum a vida, ou terra tem por certa,
Vendo do imigo o numeroſo bando,
Mas quanto o ſeu temor he mais ſobejo
Lhes vem da liberdade mór deſejo.

Niſto o Rey deſejado Luſitano
Com os ſeus mais verdadeiros, q̃ arrogantes,
E elle mais esforçado do que vfano,
Formando o campo eſtá na freſca Abrantes:
E vendo de tam perto o Caſtelhano,
E os ſeus poucos, e em votos diſcrepantes
Manda Martim Affonſo o Melo ouſado,
Chamar ao Condeſtabre com hum recado.

Com ſós quinhentas lanças que ajuntàra,
E com dous mil peões mui pouco eſpera
De Euora parte, e logo aly chegàra
Se com azas aos ſeus trazer podera:
Duas legoas da freſca Abrantes pàra
E com ſeſſenta lanças, que eſcolhera
Vem ver ao Rey famoſo o bom vaſſallo,
E o Rey do real parte a eſperallo.

Se

Se Ioaõ teue outra hora de mór gosto
Facil fora a saber, quem vira entaõ
O modo das palauras, riso, e rosto,
Em que a Nunalures mostra o coraçaõ.
O Tejo os vio, que as agoas nesse posto,
Só para os contemplar, deteue entaõ
Mouendo as crespas ondas de alegria
Com as doces palauras que lhe ouuia.

Daly á real tenda logo o leua
Conselho, e fauor pede, elle relata
O que em tal tempo, e pressa fazer deua
Ao que o contrario Rey ordena, e trata:
E por Nunalures ver quanto releua
Poupar aquelle tempo, o naõ dilata
Ao seu alojamento volta, e antes
De vir o dia, está na bella Abrantes.

Entra o Rey no conselho duuidoso
Aonde o principal bando logo atalha
O dessenho importante, e valeroso
De ao Castelhano Rey dar a batalha:
Hum considera o campo numeroso
De aço duro vestido, e fina malha,
Outro os nossos, que saõ, inda que ousados
Poucos, pouco seguros, pouco armados.

Iulgaõ o intento seu por temerario,
Cada hum aponta, e segue outro partido,
Que era apartarse á furia do contrario
Por naõ ser preso alem de ser vencido,
Era o conselho igual, nas razões vario
Só de hum mesmo temor bem mal nacido
Ao Rey o coraçaõ pede outra cousa,
Mas vendo-os contra si fallar, naõ ousa.

Quan-

Quando a fallar se moue aquelle cuiado,
E claro defensor da patria sua,
Para o Rey entre os outros eclypsado
Como anteposta ao Sol custuma a Lua;
Só da cabeça e elmo desarmado,
E da manopla a maõ direita nua
De sangue as armas tintas, e na espada
A valerosa maõ como apunhada.

Como Senhor? (dizia) e pode tanto
O temor entre os vossos tam valentes?
Que em lugar de despreso, tenha espanto
Da fraca multidaõ de armadas gentes?
Que naõ olhando ao sereno, e santo
Que custuma abater aos mais potentes
E injustos cohiçoses cá da terra,
Temais o risco de huma injusta guerra?

Esse nome que tendes adquerido,
E este reyno que tendes conquistado
Como vos virá a ser restituido,
Se agora (o ceo naõ queira) for tomado?
Se sem batalha em fim fordes vencido
Sendo de bons, e poucos ajudado
Depois sugeito o pouo, o mar em meo
Como conquistareis a hum reyno alheo?

Animo bom senhor, ponde a ventura
No vosso esforço, e em nosso nome antigo
Dai luz a essa vam sombra, fraca, escura,
E naõ creais ao rosto do perigo,
O ceo vos ama, o ceo vos assegura,
O contrario vos busca, e eu me obrigo,
Que veja na batalha o desengano,
Que quem busca o naõ seu, busca seu danno.

E vos

E vós ó Portuguefes valerofos
Só nas palauras curtos, e atalhados
Tanto nefte confelho duuidofos
Como contra elle em armas esforçadoe:
Naõ tira o fer difcretos cautelofos
Serdes como vos fois fortes, e oufados,
Mas tira ao noffo Rey huma alegria
Do defejo, e valor que em vos confia.

Quantos eftais aqui que nefta empreza
Seguindo o mefmo amor que a mi me obriga
Com forte, e pouca gente Portuguefa
Mór numero vencefles da inimiga?
Naõ tendes inda a mefma fortaleza?
Naõ fuftentais a mefma fama antiga?
Se em varias partes ja todos vencemos
Iuntos fem guerra, aqui porque tememos.

Naõ afronteis ao nome que ganharaõ
Os famofos auós donde viefles
Que ao Mauritano Barbaro tomàraõ
As terras que atégora defendeftes:
Suftentaias com a honra que as deixàraõ
E com a que depois por vos lhes deftes
Naõ fe va gloriando hum campo armado
De achar Rèy Portugues defamparado.

Naõ deixeis os fepulchros leuantados
De voffos immortais progenitores
Para de imigos pés ferem pifados
De que elles foraõ fempre vencedores;
Ou leuemos os noffos que enterrados
Ouço gritar com vozes, e clamores
Que elles pelejàraõ mais de vontade
Por noffa honra, e fua liberdade.

Por

Por naõ irmos tam ſós vamos com elles,
E achareis os imigos que vem ſós,
Porque naõ póde auer mais força nelles,
Que em quanto nos faltar esforço a nós;
Com mais frio temor vem os mais delles
Do que moſtrais no roſto alguns de vós,
Nem he tam grande a furia da tormenta
Como o temor, e apreſſa a repreſenta.

Porém ſe eſta razaõ deſampararardes
Seguindo outros conſelhos fementidos
Deixando a voſſo Rey, naõ por couardes
Mas de voſſo valor grande eſquecidos;
Ou ſe elle quiſer ir aonde o leuardes
Por caminhos incertos, e perdidos:
Eu ſó com os meus, com eſta, e ſem receo
A patria liurarei de jugo alheo.

Quem encontra o ſeu Rei ſe lance á parte
Do contrario, por medo, ou por reſpeito
Moſtre ſeu poder todo, esforço, e arte
Contra o valor dos meus, e o deſte peito;
Antes ſe perca a vida em mãos de Marte,
Que a minha patria, e reyno ver ſugeito
Morreo Nunalures ouça o mundo todo
Conte a fama porque, e de que modo.

Seiſcentos cauálleiros coſtumados
Tenho a vencer comigo o Caſtelhano
Com mais dous mil Infantes esforçados
Dos quaes tem recebido o meſmo dano;
Com eſtes verdadeiros, e arriſcados,
E com o valor do nome Luſitano
Prometto á menha patria Portugueſa
De vencer, ou morrer na meſma empreza.

Em

Em quato isto dizia o que sem medo
Ao Rey para altas obras animaua,
Estaua o claustro em timido segredo
Nenhum lhe respondeo, ninguem fallaua;
Como o ribeiro manso, alegre, e ledo
A que algum vallo o curso represaua
Tomando outro lugar para á verdura
Corre por entre as pedras, e murmura.

Assi como acabou nestas razões;
Aquelles a que o medo escuro, e lento
Tinha contaminado os corações,
Murmuraõ deste ousado atreuimento:
Aprouaõ-no somente alguns varões
Que tem a tençaõ mesma, e pensamento,
Mas saõ tantos os mais, que escassamente
Ousa fallar aquelle que isto sente.

Para os seus se tornou Nuno Alures, quando
O Sol por entre as ondas se escondia
A todos se mostraua amigo, e brando
Como quem delles ja se despedia;
Primeiro com razões lhe está lembrando
O que á seu Reyno, e Rey cada hum deuia
O nome, a liberdade, a honra, a fama
Que tanto aos corações obriga, e chama.

Depois lhe conta tudo o que passàra
No conselho, as palauras que dissera,
O que ante o Rey, e os seus firme juràra
O que por parte delles prometèra;
Que se todo o seu campo o desampàra
Que elle comprir por sua parte espera,
E com os que o seguirem a esta sorte
Quer antes que ter vida, honrar a morte.

Logo

Logo huma voz leuanta a forte gente
Que enchendo hũ valle os montes respondiaõ,
Que querem morrer todos juntamente
Seguindo ao capitaõ que aly traziaõ;
Com impetu, e valor fero, e valente
Com bellico rumor todos feruiaõ
Qual em o mato verde o fogo isento
A que moue assoprando o manso vento.

Naõ era ainda a Aurora aleuantada
Quando para Tomar marcha a bandeira
Da gente a Marte, e Luso consagrada
Esforçada, leal, e verdadeira;
E por buscar aos seus mais larga estrada
Nesta forma seu campo o graõ Pereira
Esperando que chegue o Rey potente,
Que os campos cobre já de armada gente.

Sabendo o Rey Ioaõ desta partida
Della enojado assaz, bem ponderaua
O valor de hum varaõ, que a propria vida
Tanto por seu seruiço desprezaua:
Porem os seus com inueja conhecida
Inda que em razões varias se embuçaua
O julgaõ por rebelde, e por culpado,
E por desprezo hum feito tam honrado.

O Rey que bem conhece a tal vassallo,
E a tençaõ que estes seus contra elle tem
A Tomar aonde está manda chamallo
Por Ioaõ Affonso o bom de Santarem;
Por ser homem capaz para obrigallo
Do seu conselho, Nuno o naõ detem
Antes ao Rey por elle pedir manda,
Que o deixe ir acabar nesta demanda.

Tras este outro varaõ de grande conta
Lhe manda o Rey dizendo que voltasse
Que se com elle o seu recado monta
Aquelle só recado o obrigasse:
Elle já enleado nesta afronta
Sem saber em que modo se escusasse
Despede o mesageiro pola posta
Dizendo que elle hirá dar-lhe a reposta.

Outra vez em conselho o Rey famoso
Com os seus sobre a batalha está presente
De se ver já no campo cobiçoso
E só de quem o atalha descontente:
Onde hum varaõ illustre, e animoso
O Doutor Gil Dosem firme, e prudente
Vendo culpar a Nuno que naõ veo.
Assi falou ao Rey de esforço cheo.

Como em tam fortes peitos se consente
De huma vil sem rezaõ tantos estremos?
Temer a guerra, e ir contra hum valente
Que nos obriga aquillo que deuemos,
Que offensa faz ao Rey que está presente
Se nós em o naõ seguir já o offendemos,
Senhor desse a batalha, e quem recusa
Naõ tome a dom Nunalurez pos escusa.

A isto o Rey mostrou tam ledo o rosto
Que os outros mudaõ logo o parecer
Alguns dissimulando o seu desgosto,
E outros mostrando nelle o seu prazer:
Pollo campo á batalha já disposto
Começa a alegre noua a discorrer
Armas, armas, gritaua a gente bella
Viua el Rey dom Ioaõ contra Castella.

Man-

Manda a Nunalures logo hum mesageiro
Que em Tomar o espere no outro dia
O quaõ contente fica o cauallero,
E aluoroçada a forte companhia:
Naõ cuida que he recado verdadeiro
Polo grande desejo com que ardia
Inda o ceo das estrellas se adornaua
Quando para esperallo já se armaua.

Trazendo o dia o lucido planeta
Desperta o tambor rouco, o Martio bando
Rincha o cauallo á salua da trombeta,
Que aos animosos Martes vai chamando;
A gente aluoraçada, e inquieta
Para Tomar em tropa vai marchando,
E com esforço igual, e igual desejo
Por agoas de Nabaõ troca as do Tejo.

No trajo os caualleiros significaõ
De amor ledas diuisas, e tenções
Esposas, mãis, e irmãs chorando ficaõ
Nas lagrimas mostrando os corações:
Ao ceo pola vitoria logo aplicaõ
Romarias, jejuns, e deuaçoens
Com os olhos vaõ seguindo aquella empresa
Que estas armas lhe dera a natureza.

Iá via o Condestabre as varias cores,
Das alegres bandeiras que voauaõ
O marchar compassado dos tambores
Que em ecco dentre os montes se dobrauaõ
Iá da villa os quietos moradores
Sobidos dos outeiros contemplauaõ
De lugares tam varios gente junta
Hum se espanta, outro conta, outro pregunta,

Nuno Alures mais alegre aquelle dia
Do que em nenhum se tinha aiy mostrado
Hum mesageiro ao Rey contrario enuia
Que dê ousadamente este recado:
Que elle para a batalha o desafia
E o espera vencer em campo armado
Se logo de seu Rey naõ deixa a terra
Que injustamente occupa com vam guerra.

Disto o contrario Rey mais indignado,
A quem o esforço em ira enuolto crece,
Diz, que naõ dá reposta a tal recado,
Nem ao Mestre de Auis por Rey conhece:
Que o nome que hum, e outro tem tomado
Com que a dar-lhe batalha se offerece,
Com armas tirará, e a terra sua
Fará que a seu pesar lhe restitua.

Com isto o mesageiro se partio,
Para a reposta dar ao bom guerreiro,
E caminhando assi, gritar ouuio
No mato a hum Castelhano caualleiro;
A'quella parte de pressa acudio,
Quando conhecem dous ao messageiro
Que do campo com elle em companhia
Mandará Nuno aquelle mesmo dia.

Eraõ estes dos seus fortes, e ousados,
Vinhaõ buscar espia do inimigo,
E naõ foraõ no intento descuidados
Que esta acharaõ sem risco, e sem perigo:
E ainda que com queixumes, e com brados
Inuocaua o fauor do campo amigo
Ficaua esse remedio tam distante,
Que era este gritar seu pouco importante.

Tra-

Traziaõ-no entre si como escondido,
Quaudo o bom companheiro pareceo
Ouuindo o gritar mais por ser ouuido,
Que polo dano, e mal que recebeo:
Ledos os tres, e triste o que oprimido
A seu destino a vida offereceo
Vem de Nabaõ a praia em tempo breue,
Porque outro nouo caso os naõ deteue.

Apeáraõ-se aly numa floresta,
E em quanto os dous com o preso se detinhaõ
O mesageiro a Nuno manifesta
O recado que traz, e os dous que vinhaõ:
Nada a reposta altiua achou molesta
Só á presa accudio, que os outros tinhaõ,
Deixa a geute que a rouca caxa incita
Que em ordem de batalha se exercita.

Vai ver ao Castelhano, e ouue quanto
Poderá pôr receo a qualquer peito,
Mas o seu desconhece todo o espanto,
Que he para seu valor o mundo estreito:
A vida lhe concede aly, com tanto,
Que mostrãdo ante os seus que he sem respeito
Diga; do campo imigo preguntado
Que vem de medo, e de armas carregado.

De tal sorte ensayou, e fez o espia
Que ao campo dobra as forças, e esperança,
Cada hum aluoraçado do que ouuia
Acha o braço mais forte, e leue a lança;
Daly se parte o Rey contra Leiria
Aonde tambem o contrario naõ descansa
Bebendo as doces agoas, que naõ nega
O desejado Lis que os campos rega.

Diante

Diante parte Nuno, e busca assento
Aonde, melhor o exercito se veja
Iunto da altiua Ourem, cujo aposento
Desejou Baceo já com grande inueja:
E dispondo por obra o pensamento
Forma-se o campo em ordem de peleja
O Rey está num alto, assaz contente
De ver tam destra a bellicosa gente

D'entre esta turba armada que occupaua
Matos, charnecas, brenhas, monte, e prado
Hum corso mui veloz se aleuantaua
Do campo a todos partes acossado:
A gente toda em bandos se abalaua
Com alarido o monte aluorotado,
Té que á tenda del Rey foi tomar porto
E aly (presagio raro) cahio morto.

O' quanto a popular gente se altera
Com os alegres principios deste agouro
No successo que ao Rei ditoso espera
O Tejo, o Guadiana, o Minho, o Douro:
Posera o pouo aquella incauta fera
Entre o animal de Hele, e branco touro,
Em remuneraçaõ, honra, e memoria
De ser primeiro indicio da vitoria.

Eis no outro dia parte a leda gente
Para Porto de Mos aonde ja fora
Vencida de dom Fuas sabiamente
A gente que a Mafoma falso adora:
Nunalures mais alegre, e mais contente,
Quanto sua esperança se melhora
Com cem ginetes vai contra Leyria,
O campo descobrir que el Rey trazia.

Està

Està a fermosa terra situada
Numa planicie fresca, e deleitosa,
A huma rocha ingreme encostada
Donde o castello a mostra mais fermosa;
De dous alegres rios rodeada,
E de fresca verdura graciosa,
Valles ao rededor verdes, sombrios,
Que cortaõ mansamente os brandos rios.

Naõ podia o Pereira ousado, e forte
Ver da montanha a gente que se espalha
Pollos fundos valles, de tal sorte
Que qualquer monte espesso a vista atalha:
E antes que o Sol dourado as ondas corte
Vê de espasso o lugar aonde a batalha
Determina de dar aó de Castella
No qual durará sempre o nome della.

Huma charneca igual larga, e comprida
Depois feita dos nossos plana estrada
Nem de outeiros, e valles oprimida,
Nem de asperos barrancos atalhada:
Para outro mór exercito escolhida
De maior multidaõ de gente armada,
Que pode ter em passo, e em campanha,
Quanta tem Portugal, e encerra Hespanha.

Voltou ao arrayal com vista vfana,
Que ao Rey, e a seus soldados alegraua
Como o rosto de Febo, ou de Diana
A quem a noite escura amedrentaua:
Entaõ lhe diz da gente Castelhana
Que nem dos altos montes se enxergaua,
Que por ter já por certo o fim da vida,
Viua estaua nas couas escondida.

Mas

Mas já he tempo, ó Musa minha amada
Que o estylo deixeis suave, e brando,
Porque com voz sonora, e entoada
Vá meu verso entre as armas retumbando:
Deixai a fonte a Phebo consagrada
Aonde alegre habitais, vamos cantando
Rios de sangue palidos, e escuros
Mortes, encontros varios, golpes duros.

Hum dia antes daquelle que sobio
Da terra a tomar posse do alto ceo
A que o filho de Deos virgem pario;
Que para nos sobir de lá deceo;
Quando do Sol, e estreilas se vestio
Aquella estrella, de que o Sol naceo,
E estampou sobre a Lua as plantas bellas,
A que admirou ao ceo, Anjos, e estrellas.

Parte Ioaõ o Rey forte animoso
Nos poucos seus, e em Deos mais confiado
A buscar o contrario poderoso,
Que á batalha já tem desafiado:
E de Castella o campo numeroso
De Leiria partio quasi afrontado;
Que com disigualdade tam notoria
Tem por afronta a honra da vitoria.

E o Rey que no caminho o posto esteue
Em a batalha naõ dar sanguinolenta
Passar quer a Lisboa em tempo breue,
Que conquistala assi mais lhe contenta;
Mas nenhuma das obras he tam leue
Como o valor, e esforço representa,
Que os poucos coraçóes muito leais
Como cabeças de Hydra crecem mais.

Che-

Chegou ao campo a gente Portuguesa,
Que á morte offerecida, o golpe aguarda:
E armada mais de amor, e fortaleza
Poem a Leiria á vista da vanguarda;
Andaua Nuno aly com tal destreza
Que a todos acudindo a nenhum tarda
Gouernando, e dispondo os esquadrões
E enchendo-lhe de esforço os corações.

Nisto tres caualleiros que assomauaõ
Ao campo Portugues pedem seguro,
Por Nuno Alures Pereira preguntauaõ
Que armado se lhe offerece de aço duro;
Por o Rey Castelhano o conuidauaõ
A promessas muy grandes de futuro
Se deixasse a seu Rey, e a seu perigo
Que estaua claro á vista do inimigo.

Diogo Alures dos tres era o primeiro,
Que da parte delRey ao irmaõ falla,
Marichal de Castella, o companheiro,
Pero Lopes, o outro era de Ayala:
Mas daua tal reposta o caualleiro,
Que lhes naõ dá lugar de replicalla,
E elles voltando as redeas pola posta
Leuaõ mais de receo que reposta.

O nosso campo em armas, e ordem posto,
Esperando batalha, o Castelhano
De hum vento leue, e vaõ que traz no rosto
Como astuto, e sagaz temendo o danno;
Com huma volta muy larga, toma o posto
Que do Sol tem tomado o Lusitano,
Ao qual nada detem, nada acobarda
Que abrindo os esquadrões muda a vãguarda.

Eis

Eis quando os atambores ja ſoauaõ,
E vem marchando as gentes de Caſtella
O' Deos que os corações ſe congelauaõ
Com o pauor que fazia a viſta della;
Os outeiros, e os campos ſe qualhauaõ
Da eſpeſſa multidaõ armada, e bella
O Sol tocando as armas rutilantes,
E rinchando os cauallos eſpumantes.

Os contrarios de longe apercebidos
Tocando os inſtrumentos vem de Marte;
Da gente ſe ouuem vozes, e alaridos
Tremolando os pendões de parte a parte;
O Sol que eſtaua olhando os atreuidos
Feria de huma parte, e doutra parte,
As plumagens dos elmos, e aureas criſtas,
Bandas, tenções, eſcudos, ſobreuiſtas.

Naõ viraõ tam luſtroſa companhia
Os campos de Pharſalia antigamente,
Nem o Simois a vio quando corria
Enuolto em negro ſangue, e fogo ardente;
Qual eſta à viſta humana parecia
De diuerſas, nações de varias gentes
Varios trajos, e cores, e os trombetas
Da que veſtem na guerra os Maſſagetas.

O numero das gentes do inimigo
Parece a alguns contado ſer patranha,
Porém no campo o Rey tinha conſigo
A flor de Portugal com toda Heſpanha:
Das terras que perdera elRey Rodrigo,
E de França, Gaſconha, e de Alemanha
Catalais, Biſcainhos, e Leoneſes,
Galegos, Andaluzes, Montanheſes.

Tinhaõ os Portuguefes rebelados
Da foberba vanguarda a deftra maõ,
E deftes contra a Patria leuantados
Dom Pedralures Pereira he capitaõ;
Setecentos dos nobres leua armados,
Contra o menor, e mais valente irmaõ,
E de Alcantra o Meftre outra ala tinha
Que com os mais eftrangeiros d' armas vinha.

Pedro do Marquez filho de Vilhana
Famofo Condeftabre de Caftella,
Traz de luftrofa gente Caftelhana
A dianteira, e grandes copias nella;
Fermofa á vifta, arrogante, e vfana,
E mais que para a ver, para temella
Traz deftas alas logo outras ficauaõ,
Que a dous lados do campo fe efpalhauaõ.

Era fem conto a gente que o feguia,
E a que o Rey tem configo naõ me atreuo
A affirmar liure aqui quanta feria
Que na fé dos melhores della efcreuo,
Mais de fetenta mil de homens auia
No exercito contrario, e no que deuo
A fugir d' afeiçaõ mal informada
Naõ fe diz que era toda gente armada.

Poftos diante, os noffos pareciaõ
Qual ante o mar parece o Tejo brando
Diz hum, que fó feis mil de armas feriaõ
Outro mais de dez mil todos contando;
Ou fe conformaõ nifto, ou defuariaõ
Mas tam defigual era o Martio bando
Que tinha o Rey contrario por injuria
Vfar contra tam poucos tanta furia.

Dos

Dos noſſos verdadeiros, e esforçados
A vanguarda leuaua o graõ Pereira
A ala direita, que he dos namorados,
Verdes as guarnições, verde a bandeira,
Saõ duzentos mancebos conjurados
A terem na batalha a dianteira;
E o capitaõ ſó digno de regelos,
Mem Rodrigues ſe diz de Vaſconcellos.

Antaõ Vaſques d'Almada he na ſegunda
De outros duzentos fortes caualleiros
Com alguns Ingreſes nobres, que a fecunda
Britania entaõ nos deu por companheiros:
Que antes que a cizania baxa, immunda
Profanaſſe ſeus ritos verdadeiros,
Eraõ irmãos em armas para á guerra
De Portugal os Reys com os de Inglaterra.

Regia a retaguarda o Rey famoſo
Com o reſtante da gente Portugueſa,
Tam alegre, e esforçado, e tam ayroſo,
Que aos ſeus eſtá dobrando a fortaleza;
Ia com o ſinal horriſono, eſpantoſo,
Se moue a gente em nouo fogo aceza,
De hum campo, e outro ja ſoa a trombeta
E manda ao Condeſtabre que accometa.

CAN-

CANTO XIIII.

Conta-se a batalha real atè o disbarate delRey de Castella, que se retira a Santarem: Diante delle no caminho morre valerosamente Vasco Martinz de Melo. O Condestabre segue o alcance do inimigo: ElRey recolhe as gentes ao lugar da batalha: Conta-se a desastrada morte de dom Diegalures Pereira: O Condestabre vai a nossa Senhora de Seisa em romaria. O Rey vencido se embarcà para seus reynos.

Com o som medonho os montes se abalaraõ
O Tejo se turbou, e o Guadiana
Pauorosas as serras se inclinaraõ
Tremeu a terra antiga Lusitana
Os cauallos de Apolo se encresparaõ,
E elle negou o rosto á vista humana,
E retumbando o ecco no vaõ dos montes
Fez responder graõ tempo os Orisontes.

Tornase o ar de setas logo escuro
Nuuens de negro pó ao ceo subindo
As pedras resoando no aço duro,
E as lanças de arremesso vaõ zenindo:
Cerraõ-se as alas juntas, fica hum muro
Das lanças campo, e campo diuidindo
Tudo em desiguaes vozes arrebenta
Estrondo, confusaõ, grita, e tormenta.

Fo-

Foraõ do ſom horriſono eſpantados
Muitos da primeira ala Luſitana
De alguns tiros aos noſſos deſuſados
Que vinhaõ na vanguarda Caſtelhana:
Que até aquelles bons tempos celebrados
Nos naõ moſtraua a vil malicia humana
Que com eſtrondo, e fumo que faziaõ
Aos noſſos forças, e armas ſuſpendiaõ.

Mas ja de Nuno a riguroſa eſpada
Com golpes ſem medida, e ſem defeſa
Fazendo entre os imigos larga eſtrada
Abre caminho á gente Portugueſa:
Vallos fazendo vai de gente armada
Com deſuſada, e eſtranha fortaleſa
Para huma, e outra parte os golpes dobra,
E atras delle a vanguarda esforço cobra.

Dom Ioaõ Affonſo o valeroſo Conde
Que ante todos moueo com furia eſtranha
Na Patria gente a fera lança eſconde
E em gritos vem dizendo; viua Heſpanha:
Da outra parte Nunalures lhe reſponde,
Que faz tremer com golpes a campanha,
Portugal, Portugal, e á voz que lança
Com a furia da eſpada ſe abalança.

O' golpes neſta idade tam mal cridos,
Que os montes de Colippo em Ecco vaõ
Teueraõ grande eſpaço repetidos,
E o Lis que as creſpas agoas teue entaõ,
Huns caem até os ombros diuididos,
Doutros partido o corpo cobre o chaõ,
Partenſe arneſes, greuas, e celadas,
Qual ſe foraõ de maſſa fabricadas.

Voa-

Voauaõ pollo ar confuſamente
Rachas de lanças, malhas, ſetas duras,
Faiſcando das armas reluzentes,
Linguas de fogo palidas e eſcuras,
Qual impelido vai, qual liuremente
Atropellando os corpos, e armaduras
Até parar naquelle eſtrago horrendo,
Que o grande dom Nunalures vai fazendo.

Nadando em ſangue alheo, e carregado
De virotes, de lanças, e farpões
Como o Liaõ de Libia magoado
Bramindo vai cortando os eſquadrões;
Hum ribeiro de ſangue corta o prado
Tingem-ſe nelle as plumas, e pendões
Lanças, braços, e cabeças, pernas corta
Só lhe pára diante a gente morta.

Com hum grande tropel de caualleiros
De Alcantara o Meſtre aly ſoccorre
Rompendo em Nuno as lanças os guerreiros
Como o mar quebra as ondas na alta torre:
De hũ golpe a ſeus pés chama os dous primeros
E entre elles eſtirado o Meſtre morre.
Partido o elmo em dous com huma ferida
Donde exalado em ſangue lança a vida.

Deſtes golpes mortaes como atordidos,
E da ſombra luzente do aço fino
Piſando corpos mortos ſem ſentidos
Ia voltaõ os de atras perdendo o tino;
Aly a grita, as vozes, e alaridos
Dos que guiaua á morte o ſeu deſtino
O campo, o Ceo, e os montes atroauaõ
E as eſpadas ardentes ſe encontrauaõ.

Neſte

Neste tempo dom Pedro o de Vilhana
Com a furia das gentes que trazia
Vai rompendo a vanguarda Lusitana
Para onde o Mem Rodrigues se estendia:
Aly se esforça a gente Castelhana
Que em bando sobre as alas recrecia,
Mas de hum crespo furor arrebatados
Se enuoluem na batalha os namorados.

Mem Rodrigues ensopa a dura lança
Rui Mendes o irmaõ emprega a sua
Vasco martins de Melo naõ descansa,
Que elle só faz batalha fera, e crua:
Aonde do braço seu o golpe alcança
Deixa o sangue banhando a carne nua,
E he tanta a gente armada com que entende
Que nenhum golpe em balde se despende.

De cá moue Antaõ Vasques que batendo
Qual jauari furioso os dentes vinha
Sam Iorge aos seus, Sam Iorge vem dizendo
E a sua espada ás outras encaminha:
Por lanças, por espadas vai rompendo
Nenhum dos seus tras elle se detinha
Para onde o valeroso, e bom Pereira
Aruora entre os imigos a bandeira.

Os valentes Ingreses que desejaõ
Mostrar de seu valor toda a bondade
Com esforço immortal por nós pelejaõ
Que bem mostraõ nas obras a vontade,
Os contrarios Franceses os inuejaõ,
Que ainda que os anima, e persuade
Numero desigual de armadas gentes
Desmayaõ vendo os poucos tam valentes.

Ti-

Tinha de negro ſangue feito hum lago
Que em já defuntos corpos faz repreza
Fazendo áquella parte grande eſtrago
Na gente amedrentada ſem defeza
Quando o Meſtre feroz de Santiago
Entra com noua força neſta empreza
O' Deos que entaõ ſe via em grande aperto
Nuno que o ceo de lanças vê cuberto.

Andaua o fero, e Luſitano Marte
Entre nuvens de lanças, e farpoens
Correndo a huma parte, e outra parte
Suſtentando na viſta os eſquadroens:
Aqui, e aly ferindo ſe reparte
Iguala os caualleiros, e peões,
Mas na confuſa gente que recrece
Iá nem aos ſeus guerreiros apparece.

Mas o Rey Portugues que nelle atenta
Em quem ſó tinha a Patria ſuſtentada
Ante os ſeus animoſos ſe apreſenta
Com huma facha na maõ dura, e peſada:
E qual o Sol na furia da tormenta
Alegra a gente nautica inſiada,
Que ſoruerſe no abiſmo vio mil vezes
Tal o Rey ſe moſtrou aos Portugueſes.

A elles Luſitanos esforçados,
Que eu ſou Rey voſſo, e voſſo companheiro
A elles (vai dizendo em grandes brados)
Vamos deſenganar eſte eſtrangeiro:
Tras elle os Portugueſes animados
Seguindo o ſeu farol taõ verdadeiro
As forças renouando, os braços mouem
Contra as gentes ſem conto que aly chouem.

X Leua-

Leuaraõ com eſte impetu furioſo
Do campo hũ grande eſpaſſo os eſquadraões
Qual cuſtuma no inuerno riguroſo
Romper vallos o Tejo, e marachoens;
Iá enuoltos no combate perigoſo
Deſamparaua o ſangue os coraçoens
Vendo aos noſſos, e ao Rey, que ſem receo
Ferindo ouſadamente anda no meo.

Dom Ioaõ Affonſo Telo o Conde ouſado
Vendo os ſeus já de volta, e de vencida
Do lugar que eſperou deſeſperado
Honrando a morte certa, certa deixa a vida:
Ante elle corre já deſenganado
Outro que á morte ouſado ſe conuida
Por naõ ver triunfar daquella empreſa
O defenſor da Patria Portugueſa.

Eſte he dom Pedro o fero capitaõ
Por imigo da Patria menos dino
De ſer do grande Nuno caro irmaõ
Que pollo esforço ſeu tam perigrino:
O qual vendo que anima os ſeus em vaõ
Porque á morte os entrega o ſeu deſtino
Tendo por affrontoza a vida chara
Entre os contrarios fere, e naõ repara.

Té que humá groſſa lança aſſaz ligeira
Sem ſe ver donde fora deſpedida
Derriba em terra o miſero Pereira
Que com o nouo Meſtrado perde a vida
Naquella fatal hora derradeira
O vio o irmaõ, porém naõ homicida,
E por ſegredo occulto; ou ſuſpeitado
Naõ foi ſeu corpo mais no campo achado.

Aly

Aly morre dom Pedro o de Vilhana
De Santiago o Meſtre ſe retira .
Depois que ſeu poder o deſengana
Sandoual hum , e outro aly ſoſpira ;
Deſordenada a gente Caſtelhana
Huma anteposta á outra as coſtas vira
De volta os noſſos nella vaõ ferindo
Huns Sam Iorge gritando , outros fugindo.

Morre toda a nobreza de Caſtella
Muy valeroſamente pelejando
Marichal, Almirante, e Meſtres della
Condes de Haro , Mayorga , e Vilhalpando
A flor de Heſpanha valeroſa , e bella
Fora termo infinito hir recontando
Os que por conquiſtar a terra eſtranha
Deixaraõ o melhor de toda Heſpanha.

Os contrarios ginetes , que occoriaõ
A' retaguarda já deſamparada
Contra os noſſos com ira arremetiaõ
Que eraõ gente plebea , e deſarmada :
E inda que ouſadamente a defendiaõ
Pedem ſoccorro em voz deſconcertada
O Rey voltando o roſto áquella banda
A ſoccorrer-lhe o Condeſtabre manda.

Nuno mouendo o paſſo vagaroſo
Com o graõ pezo das armas magoadas
Tintas no ſangue alheo cobiçoſo
E de farpoens , e ſetas ſameadas :
Hia guiando ao paſſo perigoſo
Empeçando nas lanças derramadas
Qual o touro feroz agarrochado
No campo aonde correo deſamparado.

E porque vê que á pressa vai tardando
Esforça a voz, e o passo, porém nisto
Passou por junto aly galopeando
O Comendador mór da cruz de Christo;
Pero Botelho illustre, e venerando
Que o perigo dos nossos tinha visto
Chama ao Pereira, do cauallo dece,
E pola redea, o leua, e lho offerece.

A cortesam offerta lhe recusa
O capitaõ famoso, e o Botelho
Vendo que nem o aceita, nem o escusa
Por força, cortesia, e por conselho?
O faz encaualgar sem outra escusa,
E o que he de cortesia claro espelho
Parte corrido em ver que aquelle o vença
No em que elle a tantos fez mais differença.

O' famosa bondade, ó cortesia
Só dina de altos homens valerosos,
Que em outro peito illustre naõ cabia
Aonde ouuesse desejos inuejosos:
A pé fica o Botelho, que podia
Assi fazer inueja aos mais famosos,
Porque outro caualleiro a tempo acuda
Aos que gritando pedem sua ajuda.

Que he isto, entra dizendo o destemido,
Valerosos soldados Lusitanos?
Voltai que o campo temos já vencido
Demos fim a estes poucos Castelhanos;
Logo hum junto a seus pés deixou partido
E aos outros mostra esquiuos desenganos.
E os que vencidos já voltauaõ costas
Cortaõ com golpes feros, e repostas.

Qua

Qual o destro Sabuio encarniçando
No jauari cruel, que está grunhindo
Os que á vista atély lhe andaõ ladrando,
E a qualquer fucinhada vaõ fugindo;
Iá de huma parte, e outra vaõ pegando
Os dentes entre as cedas imprimindo,
E por instinto proprio o sangue bebem
Sem sentir as feridas que recebem.

Desta maneira os nossos se misturaõ
Atras do capitaõ que fere, e brada,
Porém muy pouco os golpes duraõ
Que os imigos lhe fazem larga estrada;
Feridas dando vai que naõ se curaõ,
Nuno que naõ descansa a sua espada,
E com a gente imiga que se espalha
Se declara a vitoria da batalha.

O Castelhano Rey palido, e triste
Vendo a sua bandeira estar por terra,
E que he jà pouca a gente que resiste,
E muita a que fugindo os passos erra.
Mortos os capitães em que consiste
O reparo da gente, e fim da guerra
Animo, sangue, falla, e cor perdida
Num ligeiro cavallo salua a vida.

Por campinas, por montes, e espessura
D'alguns dos seus sómente acompanhado
Pola sombra da noite negra escura
Com o rosto baixo, triste, e descorado,
Vai chorando o successo sem ventura
De Hespanha largos annos lamentado
Conuertendo-se em penas, e em receo
O magnanimo esforço com que veo.

Quam

Quam pouco monta a fraca força humana
Se o poder lhe naõ vem da maõ diuina
Como se esforça em vaõ, como se engana
Quem sem fauor do ceo se determina:
A gente mais soberba, e mais vfana
Mais perto está do estrago, e da ruyna
Que quãdo Deos contra ella, hũa hora inspira
Tem o Sol, abre o mar, e as setas vira.

Quanto ó poucos, e ousados Portuguesses
Agora mais ingratos, e esquecidos
Deueis ao justo ceo, que tantas vezes
Fostes delle em batalhas soccorridos:
Quantos cetros, pendões, lanças e arnezes
Por elle a vossos pés vistes rendidos
Vencendo a multidaõ barbara estranha
Que hoje contada, alguns tem por patranha.

Viraõ de Ourique os campos celebrados
O barbarico numero estrangeiro
E depois na vitoria estar postrados
Cinco Reys infieis ao Rey primeiro
Quando entre o temor vaõ de seus soldados
Vio o Rey Portugues ao verdadeiro
Rey que as armas lhe deu santas diuinas
Que aos trinta dinheiros tem nas quinas.

Vio naquella idade o Tejo ameno,
Seus campos doutra cor sanguinea triste,
E tu que do impio san gue Sarraceno
Tingirte ó Santarem teu muro viste,
Quando hum poder de gentes tam pequeno,
Com tanta fé no ceo se arma, e resiste,
Contra numero immenso de infieis,
Vencendo o Rey cercado a treze Reys.

Vio

Vio o Mondego, o Tejo, o Guadiana,
Ouuiraõ ſerra e montes darredor,
Contra a furia da gente Mahometana,
Dom Gonçalo da Maya o lidador,
Na idade que já a vida deſengana,
De dous Reys tam potentes vencedor,
Moſtrando o ceo que as forças que lhe dera
Ninguem ſeu valor ſe vencer pudera.

Naõ valeraõ ao Rey famoſo Hiſpano
Armas, gentes, e eſquadras deſiguais
Contra o valor do forte Luſitano
Que em Deos, que ſó tem tudo, tinha o mais
Disbaratado foge o menor dano,
E entre humidos ſoſpiros, triſtes ays
Volta os olhos atras para o que deixa
De ſi, dos ſeus, da ſorte em vaõ ſe queixa.

Eis quando á redea ſolta hum cauallеiro
Tintas em ſangue as armas abolladas
Sem lança, ſem pendaõ, ſem companheiro
A ſobreuiſta, e plumas derribadas:
Paſſa entre os ſeus qual rayo que ligeiro
Por entre as nuuẽs corta deſcuidadas
Do Rey aferra, e com medonho aballo
Com elle traz á terra o bom cauallo.

Com noua furia a gente amedrentada
Em fauor de ſeu Rey num penſamento
Cercaõ ao que leuando a forte eſpada
Segue ſeu temerario atreuimento:
Porém a multidaõ da gente armada
Golpes, lanças, virotes cento a cento,
Morto o cauallo o trazem viuo á terra
Aonde de nouo intenta fera guerra.

Dando

Dando medonhos golpes naõ descansa
Couraças, malha, e corpos diuidia,
E sem curar da vida, ou da esperança
Honrar sómente a morte pretendia;
A gente encarniçada na vingança
Huma sobre outra em golpes recrecia
Até que o sangue, alento, e cor perdida
Com temor de tal corpo foge a vida.

Aly morto, estirado, e palpitando
Aonde o sangue em borbulhas se derrama
A' temor fica os viuos obrigando,
E á eterna lembrança a vaga fama;
Quando a caso hum peaõ desenlaçando
O elmo já partido, os outros chama
Manda o Rey (que inda o teme) conhecelo
Vasco Martins o brauo era de Melo.

Fizera este atreuido hum juramento
Digno daquelle esprito temerario
De prender no combate (fero intento)
Ou pôr ao menos mãos no Rey contrario:
E depois da batalha, e vencimento
Em que hum valor mostrou transordinario
Naõ encontrando o Rey ousado, e forte
O vem buscar, e nelle a propria morte.

Aly espanta a fama, quando a vida
Entre inimigas lanças despedio
Por couza tam vammente prometida
Que a preço tam custoso se comprio:
Segue o Rey o caminho, que o conuida
O receo do encontro que aly vio,
E em-quanto triste vai como apressado
O campo vamos ver desbaratado.

Can-

Cansado de ferir, e a facha dura
Iá de sanguinea cor, e as armas fortes
Manchadas de mortifera pintura
Com o triumpho immortal de tantas mortes;
O Lusitano Rey sobre a verdura
Descansa, e daly olha as varias sortes
Dos mortos polo campo, e meos viuos:
E dos que entre os soldados vaõ catiuos.

De longe vem para elle o graõ Pereira
Que com o passo quieto, e vagaroso
Ao ceo leuanta as mãos alça a viseira
Grato, humilde, contente, vitorioso:
Eis do contrario Rey mostra a bandeira
Antaõ Vasques de Almada o valeroso
Vestido sobre as armas bem com ella
O Rey, e o Condestabre se ergue a vella.

Ambos com natural contentamento,
E Antaõ Vás dando saltos de alegria
Faziaõ mais fermoso o vencimento
Que assi por todo o campo se estendia;
Mas porque se conuerte em desatento
Mil vezes o prazer na fantasia
Tocar trombeta manda o Condestabre
Quando Thetis ao Sol já as portas abre.

Caualga leuemente, e vai seguindo
Com mui grande tropel de gente armada
As gentes que espalhadas vaõ fugindo
Por charneca, montanha, campo, estrada:
Por toda a parte, terra descobrindo
De vencidos guerreiros fameada
Té o lugar que agora a fama nota
Com o nome da batalha Aljubarrota.

Aonde

Aonde dos já vencidos Caſtelhanos
Muitos fugindo á morte pereceraő
Entre paſtores rudos, e ſerranos ,
Que antes do Condaſtabre os receberaő:
Que os que por menos annos, ou mais annos
Lugar para a batalha naő teueraő ,
E as mulheres , armadas liuremente
Matauaő nas eſtradas muita gente.

Inda he do volgar pouo engrandecida ,
A forneira valente , e celebrada ,
Que com a pá tirou a ſete a vida,
Que a deuiaő trazer muy mal guardada :
Quem naő acabará gente vencida
Se contra ella a pá ſerue de eſpada
Celebre-ſe a mulher , louue-ſe a terra
Aonde ſe fez com paz tam fina guerra.

A noite vinha os ceos eſcurecendo ,
O Sol já ſe eſcondia atras dos montes
Hiaő-ſe as nuuens brancas desfazendo
Corauaő-ſe de roxo os orizontes ;
Hiaő-ſe as feras , e aues recolhendo
Soauaő já ao longe as claras fontes
Quando do largo alcance que ſeguira
Com os ſeus o Condeſtabre ſe retira.

O Luſitano Rey que aſſi tomára
Hum ligeiro cauallo da outra parte
Quando delle o Pereira ſe apartára
No campo repreſenta hum nouo Marte :
Os fugitiuos ſegue, os ſeus repara
Com deſtreza, prudencia , auiſo, e arte ,
E entre a gente contraria já ſem guia
Hum caualleiro vio que a pé fugia.

Sem

Sem elmo, e o arnes já destroçado
O escudo em mil partes diuidido,
Que pola cruz com que hia atrauessado
Foy do Rey valeroso conhecido:
Diogo Alures Pereira, em alto brado
Naõ fujas; lhe bradaua, sem sentido,
Que agora amigo em mi tereis melhor
Do que vos já me fostes seruidor.

Voltou atras o rosto o caualleiro
De pó, sangue, e suor, cuberto, e cheo,
E vendo o Rey piadoso, e verdadeiro
Inda que com vergonha, e com receo,
Confessando o seu erro de primeiro
Cruzando os fortes braços se lhe veo,
E com o sangue, e lagrimas nos olhos
Perdaõ lhe está pedindo de giolhos.

Aly o deixa o Rey naquella estancia
Na guarda dos peões feros soldados
Entre presos de menos importancia
Que o mesmo Rey lhes tinha encomẽdados;
E em quanto com destreza, e vigilancia
Recolhe os seus guerreiros espalhados
Os barbaros peões sem mais respeito
Prouaõ a furia vil, contra hum sujeito.

Que em o vendo entre si sem resistencia,
E ausente o Rey tam forte como humano,
Daõ a seu erro antiguo penitencia,
Pollo final que tinha Castelhano,
Com huma sem razaõ, fera inclemencia
Foi morto a lanças vis o Lusitano,
Que com espada, lança, e braço forte
A tantos na batalha dera a morte.

O cam-

O campo recolhido ſabiamente
Voltando dom Nunalures com graõ preza
Canſado do trabalho, mas contente
O Sol da Patria terra Portugueſa:
No arraial poem guardas diligente
Fazendo contra a ſorte fortaleza,
Que mil vezes mudauel vira o roſto
Em tragedia trocando o maior goſto.
Aly com os paſſatempos cuſtumados
Tres dias teue o Rey de grande gloria
Diuidindo os deſpojos aos ſoldados,
E gozando os deſcanſos da vitoria:
Naquelles largos campos celebrados
A que hoje inda engrandece eſta memoria
E aonde o caminhante alegre, e ledo
Apontando os lugares vai com o dedo.
Depois que o Condeſtabre aly deſcanſa
De hum trabalho taõ grande, e tam cõprido
Porque a Deos traz na honra, e na lembarnça,
E atribue a elle o ſuccedido:
Como o que ſó no ceo tinha eſperança,
E era delle igualmente ſoccorrido
A Seiſa de Ourem parte em romaria
Ao venerando templo de Maria.
De muitos (mas vãamente) foi julgado
Que hia dar aos irmãos a ſepultura,
Que Deos ſó tinha o fim de ſeu cuidado
Só a elle eſtima, quer, buſca, e procura;
De poucos dos ſeus bons acompanhado
Polo maior rigor da noite eſcura
No deſerto caminho lhe acontece
O de que a minha hiſtoria naõ ſe eſquece.
Mas

Mas ſigamos tambem ao Rey contrario,
Que com reſto do campo era partido
Que por qual vira o Melo temerario
Iá menos eſtranhaua o ſer vencido;
Culpando vai ao fado leue, e vario
Naõ menos cuidadoſo que offendido
Soltando mil ſoſpiros vãos ao vento
Cheos de juſta pena, e ſentimento.

A Santarem chegou, e a noite eſcura
Paſſou, qual todo o dia lamentando
De ſi, dos ſeus ſoldados, da ventura
A terra, ao mar, ao ceo ſe eſtá queixando;
E antes que a bella Aurora alegre, e pura
Foſſe as nuués eſpeſſas apartando
Para onde a ſua armada no mar tinha
Com os ſeus, como elle, triſtes, encaminha.

Iá o vento as brancas velas encopaua,
Que vaõ fazendo ſombra no Oceano
A ſeu repouſo antigo ſe tornaua
Com tempo ſocegado o Caſtelhano:
Neptuno contra Marte o amparaua
Que ſempre a hũ cruel nace outro humano,
E quando Iuno aos Frigios perſeguia
A bella Cytherea os defendia.

Iá das altiuas torres que deixauaõ
Se deſpedia a viſta ſaudoſa
Que ver outra vez já nunca eſperauaõ
Da cidade de Vlyſſes populoſa:
Os olhos mais enxutos ſe molhauaõ
Com ſentimento, e pena cuidadoſa,
E o Rey que entre mil ays que deſpendia
O Tejo o eſcutou que aſſi dizia.

Ah fortuna nos bens sempre inconstante
Inimiga de auer firmeza em nada,
Que com hum rosto atras, outro a diante
Es cega, injusta, vam, desatentada:
Quem ha que te conheça, e que se espante
De em tam pequeno espasso ver mudada
Num Rey a confiança, a vida, o gosto
Se para o destruir viraste o rosto?

Quanto com teu poder me engrandeceste?
Sobre tam grandes Reys me aleuantaste?
Nos desejados reynos que me deste,
E nas grandezas que lhe acrecentaste?
Da bella esposa que me offereceste
No reyno que em promessas me mostraste
Nos vassallos amigos, e obrigados
Por mi, contra si proprios leuantados.

Tudo perdi numa hora amargamente,
Ou mo tiraste tu de arrependida
Pretençaõ, honra, fama, nome, e gente,
E para mal maior deixasme a vida;
Da minha já naõ posso ser contente,
E fora menor mal tela perdida,
Que perdido entre os meus sem honra, e glo-
Fazer mór aos contrarios a vitoria. (ria

Naõ me vencera o forte Lusitano
Se o teu fauor injusto lhe faltára
Que mayor era o campo Castelhano
De gente mais luzida illustre, e clara;
Nem eu chegára agora a tanto dano
Se tua sem razaõ naõ me causára
Sem ti, sem teu fauor tudo he perigo;
E inda he muito maior viuer contigo.

O Reys

O' Reys, ó capitães que noutra idade
Dos de menor poder fostes vencidos
Naõ vos faltando esforço, nem bondade
Nem famosos guerreiros, e atreuidos;
Naõ tendes culpa vos na aduersidade
Pois ereis ás estrellas sometidos
O ceo que muda os grandes, e os menores
Faz, leuanta, e sustenta os vencedores.

Vos ó bella cidade tam famosa
Mais que as de toda Europa celebrada
Por fertil, rica, forte, populosa
Das naçoens mais remotas frequentada,
Iá fostes a meus olhos mais fermosa,
Que ao nacer do Sol a madrugada
Quando noutra esperança que entaõ tinha
Vos pintaua melhor como mais minha.

A Deos custosa Troya, que tam cedo
Destes a meu desejo o desengano,
Que já vos naõ verei contente, e ledo
Retratada nas agoas do Oceano:
Mas cheo de temor, espanto, e medo
De vos irei fogindo, e de meu danno
A Deos Lisboa, a Deos ditosa terra,
Que o ceo que vos defende me desterra.

Campos de meus despojos semeados,
Que estaõ gozando os liures vencedores
Nunca sejais de Ceres cultiuados,
Nem o Sol crie em vos alegres flores:
De meu triste successo magoados
Tudo em vos sejaõ eccos, e temores,
Repita o ar em vos com queixas tristes
O trance desigual em que me vistes.

Ami-

Amigos Portuguefes valerofos,
Que em meu fauor as vidas defprezaftes,
Que contra a Patria feros, e animofos
Nunca minha razaõ defamparaftes;
Neffes campos ingratos rigurofos
Aonde com tal valor mortos ficaftes,
E vos ó Caftelhanos fem ventura
Quem vos ha de dar hoje a fepultura.

Ifto dezia o Rey, que fufpirando
Lagrimas ás razões acrecentaua
Os feus com os olhos baxos vaõ calando:
E efte mudo filencio os declaraua;
O bracejar dos remos no mar brando
Parece que a trifteza lhe ajudaua
Qual intenta falharlhe a que o receo
Entre as razoens lhe tira a voz do meo.

Hum dos feus confolallo determina,
E com rezoens a pena lhe acrecenta,
Que cada hum diz com dor o que imagina
E a tençaõ nas palauras arrebenta;
A caufa diz fenhor de tal ruina
O principio cruel defta tormenta
Foraõ os Portuguefes que tiueftes
A quem tudo entregaftes, tudo deftes.

Elles com vãs rezoens fem fundamento
Vos fizeraõ deixar a Patria noffa
Affegurando fempre o vencimento
Só valia fua, e vifta voffa;
Outrem mandar podereis nefte intento
Com exercito igual, e armada groffa
Sem vos virdes fenhor na companhia,
E o Rey voltando o rofto o reprendia.

Ah,

Ah, que ainda na dor que naõ ſe eſconde
Tem no peito real força a razaõ,
Que ſe mal a fortuna correſponde
Nem por iſſo ſugeita o coraçaõ;
A eſte o Rey famoſo lhe reſponde,
Mais que as palauras leues, á tençaõ
De que moſtreis agora aqui me peza
Tal ſem razaõ, tal erro, e tal fraqueza.

Que mal dos Portugueſes dizer poſſo
Cujo eſtranho valor, e esforço raro
Em minha pretençaõ no campo noſſo
E no do Meſtre ſeu vimos tam claro:
Eſcondei tal tençaõ no peito voſſo,
Que o meu naõ pode ſer-lhes nunca auaro;
Que os que contra nós foraõ, nos venceraõ
E os que foraõ por mi, por mi morreraõ.

Quem pôs primeiro lança no inimigo?
Quem primeiro empunhou luzente eſpada!
Quem buſcou ſempre a força do perigo?
Quem fez nos eſquadroens maior entrada?
Quem primeiro perdeo por vir comigo
A terra, a honra, a vida deſejada?
Se naõ os Portugueſes cujo preço
Hoje delles vencido reconheço.

Eſtas, e outras palauras valeroſas
Dizia o Rey culpando ſua eſtrella
Deixando atras as torres bellicoſas
Que guardaõ a cidade antiga, e bella;
Lá foi parar nas terras deleitoſas
Dos ſeus reynos antigos de Caſtella
Aonde o triſte ſucceſſo naõ cuidado
De nouo foi ſentido, e foi chorado.

CANTO XV.

Conta-se o que aconteceo a dom Nunalures Pereira na Romaria até tornar ao arrayal, o qual com o Rey leuanta: Chega com o exercito a Santarem, aonde deu o titulo de Conde o dom Nuno Alures, que daly se vai entre o Tejo, e Guadiana, e juntas as gentes da comarca entra por Castella com grande liberdade: Descreue-se o seu caminho até a assinalada batalha de Valverde.

COm o silencio da noite escura, e fria
Por desertas charnecas, e espessura
Vai Nuno o vencedor em romaria
A quem lhe deu vitoria, e dá ventura:
E ao encruzar de hum valle que fazia
Com o aruoredo a sombra mais escura
Ao longe ouue huma voz fraca, e doente
Feminil quebrantada, e descontente.

Entre rotas palauras sospirando
Com o ecco dos montes se acabaua
Deixaua de fallar de quando em quando,
E com nouos sospiros se esforçaua;
Parou o capitaõ; e os seus calando
Cada hum por entre os matos se espalhaua,
E a voz que escassamente o ar rompia
Estes saõ os queixumes que dizia.

Tudo

Tudo me offende, e tudo me falesce
Com quem poderei triste aconselhar-me?
Que dos males que a sorte me offerece,
Bem sei que o menor mal fora matarme:
Sem vós meu bem a vida me aborrece
Para vos offender quereis liurarme;
Ah menor danno fora e melhor sorte
Triumphar tras da fortuna a fera morte.

Aqui em vossa amada companhia
Em quanto mo permite o duro imigo
Esperarei senhor que o nouo dia
Me mostre o vosso rosto e meu perigo:
Se a morte ei de sentir por qualquer via
Menos a temerei se vir comigo
O bem que noutra idade mal perdida
Como me mata agora me deu vida.

Aqui tendo entre os braços amorosos
Este ferido peito mais humano,
Que meus sospiros tristes saudosos
Esperarei da sorte o menor danno;
Quiçá que esses soldados rigurosos
Do triumphante esquadraõ do Lusitano
Com lagrimas abrande, e que assi possa
Saluar na minha vida a propria vossa.

Que infamia ei de temer, que crueldade
Neste misero estado que naõ seja
Fugir para outra mór aduersidade
Donde escapar naõ possa, nem vos veja:
Deixai meu doce amor, que esta vontade
Entre tam grande mal gozando esteja,
Porque inda neste amargo sentimento
Algum aliuio sente o pensamento.

Aqui limita amor nesta só hora
O que eu lhe mereci tempo tam largo
No mal logrado bem que vejo agora
Em trance tam cruel, fero, e amargo;
Ah naõ fora meu bem se assi naõ fora
Nunca a sorte mo deu sem grande encargo,
Mas como chamo bem a hum mal tam fero
Mal no que vejo; e bem polo que quero.

A isto entre gemidos respondia
Huma voz que o alento reforçaua,
Que escassamente o ar a destinguia,
E o silencio da noite a declaraua;
Ah naõ queirais meu bem, minha alegria
(Alegria porém quando a gozaua)
Que nesta hora penosa, e descontente
O que me daua vida me atromente.

Què no trance cruel em que me vejo
De feridas mortais atrauessado
Sómente viua a voz, viuo o desejo,
E o corpo em sangue proprio sepultado:
O perigo maior com que pelejo
O que me dà mor pena, e mór cuidado
He deixaruos meu bem na terra alhea
Nas mãos da sorte, e noite escura, e fea.

Virá com o dia o rigoroso imigo,
Que por me dar mór golpe mo detinha
Se vos achar meu bem aqui comigo
Triumphara juntamente d'alma minha:
Por me euitar tam aspero castigo
Alongai-uos senhora mais asinha
Para onde de meus males mais segura
Vos naõ offenda assi minha ventura.

Que

Que ſe eſſa vos perſegue, e vos maltrata
Neſte miſero eſtado que conheço
He porque vè que em veruos mais me mata
Que neſta pena injuſta que padeço:
Em quanto a noite a morte me dilata
E o poder da ventura reconheço
Ideuos minha gloria, que ella ordena,
Que ſendo gloria minha me deis pena.

Neſſes fermoſos olhos que tiueraõ
Em ſua bella cor minha eſperança
Neſſes cabellos douro que prenderaõ
Meu deſejo, querer, e confiança:
Neſſes robins, e perlas que me deraõ
O theſouro maior que amor a lança
A pezar deſta falſa, e fementida
Suſtentai vida minha, a minha vida.

Ay que o canſado alento vai minguando,
Perdoai doce amor, que já me falta
Eſta voz, que meu mal eſtá fallando
E inda deſta ferida o ſangue ſalta:
Para que vá na pena dilatando
O que no coraçaõ por vos me falta
Acudi-lhe ſenhora que parece,
Que neſte triſte eſtado vos conhece.

Com baixo ſom por entre o ar eſcuro
Eſtas triſtes razoens hiaõ rompendo
Que no peito mais forte, e mais ſeguro
Fazem ao coraçaõ ficar tremendo:
Té o valle ſombrio, aſpero, e duro
Eſtaua as mudas plantas confrangendo
Huns ramos d'ntre os outros ſe ſoltauaõ
E com medonho accento ſoſpirauaõ.

O va-

O valeroso Heroe, cujo peito
De brandura, e valor tinha igualmente
Encubrindo nos olhos claro effeito
Do que na alhea dor conhece, e sente;
Considerando o mal daquelle objecto
Pola voz tam funesta, e descontente
Por ver o que seria chega ao perto,
E no aruoredo entrou mais encuberto.

Chegou, saltou da sella elle primeiro
Vio nos braços estar de huma donzella
Mortalmente ferido hum caualleiro,
Que inda assi se esforçaua a defendela:
Naõ fora de julgar muito ligeiro
Qual está mais defunto se elle, ou ella,
Porque no sobresalto que se offrece
Elle se anima, e ella desfallece.
E com a voz mortal que despedia
Tambem por muitos golpes repartida,
O' tu quem quer que sejas, lhe dizia,
Que vés tam tarde a ser nouo homicida:
Essa fortuna ingrata que te guia
Naõ te manda aqui só tirar-me a vida,
Mas a offender a huma alma della isenta,
Que fora deste objecto se sustenta.

Que he esta minha esposa que acompanha
O corpo que já o mal vai consomindo,
Que donde o Bethis rega a forte Hespanha
Com animoso amor me vem seguindo:
Pois que nos foi benigna esta montanha
De sua dor vencida, e gesto lindo,
Tu se es ousado, forte, e tens nobreza
Naõ mostres contra os fracos aspereza.

Por

Por momentos a vida ſe me auſenta
Eſta he huma donzella fraca, e nobre,
Que neſte peito o coraçaõ ſuſtenta,
Que com lagrimas triſtes rega, e cobre:
Vencidos da fortuna, e da tormenta,
Que a cada qual de nos deixou tam pobre
Naõ te podemos dar preço, ou vitoria
De que intereſſes, goſto, nome, e gloria.

Vſa claro ſenhor de piedade
Aſſi te guarde ſempre o ceo ſubido
E ſejas vencedor na tua idade
Sem prouares o mal que he ſer vencido:
A vida lhe concede, e liberdade
Pois naõ podias ſer della offendido,
E a mi ſe o patrio nome te he odioſo
Deſpoja, mata, e nega o ſer piadoſo.

Deſtas palauras tais enternecido
Aquelle illuſtre peito quanto ouſado
Decendo no lugar mais eſcondido
Que tinha o viuo amante ſepultado:
Com o lume da Lua, que eſparzido
Por entre os ramos fere o verde prado
A dama leuantou que neſte enleo
Chora com agoas ſuas ſangue alheo.

E com os canſados olhos renouando
A queixa que já tem por derradeira
Solto o eſpoſo ſeu; eſtaua olhando
O que determinaua o graõ Pereira:
Que com ſuaue voz, amigo, e brando
A fallar começou deſta maneira:
Em extremo me peza ó caualleiro
Naõ vir a ſoccorreruos mais ligeiro.

Mas

Mas ſe inda eſſas feridas na bondade
Do experto ſurgiaõ podem ter cura
Sereis mais deuedor deſta vontade
Do que moſtrais deuerdes á ventura:
E em tanto tereis ſempre em liberdade
De offenſa, danno, ou mal liure, e ſegura
Eſta eſpoſa fiel que eſtimais tanto,
Que eu prometo ao ceo ſereno, e ſanto.

Enxugando-lhe as lagrimas primeiro
Com ſe lhe offerecer beninamente
Manda em braços tomar ao caualleiro,
Que já a dor das feridas menos ſente
Em o cauallo o toma hum eſcudeiro,
E a doce eſpoſa menos deſcontente
As ancas leua o capitaõ famoſo
Seguindo ſeu caminho cuidadoſo.

Chegou, fez oraçaõ humilde, e pia
A quem vida, valor, e honra lhe dera
Voltou ao tempo já que amanhecia
Sobio á forte Ourem altiua, e fera;
Tomou poſſe da villa aquelle dia,
Porque já na batalha o Rey lha dera
Aonde fez curar honrando a ella
O caualleiro amante da donzella.

Teue elle vida, e ella liberdade
Sendo-lhe a terra eſtranha natureza
Ambos tinhaõ valor, honra, e bondade
Ella graça, juizo, e gentileza;
Em Portugal viueraõ longa idade
Com grande amor da gente Portugueſa
Dando-lhe aquelle dia a vida chara
O que em tam pouco a tantos a tirara.

Voltou

Voltou o Condeſtabre em tempo breue
Ao campo aonde deixara o Rey triunfante,
Que aos tres dias depois que nelle eſteue
Vai acudir ao que he mais importante:
Em quanto com os deſpojos ſe deteue
Tendo atalaia, e guarda vigilante
Curar manda os chagados, e feridos
Tam igualmente os ſeus como os vencidos.

Que poſto que obrigado da ventura
Officios naõ negou da natureza
Aos mortos mandou dar a ſepultura
Com honra, piedade, e com triſteza;
E dedicando á Virgem ſanta, e pura
As bandeiras, e as armas deſta empreſa
Edificou depois o templo altiuo,
Que morto o guarda, e na memoria viuo.

Iá marcha o noſſo campo vitorioſo
Tintas de ſangue alheo as reluzentes
Armas da Luſitania, e do famoſo
Nuno, que hia guiando as fortes gentes:
Tudo ſe moſtra alegre, e gracioſo
Os caminhos tam liures, quam contentes,
Té que de Santarem piſando a praia
Vaõ deſcobrindo as ortas da Açacaia.

Foi na alta villa o Rey mui feſtejado
Com jogos em que o pouo ſe detinha
Liure do jugo alheo carregado
Dos eſtranhos ſoldados que antes tinha;
A Nuno que de Ourem tinha o Condado
Com o aplauſo do exercito que vinha,
E com o amor que o Rey em nada eſconde
Foi-lhe aly dado o titulo de Conde.

Porém

Porém naõ consentio muito ligeiro
Na desejada illustre dignidade
Que entaõ era de Conde que primeiro
Lhe descobre no peito outra vontade:
Que o titulo naõ quer se á algum guerreiro
Outro, ou priuado, o der na sua idade
Pois nos seruiços com que o merecia
Nunca teue no reyno companhia.

Tudo o Rey lhe offerece, e lhe concede,
E fez-lhe a doaçaõ taõ celebrada
Que a todas as dos Reys da Europa excede
Mais ampla em rẽda, em terras mais hõrada;
E alem do nome, e condiçaõ que pede
Com a villa de Ourem tam desejada
E as heranças, e terras que antes tinha
Aquelle amigo injusto da Raynha.

Deu-lhe Borba, Estremôs, Villaviçosa
A Portel, Montemor, e a Euramonte,
Sacauem desejada, e graciosa,
Que sempre o aureo Tejo vè defronte;
Porto de Mós taõ fertil quaõ fragosa
Rabassal, e Aluaiázere outro monte,
Barroso, Arco de Baulhe, Bouças, Pena,
Penafiel, Barcellos, Basto amena.

Dos direitos reais liberalmente
Huma parte em Lisboa, que hoje goza
Seu successor famoso, e juntamente
Os de Loulé, e de Sylues bellicosa;
Se outro naõ fez vassallo tam potente,
Nem doaçaõ a hum só tam grandiosa
Nunca teue outro Rey melhor vassallo,
Nem tam grandes razões de auentajallo.

O que

O que tam pouco as honras eſtimaua
Quanto com razaõ juſta as merecia
Menos da renda, e terras ſe lembraua,
Que do que a ſeus criados ſe deuia;
A todos recebendo acrecentaua,
A todos com prudencia enriquecia,
Que ainda que por ſi ſó tudo merece
Dos com que mereceo já mais ſe eſquece.

E ſe vos lembra acaſo do barbeiro,
Que a eſpada guarneceo, ſó de vontade
Quando a noua lhe deu do Conde Andeiro
A que fugindo vinha da cidade;
Que inſinado de encantos de hum romeiro
Lhe pediſſe a futura dignidade,
Neſta razaõ por ſua ſorte imiga
Perderá a liberdade, e poſſe antiga.

Confiſcada a fazenda, a propria vida
Tinha outro ſenhor já de que era eſcraua
Por ſer achado em culpa conhecida,
Que contra os Portugueſes pelejaua;
A miſera mulher pobre, e perdida
Aos pés do Condeſtabre ſe lançaua
Que lhe pagou melhor naquelle enſejo
Que a ſua petiçaõ, e o ſeu deſejo.

Que peito ha generoſo que ſe eſqueça
De ſeruiços, de amor ainda pequenos,
Que naõ honre, leuante, e engrandeça
A vontade que os homens tem por menos:
O baxo ſó ſe altere, e deſconheça
O que he maõ liberal, e os olhos ſerenos
Mas quem pôs a diante a natureza
Tambem lhe naõ faltou neſta grandeza.

Pou-

Poucos dias tras este se deteue
Gozando os interesses desta gloria,
Lembrando-lhe o que monta, e quanto deue
Sustentar o louuor de huma vitoria;
Que quem cõ hũ bõ successo ou bẽ que teue
Perde logo os cuidados, e a memoria
Dá lugar á fortuna incerta, e varia
Té que de companheira a faz contraria:

Os seus arma; do Rey licença alcança
Com as lanças que aly tinha passa o rio
Pôr a Fronteira em noua gouernança
Aonde já tem mór mando, e senhorio:
Na fermosa Extremós com os seus descança
Entre barro cheiroso, e jaspe frio
Das vesinhas comarcas chama a gente
Que acode já mais liure, e mais contente.

Mil lanças ajuntou com os que aly tinha
Fora dous mil bésteiros escolhidos
Formou delles hum campo qual conuinha
Com os pendões, e lugares repartidos:
Para a reguarda, e alas encaminha
Os mais valentes, destros, e atreuidos
Elle a vanguarda tem da primeira ala,
E junto o campo seu, desta arte falla.

Portuguezes amigos valerosos
Vassallos tam leais como estimados
Naõ vos quis ver o ceo vitoriosos
Para vós vos mostrardes descuidados:
Temos os inimigos bellicosos
Inda que em parte já disbaratados
Importa que sigamos a ventura,
E naõ faltemos nós pois que ella dura.

Que

Que ſe as armas deixamos, e os tambores
Quando os imigos fortes, e offendidos
De temidos, e ouſados vencedores
Viremos a afrontados, e vencidos:
Naõ percais as ventagens, e os louuores,
Que por tantas razões vos ſaõ diuidos,
Que em quanto ouui contar, e qũãto alcãſo
Sempre foi a honra imiga do deſcanſo.

Determino que entremos por Caſtella
Se vos parece ó fortes Luſitanos
Vamos ver eſſa terra illuſtre, e bella,
Que dá tantos, e ouſados Caſtelhanos:
Vamos tomar vingança ás caſas della
Dos que ás noſſas fizeraõ tantos dannos
Tégora defendemos a em que eſtamos,
Agora quer a ſorte que offendamos.

He tempo que cobremos a ouſadia,
Que nos tinha catiua o Rey Fernando,
Pois o que vos gouerna, rege, e guia
Vai voſſo nome antigo renouando:
Com voſſo esforço, em voſſa companhia
Bem he que va ſeu nome leuantando
Vamos ſobre elle já que he couſa juſta,
Que ſaibaõ noſſa offenſa quanto cuſta.

Iſto naõ acabaua o capitaõ
Quando os a que a vitoria perſuade
Com differente voz, e hum coraçaõ
Lhe offerecem as vidas, e a vontade;
Poem logo em ordem bella o eſquadraõ
Cheo todo de esforço, e lealdade,
Para que no outro dia, com a Aurora
Dos muros de Eſtremós ſe eſtenda fora.

E em quanto elle trataua eſte concerto
Tinhaõ de tudo auiſo os aduerſarios,
Que cada hum como aſtuto, e como experto
Trata apercebimentos neceſſarios;
Intentaõ vir buſcallo mais ao perto,
Mas niſto os pareceres ſaõ muy varios
Que por encontro delles ou reſpeito
Nenhum neſte deſejo teue effeito.

Paſſada a noite eſcura, preguiçoſa
Em parecendo a eſtrella de Diana
Marchando os noſſos vem Villaviçoſa
Honra, e valor da terra Tranſtagana:
Ao outro dia a Badajoz famoſa
Aonde a vao paſſaõ todos Guadiana
Alojando-ſe á viſta das areas
De eſcamas reluzentes d'ouro cheas.

Logo neſte primeiro alojamento
Hum jauari muy grande, e temeroſo
Entre os noſſos morreo, que o vencimento
Iá naõ querem julgar por duuidoſo:
O dia gaſta aly neſte apoſento
Nuno mais por aſtuto que ocioſo,
E como o Sol ao outro foi moſtrando
Ao Almendral direitos vaõ marchando.

Chegaõ paſſando a noite aſſás viçoſos
Deſſe licor, que Bacco eſtima e ama
Que a muitos, delle amigos cobiçoſos
Seruio de alegre cęá, e branda cama:
Mas depois de dormir pouco ocioſos
Quando o Sol entre as nuuens ſe derrama
O lugar deixaõ já de tanto goſto
Cozendo a noite fria o quente moſto.

Che-

Chegou a Parra em ordem de peleja
Por conuidar ao imigo que lhe tarda
Nas alas leua os bons que elle deſeja
A quem o vil temor nunca acobarda:
Gonçaleanes de Abreu tem na peleja
Com o prior do Hoſpital a retaguarda
Aſſi chegando á villa ſe apouſenta,
E nas coſtas o imigo lhe arrebenta.

Com cautella ardiloſa, e muy ſeſuda,
E ſós trezentas lanças que trazia
O Meſtre Martim Anes de Baruuda
A noſſa carriagem remetia:
Porém de ſi tam pouco ſe deſcuda,
Que ſó a tiro de viſta apparecia
Nuno tras elle os ſeus mouia a guerra,
Mas virando-lhe as coſtas toma a ſerra.

Era o Baruuda hum Portugues ouſado
Dos que a parte ſeguiraõ de Caſtella
Capitaõ, deſtro, aſtuto, e celebrado
Por ouſadia igual, e igual cautella:
De Alcantara lhe dera o graõ Meſtrado
O já vencido Rey que ſe deſuella
Por moſtrar quanto eſtima, e quanto inueja
Aos que vio valeroſos na peleja.

Eſte em huma ſobida muy fragoſa,
Que ao caſtello de Feria eſtá veſinha
Outra mais gente de armas bellicoſa
Para vir contra o Conde junta tinha;
E indo de Parra a gente valeroſa
Noſſa, na propria ordem com que vinha,
Que indireitando a çafra vai marchando
Dece com os ſeus da cerra como em bando.

Nem

Nem Nebri generoſo com mór preſſa
Sobre a garça deceo que armada eſpera
Nem a Aguia tam ligeira ſe arremeſſa
Sobre a incauta, e miſerauel fera;
Qual o Meſtre decendo ſe atraueſſa
Com a mais gente que aly lhe recrecera,
Mas torna o Conde á ſerra tam ligeiro,
Que haõ por melhor cõſelho o de primeiro.

Paſſaõ os noſſos çafra aquelle dia,
Paſſaõ Fonte do Meſtre, e ſem cuidado
Vaõ alcançar daly Villa Garcia,
E achaõ villa, e caſtello deſpejado;
De muitos mantimentos que aly auia
Leua a parte que quer cada ſoldado,
E deſcanſaõ alegre, e liuremente,
Que o lugar ſó, e a preza lho conſente.

Neſte lugar eſtaua o capitaõ,
Quando chega hum trombeta do inimigo
Com hum molho de varinhas vem na maõ
Que outro cartel, nem carta tras conſigo:
Dom Nunalures com termo corteſaõ
Recebe o meſageiro como amigo
Até que huma das varas que trazia
Dizendo eſtas razoens lhe offerecia

O Meſtre meu ſenhor de Santiago
Cujas terras piſais tam liuremente
Fazendo injuſto danno, e grande eſtrago
Na rua, deſcuidada, e fraca gente:
Eſta vara vos manda, que aqui trago
Com que vos deſafia abertamente,
Que ſem faltar a tempo, ou fazer falha
Apercebido eſtais para a batalha.

Tomou

Tomou com mui risonho ledo rosto
O Conde aquella vara, os seus olhando
Que cada hum nelle tinha os olhos posto,
Nos quaes o coraçaõ lhe está saltando:
E por ver já chegado aquelle gosto
Que andara em tantos dias esperando
Com a pressa dos desejos obrigado
Iá daua ao messageiro o seu recado.

Porém inda as palauras naõ soltaua
Quando elle a sua arenga proseguia,
E outra vara atras esta lhe entregaua
Com que o Conde de Nebla o desafia:
Do mestre outra lhe deu de Calatraua
Do de Alcantara outra lhe offerecia,
E outra atras destas quatro naõ lhe esconde
Que de Medina Celi manda o Conde.

Os Portugueses Sousas rebelalados
Cada hum a sua vara lhe offerece
Dom Affonso Fernandes, e os ousados
Irmãos, que a nobre Cordoua engrandece:
Os vinte e quatro nobres, e afamados
Que Seuilha sustenta, e reconhece
Que o pendaõ famoso da cidade
Trazem lustrosa gente, e de bondade.

Dom Gastaõ de la Cerda illustre, e forte
Dom Pedro Ponce altiuo caualleiro,
E o vltimo que aly lhe coube em sorte
Martim Fernandes he Portocarreiro:
Cada hum dos ameaços he de morte
Segundo he rigurosо o mesageiro,
Mas de alegria grande, e gosto cheo
Tudo lhe ouuia alegre, e sem receo.

Deu-lhe em tudo a tençaõ que era deuida,
E antes de responder a este recado
Aos seus contando a noua recebida
Cada hum a festejaua aluoroçado
Tanto estimo (responde) como a vida
Ser de tantos senhores conuidado
Noua de tanto gosto, e tanto preço
Ao Mestre meu senhor eu lha mereço.

O gosto de a saber esse me estroua
Dizeruos quanto estimo agora tella
Naõ podereis trazerme melhor noua
Senaõ que vinha o seu Rey de Castella:
Vós sabereis de mi por outra proua
Se vos fico deuendo o ganho della
Agora aos capitaens cada hum á parte,
E a todos respondei da minha parte.

Que de todos acceito o desafio,
E d'agora á batalha me offereço,
Que estimo muito as varas, e confio
Que tenhaõ nesta maõ mais força, e preço:
Que se a sorte naõ der algum desuio
Para atalhar ao fim deste começo,
Com estas (pois que as mandaõ) determino
De castigar seu nouo desatino.

Que sei que a muitos delles foi penoso
Naõ se acharem com o Rey famoso, e claro
Na batalha, e successo perigoso
Em que lhe foi a sorte, e tempo auaro;
Que se algum ainda está tam desejoso
De mostrar seu valor estranho, e raro,
Que aqui tem este peito, braço, e lança
Em que bem poderá tomar vingança.

E se

E se antes de partir com este intento
De os mandar auisar tiue cuidado,
Como terei agora em pensamento
Desuiarme do prazo desejado;
Que se lhes falia gente, ou bastimento
Estou para esperar apparelhado
Que segundo esta terra me agasalha
Nem temerei tardanças, nem batalha.

Tras isto polas nouas que trouxera
Cem dobras d'ouro deu aò mesageiro,
Que contente voltou aonde viera,
Mas mais que da repolta, do dinheiro:
Deixa a deserta villa, nada espera
Com os seus a Guadalupe vai Romeiro
A casa milagrosa de Maria
Pois ninguem a jornada lhe impedia.

Mas aduertindo alguns o grande danno,
E destroço que os nossos sem concerto
Podem fazer ao pouo Castelhano,
E as terras da senhora que estaõ perto:
Deixou a romaria o Lusitano,
E pondo os seus em armas, e em concerto
Deu volta a hum porto junto a Magazella,
E chega o de Barbuda á vista della.

Iá doutros capitaẽs acompanhado
Com nouecentas lanças lhe apparece
A dar nos nossos vem determinado,
E o Conde a recebello se offerece:
Mas elle que de longe exprimentado
O tem deste cuidado já se esquece,
E á serra pouco, e pouco se retira
Que nunca chegou mais que a andar á mira.

Fizeraõ ſeu caminho mais ſem pena
Os noſſos que já á paz trazem faſtio
Paſſaõ por Villanoua da Serena
Para Valuerde, e tem já perto o rio;
A' viſta, e com diſtancia naõ pequena
O de Barbuda vem ao deſafio,
E ligeiro, e ſagaz de quando em quando
Com os da reguarda a tempos pelejando.

Alguns feridos ouue neſta enuolta,
Porque os noſſos virauaõ de indinados,
Mas durou tanto o Meſtre na reuolta
Quanto naõ vio Nunalures aos ſoldados:
Dauaõ virando logo redea ſolta,
E alguns ficaõ da volta caſtigados
Até que o arraial tomando aſſento
Ceſſou ſeu perigoſo atreuimento.

E ſendo certo já que o outro dia
Seria o da batalha que eſperando
Andaua aquella gente que o ſeguia
Pollos preſos que os noſſos vem tomando:
Os capitaens chamou que aly trazia
E a cada hum foi ſeu cargo encomendando
Diſpondo a traça em ordem da peleja,
Que muito tarda a quem tanto a deſeja.

Depois com toda a aſtucia que conuinha
A quem na terra alhea ſe alojaua
A toda a parte eſcutas, e armas tinha
A que elle ſempre armado vigiaua:
Iá alta noite ouuio gente que vinha
Que com eſtrondo, e preſſa caminhaua,
Que endireitando vai contra Valuerde
Tanta que a viſta nella o conto perde.

Bem

Bem quiſera a tal tempo dar ſobrelles,
E no caminho o Conde recebellos,
Porém a noite eſcura era por elles,
Que eſcaſſamente os noſſos podem velos:
Depois que o capitaõ andando entre elles
Naõ póde aleuantalos, nem mouelos
Em tanto orando a Deos eſpera o dia,
Que peleja por elle, e mais vigia.

Em tanto os capitaens determinados
De vir tomar vingança riguroſa
Nos que tam valeroſos, e esforçados
Achaõ toda a tardança vagaroſa:
Deſertos deixaõ já aos pouoados
Cobré os campos a gente bellicoſa,
Lanças, armas, diuiſas, e bandeiras
De varias terras vem varias maneiras.

A flor eſtaua aly de Andaluzia
De Cordoua, e de Iáem vinha o pendaõ,
O da rica Seuilha apparecia
E os valentes Manchegos de Aragaõ:
Naquella multidaõ que junta auia
Môr numero de gentes era entaõ;
Que as com que na batalha o Rey viera
Aonde a flor de Heſpanha ſe perdera.

Naõ era eſta porém gente eſcolhida
Muita della biſonha, e deſarmada,
Nem de ſeus capitaens tambem regida
Nem tanto tempo á guerra acuſtumada:
Porém a todo o trance offerecida
Por defençaõ da patria deſejada
Iuntouſe toda aquella noite quando
Nuno Alures vigiaua a Deos orando.

Ap-

Appareceo tras isto á manham bella,
Que era a decima quinta, que os guerreiros
Perigrinando andauaõ por Castella
Roubando terras, gados, prisioneiros:
Queixosos de se auer tam liures nella
E os contrarios tam tardos, e ronceiros
Que no principio já de Estremadura
Prouar vinhaõ as armas, e a ventura.

Com o Sol que sobre os montes parecia
O Conde moue os seus daquelle assento
Para hir passar hum porto só que auia
Legoa e mea daquelle alojameto:
Era sem conto a gente que o seguia
Sem ter de acometelo atreuimento
Té que chegando ao passo mais estreito
Lhe tem por toda a parte hum cerco feito.

Sem ordem de peleja, e sem concerto
Da multidaõ sómente se valiaõ
Lanças, e espadas já ferem ao perto
Aos lados pouco e pouco se atreuiaõ;
Iá naõ acha a vanguarda o campo aberto
Só gente armada a todas partes viaõ,
Mas com tam fraco intento vem ao meo,
Que o Condestabre entende o seu receo.

E qual custuma o touro que amparando
Contra o faminto lobo o bando amigo
Anda continuo as vaquas rodeando
O rosto sempre, e os cornos no perigo
Andaua de contino resguardando
Aquelles sem temor que traz consigo
De tal sorte que a gente que accomete
Menos sabe offender do que promete.

Entre

Entre a multidaõ grande que o rodea
Numero tam armado, e tam sobejo
Parece o campo alheo de branca area
A quem por todas partes cerca o Tejo:
Porém o capitaõ que os naõ recea
Vai igualando os braços ao desejo
Pelejando com tanto esforço, e brio,
Que vai abrindo o passo para o rio.

Aly se acende a furia do inimigo
Com maior força, e mais atreuimento
Polos ver tam chegados ao perigo
Atalhados com o humido elemento:
Tambem o gado, e presos que consigo
Traz, lhe seruem aly de impedimento,
Mas já lhe abre caminho o Guadiana
Por mais que offende a gente Castelhana.

Passaõ o vao primeiro os da vanguarda,
Poem ao contrario bando firme o rosto
Em quanto dom Nunalures que naõ tarda
Moue toda a bagagem ao seu posto:
Faz passar atras della a retaguarda
Ficando na defensa em armas posto
Com cujo amparo os nossos sem perigo
Vaõ leuando nas costas o inimigo.

Mais de dez mil estauaõ da outra parte
Que a sahida das agoas defendiaõ
Tirando com destreza, manha, e arte
Setas, e arremessoens aos que sahiaõ:
Té que saltou em terra aquelle Marte,
Que era o raio do ceo que elles temiaõ
Ferindo tam ousado, e tam seguro,
Que naõ basta da gente o forte muro.

Rom-

Rompendo vai aquelle espesso bando
Ajudado dos seus em breue espasso,
E o nosso campo em ordem pelejando
Marcha pot entre as lanças a compasso:
Só pedras, lanças, setas, que lançando
Vem os de cima, a muitos corta o passo,
Mas pouco tempo a furia se dilata,
Que a propria multidaõ se disbarata.

Desordenadamente se misturaõ
Por onde vem que o Conde naõ parece,
E a penas em ser muitos se asseguraõ
Quando em o vendo o medo lhe recrece:
Aos que dos golpes seus fugir procuraõ
A grande multidaõ de tras lhe empece
Té que desesperados da fugida
Vendem aos nossas caramente a vida.

Mas vendo pouco, e pouco o desengano
Os capitaens do intento cauteloso,
Que era disbaratar ao Lusitano
Naquelle passo estreito perigoso:
Vaõ retirando o campo Castelhano
Polo caminho esteril, e fragoso
Soltando das ladeiras mais altiuas
Pedras ao nosso campo vingatiuas.

Ficou a praia em fim dasassombrada
Esmaltada de sangue roxo e frio
De traspassados corpos sameada,
Que faz mouer sem alma o fundo rio.
A alguns tambem dos nossos na passada
Deu sepultura o ceo neste desuio,
Mas naõ foi tanta a perda nesse assento
Como do Condestabre o sentimento.

CAN-

CANTO XVI.

Conta-ſe a peleja, e venturoſo ſucceſſo da batalha. Entra o Conde vitorioſo em Portugal: toma com el Rey a villa de Chaues: juntas as gentes entraõ em Caſtella: Poem cerco á cidade de Coria; donde ſe leuanta, e recolhe por as muitas doenças do arraial. O Duque de Alancaſtre vem a conquiſtar o Reyno de Caſtella: Veſe com el Rey de Portugal na Eſtremadura: Faz-ſe o caſamento da Raynha dona Felippa: Entraõ com grande exercito em Caſtella, el Rey, o Duque, e o Condeſtabre: Andaõ nella quatro meſes, ſem nelles terem batalha. El Rey faz Cortes em Braga: Morreo no Porto a Condeſſa dona Lianor Daluim: vai o Conde a ſuas exequias com grande ſentimento.

NA praia hũ pouco os noſſos repouſaraõ
Paſſando o vao, e as gentes inimigas
Sobindo a ſerra, o rio deſamparaõ,
E em carreiras ſe vaõ como as formigas:
Num outeiro veſinho ſe alojaraõ,
Que naõ querem com o Cõde ter mais brigas,
Mas he em vaõ, porque elle a ſeu reſpeito
Com a vanguarda ao monte vai direito.

Ante todos ſobio tam confiado
Como quem hia atras gente vencida
Buſcando a ſeus guerreiros gaſalhado
Com a peſada maſſa, e bem regida:
Tras elle o ſeu pendaõ ſempre aruorado
Tomaõ tam breuemente eſta ſubida,
Que com menos de hum quarto de peleja
Caſtelhano naõ ha que nella eſteja.

Ou-

Outro outeiro apos este apparecia
Com mais gente, e bandeiras doutra sorte
No qual o bando armado que fugia
Se reforma, se anima, e se faz forte:
A este o valente Conde arremetia
Com os seus duros ministros de Mauorte,
E da mesma maneira que o primeiro
Ficou senhor tambem daquelle outeiro.

Ao terceiro subio mais leuantado
De tam espessa gente, e numerosa,
Que naõ só tinha o monte pouoado
Mas toda a serra aspera, e fragosa;
Como os primeiros foi disbaratado
Ainda que a nossa perda mais custosa,
Que alguns deraõ as vidas na peleja
Pola morte que he só dina de inueja.

Daly voltando o rosto o capitaõ
(Que a toda a pressa o seu cuidado aponta)
Vio padecer aos seus grande opressaõ
Com as gentes que já naõ tinha em conta:
Passando o vao sobre a reguarda estaõ,
E o Prior do Hospital em grande afronta
Manda a seus capitaens que ali ficassem,
E que a sua bandeira acompanhassem.

Deceo por a ladeira tam furioso
Como a quem pareceo que já tardaua
E nos contrarios dá tam valeroso,
Que em pouco espaço nelles se enxergaua,
Gil Fernandes lhe diz destro animoso;
Iá senhor vossa ajuda nos tardaua
Se decereis mais tarde esta ladeira
Sobiramola nós de má maneira.

Passan-

Paſſando o capitaõ naõ reſpondeo
Porque leuaua o animo occupado
A retaguarda em ordem recolheo
Sem ficar da Bagajem preſo, ou gado,
Em breue a fez ſobir como deceo
Ao terceiro lugar que tem ganhado
Ao quarto moue entaõ com mór perigo
Aonde eſtá poſto em armas o inimigo.

Aly eſtaua o Meſtre dom Garcia
Com os dous Cõdes q̃ ouuiſtes taõ guerreiros
E o Meſtre Martim Anes que trazia
Muitos bons capitães por companheiros:
De Cordoua, Iaem, de Andaluzia
Os mais fortes, e armados caualleiros
Para elles guia o Conde valeroſo
Como o rayo que buſca o mais forçoſo.

De huma, e d'outra parte já ſe acende
O bellico furor que os peitos moue
Hum comete ſubir, outro defende
Pedras o ceo, e eſpeſſas ſetas choue;
Moſtrar braço, e valor cada hum pretende
Só naõ ha quem de Nuno o braço proue,
E huma ſeta que ao longe vem perdida
Lhe faz no pé direito huma ferida

Com iſto o noſſo Achiles indinado,
Que em vaõ como o de Grecia foi ferido
Sobindo o monte vai determinado,
E mais determinado que offendido;
Porém dos ſeus miniſtros auiſado,
Que outra vez os de atras tem mao partido
Faz ter o paſſo aos ſeus peſadamente,
E dece a retaguarda diligente.

Achou

Achou já nella as gente diuididas
Para diuerſas partes pelejando,
Humas já muito á porta de vencidas,
Outras a que o alento eſtá faltando;
Mas com palauras elle, e com feridas
Os vai recolhendo, e animando,
De maneira ſe auem, que em tempo breue
Deixando vai ao campo o bando leue.

Fez que foſſe marchando a retaguarda
A' cuſta dos que as coſtas lhe offendiaõ,
Que bem entende o Conde que já tarda
Aos que nouo o ſeu fauor pediaõ;
Sentados acha a muitos da vanguarda,
Que ſuſtentarſe em pé já naõ podiaõ
Logo os faz leuantar, logo os esforça
Contra as ſetas, e as pedras tomaõ força.

Mas inda alem da furia dos contrarios,
E a ventagem do ſitio tam ſobeja,
Que fora de eſpritos temerarios
Cometer tal ſubida, e tal peleja;
Galgas de pedra, engenhos, tiros varios
Fazem com que nenhum no poſto eſteja
O Conde vendo o riſco que aly corre
A quem cuſtuma em tudo ſe ſoccorre.

Do campo hum pouco eſpaſſo ſe apartou
Entre huns altos penedos ſe eſcondeo
Com os giolhos em terra a Deos orou
Como o que tinha o ſeu valor no ceo;
No mór perigo aos ſeus deſamparou,
E a quem ſó pode tudo ſe acolheo,
Que a trabalho tam grande, e tam contino
Naõ montaua poder, ſenaõ diuino.

Os

Os ſeus já ſem vigor, força, e alento
Da ſobida, e das pedras que lançavaõ
Cançado do trabalho o ſofrimento
Todos ao Condeſtabre em vaõ chamavaõ:
Hum entre elles de mór atrevimento
Foi para onde os penedos ſe juntavaõ,
Ah ſenhor, lhe bradava orais agora,
E eſta gente perece, e por vós chora.

Mandai ſenhor andar voſſa bandeira,
Que eſtamos como ovelhas perecendo,
E he a voſſa vanguarda huma barreira
Das pedras que do monte vem decendo:
Naõ he tempo reſponde o graõ Pereira,
E torna á oraçaõ que eſtá fazendo
Gonçaleanes de Abreu com grande aballo
Tambem da retaguarda vem buſcallo.

Pede-lhe por mercê ſe alevantaſſe,
E ouveſſe compaixaõ da amiga gente
Sem que lhe reſpondeſſe, nem o olhaſſe
Como homem traſportado que naõ ſente:
Mas como que de hum ſonho deſpertaſſe
Se alevantou ligeiro mui contente
Dando aos ſeus novo alento, e novas cores
Como o Sol deſejado ás tenras flores.

Mandou ao ſeu Alferez esforçado
Diogo Gil famoſo, e forte digo,
Que guiaſſe o pendaõ ſempre arvorado
Té o pôr entre as bandeiras do inimigo:
Ao que elle logo foi determinado
Como quem leve achou todo o perigo,
E ant'elle o bom Pereira pelejando
Largo caminho a todos vai deixando.

Ah

Ah Deos que estranhos golpes repartia
Por entre aquellas gentes sem cautella,
Que o passo atras tornar já naõ podia
Pola que vem de cima a soccorrella:
Cada hum dos da vanguarda que sobia
Era hum Sisypho entaõ com o pezo della
Que indo toçando o cume já do monte
Vinha sobre elle a pedra de defronte.

Mas como o que no mar se lança a nado
Obrigado da furia da tormenta
Iá mais perto da terra, e mais chegado
O fraco alento, e braço acrecenta:
Da fraqueza cada hum mais obrigado
Na coroa do monte já arrebenta,
E Nuno Alures que nem o Sol que o via
Os golpes que aly deu contar podia.

Foi a sua bandeira aleuantada
No lugar que antes tinha a Castelhana
Que já rota, sem aste, e arrastada
Anda entre os pés da gente Lusitana:
Toda esta multidaõ disbaratada
Vio com grande vergonha o Guadiana,
E os capitaens de tanto esforço, e brio,
Que as costas viraõ já ao desafio.

Voltaõ todos sem termos, e sem guarida
Fazendo o Conde nelles grande estrago
Quando entre os seus com furia desmedida
O fero Mestre vem de Santiago:
A dar em sacrificio aquella vida,
Que com muitas seu dono deixou pago,
E no primeiro encontro da peleja
Se lhe offerece aquillo que deseja.

En-

Encontra-os dom Nunalures que no meo
Daquella multidaõ ferindo andaua
Cuberto de ſarpoens, e ſangue alheo
Eſporeando a gente que voltaua:
Com elle enueſte o Meſtre ſem receo
Deſcarregando a furia que leuaua,
Mas recebe-o o Conde de tal ſorte
Que honrou a vida em tam famoſa morte.

O forte capitaõ cahido em terra
Aquella triſtemente os ſeus deixaraõ,
E dando fim á trabalhoſa guerra
O monte os Caſtelhanos deſemparaõ:
Os Condes ficaraõ ſobre a ſerra
Com o peſar deſta morte atras voltaraõ,
E eſpalhando-ſe as já vencidas gentes
Vaõ tomando caminhos differentes.

Sentou-ſe o Condeſtabre já canſado
Sobre hum penedo hum pouco repouſando
Cauallo manda vir muito apreſſado,
E faz que alguns dos ſeus vaõ caualgando;
Huma legoa dos montes alongado
Foi no alcance dos Condes caminhando,
Mas porque o ceo já a cor das nuuens perde
Volta ao campo, aloja-ſe em Valuerde.

Aly offerece as graças da vitoria
Com coraçaõ humilde a quem lha dera
Recordando os perigos na memoria
De que Deos o guardara, e defendera
Quem procura no mundo fama, e gloria,
Quem fazer mortal ſeu nome eſpera
A leuante da terra o leue eſprito,
E faça fundamento no infinito.

O ca-

O caminho porque Ennio pretendeo
Mostrar que Scipiaõ fora as estrellas
Como a Tullio vammente pareceo
Quando de Hercules leo q̃ estaua entr'ellas
Era que por batalhas fora ao ceo
Com a gloria de acabalas, e vencelas,
Mas foi caminho errado, e louuor leue,
Que de obras immortaes por premio teue.

Porém o que na furia da mór guerra
Com os contrarios de hum, e d'outro lado
O campo deixa, as armas desaferra,
E vai buscar a Deos tam confiado:
Que abrindo ao ceo caminho para a terra
He soccorrido delle, e sustentado
Para alcançar tras isto huma vitoria
Dina de tanta fama, e tanta gloria.

Este ousado, e diuino Scipiaõ
(Para honra, e louuor nosso Lusitano)
Que ao ceo da estrada abrio por oraçaõ
Naõ (como os q̃ elle diz) cõ sangue humano;
Este soube o caminho, os outros naõ,
Que hiaõ tras seu desejo, e seu engano,
E hoje pisando estrellas mais vesinho
A huns mostra o erro, aos outros o caminho.

Passada a noite alegre companhia
Postos em cura os seus que estaõ feridos
Passa á vista de Merida o outro dia
Aonde estaõ da batalha alguns fugidos
Sahiraõ vendo as gentes, que trazia,
Mas foraõ com mór pressa recolhidos,
Que o Condestabre a visitallos manda,
E faz voltar-lhe os rostos da outra banda.

Man-

Mandou-ſe á retaguarda no caminho
Por ver ſe alguem ouſaua a cometello
Tomou-o a noite a Badajoz veſinho
Donde a gente ſahia ao longe a vello:
Fez no outro dia a Eluas ſeu caminho
Sahio a forte villa a recebello
Parte aly os deſpojos da jornada
Aonde mereceo tudo, e naõ quis nada.

De Eluas com o campo em ordem ſe partio
Para Villaviçoſa, e ſabiamente
As valeroſas gentes deſpedio
Que foſſem deſcanſar da guerra ardente:
Cada hum com o que em deſpojos lhe cahío
Vai rico, e aluoroçado, e vai contente
Para a leda familia elle ſó fica
Rico com huma vitoria, que he tam rica.

Liure da guerra, e naõ já deſcuidado
Da paz gozaua o fruito neſte enſejo
No gouerno ciuel todo occupado
Das abundoſas terras de Alem-Tejo,
Quando com preſſa o chama outro recado
A que acode mais preſto o ſeu deſejo
Pondo em armas a gente acuſtumada
Para Chaues que tinha o Rey cercada.

Só com vinte de cotas ſe adianta
A buſcar ſeu ſenhor, porque a mais gente
Naõ podia marchar com preſſa tanta,
Que o deſejo tardanças naõ conſente,
Sabe o Rey delle, alegre ſe aleuanta,
E ſae a recebello honradamente
Poucos dias depois que o Conde chega
Combate o muro; a villa ſe lhe entrega.

Foi com toda a mais gente que escolhera
A Valarica o capitaõ famoso
Aonde polo senhor mui pouco espera,
Que o seu desejo o faz pouco ocioso:
Tambem se ajunta a gente que escolhera
Para o passado cerco venturoso
De huma, e doutra se faz resenha, e lista,
Que intenta o Rey de nouo outra conquista.

Porque em satisfaçaõ da perda, e danno
Que o pouo Portugues tem recebido
As terras vai pisar do Castelhano
Aonde he já polas armas conhecido:
Dando ao reyno contrario desengano
De quaõ mal se aquieta hum offendido
A gente ajunta os capitaens reparte
Iá deixa a Valarica, e já se parte.

Diante manda o naõ vencido Conde,
Que vá com a vanguarda entrando a terra
Até chegar aquelle termo aonde
Leua o desenho, e fim de fazer guerra:
Mas inueja sutil que em quem se esconde
A razaõ generosa as portas serra,
Que a muitos com engano, e sem proueito
Trazia contra o Conde armado o peito.

Vendo que toda a regia confiança
Todo o pezo da guerra, e o cuidado
Sobre seus ombros sós peza, e descansa
Que elle era o mais valido, o mais chamado
Contraminando, a tam justa priuança
Quebraõ primeiro as leys de seu mandado
Cada hum ante a vanguarda parte e guia
Com toda a gente armada que trazia.

Hum

Hum he de Christo o Mestre desejoso
Mais de excedello em tudo, que de honrallo
Com Martim Vaz da Cunha, e orgulhoso
Ioaõ Fernandes Pacheco que eu naõ callo:
Cada hum tam forte, illustre, e poderoso,
Que só mostra fraqueza em inuejallo,
E outros que nesta empresa o acompanhaõ
Em q̃ inueja naõ mouem, nem se estranhaõ.

Entraõ Castella, e tomaõ a Frolosa
Lugar sem defensaõ, nem resistencia
Poem cerco a sam Felix villa animosa,
Que bem lhe castigou sua insolencia:
Porque rendida a furia bellicosa
Vsando os moradores de prudencia
Ao Conde que já marcha aly vesinho
Manda as chaues das portas ao caminho.

Chega de noite, e abre as portas logo,
E elles que tem de fora alojamento
Cada hum como se fora em sonho, e jogo,
Enlea a vista, e proua o sofrimento;
Qual polo seco mato o manço fogo
A que vai assoprando o sotil vento
Assi nelles a inueja hia soprando
Crece o fogo da ira, e vai laurando.

Conjuraõ contra o Conde naõ culpado,
Que esta tençaõ nas obras lhe entendia
O Mestre o conuidou mal inclinado
Para jantar com elle no outro dia;
Elle se ouue tambem por conuidado
Por naõ mostrar que teme, ou desconfia
Com o rosto alegre, e ledo tudo aceita
Mas tambem de cautella se aproueita.

Aos ſeus encomendou ſecretamente,
Que á hora de comer acuſtumada
Guardem do Meſtre a tenda, que outra gēte
Para acudir aly naõ tenha entrada:
E ouuindo algum rumor impertinente
O aſſegurem do engano, e da cilada
Chega a hora (aſſaz ao Conde peza)
Vai á tenda do Meſtre, poem-ſe á meſa.

Começa aly o Pacheco mal ſofrido
Pendurar-ſe em palauras, de feiçaõ,
Que foi logo de Nuno conhecido,
Que buſcaua lugar para á tençaõ:
E reſpondendo a tudo ſem roido
Se aleuanta da meſa o capitaõ,
E ſem que algum o atalhe, nem offenda
Sahio, e aos ſeus achou cercando a tenda.

Qual cuſtuma ficar frio enleado
O caçador incauto negligente,
Que o paſſaro na rede tem tomado,
E d'entre as mãos lhe foge aſtutamente;
Tal cada hum ficou mudo, e inſiado
Vendo-o delles partir tam liuremente
Deſprezando as palauras que o Pacheco
Ficou ſoltando em vaõ qual ſoe o Ecco.

O' grande esforço, ó nobre paciencia
De inueja, e de ambiçaõ noua vitoria
Toque de confiança, e de prudencia
Triunfo da mór fama, e da mór gloria;
Que aonde taõ vaã ficaua a competencia
E a vantagem tam grande, e tam notoria
Lançar maõ de razoens fora fraqueza
Vingar de más tençoens, má natureza.

Dei-

Deixa-os o Conde illustre, e caminhando
Passa em Fonte Guinaldo a noite fria
Aonde ficou dous dias repousando
Té vir mais perto o Rey que elle seguia;
Daly té Roboreda vai marchando
Inda que o cruel tempo lho impedia
Com frio, chuua, e ventos proccelosos
Grandes troçoens, relampagos furiosos.

Porém cessando a fera tempestade
Foi seguindo o caminho que trazia
Chega a Coria, e á vista da cidade
Assenta o arraial, e no outro dia,
Vindo o Rey valeroso, que a vontade
Mais breues as jornadas lhe fazia,
Iantou com o Conde, e logo sem debate
Daõ ferozmente aos muros o combate.

Foi o accometimento fero, e duro
Grande espasso a cidade combatida
Em muitas partes roto o forte muro,
Que aos de dentro custou mais de huma vida;
Mas vendo o claro Rey naõ ter seguro
Leualla neste assalto de vencida
Lhe poem estreito cerco, e determina
De com guerra a render larga, e contina.

Mas naõ executou tal pensamento,
Porque mui poucos dias se passaraõ,
Que naõ deixasse aquelle fundamento,
Que logo no arraial se leuantaraõ,
Malinas febres, males cento a cento
Com que as vidas aos nossos desampararaõ
Perecendo sem guerra, e sem o amparo
Porque Chiron a Achiles foi tam charo.

Tor-

Torna-ſe o Rey ao ſeu aſſento antigo
Triſte do mao ſucceſſo naõ cuidado
Deixa por atalhar ao môr perigo
A terra alhea o cerco começado;
Nunalures manda os ſeus ao certo abrigo,
E elle toma o caminho deſuiado
Em romaria á Virgem vai do meio
Donde paſſando a Ourem, a Eſtremós veio.

Suſpendamos com o Rey a antiga guerra
Que em ſaboroſa paz gaſta alguns dias,
E ao famoſo Nunalures, que na terra,
De Alentejo gouerna as frontarias;
Que veio groſſa armada de Inglaterra
Cortar do humido reyno as ondas frias
Soberbas náos, e armadas á conquiſta
Guerreiras ao temor, bellas á viſta.

Proa trazem ao reyno Luſitano
Cheos vem de guerreiros vencedores
Ecco faz entre as ondas do Oceano
O ſom de occas trombetas, e tambores:
A ſombra das bandeiras fere vfano
O Sol que as agoas faz de varias cores
Copando as velas vinha o vento brando
E o mar em creſpa eſcuma ſalpicando.

Dentro vem com magnanima eſperança
O Duque de Alencaſtre dom Ioaõ
Com a ama da mulher dona Conſtança
Filha de Pedro a quem o duro irmaõ
Por dar a Heſpanha aſſi juſta vingança
Em Montiel matou por propria maõ,
E com tal fundamento o Duque, e ella
Vem conquiſtar os reynos de Caſtella.

Caſ-

Castellos, e Leoens tras nas bandeiras,
E entre flores de Lis Leopardos douro
Bellas filhas Iffantes companheiras,
Que inuejar pode o Sol fermoso, e louro:
Para serem do nouo reyno herdeiras,
E de amor entre os Reys nouo thesouro,
E por vos ser a empreza mais notoria
Hum pouco atras direi da nossa historia.

No tempo que de Auis o Mestre ousado
Por sustentar a amada liberdade
A defensaõ tomou do reyno amado
Libertando de Vlysses a cidade:
Dos Britanos, e Ingreses ajudado
Com quem já tinha paz, firme amisade
Para pedir soccorro em tanta guerra
Mandou embaixadores a Inglaterra.

Estes do Rey Richarte eraõ tratados
Com proceder amigo, e termo humano
Do bom Duque admittidos, e ajudados
Em tudo o que pedia o Lusitano:
Porque o mór desejo, e seus cuidados
Aspirauaõ ao reyno Castelhano
Cujo titulo em vaõ tomado tinha,
E a Duquesa Constança o de Raynha.

Cada hum destes legados se desuella
Em incitar o Duque a seu respeito,
Que pois se ousa chamar Rey de Castella
Tempo he que ponha em armas seu direito;
Tendo o Rey Portugues por si contra ella,
E em fauor de seu nome, e de seu feito,
E o contrario oprimido, e quasi alheo
Do cuidado da herança, e do receo.

Depois

Depois ſabendo o Duque a celebrada
Vitoria que alcançara o Rey famoſo,
E que tinha Caſtella amedrentada
De Ourem o Conde illuſtre, e valeroſo:
Vendo a occaſiaõ tam deſejada,
E tam perto hum fauor tam poderoſo
Do Rey licença, e gentes logo teue,
E á conquiſta ſe parte em tempo breue.

Tomou porto no reyno de Galiza
E foi tomando as terras juntamente
De ſua vinda ao Luſitano auiſa,
Que em ſeu fauor tardança naõ conſente;
Iá do Minho os famoſos campos piſa
Aonde faz preſtes, galas, armas, gente,
E ao Conde dom Nunalures chamar manda
Que deixamos no Tejo da outra banda.

Vio-ſe o Duque com o Rey na Eſtremadura
Com aluoroço, e graõ contentamento
Contrataõ ſanta paz, firme, e ſegura
Pede o Rey a Felippa em caſamento;
Cujo valor, virtude, e fermoſura
Iá por fama trazia em penſamento,
Cujas partes reais creceraõ tanto,
Que a nós foraõ louuor, ao mundo eſpanto.

Celebraraõ-ſe as vodas deſejadas
No Porto, deſta vinda a poucos dias
De todo o reyno as gentes ſaõ chamadas,
E apregoadas feſtas, e alegrias:
As armas por entaõ deſamparadas
Se fazem danças, jogos, e folias,
Banquetes, e ſeraõs de varios modos
Com paſſatempo, e com prazer de todos.

Mas

Mas deixa o conjugal amado leito
O Rey em breue eſpaſſo porque ordena
Hir ſuſtentar o ſogro em ſeu direito
Que da tardança eſtá ſentindo a pena:
O Conde ás frontarias vai direito
De ſoldados traz copia naõ pequena
Iuntaõ-ſe as gentes, já o campo aballa
Ao Condeſtabre el Rey deſta arte falla.

Bem ſei famoſo Conde a quanto alcança
Voſſo valor no mundo tam ſabido,
E vos ſabeis de mi qual confiança
Tenho de voſſas obras concebido:
Meu reyno, e meu ſocego em vos deſcanſa
O louuor delle a vos he ſó deuido,
E o que eu rogaruos quero em nada impede
Ao que amor, e razaõ por vos me pede.

E he que neſta occaſiaõ que eſtá preſente
Deis a vanguarda ao Duque illuſtre e claro,
Sogro, e nouo pay meu; pois he decente
Auantajar a hum principe tam raro,
Vos da minha famoſa, e forte gente
Ireis na retaguarda como amparo,
Iſto rogo, e bem ſey que quando o mande
Do que he voſſo darei parte muy grande.

Nunca ſenhor (reſponde) o penſamento
Depois que voſſo ſou tal conſentio,
Que outrem tenha o lugar que oje ſuſtento,
Sem o qual nunca exercito me vio,
Naõ ſó, por deſcuſtume, o ſofrimento,
Mas natureza propria mo impedio,
Porém ſenhor o Reyno, o campo he voſſo,
E eu que nem dar razaõ, nem, queixas poſſo.

Como

Como humilde ſoldado irey ſeguindo
Voſſo nome, que he minha obrigaçaõ
Neſta empreza com todo o amor ſeruindo
Naõ como Condeſtabre, ou capitaõ,
Dai ſenhor o lugar que eſta pedindo
O voſſo goſto, e voſſa obrigaçaõ,
De mim naõ cureis mais neſta jornada,
Que de huma lança ſó muito arriſcada.
O Rey que vio ao Conde perturbado
Com razoens mais confuſas que arrogantes
Deixou logo o conſelho começado,
E mandou que teueſſe o lugar dantes;
De Bretanha, e de Luſo o campo armado,
Toca trombeta e caixas ſibilantes,
E com mor aluoroço que receo
Entraõ ſem ſeu perigo o Reyno alheo.
Caſtellos, e lugares conquiſtaraõ,
Pouos, campos roubaraõ liuremente,
Quatro meſes no largo reyno andaraõ,
Sem auer quem batalha lhe apreſente,
Depois ao reyno armados ſe voltaraõ,
Que ſuſtentar naõ pode tanta gente,
Com fome infame, e peſte trabalhoſa,
Por culpa dos contrarios ocioſa.
Para a freſca Coimbra o Rey ſe parte,
Aonde eſtaua a Rainha, e ſeu deſejo,
E o Duque que por huma e outra parte
Trataua de concertos neſte enſejo,
O Conde valeroſo os ſeus reparte,
E vai-ſe ás ferteis terras de Alemtejo,
Fazendo antes deuota romaria,
A Guimaraens ao templo de Maria.

Entre

Entre o dourado Tejo, e Guadiana
Vsaua o seu gouerno celebrado
Exercitando à gente Transtagana
No militar concerto acustumado:
Mas de huma enfermidade deshumana
Sabendo que o seu Rey era auexado
Parte ao Corual a vello aonde esteue
Té deixallo melhor seguro, e leue.

Partido o Conde, o Rey liure do danno
Com que a doença a cor do rosto estraga
Passada a maior parte daquelle anno
Determinou fazer Cortes em Braga,
Chamar outra vez manda o Lusitano,
Que só de sua fé, e amor se paga,
E do reyno os maiores, e os Prelados
Communs procuradores, e letrados.

Tregoas trata, custumes, leys renoua
O Conde, a proteiçaõ dos grandes tinha
O que o Rey com bom termo lhe reproua
Porque a seus pensamentos naõ conuinha:
Porém daly o aparta a triste noua
Com que a ligeira fama mais caminha
Que a Condessa Lianor chara consorte
No vltimo trance estaua já da morte.

O quaõ triste daly parte o Conde,
Quaõ triste a valerosa companhia
Polla posta chegou ao Porto aonde
Triumfa já da Condessa a morte fria,
Dos seus olhos a luz no ceo se esconde,
E Nuno os seus de lagrimas enchia,
O ar de suspiros, a alma de tristeza
Pençaõ que paga a vida á Natureza.

E cu-

E cuberto de dò funesto, e triste,
Em o escuro, e funebre aposento,
Naquella hora penosa em que consiste
Mais o rigor do duro apartamento,
Por mais que com grande animo resiste
A' força do pezar, e sentimento
Estas palauras disse magoadas,
Com lagrimas dos olhos misturadas.

O' morte fea, e mais aborrecida
Aos que na vida ficaõ lamentando,
Que á aquelles que por ti perdendo a vida
A sua pena em gloria vaõ trocando;
Quem te naõ temerá fera homicida,
Todos seus falsos gostos desprezando,
Se vens tam disfarçada, e encuberta,
Que menos esperada estas mais certa.

Que tempo mais seguro, e mais alheo
Podia eu ter de huma hora arrebatada,
Que o que tam sem cuidado, e sem receo
Gozar podia a gloria conquistada,
Quando de altos despojos rico, e cheo,
Quando por mim a patria libertada,
Entaõ sem piedade, e sem respeito,
Mostraste que o meu bem te era sujeito.

Sem elle me deixaste, e claro vejo
Sendo sujeito a ty que naõ podia
Ser bem meu mais que em sombras do desejo
Que tanto em esperanças se estendia,
E se gozar naõ pode neste ensejo
De sua amada, e doce companhia,
Como era bem? quaõ mal se compadece
Ter este nome áquillo que perece.

Para

Para que quero o fruito desejado
De tam largos trabalhos já vencido,
O nome em mil perigos alcançado,
E em tam compridos annos adquerido
As honras, o poder, o grande estado,
Taõ inuejado em mim, quaõ merecido
Se a quem para o gozar me coube em sorte
No melhor me roubaste ó fera morte.

E vós alma ditosa que já agora
Noutros bens differentes occupada,
Aonde tudo na vista se melhora
Vereis como o da terra he sombra, e nada,
Vos já agora immortal clara Leonora
De mim com puro amor sempre estimada,
Ouui desse alto assento as queixas tristes,
Com que só me deixais pois vos partistes.

Sempre fostes meu bem, e gloria minha,
Se se pode achar gloria cá na terra
Se nesta naõ gozei da que em vós tinha,
Foy porque viuí sempre em dura guerra.
Triumphando della já buscar-uos vinha,
E agora de meus olhos vos desterra,
Esta parca inuejosa, e atreuida,
Que por me matar mais me deixa a vida.

Que vos deixei senhora bem conheço,
Quando o naõ consentia a tenra idade
Por dar á minha patria, a vida em preço
E em resgate de sua liberdade,
Porém numa obra tal naõ desmereço,
O verdadeiro fruito da vontade,
Qne tendo-uos por firme e charo objeito
Ia mais me vio da sorte satisfeito.

E pois

E pois estais gozando nessa altura
De bens que nem tem pena nem mudança,
Aonde cá naõ chegou minha ventura,
Fazei por vos chegar minha esperança,
Que deixando esta vida triste escura
Faça para viuer noua mudança;
E goze la do ceo sereno, e santo,
Aquella vista pura que amei tanto.

E em quanto nesta amarga, e transitoria
Passar penosamente o tempo esquiuo,
Repetirei ao ceo vossa memoria,
Sustentando este amor inteiro, e viuo,
Gozai alma ditosa eterna gloria,
Que o que deixais á penas taõ catiuo,
Pois naõ pode na morte acompanhar-uos,
Saberá naõ temella por buscar-uos.

Mais facil de entender considerada
He do que escrita; a dor que a causa ofrece,
Mulher taõ para amar, e tanto amada,
Nunca he chorada assim como merece,
Com tanta pompa, e dor foi sepultada,
Qual nunca o Douro vio, nẽ lhe inda esquece
No ceo goza hoje a gloria prometida,
Que do Ceo dina fez na terra a vida.

E porque desta illustre, e generosa
Senhora alcance à muitos a lembrança,
Nacidos de familia tam ditosa,
Que com tantas taõ claras tem liança;
Do nome antiguo, e geraçaõ famosa,
Que ella engrandeceo com tal mudança,
Naõ se deue esquecer a minha historia,
Trazendo os ascendentes á memoria.

Quan-

Quando o Conde famoſo que primeiro
Teue em dote de Luſo a fertil terra,
Cujo filho magnanimo, e guerreiro,
A coroa adquerio com ſangue e guerra;
Foi deſte conde Henrique companheiro
Entre muitos de França, e de Inglaterra,
Dom Pedro Framaris ouſado e forte,
A quem lugar no reyno coube em ſorte.

Iunto de Guimaraens amena, e bella,
Teue aſſento e ſolar engrandecido,
Que ás do nome de Riba de Viſella,
Deu principio illuſtre, e o apellido,
Dom Payo naceo delle, e quando aquella
Familia o Reyno tinha ennobrecido,
Dom Reimaõ procreou da clara eſpoſa
Do grande Egas Monis neta ditoſa.

Deſte e doutro tambem claro Fernando
A Caſtella os Oſorios começaraõ,
Que de Guimaraẽs ſempre o nome honrãdo
Os dous por toda Heſpanha ſe eſpalharaõ;
Do primeiro ſeu nome eternizando,
Dous filhos valeroſos ſos ficaraõ;
Hum dom Guilhem Reimondo, e dõ Sueiro
Que na ventura em tudo foy primeiro

Delle, e dona Vrraca illuſtre dama,
Filha doutro Egas Gomes de Barroſo
Naceo para illuſtrar ſeu nome, e fama,
Dom Mem Soares de Mello o valeroſo,
E outro que he o primeiro que ſe chama
Do nome agora em tudo tam ditoſo,
Pero Soares de Aluim illuſtre e claro,
A quem naõ foi o ceo em nada auaro.

Delle

Delle e da generosa companheira,
Que aos Cunhas a materna origem deue
Hum Martinho naceo, que a voz primeira
De Aluim apos o pay contente escreue;
Delle, e de Margarida Paes Ribeira,
Ioaõ naceo, que o mesmo nome escreua,
Cuja consorte illustre e celebrada
Dona branca Coelha era chamada.

Esta do sangue antiguo illustre e puro
Dos Coelhos que o Reyno estimou tanto,
Irmãa de Pedro, a que outro Pedro duro
O coraçaõ tirou com grande espanto;
Deste para altas glorias de futuro,
Que inda apparelha o ceo sereno, e santo,
Naceo Lianor que agora o mundo deixa,
E o Condestabre seu com tanta queixa.

CAN-

CANTO XVII.

Acabadas as exequias da Condessa Dona Lianor D'aluim, torna o Condestabre a Braga, donde se vay para entre Tejo e Guadiana, liurando a terra do inimigo. Morto el Rey dom Ioaõ de Castella ha tregoas. Reparte o Condestabre as terras que el Rey lhe tinha dadas, com os que em seu seruiço o acompanharaõ. Trata el Rey de lhas tirar por conselho de alguns priuados, e inuejosos: O Condestabre se vay del Rey agrauado; e em fim satisfeito se reduze a seu seruiço. Quebraõ-se as tregoas toma-se Badajoz, o Condestabre de Castella queima os arredores de Viseu.

AS funeraes exequias acabadas,
Tudo de escuro cheo, e cuberto,
Entre lagrimas tristes magoadas,
Beatris sente o dano de mais perto,
Naõ podem suas queixas ser contadas,
Nem de seu triste pranto o desconcerto,
Mas o famoso pay claro, e prudente
Do Porto a manda logo sabiamente.

De muita e nobre gente acompanhada,
A' cidade de Vlysses foi trazida,
Entregue á sabia velha venerada,
Māy do graõ Nuno, e delle assas querida,
Com virtudes, e exemplos foi criada.
E do ceo por virtudes escolhida,
Chama tras isto o Rey ao varaõ forte,
Honra, e valor da guerra, e paz da corte.

Tornou a Braga essa cidade antiga,
Foy visitado assas do sentimento
Dos grandes, e do Rey que mais se obriga,
De quem só lhe ganhara o vencimento,
E com vontade pura quanto amiga
Lhe offerecia hum nouo casamento,
Com dama generosa illustre, e clara,
Que o sol em lustre, e graças a inuejara.

E elle com pensamento differente
Do Rey se despedio quasi queixoso,
Que o coraçaõ honrado, que ama, e sente
Até em sombras o gosto lhe he penoso:
Para Euora partio tam descontente,
Que bem mostra fugir ao ser esposo,
E disse que já aly liure se via
De huma escura nuuem que o cobria.

Aly liure de offensas largo espasso
Tratou de paz segura, e da peleja
Sem fazer nouo emprego de seu braço
A que Marte mostrou tam grande inueja,
E quanto já achaua o tempo escasso
Para as occasioens que elle deseja
Alguns dos inimigos já se acendem,
E entrar em Portugal em vaõ pretendem.

De Santiago o Mestre determina
Hir dar sobre Estremós com furia braua
Queimar-lhe os arrabaldes, e a campina,
Porque o Conde em Euora ficaua:
Mas como até das traças que imagina
Com prudencia, e valor se acautelaua
Parte para Estremós, e a gente chama,
E logo disso o Mestre teue a fama.

Tornou atras da fuзia deſte intento,
Logo os ſeus deſpedindo liberalmente,
O Conde o ſoube em ſeu alojamento
Donde o hia a buſcar, ledo, e contente,
Tambem deſpede os ſeus com penſamento
De os juntar noutra empreza differente,
Mas neſta occaſiaõ campo de Ourique
Manda a pedir ſoccorro muito a pique.

Porque o Conde de Niebla ſe apparelha
Com ſetecentas lanças eſcolhidas,
Hir ver de ſangue a terra já vermelha,
Que ſepultou aos Mouros tantas vidas,
Nuno que em vaõ conſigo ſe aconſellia,
Porque tinha já as gentes deſpedidas,
Com ſó oitenta lanças que ficaraõ
Pollo Redondo a Monſaras chegaraõ.

Eſtando hum dia ali dormindo a ſeſta,
Sem elmo, e ſem arnes, poſto á ligeira,
O acorda huma noua aſſas moleſta,
Que ficaua roubada a Vidigueira
Que naquella manham ſem mais requeſta
Trezentas lanças ſós de huma bandeira.
Saquearaõ a villa, e leuaõ della
Gado, e gentes catiuas a Caſtella.

Que para Villa noua hiaõ marchando,
Que eraõ de Monſarás ſó quatro legoas,
Arma-ſe Nuno, e os ſeus já vaõ celando
Corredores rocins, veloces egoas,
E inda que poucos naquelle bando,
Nenhum he inclinado a pedir tregoas,
Partem já noite, chegaõ quando a Aurora
Nos deſcobre do dia a melhor hora.

Naõ tinha o lugar muro, cerca, ou caua,
Saluo hũa torre grande, e bem fornida,
Em cuja roda aquella gente eſtaua
Emtrincheirada junto de huma hermida
Com pouca guarda; e medo repouſaua,
Que tarde a de Nunalures foi ſentida,
E pollas ruas já trepando acima,
Com a preſſa os deſcuidados deſanima.

Dos ſeus hia diante o Capitaõ,
E huma barreira entrou na companhia
De quatro caualleiros, que o pendaõ
Por outra rua á torre arremetia,
Dez Gaſcoens de atteuido coraçaõ,
E das melhores armas que aly auia
Todos ao Conde vem para encontrallo,
E elle ſe lança a todos do cauallo.

Duraraõ pouco os dez neſte combate,
Que ás mãos como os de mais foraõ tomados
Os mais ſe daõ catiuos ſem debate
Outros ficaõ feridos, deſtroçados:
Muitos que á vida deraõ ſeu remate
Ficaõ no campo aly deſamparados
Nuno que dos Gaſcoens naõ quer vingança
Liures manda ſe vaõ a el Rey de França.

Vencida eſta batalha em pouco eſpaſſo
Mortos, feridos, preſos quantos eraõ
Tomada a preſa á força de ſeu braço
De que elles pouco tempo ſe valeraõ;
Iá ſaqueada a villa paſſo a paſſo
Com tudo á Vidigueira ſe vieraõ
Aonde deraõ aos preſos com a emmenda
A liberdade, as vidas, e a fazenda.

Foi

Foi eſta noua ao Rey, que aſſas contente
De ditoſo ſucceſſo a recebeo,
Porque tinha outra em tudo differente
Qual a inueja de muitos a eſcolheo:
Ao Condeſtabre eſcreue em continente
Os parabens do que lhe aconteceo
Depois o chama atras deſta jornada
Para Campo maior contra elle armada.

Chegando o Conde em ſua companhia
Se entregou por partido a fortaleza,
Que Gil Vaz de Barbuda defendia
Contra o valor da gente Portugueſa,
Para Euora Nunalures ſe partia,
E o Rey com penſamentos noutra empreza,
Que depois acabou com honra, e gloria,
Como ainda ouuireis na noſſa hiſtoria.

Agora ó Muſa he bem que deſcanſemos
Do trabalho da guerra tam contino,
As bandeiras, e as armas penduremos,
Que inda entre ferro, e ſangue me imagino
Do noſſo Heroa hum pouco celebremos,
Aquelle eſpirito, e coraçaõ diuino,
Na guerra vencedor com nouo eſpanto
Na paz juſto, e para o ceo tam ſanto,

A's armas trabalhoſas deu de maõ,
Porque em tregoas eſtaua o Luſitano,
Que era morto em Caſtella o Rey Ioaõ,
Que fez aos dous imperios tanto dano,
E os grandes tendo á viſta eſta razaõ
Com o tenro Rey Henrique Caſtelhano
Iuntos legados de huma, e doutra parte,
Mandaõ que ceſſe o graõ furor de Marte.

Deixa

Deixa a Euora fertil, que habitaua
Nuno por defensaõ do Reyno amado
Vaise a Porto de Mós antigua, e braua,
E a Ourem bellicoso, e leuantado,
E por mostrar ao ceo que se lembraua,
Que fora vencedor delle ajudado,
No lugar da batalha que vencera,
Quis dar louuor, e honra a quem lha dera.

Donde a sua bandeira vencedora
O nome de saõ Iorge appellidou,
Ao mesmo Santo outra bandeira aruora,
E á Virgem santa hum templo edificou,
Ali no mesmo dia inda ategora
Os Lusitanos seus que elle ajudou
As graças lhe vaõ dar desta vitoria,
Pregando em seu louor della a memoria.

Começou nesta idade já madura
De taõ grandes despezas pouco auaro,
A' Senhora do Carmo santa e pura,
Aquelle templo altiuo, illustre e raro,
Que na firmeza, na obra e fermosura
Naõ tinha Lusitania outro taõ claro,
Nem o excede nenhum da nossa idade,
No lugar, fortaleza, e magestade.

E como o que do mundo naõ queria
Mais que a morada só que hia fazendo
Com as terras que o Rey dado lhe auia,
Os seus começou de hir enriquecendo
Dos que na sua antigua companhia
Foi ajudado os riscos naõ temendo,
Seus lugares lhe deu em tença e juro,
Te resgatallo em rendas de futuro.

Os pa-

Os parentes, e amigos esforçados,
Que ao ſinal da trombeta lhe accudiaõ,
Quando dos eſquadroens fortes e armados
A ſoberba arrogancia naõ temiaõ
Os fieis eſcudeiros, e os criados
Que com vontades, e armas o ſeruiaõ,
Quer que gozem com elle igual bonança
Do deſcanſo, das rendas, da eſperança.

Martim Gonçalues tem do Carualhal
Seu tio delle a renda de Euoramonte
E o famoſo cunhado do Caſal
Porto de Mós com Rio maior de fronte,
A terra de Baltar, e o Rabaſſal,
Hum de eſpaçoſo campo, outro de monte,
A Mem Rodrigues deu de Vaſconcellos,
E a Gilvaz parte ás rendas de Barcellos.

Deu a Gonçaleanes o esforçado,
De Abreu Alter do chaõ, e o ſeu Caſtello,
Martim Gonçalues tem Alcoforado,
Arco de Boulhe em renda mais ſingelo,
De Sacauem o barco dezejado
Ioaõ Affonſo por elle ha de colhelo,
Com o reguengo de Aluiela ſe aquieta,
Outro que he Eſteueanes Borboreta.

De Borba a Ioaõ Gonçalues da Ramada,
E a Affonſo Eſteues deu da Vidigueira
A renda hoje tam grande, e tam honrada,
E a de Aluajazere a Aluaro Pereira,
A Pedreanes Lobato deu de Almada,
E ao que ſempre regeo firme a bandeira,
Que he Diogo Gil de Alirco o valeroſo
Deu Montalegre e terra de Barroſo.

A renda

A renda de Eſtremós naõ ficou ſalua ,
Para Lopo Gonçalues que honra , e ama ,
Villa Ruiua tambem junta e Villa Alua ,
Rodrigo Affonſo , o poſſeſſor ſe chama ,
Para Fernaõ Domingues lhe reſalua ,
A renda que hoje tem nome e fama ,
Que he Vilar de Frades , e Portel ,
Monſarás Rodrigalues Pimentel.

A Ioaõ Gonçalues ſeu meirinho mór
Quatro quintãs na terra mais amena
E deu a Affonſo Pires ſeu vèdor
Tudo o que o Rey lhe dera em Baſto , e Pena
E outra renda que tinha em Montemór,
Que goze Rodrigo Anes logo ordena
De Chaues deu as rendas a hum criado ,
Leal , e antigo ſeu Vaſco Machado.

O' liberalidade nunca ouuida
Largueza em noſſos tempos pouco vſada
Renda em tantos perigos adquerida
Com tam poucos receos alheada :
Gloria nunca tocada , ou offendida
Da cobiça commum , cega , enganada ;
O' nouo caſo , ó nouo homem no mundo
Sem igual , ſem primeiro , e ſem ſegundo.

Em qual encontro , ó Conde valeroſo
Naõ foſtes o primeiro , e mais ouſado ?
Em qual deſpojo , e preza cobiçoſo
Vos vio na larga guerra algum ſoldado ?
Qual foi mais juſto ? ou qual mais piadoſo ?
Qual foi mais liberal ? qual mais ouſado ?
Ao Rey déſtes o reyno , e defendeſtes ,
E o com que vos pagou aos outros deſtes.

Nem

Nem Cimon aos ſoldados foi de Athenas,
Nem tal aos doutos foi entre os Romanos
O celebrado entre elles bom Mecenas
Qual vos aos voſſos firmes Luſitanos:
E deixando as hiſtorias de que apenas
Nos ficou teſtemunho em tantos annos
Nem hum biſauo voſſo dom Gonçalo
Do qual injuſtamente os feitos callo.

Que de baxo da ſombra amena, e fria
De hum carualho huma tarde repouſando
Aos bons fidalgos ſeus que aly trazia
A herança em cauallos lhes foi dando:
Seſenta e quatro deu naquelle dia,
Que logo os trinta e dous deſempenhando
Aos outros os paſſou comprando iſento,
E dando os ſeus caſaes em pagamento.

Naõ foi ſenhor achardes que era injuſto
Poſſuir tanta renda, e ſenhorio
Ganhado em tanto tempo, a tanto cuſto
Em tal guerra, com tanto esforço, e brio:
Nem foi querer moſtrar que ereis mais juſto
Para premiar os ſeus do que o Rey pio
Foi pretenderdes fama mais ſegura
Sem ſombra de cobiça, e ſem miſtura.

Principes poderoſos, e inuejados
Magnificos, illuſtres, e excellentes
Nos mais altos lugares leuantados
Para gloria do mundo e luz das gentes:
Se quereis ſer entre ellas celebrados,
E de voſſas riquezas mais contentes
Dai com ordem, com tempo, e com juſtiça,
De muito para dar tereis cobiça.

Prouai

Prouai hum meo altiuo, inda que humano
De ſer quaſi diuinos, e immortais
Goſtai do Nectar doce, e ſoberano
Com que ſe adquire o nome, a que aſpirais
Vereis tudo o de mais que he claro engano
Que naõ ha outro bem, que alcançar mais
Que ſaber dar, e para dar ter muito
Sem querer mais de dar, que o dar por fruito.

Olhai de Nuno o valeroſo peito
Que alegre, e rico ſó ſe imaginaua
De ver que tinha a todos ſatisfeito
Os de quem ſe ſeruira, e os que amaua:
E inda que dera aſſas pouco, em reſpeito
Do que ſó para dar-lhes deſejaua
Ficou alegre em ver que deſpendera
Quanto tinha que dar, e o Rey lhe dera.

Eis quando noua inueja ſe aleuanta
(Quem vio grande valor, ſem muita inueja)
Hum priuado murmura, outro ſe eſpanta
Hum tacha, hũ ſe entremete, outro pragueja,
Hum ao Rey nos conſelhos ſe adianta
Enfeitando-lhe aquillo que deſeja
Ah conſelhos no mundo naõ pedidos
Quam poucas vezes foſtes bem nacidos.

Hum poem diante o Rey que naõ conuinha
Ter vaſſallo que os poucos ſenhorea,
Outro lhe lembra os filhos que já tinha
Sem poder dar-lhes mais que a terra alhea:
Outro lhe mete em queixas a Raynha,
Que hora moue, hora obriga, hora grangea,
Dalhe el Rey os ouuidos, e a vontade
Que o intereſſe he brando, e perſuade.

A al-

A alguns do reyno chamar manda
A que já fez mercê, de herdade, e juro
Terras, e renda, e a dom Nunalures que anda
Disto bem descuidado, e bem seguro:
Veyo; o Rey lhe descobre esta demanda
E este conselho assas pouco maduro
De resgatar-lhe as terras que pretende
Mas desta sorte o Conde se defende.

Bem sei alto senhor que isto que vejo
Obra vossa naõ foi, nem vosso intento,
Outrem que tinha ha muito este desejo
Achou agora em vos consentimento;
Se o que me tendes dado he tam sobejo
Como ante vos seu grande atreuimento
He razaõ que o corteis ao vosso modo,
Mas para mim conuem cortallo todo.

Terras, fazenda, e bẽs me tendes dado
Por cuidardes que o tinha merecido
Seruiuos muitos annos como honrado
Pagastes-me melhor que o prometido:
Se agora sois melhor aconselhado
Do que naquelle tempo ereis seruido
Pagai aos conselheiros noutro preço
Sem offender ao muito que mereço.

Do que me destes, liure, e largamente
Parti com os meus as rendas que alcançaraõ
Que em tempo e de conselho differente
Para vos seruir melhor me acompanharaõ:
Naõ me deixaraõ rico; estou contente
Com as terras, e os bẽs que me ficaraõ
Se destas tendes gosto, e outro inueja
Pouco me basta; e nada me sobeja.

Exe-

Executai em mim vossa vontade,
Mas lembrouos senhor, que he cousa indina
De vosso nome, e de vossa humanidade.
Naõ na mostrar aos vossos mais benina:
Seruiraõ-uos com braço, e com verdade
Em guerra desigual, grande, e contina
De mi, dos meus, dos mais a quẽ chamastes
Tambem seruido estais como pagastes.

A estas razoẽs que o Conde emuolue em ira
Dizia moderando o sentimento
Outras o Rey offerece, ordena, e vira,
Que amparauaõ o fim daquelle intento,
E como o Conde nelle, e no que vira
Receou que perdesse o sofrimento
Para lhe responder licença pede
A maõ lhe beja, e delle se despede.

Parte deixando o Rey que entaõ na serra
A seu sabor viuia, e sem cuidados,
E vai-se de Alem Tejo á fertil terra
Para Estremós dos muros jaspeados:
Daly chamando a muitos que na guerra
Consigo teue amigos, e soldados
Iuntos num largo campo, o seu Pereira
Lhe começa a fallar desta maneira.

Esforçados, e amigos Portugueses
Em cuja companhia valerosa
Me deu o ceo vitoria tantas vezes
Contra Castella grande, e bellicosa:
Cujas lanças, pendoens, cujos arnezes
Inda tintos de sangue, e cor de rosa
Testemunhando estaõ vossas feridas.
E vitorias mais claras do que cridas.

Se

Se aquelle antigo amor que me mostrastes,
E o que de perto em minhas obras vistes
Quando em vossos perigos sempre achastes
Por companheiro aquelle a quem seguistes:
Se com a fama, e louuor cõ que me hõrastes,
E que a vossas progenies adquiristes
Naõ perdestes lembrança tam deuida
De quem por vós em pouco teue a vida.

Hoje me he de mais preço o valor vosso
Do que já foi na guerra, e na peleja
Pois sem vosso fauor liurar naõ posso
Minha honra de contrarios, e de inueja:
El Rey de Portugal que he senhor nosso
Determina com quem me isto deseja
Aos meus todos, e a mim tirar-me as terras
Que adquiri com vosco em tantas guerras.

Forçado me he que viua em reyno estranho
Sem sua offensa, e cõ minha honra inteira
Por naõ sofrer desprezo, e mal tamanho,
E afrontado viuer de tal maneira:
Se nisto em que (a meu ver) ficais de ganho
Que he habitar tambem terra estrangeira
Me quiserdes seguir, agora o peço
Se por tam grande amor tanto mereço.

Ou seja em paz amada, ou varia guerra
Ou pollo mar salgado, ou terra dura
Pois Portugal me offende, e me desterra
Vamos prouar aos braços a ventura:
Se nos naõ der o ceo mais justa terra
Acharemos honrada sepultura
Se me sois companheiros nesta empreza
Anteporei a sorte á natureza.

Fora

Fóra do Patrio reyno Lusitano,
Quiçais que algum nos dê larga morada
Ou nessas ferteis terras do Africano
Por nossa força, e braço conquistada;
Ou nas desertas ilhas do Oceano
Por nós de nouo alguma pouoada
Aonde sem enuejoso, e sem terceiro
Cada hum de vós será meu companheiro.

Atras destas razoens, que se acabaraõ,
Mais com tristeza, e dor, que brando estilo
Todos huma voz junta aleuantaraõ,
Que a viuer, e a morrer querem seguillo,
Que pois na larga guerra o naõ deixaraõ,
Onde elle os defendeo, que haõ de seruillo:
E de naõ se apartarem deste intento,
Fizeraõ logo pacto e juramento.

Lançando os braços logo o caualleiro
A cada qual entre elles obrigaua,
Cada hum em se humilhar quer ser primeiro
Que toda a chara gente o rodeaua,
Deulhes soldo de trigo, e de dinheiro,
E a todos a partida encomendaua
Com mostras, e razoens agradecidas,
Catiuando as vontades oferecidas.

Em breue tempo assas queixosamente
Se desterra da patria doce e chara,
Aquelle cujo braço tam valente
Contra o poder de Hespanha a libertara,
Offendido de hum Rey justo, e prudente,
Que elle com tanto risco coroara,
Naõ te espantes Aristides famoso,
Que outro Ostracismo ha já mais riguroso.

Foi

Foi disto o Rey Ioaõ logo auisado,
E hum varaõ de graõ fama, e de bom zelo,
Adaiaõ de Coimbra, e bom letrado,
Mandou logo a buscallo, e a detello,
Este tratou com o Conde o seu recado,
E em breue se tornou sem demouello,
Depois de Auis o mestre ali lhe manda,
Que o mesmo effeito fez nesta demanda.

A todos como humilde respondia,
Que pois a fé del Rey já lhe faltaua,
Viuer em Lusitania naõ podia,
Pois sem fazenda, e honra ali ficaua,
Que em qualquer Reyno estranho o seruiria
Com a lealdade, e fé, que tanto amaua,
O Rey que vê que já se alcança em vaõ
Lhe manda o Bispo de Euora dom Ioaõ.

Por elle lhe offerece outro concerto,
Mas despedido assim como os passados;
Manda o Conde seu tio o velho experto,
Que ao Rey respondesse a seus recados,
Como Ioaõ o tratou, e o vio de perto
Sem curar de inuejosos e priuados;
Só trata de fazer amigo o Conde,
E o Carualhal o escuta, e lhe responde.

Chamar o manda, e vai ao Porto vello
Dos seus acompanhado honradamente
Sahio el Rey contente a recebello
Com termo, e pensamento differente,
E naõ tratando em nada de offendello
Antes de o ver quieto, e ver contente
Com a mor igualdade, e com direito
Este contrato entre ambos ficou feito.

Que

Que quantas terras tinha o Conde dadas,
Tornasse a possuir, e aos que as dera,
El Rey deu tença, e rendas ordenadas
Como cada hum daquelles merecera,
As que tinha do Rey como empenhadas,
E os vassallos lhe deu que antes tiuera,
Nas que de herdade já tinha e de juro,
Ficou quieto o Conde el Rey seguro.

Quanto pode a razaõ? quanto a verdade?
Que inda de sombras vans escurecida
Com hum rayo de seu lume e claridade
A inueja que a acanhou deixa vencida
He confusaõ aos maos sua maldade,
Hum inuejoso he vibora parida,
A virtude tem sempre o premio dino,
Se a terra injusta, o ceo sempre he benino.

Está de nouo o Rey mais obrigado
Ao valeroso Conde que offendera,
E elle mais satisfeito, e mais honrado,
Sem se lembrar d'algum que isto mouera,
Que como ingrato estaua mal lembrado
De quem já noutro estado lhe valera,
O Prior do Hospital digo o Camello,
A quem o elle fez ser sem merecello.

E em breue se mostrou logo adiante
Quanto montaua ao Rey, e á patria terra,
Hum varaõ taõ famoso e importante,
Offendido da inueja que o desterra:
Nesta quieta paz num mesmo instante
Se leuantaõ incendios d'outra guerra
Que bastara abrazar ao Reyno todo
Se se partira o Conde de tal modo.

Que

Que como nunca a paz he bem ſegura
Em dous; ſe hum delles tem deſconfiança,
E hum a quer aceitar, outro a procura,
Porque a força faltou para a vingança,
Sempre a hum offendido a dor lhe dura,
E ſe naõ a dor, dura a lembrança;
Que a vontade que ás forças naõ reſponde
He como a braza a qual a cinza eſconde.

Os dous Reys como ouuiſtes tem tratado
Tregoa por alguns annos, e amiſade
Com condiçoens que a hum, e outro eſtado
Importauaõ ſocego, e liberdade:
Mas como Henrique as fez mais obrigado
De continua opreſſaõ que de vontade,
Contra o teor das tregoas alguns annos
Foi detendo os catiuos Luſitanos.

Determinou Ioaõ como offendido
Num lugar de Caſtella fazer preza,
Que aſſi era nos tratos concedido
Contra o que lhes mudaſſe a natureza:
Por hum eſtranho ardil, bem ſuccedido
Tomou a Badajoz para eſta empreza
Martim Affonſo o valeroſo Melo,
E ſe fez forte logo no caſtello.

Del Rey o Condeſtabre teue auiſo,
Que com armas, e gente o ſoccorreſſe
Para que ſem receo, e perjuizo
Fortificaſſe a terra, e defendeſſe,
Ao que elle foi a Eluas de improuiſo
Mandando ao capitaõ que aly vieſſe
Deu-lhe a ordem de tudo o que conuinha
Para a força, e lugar que em penhor tinha.

E porque nesta entrada preso fora
O alcaide de Albuquerque sem concerto
O soltou logo o Conde naquella hora
Com proceder honrado, e termo experto.
O Marichal contrario só melhora
A quem o Melo prendera em grande aperto
Deu o preso ao alcaide de Oliuença
E a el Rey para o soltar pedio licença.

E junto o auisou que se desuelle,
Que já o tenro Rey se aparelhaua
Para ou mandar o Mestre, ou vir contra elle
Com muita gente armada que ajuntaua:
Naõ fez o Rey famoso conta delle,
Mas bem depressa vio que aconta erraua,
Porque no seu descuido achou seu danno
Com o cuidado que teue o Castelhano.

Que o Condestabre, e gentes de Castella
Com Martim Vaz da Cunha o Conde ousado
Correm sobre Viseu, poem fogo nella
Deixando o que alcançou tudo assolado;
Teue esta noua o Rey, que sem cautella
Estaua em Santarem mui descuidado
O quaõ em vaõ se queixa, e quanto o sente
O conselho passado, o mal presente.

Manda tocar trombetas, e tambores
As gentes comarcans ajunta, e chama
Partem logo os ligeiros portadores
Iá a noua em todo o reyno se derrama:
Dom Nunalures com os fortes vencedores
A que esta noua logo leua a fama
Em Euora deixa a gente já disposta,
E a visitar a el Rey vem pola posta.

Que

Que ouuindo como a vello era chegado
Com os ſeus o eſpera já junto ao Tejo
Aonde o teue entre os braços apertado
Com hum amoroſo, alegre, e ſaõ deſejo:
E achando-o, como ſempre vinha armado
Graças, diz, dou ao ceo que agora vejo
O primeiro homem d'armas para á guerra
Que achei em meus vaſſallos neſta terra.

Mas qual outro tiue eu que me emparaſſe
Deſte continuo imigo porfioſo,
Qua ſeu deſſenho, e forças quebrantaſſe
Senaõ vos leal Conde, e valeroſo:
Bem era, que hoje aqui me naõ faltaſſe
Voſſo braço valente, e poderoſo
Com o qual eſtou taõ forte, e taõ contente
Como ſe o igualara, em força, e gente.

Bem he de crer que o Rey naõ faltaria
Tambem neſta ceſaõ com huma lembrança
Do que antes a Nunalures pretendia
Com ágrauos injuſtos, e eſquiuança.
Que arrependido entaõ conheceria
Que lhe fora danoſa tal mudança,
Mas ſe elle iſto paſſou no penſamento
Nunca do bom Conde teue aſſento.

Antes com humildade ſe lhe inclina
A hum louuor taõ bem dado, e taõ deuido
Tras iſto ſe lhe offerece, e determina
De auer ſatisfaçaõ ao ſuccedido,
E em quanto cada hum niſto imagina
Vem noua que o contrario era partido,
E tornado com os ſeus para Caſtella,
E aſſi naõ tratou delle, e tratou della.

Cinco dias sómente em Corte esteue,
E muito pouco em Euora descansa
Parte para Coimbra em tempo breue
Aonde o espera o Rey para á vingança
Aly hum campo, e outro se deteue
Para o fim, que por fim tam mal alcança,
Que a huma parte, e outra a sorte varia
Vai espalhando a gente que he contraria.

Começando a marchar chega hum recado
Para atalhar a empreza que deseja
Que era por Guadiana o Mestre entrado
Com muita gente armada de peleja;
Que leuaõ de catiuos, presos, gado,
Todo o campo D'ourique, e o de Beja,
E que faz grande estrago, e grande danno
No desarmado pouo Transtagano.

Volta indinado o Rey com furia estranha
Sem que nenhum conselho o aquiete
Como o touro ferido, que com sanha
A's cerradas tranqueiras arremete;
Por se vingar melhor na terra estranha
O Tejo vai passar junto a Punhete
A deleitosa deixa alegre terra
Passa de Monte Argil a infertil serra.

E ao atrauessar chega hum correo
Que a noua tras aos nossos mal sofrida,
Que o Mestre era tornado com receo
Do Rey de quem já sabe esta partida,
Deixando liuremente o reyno alheo
Por saluar em Castella a honra, e vida,
E a preza deste assalto, que a ventura
Das armas lhe faz crer que he mal segura.

Ficou

Ficou o Rey tam triste, e perturbado,
Que a cor mudou ao rosto differente
Palauras solta de homem magoado
Que a ira, e dor forçosa lhe consente:
Mas do bom Conde aly foi consolado
Que com igual excesso o dano sente
Em Arrayolos passa a noite fria
Com mil assaltos vãos na fantesia.

Na hora mais quieta, eis o desuella
Hum recado del Rey: parte-se a vello;
Que manda entaõ prender com graõ cautella
O Prior do Hospital, que era o Comello:
Que com recado, e cartas de Castella
Tratou de deseruillo, e de offendello
A prisaõ pede o Conde que dilate,
E primeiro que a pena a culpa trate.

O' conselho sem sombra, e sem respeito
Rogo tam justo, e pouco merecido
Tençaõ de hum generoso, e forte peito
De ira, nem de paixaõ nunca mouido:
Que a este de quem sem tẽpo, e sem direito
Foi mil vezes nas obras offendido
Busca tempo, e lugar para a disculpa,
Que a tardança mil vezes cobre a culpa.

Porém durou tam pouco esta valia
Como em ser descuberta a tençaõ sua
Que em Euora foi preso no outro dia
Quando o Sol seus poderes deixa á Lua:
Aly descansa o Rey da incerta via
Esperando que o tempo o restitua
Com vingança, e castigo noutro ensejo
Deixa o Pereira, volta, passa o Tejo.

CAN-

CANTO XVIII.

Entra dom Nunalures Pereira por Castella: Queima e rouba os arrabaldes de Carceres, e os gados, e presos de toda a comarca: Saquea Arroio del Puerco, e volta com grande preza a Portugal. Adoece em Villaviçosa, e conualecendo ajunta assi os capitaens das fronteiras. Escreue ao Mestre de Santiago que vai ao buscar: Iuntaõ-se á vista do castello de Feria: Nega o Mestre a batalha: Volta-se o Condestabre, roubando termos, e lugares por onde passa: Vai a buscar o Iffante dom Dinis, que entra por Castello Branco. Acode ao cerco de Tuy; Vê el Rey no Porto: Assenta tregoa com os Embaxadores Castelhanos.

ANdaua o Condestabre cobiçoso
De se entregar melhor nesta demanda.
Por ver timido o pouo, o Rey queixoso,
E a fortuna inclinada da outra banda;
Ao Mestre de Auis nobre, e valeroso
Por hum fronteiro seu conuidar manda,
Que a mais gente que tem traga consigo
Para entrarem no reyno do inimigo.

O Mestre escrupuloso se offerece,
O Conde chama os que antes o seguiaõ,
Mas tanto o mal passado os enfraquece
E o socego da paz em que viuiaõ,
Que hũ tarda, outro se escusa, outro se esquece
Da antiga fé, e amor que lhe deuiaõ
Mas nem por esta causa o fim dilata,
Espera o Mestre, e de partir se trata.

Na

Na celebrada já Villaviçosa
Poucas gentes ajunta, e encaminha
Esquadraõ forma em ordem bellicosa
Os lugares dispoem como conuinha;
Vai adestrando a gente que ociosa
A descuidada paz inhabil tinha
Tras isto o campo chega, o Mestre parte
Ardendo em fogo, e ira o nosso Marte.

Iunto de Eluas se aloja aquelle dia,
E antes que ao outro a noite venha
De toda a gente de armas que trazia
Fez alardo com o Mestre, e fez resenha
Setecentos de lanças diz que auia
Poucos peões, e posto que os naõ tenha
Toma a vanguarda o Cõde, e mais naõ tarda,
E o valeroso Mestre a retaguarda.

Reparte os corredores mais ligeiros,
Que as terras vaõ ao longe deuassando
Té Carceres enuia os caualleiros
Para onde vai o exercito marchando;
Todos quiseraõ nisto ser primeiros
Naõ lhe sofre o desejo hir esperando
Passa com o campo Ougela, e daly fica
A vista de Albuquerque illustre, e rica.

Passada a fria noite, e bem custosa
A quem só teue o ceo por cubertura,
E a ribeira em Abril tam graciosa
Como em Dezembro fria, e sem brandura
Liure no reyno alheo a bellicosa
Gente em seu capitaõ liure, e segura
De Carceres está já legoa e mea,
E a seu sabor jantando se recrea.

Armou-

Armou-ſe ſobre meſa o Conde ouſado
Paſſa, e á viſta da villa o campo eſpalha
Quando de hum lugar chaõ, bem aſſentado
Sem defenſaõ, ſem força, e ſem muralha:
O pouo vem fugindo amotinado
Leuando fato, gado, e vitualha
Chama-ſe eſte lugar Roio del puerco
Mais natural d' hũ roubo, que de hũ cerco.

Qual por Agoſto as prouidas formigas,
Que carregadas vaõ ao ſeu ſelleiro
Com os deſpojos das palidas eſpigas
A's quaes o laurador corta o carreiro;
Que humas enuoltas noutras mais antigas
Deixaõ ſeu doce roubo tam ligeiro
Humas fugindo ao campo derramadas,
E outras ficando viuas, e enterradas.

Tal foge a gente, e toda aly foi preſa,
Que mui poucos ligeiros eſcaparaõ
O' quanto aos de Carceres lhes peza,
Que logo alguns aos ſoccorrer ſe armaraõ;
Quarenta ſaem delles com preſteza,
Porém trinta dos noſſos os voltaraõ
Trauando eſcaramuça tam renhida,
Que já da villa a gente ſe conuida.

Tanta naquelle aſſalto recreceo
Que deixou ſó Nunalures a bandeira,
E com poucos aos noſſos ſoccorreo
Tomando dos da briga a dianteira:
Mas como a maça entre elles reuolueo
Pouco durou a gente auentureira
Que no arrabalde á preſſa ſe retira,
E aos noſſos da trincheira o roſto vira.

E com

E com huma furia grande, e magoada
Nuno madruga em vozes repetindo
Naõ vos valeo agora a madrugada
Huns voltauaõ gritando, outros fugindo,
Aly aſſenta o campo a gente ouſada,
Que da leue vingança ſe eſtá rindo
Chegaõ de noite alguns do corredores
Aly com gado, e preſos vencedores.

Entraraõ o arrabalde no outro dia
Sem valer aos de dentro reſiſtencia
Roubaraõ tudo quanto nelle auia
Tras iſto lhe poem fogo com violencia;
Em labareda grande a terra ardia
Que com iſto pagou ſua imprudencia
O noſſo campo á viſta, aly chegaraõ
Os de mais corredorres que tardaraõ.

Naõ lhes daua ao caminho mais licença
A copia do graõ roubo com que vinhaõ,
Que ſem eſtoruo algum, ſem differença
Paſſa já de tres dias que caminhaõ:
Naõ fez ali Nunalures mais detença
Que eſtes ſós que eſpereraua já detinhaõ
Ianta, e dorme a ſabor, e á noite parte
Para Arroyo del puerco os ſeus reparte.

Num ſoueral eſpeſſo a noite eſpera
Quando dez Caſtelhanos caualleiros
Sem ſeguro, ou ſinal que alguem lhes dera
Se miſturaõ aos noſſos mui ligeiros:
Pollo Conde preguntaõ, que naõ era
Deſuiado mui longe dos primeiros,
O qual chamar os manda á propria tenda
Sem que os algum ſoldado incauto offenda.

Ven-

Vendo que no seu termo, e compostura
Dauaõ sinais de amigos, e de honrados
Com cortesia alegre, e com brandura
Delle, e doces razoens foraõ tratados:
E preguntando a todos que ventura
Os trouxe ao campo seu tam mal guiados
Que buscauaõ? quem eraõ? que queriaõ?
Por hum mais velho, os outros respondiaõ.

Tudo o que a fama em longes engrandece
Moue mais o desejo affeiçoado,
E o que por fama ao mundo mais merece
Sois vós senhor famoso, e inuejado
A quem naõ só se humilha, e reconhece
O natural amigo de obrigado,
Mas ainda entre inimigos busca a fama
Quem para veruos busca, e quem vos ama.

Entre todos he tal vossa bondade,
Que nos fez leue o risco desta empreza
A vos buscar nos traz propria vontade,
Na qual vence o temor vossa grandeza:
Se entre contrarios ha justa amisade
Esta se deue á vossa natureza
Viemos só por vervos, e o que vemos
Nos pagou do caminho que trouxemos.

Amigamente o Conde agradecia
O desejo dos dez auentureiros
Com palauras de amor, e cotesia
Agasalhar mandaua os caualleiros;
Mas desta offerta, e outras se desuia
O que se ofereceo, e os companheiros
Naõ querem mais que vello, e sem demora.
Despeden-se do Conde, e vaõ-se embora.

Na

Na propria noite os corredores manda
Correr té Garromilhas espalhados,
E Alcantara da barca da outra banda
Do campo cinco legoas alongados,
Trouxeraõ do caminho, e sem demanda
Graõ numero de presos, e de gados
Elle acha á casa liure, e o mantimento
Em Arroio del puerco aquelle assento.
Os liures corredores que passaraõ
Do pio Condestabre o mantimento
Huma deuota hermida aonde alojaraõ
Roubaraõ com largueza, e desatento:
Que como assi do Conde se alongaraõ
Facilîtados neste atreuimento
Que elle castigou sempre com mais furia
Fizéraõ a seu nome aquella injuria.
Mas vingado ficou disto o Pereira
Com o successo que a estes logo via
Que roubando entre o mais huma caldeira
Daquella mesma casa, e confraria:
Porque era desigual em graõ maneira
Aquella gente incauta que corria
Prendendo os seus cauallos se accomoda
Que lhe ficauaõ postos como em roda.
E no meo da noite mais escura
Tal desauença entre elles se aleuanta,
Que hum ao outro com couces se mistura
Outro arranca, outro foge, outro se espanta
Arrastrando a caldeira na verdura,
Que em barrancos, e pedras se quebranta,
Tanto do campo em fim se lhe alongaraõ
Que apé seus caualleiros se tornaraõ.

Cor-

Corridos ſe ajuntaraõ no outro dia
Com o graõ roubo que o campo ſenhorea
E vendo o Condeſtabre quanto auia,
Que era hoſpede cruel na terra alhea;
A aſpereza do inuerno que corria
O ar de nuuens, a terra d'agoa chea
Torna-ſe a Portugal ſem mais detença,
Fazendo roſto á viſta de Oliuença.
As catiuas mulheres que traziaõ
Mandou ſoltar do campo liuremente
Pollo agrauo, e mal que recebiaõ
De arrogantes ſoldados fera gente:
Que poſto que o rigor tanto temiaõ
Naõ ha quem contra hum ódio ſe ſuſtente
Entrou em Portugal aonde deſcanſa
Tendo por muito humilde eſta vingança.
Detem-ſe hum breue eſpaſſo em Aramenha
Aonde recolhe os fruitos deſta entrada
De toda a gente em ordem faz reſenha
Repartindó-lhe a preza deſejada;
Elle ſó naõ quer parte que lhe venha
Como era a ordem ſua acuſtumada
Volta o Meſtre de Auis ao outro dia
Contente da jornada, e companhia.
Vai-ſe a Villaviçoſa aonde a lembrança
Do que lhe prometera aquelle encanto,
Que tanto engrandeceo ſua eſperança
Lhe fazia o lúgar mais pio, e ſanto;
Aonde a velha mãy viue e deſcanſa,
E a deſejada filha a que ama tanto,
Que nella, e nos ſeus olhos tinha poſto,
Das armas o trofeo, da vida o goſto.

Mas

Mas como a noſſa humana natureza
Cada hora faz lembrança, e dá gemidos,
Que he ſugeita a miſerias, e fraqueza,
E a deſſenſoens de humores, e ſentidos:
Vencida aquella eſtranha fortaleza
Dos continuos trabalhos padecidos
Adoeceo o Conde, e de tal ſorte,
Que tinha já na vida a cor da morte.

Hum mortal malenconico accidente
Com tam terribel força o combatia,
Que ſuſpendendo hum vſo tam prudente
A vida, os ſeus, e a terra aborrecia:
Hora com hum deſprazer impertinente,
Hora dom deſigual neſcia alegria
Se alteraua de modo o coraçaõ,
Que atalhaua os effeitos á razaõ.

Ao bom Rey no principio logo eſcreue,
Que o gouerno da terra encomendaſſe,
Porque ſe o duro mal naõ foſſe breue
Ouueſſe quem de inigos a amparaſſe:
O pezar teue o Rey que ao Conde deue
Como ſe nelle o mal ſe executaſſe
Logo lhe manda os Medicos da Corte
Por ver ſe a tanto mal podem dar corte.

De outra mudança alguma lhe naõ trata
Senaõ ſó de atalhar ao que padece
O mal crecendo em horas ſe dilata,
Elle ſó ſe atenua, e enfraquece:
Muda o lugar, mas como a dor que o mata
Em qualquer lugar outro o buſca, e crece
Iá no fim de tres meſes bem compridos
Foi reformando as forças, e os ſentidos.

Depois

Depois que ao rosto as cores foi trocando
Deu graças da saude a quem lha dera,
E para Euora torna imaginando
No tempo que das armas se esquecera
Ajuntar quer dos seus o armado bando,
Que entrar no Castelhano reyno espera
Para conualecer do tempo injusto,
Que lhe atalhara a fama a tanto custo.

A Alcacere por mar vai neste intento,
Mas de tal sorte as ondas se alteráraõ,
E se embrauece, e desconcerta o vento,
Que todos com o senhor desembarcaraõ,
E elle que naõ tiraua o pensamento
Da força, e ser que os males lhe tiraraõ
Com hũ só moço dos seus, dos mais se aparta,
Que de ser só na terra naõ se farta.

Entrou num mato espesso, e selua escura,
E arrancando a vencedora espada
Começou a dar golpes na espessura,
Que a terra está tremendo de assombrada;
A aruore mais alta, e mais segura
De hum fero golpe aly se vê cortada,
E as feras da montanha o ecco ouuindo
Desamparando as couas vaõ fugindo.

E como vio que tinha aquella antiga
Força tam celebrada, e desigual
Para qualquer assalto, e qualquer briga
Que exprimente o contrario por seu mal:
A Euora chegando a gente obriga,
Escreue aos capitaens de Portugal
Cartas cheas de amor; e cortesia
Pedindo-lhes ajuda, e companhia.

Ao

Ao Vaſconcellos nobre, e valeroſo
Meſtre de Santiago onde habitaua
A dom Lourenço Eſteues animoſo
Tenente dos de Rhodes, que elle amaua:
Ao Almirante, ao Melo tam famoſo
Polo que em ſeu esforço confiaua,
Os quaes da empreza alegres, e contentes
Mandaõ tocar tambor, e apreſtar gentes.

Eis chega hum meſſageiro, que infiado
Conta ao Condeſtabre hum grande danno,
Que vem entrar por todo o reyno, armado
Com poder grande o Meſtre Caſtelhano:
Duas mil lanças tem, fero, esforçado
E oito centos ginetes ſem engano,
Os peoens ſaõ ſem numero, e ſem conta,
Que a terra querem pôr em grande afronta.

Depois que teue a noua por verdade,
Que inda elle menos crê do que a deſeja
Por quanto o obrigaua eſta vontade
Ao Meſtre Caſtelhano teue inueja:
Ao qual com diligente breuidade
Pede que em ſeu aſſento firme eſteja
Aonde elle irá buſcallo, e naõ ſe parta,
E era o ſeguinte o que dizia a carta.

Senhor, e amigo Meſtre, a quem reſpõde
Todo o louuor das armas muito bem,
Nuno Alures Pereira o nouo Conde
De Arrayolos, Barcellos, e de Ourem,
Condeſtabre del Rey que naõ ſe eſconde,
E ſeu Mordomo mór; como conuem,
Que a ſeu deſejo, e nome ſatisfaça
Se enuia encomendar em voſſa graça.

Neſta

Nesta terra aonde ha dias que ocioso
Me teue huma doença assas pezada
Me foi dito que estaueis cobiçoso
De entrar em Portugal com gente armada:
Que tinheis grande exercito, e lustroso
Como propria a effeito da jornada
Com tençaõ de assolar feroz, e vfano
Esta parte do reyno Lusitano.

E porque ha muito tempo que eu desejo
Hir veruos, e buscaruos igualmente,
E me atalhou mil vezes ao desejo
Estar debilitado, e mui doente:
E estes ares, e a terra de Alem Tejo
Para o tempo d'agora he muito quente,
Que vos naõ abaleis vos peço, e rogo,
Porque eu serei senhor com uosco logo.

Sofrei este trabalho de esperar
Pois o de vir agora he tam pezado,
Que por força nos emos de encontrar,
Que eu fico já com os meus no cãpo armado:
Se algum concerto, ou gente vos faltar
Podeis aperceberuos com cuidado,
Que agora vos auiso, e vos faltastes
Pois vindo a Pottugal naõ me auisastes.

Concerto entre nós foi tratado, e feito;
Que nenhum na fronteira d'outro entrasse
Sem que em particular recado estreito
Da tençaõ hum ao outro se auisasse:
Vos esquecido em fim deste respeito
Como aos meus hum tempo lhes faltasse
Fizestes vossa preza; eu cheguei tarde
Agora irei mais cedo, e Deos vos guarde.

Rece-

Recebeo o Meſtre a carta, e naõ reſponde,
Mas diz ao cauteloſo meſſageiro,
Que foſſe a qualquer tempo o fero Conde,
Que elle iria eſperallo bem ligeiro;
Mas mais o portador o foi, que aonde
Achou já poſto em campo o caualleiro
Na fermoſa Eſtremós lhe dá repoſta
A marchar tocaõ, partem pola poſta.

Na praia alojar vaõ do Guadiana
Na qual o Condeſtabre gaſta o dia
Pondo em alardo a gente Luſitana
Por ſaber della a copia que tazia,
Se o autor deſta hiſtoria naõ ſe engana
Mil e oitocentas lanças diz que auia
Sŏ duzentos ginetes bons ligeiros,
Cinco mil de peoens, e de beſteiros.

O Conde da vanguarda ſempre auaro
Leua nella conſigo o bom Tenente
Mem Rodrigues o Meſtre ouſado, e claro
A retaguarda rege ouſadamente:
Huma ala o Almirante illuſtre, e raro,
Outra o Meſtre tam nobre, quaõ valente,
E outros varões famoſos ſingulares,
Que occupaõ dinamente os ſeus lugares.

Neſte concerto, e ordem repartida
Entre já por Caſtella a gente braua
Animoſa, contente, e bem regida
Para onde o Caſtelhano meſtre eſtaua:
Que deſde hum alto outeiro ſe conuida
A ver ao Condeſtabre que paſſaua
Diante os ſeus ginetes campeando
Por junto donde os noſſos vaõ marchando.

Dd Porém

Porém Martim Affonſo o valeroſo
Que os vio vir tam veſinhos da ſua ala,
Com hum tropel de cauallos furioſo
Atras dos Caſtelhanos rijo abala:
Qual dece o Nebri leue, e generoſo
Sobre a garça no ar para empolgala;
E os paſſaros menores vaõ com medo
Eſconderſe nas ramas do aruoredo.

Tal o Melo inueſtio com furia noua,
E elles viraõ as redeas á montanha,
Que naõ querem das lanças fazer proua,
E os ginetes lha daõ, que ſaõ de Heſpanha:
Nem por iſſo o exercito ſe eſtroua,
Que marcha bem ſeguro na campanha
Iunto a Villa Alua janta aquelle dia
Aonde eſtá muita gente, e de valia.

Aſſentado o arraial numa campina
Derramados alguns do Martio bando
Com eſtrago ſem modo, e com ruyna
As córadas ſearas vaõ cegando:
Niſto a gente da villa ſe amotina,
Que com grande pezar o eſtaua olhando,
E dando ſobre os noſſos de indinada
Se ordena eſcaramuça muy trauada.

Mas como deſiguais competidores
Retirando-ſe honrados, ſe voltaraõ
Feridos os primeiros, e os melhores
Que mais ao perto as lanças empregaraõ;
Chegaraõ neſte tempo os corredores
Que pola terra alhea ſe eſpalharaõ,
E da fonte do Meſtre a viſta propria
Trazem de gente, e gados grande copia.

O Con-

O Conde ſe aſſentou qual vinha armado
Entre os ſeus almofreixes deſcanſando
Em quanto os bons miniſtros com cuidado
As tendas, e o jantar lhe eſtaõ guiſando;
Quando huma trombeta chega com recado,
Que vem por elle a todos preguntando,
Recebeo alegremente o graõ Pereira,
E elle entaõ lhe fallou deſta maneira.

O Meſtre meu ſenhor de San Tiago,
E o de Calatraua aſſas valente,
Dõ Pedro, Ponce, aos quais cõ tanto eſtrago
Neſta terra offendeis injuſtamente,
E os de mais capitaens de quem vos trago
Eſte recado, pedem juntamente,
Que vos apercebais, que elles ſaõ logo
Conuoſco na batalha a ſangue, e fogo.

O' quanto o Condeſtabre ficou ledo,
Que do meſmo deſejo viue, e arde
Naõ pode vir o Meſtre aqui tam cedo,
Que a meu deſejo (diz) naõ ſeja tarde,
Bem ſabe elle de mim eſte ſegredo,
Que naõ ha goſto, ou bem, q̃ eu mais aguarde
Que vello em campo, e ver a quanto alcança
O ſeu temido braço, e forte lança.

Hoſpedar manda logo o meſſageiro
De outros trombetas ſeus mui bem ſeruido
Mandou-lhe dar de aluiçaras dinheiro,
E para o mais honrar deu-lhe hum veſtido;
Chama a conſelho os capitaens primeiro
Que lhe reſponda, e conta o ſuccedido
Que com animo igual iſto feſtejaõ,
Que ſe elle os vem buſcar, vello deſejaõ.

Eſtá daly o Meſtre legoa e mea
Aonde o Condeſtabre já lhe enuia
Hum que Ioane Eſteuens, ſe diz, Correa
Eſcudeiro de quem ſe elle ſeruia,
E como ha de tratar com gente alhea
Auiſado de tudo o que cumpria
Com a trombeta ſe parte, e chegaõ quando
O Sol mais alto as horas vai moſtrando.

Poſto ante o Meſtre liure, e diligente
A elle, e aos capitaens deu ſeu recado,
Que ſeu ſenhor o Meſtre eſtranhamente
Para os ir ver eſtaua aluoraçado:
Que era mui obrigado, e mui contente
Ser delles á batalha conuidado,
E que logo a buſcalos naõ partia
Por ſer domingo, e feſta no outro dia.

Que elle paſſado, aly naõ ſe detinha;
E na alameda, hum valle, os eſperaua
Lugar que para os campos mais conuinha,
E ao pé da ſerra, aonde o Meſtre eſtaua;
Mas como elle fingia o que naõ tinha
Na vontade, e deſejo que moſtraua
Quando eſta noua ouuio, moſtrou no roſto
Verdadeiro receo, e falſo goſto.

Que a eſtimaua em muito lhe reſponde
Que para o ir buſcar ſe apercebia,
Mas deſigual tençaõ no peito eſconde,
E apartando o Correo a deſcobria:
Que moueſſe lhe pede o forte Conde
A deixar a batalha que emprendia
Diſculpando, que quando em Beja entrara.
Expreſſamente o Rey niſſo o mandara.

O ſagaz

O ſagaz meſſageiro, e aduertido
A tudo dá razaõ viua, e inteira
Moſtrando quaõ iroſo, e quaõ ſentido
Delle eſtá juntamente o graõ Pereira:
Mandou-lhe dar o Meſtre hum ſeu veſtido
Dourada tem no peito huma vieira,
E com mil gaſalhados o deſpede
Nos olhos repetindo o que lhe pede.

Nunalures que eſperaua aluoroçado
Eſte recado ſeu, e eſta licença
Com o ſecreto ficou quaſi atalhado
Se entaõ lhe naõ lembrara a ſua offenſa:
Partio no dia já determinado
Porque outro rogo humilde naõ no vença
Tomou ao Meſtre entaõ de ſobreſalto
Que via a ſua injuria de mais alto.

Ouue eſſe dia á viſta do caſtello,
Eſcaramuça aſſas bem pelejada,
Na qual o valeroſo illuſtre Mello
As proezas moſtrou da ſua eſpada;
Naõ ouſaõ de eſperallo, ou cometello,
Que tem a maõ nos golpes mui pezada
O Conde com os ſeus trata entaõ de perto
Da ordem da batalha, e do concerto.

E á terçafeira ainda o Sol naõ tinha
O roſto deſcuberto no Oriente,
Quando já ao caſtello ſe aueſinha
Apé, e em eſquadroens a ouſada gente;
Tanto mais o contrario ſe detinha
Quanto na preſſa o vio mais diligente
E aos capitaens que tinha em companhia
Deſta maneira o Meſtre lhes dizia.

Bem ſei que he vergonhoſa a noſſa afronta
Grande a honra do imigo que a eſpera ,
Que de noſſo poder faz tanta conta
Como ſe hum grande exercito trouxera ;
Mas naõ ſei que me moue , ou que me apõta
O leal coraçaõ que o conſidera
Que a morte antecipada me apparece
Na batalha que o Conde me offerece.

Eſte rayo fatal da noſſa idade
Caſtigo contra Heſpanha vencedora ,
Cuja força , e valor, cuja bondade
Sempre preualeceo inda atégora:
Contra quem nunca pode aduerſidade
Como ſe contra nós fadado fora
Quem o naõ temerá ſe he de tal ſorte,
Que nem a vida quer , nem teme a morte.

Quantos meſtres tam claros, tam famoſos
(O' lembrança inimiga , e mal naſcida)
Em ſeus braços armados riguroſos
Deixaraõ triſtemente a honra , e vida :
Quantos varoens illuſtres , e animoſos
Com que era a noſſa Heſpanha emnobrecida
Eſpiraraõ aos pés deſte inimigo
A cujo exemplo eu temo o meu caſtigo.

Moueraõ tanto os outros a receo
Alem do que já tinhaõ concebido
Eſtas palauras com que o Meſtre veyo
Reçucitando tudo o ſuccedido,
Que cada hum deſcuidado, e quaſi alheo
Do combate aprazado, e prometido
Se coze com o caſtello, e nada o moue
Para que a ſua gente arriſque , e proue.

Sobir

Sobir quiſera ao cume da montanha
De Feria o Condeſtabre a combatello
Mas a ſobida he ingreme, e tamanha,
Que impoſſiuel parece accometello;
Cada hum dos capitaens iſto lhe eſtranha
O Goios valeroſo, e forte Melo
Entaõ daly lhe manda outro recado,
Que inda que corteſaõ foi mais pezado.

Que pois elle a batalha lhe offerece
Venha aceitalla, e deça da ſubida
Aonde nenhum dos ſeus (ſe elle naõ dece)
Mal podera ſem azas ter guarida,
Elle que bem entende, e bem conhece
Sua afronta tam clara, e conhecida
Pedir manda que o deixe, e que parta
Se já de ſua afronta, e mal ſe farta.

Nuno que via o Meſtre antes tam fero
Arrependido humilde, e com caſtigo
Diſſe entre ſi, que mór vingança eſpero,
Que hũa afronta tam grande do inimigo:
Correr a terra á ſua viſta quero
Veja com minha honra o ſeu perigo,
Leuanta o arraial, e a Çafra chega,
Que mantimento, e vinhos lhe naõ nega.

Foy daly a Burguilhos no outro dia,
E do Corpo de Deos teue em campanha
Aonde com deuaçaõ ſincera, e pia
Solennizou a feſta em terra eſtranha:
Toda a gente com ordem, e alegria
Em prociſſaõ, e em feſtas acompanha
O venerando, e puro Sacramento
Com todo o acuſtumado acatamento.

No

No lugar de Burguilhos a esta conta
Bem setecentas lanças estariaõ,
Que tinhaõ por desprezo, e por afronta
A elles feita a deuaçaõ que viaõ;
E porque da outra parte o Melo aponta
Com a preza desigual que os seus traziaõ,
Que vinhaõ de correr com grande furia
Decem por vingar nelle aquella injuria.

A toda a pressa o Conde o soccorreo
E durou a peleja hnm grande espasso
Té que o contrario enfim se recolheo
Magoado da furia do seu braço,
E como ao outro dia amanheceo
Por junto de Xerés alarga o passo
Aonde já o Mestre, e toda a gente estaua
Olhando a de Nunalures que passaua.

Daly fazendo igual sempre a derrota
Correndo a terra os seus com mór licença,
Villa noua passou de Barca Rota,
E ao outro dia á vista de Oliuença:
E porque ao longe fama o Mestre bota
Que vai buscallo aly; fez mór detença
Tres dias o aguardou, e em vaõ o aguarda
Que quem recea o mal, ou foge, ou tarda.

Despede os seus com o termo acustumado,
E de Euora logo entaõ sem descansar
Em todas as fronteiras poem recado,
E vai-se a Montemór desenfadar;
Mas pouco tempo aly tem descansado,
Que o Rey o tira á pressa do lugar.
Quatro recados teue aly diante
Caba hum mais perigoso, e importante.

El Rey

El Rey que a Tuy cidade tem cercada
Lhe manda que com os ſeus vá contra ella,
Que vem com graõ poder de gente armada
O Caſtelhano Henrique a ſoccorrella;
Lisboa nouamente aluoraçada
Com huma frota mui grande de Caſtella,
Com diſſemſoens dos grandes, e embaraço
Manda pedir a ajuda de ſeu braço.

Gonçalo Vaz Coutinho neſte inſtante
Da Beira o' auiſou, que defendia,
Que com copia de gente mui poſſante
O Iffante dom Dinis o accometia,
Filho de Ines, e Pedro que arrogante
O reyno por herança pretendia
Conquiſtar ſugeitando a patria terra
Com opreſſoens, batalhas, cerco, e guerra.

Em lugar de Ioaõ, que era o primeiro
Iffante a que eſta empreza mais conuinha
Que habitara tambem reyno eſtrangeiro
Pollo que já na patria feito tinha,
Matando como ingrato companheiro
A bella irmam da perfida Raynha,
Que a lugar tam altiuo aleuantara
Para depois tirar-lhe a vida chara.

Deſte, hum natural filho fez ditoſa
A patria, que o ſeu ſangue illuſtra tanto,
Que com progenia clara, e generoſa
Deu o principio á caſa de Monſanto:
Porém depois que a Parca riguroſa
Eſta eſpoſa roubou que honraua tanto,
Aos Vaſconcellos fortes, e animoſos
Fez mais illuſtres, claros, e famoſos.

Que

Que delle, e de Maria illustre, e bella
Herdeira do solar, e do appellido
Teue principio a casa de Penella
Nome na voz da fama engrandecido:
Mas a mudança, e tempo triunfou della
Deixando o claro sangue recolhido
Nos senhores de Mafra, villa antiga
Mais pouoada já da gente imiga.

Vinha pois Dinis Principe atreuido
Com Martim Vaz d'Acunha o Conde ousado
E o Pimentel famoso tam temido
A assolar Portugal determinado:
O Coutinho que via o seu partido
Da parte dos contrarios melhorado
Ainda que o seu valor he forte, e muro,
Se valeo do remedio mais seguro.

Era o Coutinho o Marichal famoso
A quem Portugal deue esta memoria
Vencedor na da batalha de Trancoso
Dos Coutinhos, e Freires honra, e gloria:
Pai daquelle Magriço, valeroso,
Que em Inglaterra fez ditosa historia,
E com ser tam famoso, e tam guerreiro
Ao Condestabre quer por companheiro.

Do Guadiana o Melo faz lembrança,
Que o Mestre está com gente aparelhado
Para vir procurar delle a vingança
Como homem offendido, e afrontado:
Ficou o Conde em desigual balança
A tam diuersas partes inclinado
Sem saber aonde acuda, ou como acerte
Tudo remete ao ceo que elle o concerte.

E jul-

E julgando quanto era neceſſario
Do Iffante atalhar ao nouo intento
A que o pouo incoſtante, leue, e vario
Podia ir dando algum conſentimento;
Menos temendo entaõ qualquer contrario
Que êſte precipitado atreuimento
Para Caſtello Branco as gentes moue
Poſto que algum ſeu bom conſelho eſtroue.

Ao Iffante eſcreue como o buſcaua,
E a Couilham lhe manda eſte recado,
Mas já o meſſageiro naõ no achaua,
Que naõ quis eſperar ao Conde ouſado:
Entaõ partindo as gentes que leuaua
Com o valeroſo Melo, e ſeu cuidado
A defenſaõ, e o cargo lhe confia
Das terras aonde o Meſtre entrar queria.

Para Tuy com os outros encaminha
A ſoccorrer ao Rey com mais preſteza,
E chegando a Viſeu ſoube que tinha
Tomada já a cidade, e fortaleza,
E depois da vitoria ao Porto vinha
Deſcanſar entre a gente Portugueſa,
O' quanto iſto alegrou ao bom vaſſallo,
Que aforrado ſe parte a viſitallo.

Cincoenta ſós dos ſeus leua conſigo
De cotas, e braçaes que a de mais gente
Deixa em Viſeu ſem medo, e ſem perigo
Por Capitaõ ſeu tio, e por Regente:
Como a vaſſallo naõ, mas como a amigo
Sahe el Rey a buſcallo honroſamente,
E entre os braços lhe moſtra o ſeu deſejo.
Que o merecido amor nunca he ſobejo.

E por-

E porque indo a tal tempo o capitaõ
O Prior do hospital achou no Crato,
Que a el Rey tinha fugido da prisaõ,
E andaua homisiado, e com recato:
E elle o trouxera em sua defensaõ
Com termo amigo, e com benino trato
Faz com que o Rey de nouo o restitua
Perdoando o passado, á graça sua.

Aly teue alguns dias, nos quais trata
Do gouerno do reyno, e do cuidado;
Porém mui pouco a volta lhe dilata
Outra noua occasiaõ, outro recado,
Que Moura ao Rey por cartas já relata,
Que está o Alcaide della aleuantado
Por parte de Castella, e por tal arte
Que a ir pór cerco á villa o Conde parte.

A gente que em Viseu ficar mandara
Auisa, e em Coimbra espera hum dia;
Daly passa a Ourem que sempre amara,
E faz a Ceiça humilde Romaria:
E entrando na terra antiga, e clara
Patria daquella armada companhia
Ao capitaõ de Moura, e da demanda
Com seguro, e com rogos chamar manda.

Ouuese com tal termo, e tal cautella
Com Aluaro Gonçalues, no appellido
De Moura, e juntamente Alcaide della,
Que elle ficou honrado, o Rey seruido:
Daly a Euora vai antiga, e nella
Repousa hum tempo, a elle assas comprido
Té que a tratar de tregoas foi chamado,
Que por terceiro os Reys tinhaõ tratado.

Porque

Porque cansados já da desauença
Que a seus proprios estados custou tanto
A sanguinosa guerra, e differença
Querem trocar por paz (conselho santo)
Para isto dom Nunalures a Oliuença
Com o Bispo de Coimbra parte; em quanto
Pola parte de Henrique vem fazella
Com outro grande, o Mestre de Castella.

Aly deixa o Pereira a forte gente,
E só com tres Baroens acompanhado
Vai; o Bispo tam nobre, e tam prudente,
De Abreu Gonçaleanes, o esforçado:
Pedreanes Lobato juntamente,
Que era o concerto assi determinado
De cotas, e braçaes leuaõ cincoenta
Que em nenhuma das partes se acrecenta.

Da de Castella o Mestre tam valido,
E da mesma ordem sua hum caualleiro,
O Marichal valente, e atreuido,
E Ruy Lopes de Aualos guerreiro,
Outros cincoenta vaõ; de que escolhido
Podera ser cada hum para primeiro,
E contra Vilia Noua duas legoas
De Oliuença tambem se trataõ tregoas.

Em huma ilha alegre se trataraõ
Que hum rio doce, e brando rodeaua
Neste lugar os oito se ajuntaraõ
E nas ribeiras a mais gente estaua;
Cortesmente os guerreiros se fallaraõ
Cada hum a dom Nunalures fito olhaua
O Mestre delle os olhos nunca tira
Que se naõ foi de longe, nunca o vira.

Aos

Aos ſeus o Condeſtabre dera auiſo,
Que naõ perdeſſem delle nunca o tento,
E vendo que arrancaua, de improuiſo
Foſſem todos aly num penſamento:
E no meyo das tregoas muy de ſiſo
Viraõ que com ayroſo mouimento
Pos no pomo da eſpada a maõ direita
Por uer ſe a ſua gente a tudo eſpreita.

Toda ſe reuolueo no meſmo inſtante,
E á paſſada do rio ſe arremeſſa;
Elle voltando o roſto vigilante
Com hum aceno ſómente a furia ceſſa;
Algum dos quatro bõs que eſtaõ diante
Mudou a cor ao roſto bem depreſſa,
E ainda o penſamento lhe aſſigura,
Que era mais riguroſa a traueſſura.

Acordaraõ, que em tregoas deſcanſaſſem
Os dous reynos com guerras auexados
Té que de todo as pazes ſe firmaſſem
Com condiçoens, e eſtilos cuſtumados;
E que por noue meſes ſós duraſſem,
E ſem contradiçaõ (ſendo acabados)
Podeſſem guerrear; que os Portugueſes
Naõ quiſeraõ a tregoa mais que a meſes.

A Euora, e ao Rey ſe volta o Conde
Que ſahio duas legoas a eſperallo,
Moſtrando quanto eſtima, e correſponde
Bem ás obrigaçoens de hum tal vaſſallo:
Para Lisboa vai contente aonde
Tambem foi o Pereira acompanhallo,
Mas tam de eſpaſſo as pazes ſe concertaõ,
Que de nouo os tambores as deſpertaõ.

CAN-

CANTO XIX.

Acabada a tregoa, entra el Rey dom Ioaõ em Castella: Poem cerco a Alcantara. Alongaõ-se as tregoas, té que com a morte del Rey Henrique se firmaõ pazes: Iuraõ em Leiria o Principe dom Duarte: Trata-se o casamento de dona Beatriz Pereira filha do Condestabre, com dom Affonso filho del Rey dom Ioaõ: Acontece ao Condestabre huma auentura no castello de Leiria, aonde por hum fingimento se lhe mostra, que haõ de descender desta sua filha, e genro os Reys, e Raynhas da Christandade.

CHegado o fim dos limitados meses
Para tratar de paz tempo apressado,
Porque o contrario Rey que tantas vezes
As pretendera estaua já mudado;
Por melhorar na guerra os Portugueses,
Iá manda o Rey Ioaõ ao Conde ousado,
Que em armas ponha a gente Lusitana
Dos Algarues, do Tejo, e Guadiana.
E reformando a mais que armada tinha
Para ir cercar a Alcantara se altera
Com a força que para isso lhe conuinha
Ao Conde que chamou no Crato espera:
Elle que o querer seu nunca o detinha
Se o a gente que traz naõ detiuera
Com el Rey se ajunta logo em Cafragella,
E com grande esquadraõ entra em Castella.

Cercou Alcantara, e teue a combatida
Com esforço magnanimo, e valente,
Porém foi dos contrarios defendida
Com esforço, e valor conueniente;
Porque continuamente ſoccorrida
Por onde a cerca o Tejo alegremente
Faziaõ vaõ trabalho, e vam porfia
De quem com tanto esforço a combatia.

E porque já faltaua o mantimento
Aos do noſſo arraial, e o pouo vario
Com muita furia, e pouco ſofrimento
Arremetia ás terras do contrario,
Sem auer ao redor daquelle aſſento
Donde podeſſe vir-lhe o neceſſario
Correr a terra o Rey ao longe manda,
Mas naõ ſe offrece algum neſta demanda.

Que como aquella terra andaua chea
De gente armada, e capitaens potentes,
E cada hum dos do campo ſe arrecea
Do riſco, e dos ſucceſſos differentes:
Nenhum pertende o cargo, nem grangea,
Só Ioaõ Affonſo dos que eſtaõ preſentes
No Conde falla el Rey, e o forte Conde
Com valeroſo effeito lhe reſponde.

Entrou deſaſeis legoas por Caſtella
Apartado do campo onde ficaua
Roubou, prendeo mui liure, e trouxe della
Tudo o que o Rey, e o campo deſejaua:
Dos grandes capitaens que eſtaõ por ella
Nenhum a vello, ou cometello ouſaua,
Tornou-ſe ao arraial muy feſtejado
Com muita gente preſa, e muito gado.

Con-

Continuando o Rey por alguns dias
O cerco ſem proueito trabalhoſo,
Depois que quis tentar por varias vias
Fazer pontes ao Tejo furioſo;
Vendo que as diligencias ſaõ baldias,
E o contrario encerrado, e poderoſo
Tornaſſe á terra amada que ſuſtenta.
Que quanto lhe cuſtou, tanto o contenta.

Eis que de nouo a paz ſerena, e branda
Mouem com graõ deſejo os defenſores
Iá num reyno, e no outro, em tal demanda
Entraõ de ambos os Reys embaixadores,
E apos duuidas de huma e de outra banda
Aſſentaõ entre os Reys, e os vencedores,
Que a tregoa por dez annos ſe confirme.
Té ſe tratar da paz ſegura, e firme.

As condiçoens compridas do concerto
Quietos no ſeu reyno os Caſtelhanos
Vendo o fim dos trabalhos de tam perto
Ceſſando tanto ſangue, e tantos dannos:
Tratando ſó do bem ſeguro, e certo
Que era fazer eternos aos dez annos
Com amiſades largas, e a liança,
Que requeria a eſtreita veſinhança.

E porque ainda os pouos junto á terra
Dos extremos, indoceis, e imprudentes
A paz tratar queriaõ como a guerra
Sendo da guerra as leis muy differentes;
E Aſtrea pia, e juſta que deſterra
Do mundo os ritos duros, e inſolentes
Suſpendera os caſtigos, e a balança
Em quanto o Rey trataua outra vingança.

Ee Pedio

Pedio ao Condeſtabre o Rey benino
Cuja prudencia em tudo o deſengana,
Que gouernaua os pouos de contino
Do Algarue, e Prouincia Tranſtagana:
Por ſi deſſe caſtigo, e premio dino
A toda aquella terra Luſitana
Elle pezadamente o cargo aceita,
Que quem ſabe o que teme, ſabe o q̃ engeita.

Ouueſe no gouerno de maneira,
Que aos ſeus ſe fez contrario, e odioſo
Por querer conſeruar juſtiça inteira,
Que he o officio entre os homens perigoſo:
Té que mandou hum dia o bom Pereira
Iuſtiçar por hum caſo criminoſo
Hum eſcudeiro; a morte o Rey lhe impede;
E deſte cargo o Conde ſe deſpede.

Alto ſenhor (lhe eſcreue) a culpa he minha
Das faltas deſte encargo que tomei,
Que pois ſer juſtiçoſo a Rey conuinha
Por vos ſer bom criado, em ſello errei,
Obedeci ao goſto que naõ tinha
Agora ao voſſo nome obedeci,
Sois Rey ſem perjuizo, e ſem perigo
Podeis a todos dar premio, e caſtigo.

O' homens, ſe inda o ſois da noſſa idade
Alchimiſtas da honra, e da juſtiça,
Miniſtros do direito, e da verdade,
Eſcrauos da priuança, e da cobiça,
Naõ conuertais a honra em vaidade,
Que a honra he mais pezada, e mais maciſſa
Cargos que naõ ſabeis mais que afrontalos
Aprendei do Pereira a deſprezalos.

Deixou

Deixou aquelle á vida tam pezado,
Gasta a que fica em santos exercicios,
Hora em aleuantar ao Ceo sagrado
Sumptuosos altares, e edificios,
Hora acodindo ao mais necessitado
Com esmolas, merces, e beneficios
Ordenando na terra onde viueo
Outra morada eterna lá no Ceo.

Nestes annos que a vida assi naõ sente
Té descobrir a morte o desengano
De hum desastrado caso amargamente
Perece el Rey Henrique o Castelhano;
Deixando tenro Iffante florecente
O segundo Ioaõ ao reyno Hispano
A Raynha os estados gouernando
Com o generoso Iffante dom Fernando.

As pazes aos dous reynos confirmadas
Descansaraõ trombetas, e atambores
As armas para ornato penduradas
Tem por doce lembrança os vencedores:
As curuas bestas, as setas amoladas
Nos montes seruem já aos caçadores
O laurador no campo o trigo espalha,
Que antes cobria o sangue da batalha.

O reluzente ferro os campos ara,
E os ossos sem vigor mal sepultados
Que aguerra rigurosa aly deixara
Vai descobrindo em margens leuantados;
Ceres nos louros campos pouco auara,
Porque de humano sangue estaõ regados,
O laurador contenta; o Sol, e as flores,
Tem na paz outra luz, belleza, e cores.

O Conde dando a Deos ſempre a vontade,
E á vida hum paſſatempo honeſto, e leue
Em Montemór de larga infirmidade
Hum muy comprido tempo preſo eſteue:
E indo já dando ás forças liberdade
Hum recado penoſo, e triſte teue,
Que era o Principe Affonſo fallecido
Del Rey primeiro filho, e mais querido.
Com o pezar deſtas nouas riguroſas
Sentio a infirmidade mais pezada
Mandou fazer-lhe exequias ſumptuoſas
Com a pompa deuida, e cuſtumada:
Depois cobrando as cores gracioſas
Que da ſaude daõ doce embaixada
De dó cobrio aos ſeus, e a terra, e neſte
Por moſtrar ſeu pezar tambem ſe veſte.
Mas pouco tempo em tais obras reparte,
Que apreſſado del Rey chega hum correo
Que quer jurar por Principe a Duarte
Que tem de alta eſperança o reyno cheo:
Para Leiria alegre o Conde parte
Donde o Rey fica, e lhe eſta carta veo
A villa chega, e pondo os olhos nella
Vio que nunca vira outra mais bella.
Vio aquelle edificio leuantado
Sobre o profundo vaõ altos rochedos
De dous tam claros rios rodeado
Pouoados de Soutos, e aruoredos,
De flores naturaes veſtido o prado,
Que aos deſcuidados olhos fazem ledos
Deſcubertas campinas, claras fontes,
Engraçados outeiros, freſcos montes.

O do-

O' doce patria minha deseja
Nunca esquecida em meu verso amoroso,
Que quanto sois mais bella; e celebrada
Tanto sempre de vos sou mais queixoso:
Se amor que he natural respeita a nada
Mais que a seu fim, que he ser mais generoso
Bem pago estou do muito que vos quero
Pois nem temo a ventura, nem na espero.

Naõ me queixo já agora, nem confio
Do que tu sorte a tantos naõ declaras,
Que deuo ao Lena, e Lis meu brando rio
Sem enganoso pego as aguas claras:
Seja tyranno o tempo, ou seja pio
Estrellas liberaes, ou sempre auaras,
Que em tuas aguas vejo ó Lis mais bellas
Os bens do tempo, e o rosto das estrellas.

Aqui depois das festas, e alegria
A tal acto, e a tal Rey conueniente
Com o Condestabre el Rey se aparta hum dia
Desuiando de si toda a mais gente:
Por huma vega alegre que aly auia
Tam fermosa, tam verde, e tam contente
Que a qualquer parte, aonde a vista alcança
Tudo he de flores cheo, e de esperança.

Aonde por huma parte o vagaroso
Leua entre os auoredos escondido,
Tocando a rama o vento cobiçoso
Por entre os sexos faz doce roido:
Por outra o Lis mais claro, e mais fermoso
Polo prado em regatos repartido
Com flores a verdura alegre esmalta,
E em cobras de cristal correndo salta.

Aly

Aly com o rosto ledo, e desejoso
De nos olhos desentranharlhe o peito
Começou a falarlhe o Rey famoso
De seu desejo, e obras satisfeito:
Bem sei Nunalures claro, e valeroso
A quem Portugal fica hum termo estreito
Quanto vos deuo, e que me tendes dado
Com o nome de Rey o mesmo estado.

Deiuos tal dinidade, e tais penhores,
Que mui pouco de vos me auentajei,
E se num reino ouuera dous senhores
Iuntamente comigo foreis Rey,
Mas como os meus desejos saõ maiores,
Que tudo o que me fica, e que vos dei
Pois do meu reyno, e terras mais naõ posso
Quero que o sangue meu que seja o vosso.

Tendes de vossos bens vnica herdeira
Beatris fermosa filha, e desejada,
Que com affeiçaõ pura, e verdadeira
Eu atalhei tégora o ser casada:
O ramo quis guardar desta Pereira,
Que em meu tronco real fosse enxertada
Para que o fruto della a que o ceo ama
Se mostrasse melhor na vossa rama.

O Principe meu filho vos offreço
Para seu companheiro, e seu marido,
Que para o alto fim deste começo
Com outras esperanças foi nacido:
Por minha noia a amo, a quero, a peço,
E a vos por mais parente, e mais vnido
Esmalte desta liança huma amisade
Chea de tanto amor, tanta verdade.

O Con-

O Conde a tais palauras humilhado
Lhe toma a maõ, e o Principe o leuanta
Alto ſenhor (reſponde) eſſe cuidado
Quanto me obriga mais, menos me eſpanta:
Para mi ſó ſer voſſo he ſer honrado
Se por voſſo mereço gloria tanta
Como ver minha filha em tanta gloria
Mais foi darme eſté ſer, que eſſa vitoria.

Bem ſei que os meus ſeruiços tam menores
Tam pagos d'ante maõ já com o deſejo
Que nunca podem ſer merecedores
Deſte tam grande bem que agora vejo:
Mas ſe eſtes braços meus, que vencedores
Vio já o Guadiana, o Douro, o Tejo
O que no peito eſtà moſtrar poderaõ
Pagaraõ-uos melhor do que venceraõ.

Porém claro ſenhor, ſe o meu deſſenho
Pode em parte atalhar voſſa grandeza
Menos do que me dais a pedir venho,
Porque iſto ſó me pede a natureza:
E he que eſſa vnica filha, e bem que tenho
A quem vos quereis pôr em tanta alteza
Antes fique na terra por ſer minha,
Que o meu nome acabar com o de Raynha.

Hum filho natural famoſo, e claro
Tendes ſenhor que vos naceo primeiro,
Que eu de meus bens, e terras pouco auaro
Deſejaua fazer em vida herdeiro:
Para iſto a voſſo amor vnico, e raro
Tomo por valedor, e por terceiro
Concedei-me eſta gloria, e vereis cedo
O que ha de reſultar de meu ſegredo.

Goza-

Gosaraõ vossos claros descendentes
Naõ só dos que atéqui me tendes dados;
Mas de amigos, vassallos, e parentes
De que seraõ seruidos, e ajudados:
Naceraõ varoens fortes, e valentes,
Que occupem os lugares mais honrados
De vosso, e de outros reynos conuesinhos
Abrindo a isto o ceo varios caminhos.

Senaõ fazei de mi qual vosso gosto
Por vos servir melhor quiser que eu seja
Que em vossas mãos pus sẽpre, e tenho gosto
O q̃ hũs poem na ventura, outros na inueja:
Se a fazerme tam grande estais disposta,
Porque a vossa grandeza em mi se veja
Como ei de negar eu consentimento
A bem tam grande, a tal contentamento.

Muitas razoens tras estas despendidas
No segundo concerto se assentaraõ
Por algum tempo as vodas differidas
Que (como inda ouuireis) se affeituaraõ;
As graças deste bem ao ceo deuidas;
Que em pios coraçoens nunca faltaraõ
Foi dar o Condestabre a mesma hora
A Virgem de Deos mãy, de Anjos senhora.

Està ao pé dos paços do castello
Sobre aquella alta rocha aleuantado
Hum sumptuoso templo altiuo, e bello
Que a Senhora da pena he nomeado;
Nos pilares, columnas, e modelo
Naquelle tempo illustre, e celebrado
Com os antigos despojos que ficaraõ
Das pedras que a Colipo hum tẽpo honraraõ.

Aly

Aly depoi que orou, mais ſatisfeito
De ſeu deſejo andando ſe detinha
A paſſada de hum muro já desfeito
Que com huma torre antiga ajuntar vinha;
Por hum portal eſcuro muito eſtreito,
Que ao fundo de huns penedos encaminha
Hum vulto vio que entraua; e por ſeu nome
Chamando a dom Nunalures ſe lhe ſome.

Por ſer o paſſo eſcuro, e deſuſado
Entre enredadas eras eſcondido
Foi tras delle ſeguindo o Conde ouſado
Com a eſpada apunhada, e ſem ruido:
Num corredor ſe achou mui bem laurado
Sobre columnas Goticas erguido
Aonde huma eſtreita eſcada lhe apparece,
Que mal pode julgar para onde dece.

Mas vendo aquella entrada tam ſegura
Deceo por ella ao eſcondido centro
Por ver que gente eſtranha, ou que auentura
Podia auer naquella coua dentro:
Quero ver ſe iſto he caſa, ou ſepultura
Razoaua entre ſi por onde eu entro,
Quem della me chamou, ſe he gente humana
Se he ſombra que me buſca, ou q̃ me engana.

Deceo a eſcada em voltas rodeada
Até parar num quadro onde cahia,
E aly achou huma porta aleuantada,
Que em elle aly chegando ſe lhe abria;
Patente, e liure moſtra a larga entrada,
E tal o interior lhe apparecia,
Que bem daua aos olhos claro indicio
Que era de encantamentos o edificio.

E dei-

E deixando o ſeu preço tam viſtoſo,
Que aos ſentidos mais liures aſſombraraõ
Entrou na ſala o Conde valeroſo,
Que inuiſiueis miniſtros fabricaraõ:
E qual ſe a vira o Sol claro, e fermoſo,
Os ſeus rayos continuo nella entraraõ
Eſtaua tam fermoſa, alegre, e clara,
Que o meſmo Sol a luz della inuejára.

Atraueſſando a caſa huma donzella
Para elle veyo alegre, e comedida
Do roſto tam modeſta, humilde, e bella
Como ayroſa, galante, e bem veſtida
Do meſmo trajo algumas vem com ella,
Mas por ſenhora he logo conhecida
Saudando cortes ao bom Pereira
Lhe começa a fallar deſta maneira.

Naõ vos alteré a eſtranha nouidade
Alto ſenhor, que a quem a eſte apoſento
Vos traz, deueis ha muito huma vontade,
Que ante vós deue ter merecimento.
Outrem a ha de pagar, e em outra idade
Terá fim deſta obra o fundamento
Com o ſoberano fim de huma auentura
Que o tempo eſconde em eſta ſepultura.

Neta ſou de hum muy nobre caualleiro
Cuja hiſtoria he muy larga, eu ſerei breue,
Que no tempo de Affonſo o Rey primeiro
Eſte caſtello em guarda hum tempo teue;
Ainda do ſangue antigo, e verdadeiro
A que eſſe nome voſſo origem deue,
Que agora ſem primeiro, e ſem ſegundo
Mais claro inda hade ſer, que o Sol no mũdo.

Pollo

Pollo roubo que fez de huma donzella,
Que escondida a seu Rey trouxe consigo
Para poder gozala, e defendella,
E atalhar sua morte, e seu castigo:
Guiado da ventura, ou da cautella
De hum Mouro se valeo guande amigo
Que de mortal afronta elle saluara
Quando a bella Leyria o Rey tomara.

Era este Mouro astuto, e poderoso
Sobre espritos immundos, e profanos
Magico encantador marauilhoso
Famoso entre os Numidas Africanos:
De dar a troco a vida cobiçoso
A quem guardara a sua em iguais dannos
Em esta coua occulta, e naõ pisada
Fabricou nouamente outra morada.

Com elle aqui viveo sempre encerrado
Té que chegando a vltima partida
Tendo hum filho do amigo doutrinado
Na arte de espritos varios aprendida
Deixando este lugar todo encantado
E a sepultura aos olhos escondida
De ambos se despedio, e em tempo breue
Traz elle o charo amigo a morte teue.

Viueo depois Arminio, que este era
O nome de meu pai, que a força, e rogo
Tambem por outro engano aqui trouxera
A que dando-me a vida a perdeo logo;
Tam sabedor na arte que aprendera,
Que escurecia o Sol, qualhaua o fogo,
E formaua no ar confusamente
Machinas, edificios, guerra, e gente.

Deu

Deu por frũito de sua larga idade,
E da arte que sabia fea, e escura
Hum liuro de alto preço, e de bondade
Onde escrita ficou minha ventura;
Onde já desde grande antiguidade
Té a idade presente, e a futura
Retratados estaõ por varios annos
Os varoens sigulares Lusitanos.

Encantadas as folhas por tal arte,
Que o Heroa que entrasse esta morada
Só podesse chegar té aquella parte,
Que dos fados aqui lhe está guardada,
E porque vós inuicto, e nouo Marte
Em quem a fama está sempre occupada
Ereis fim principal, e o melhor meio
Desta prisaõ que eu passo, e deste enleo.

Tempos muito compridos, differentes
Té veruos esperou com graõ desejo
Deixando-me estas horas tam contentes
Eu que o principio a meu remedio vejo:
Elle vos dera as armas excellentes
Que na terra aonde mais se espalha o Tejo
Por vos armar, nouel se hiaõ buscando,
Reynando com Leonora o Rey Fernando.

Elle em habito humilde, e perigrino
Vos temperou a espada luminosa
Que o barbeiro sagaz, da paga indino
Vos deu com a noua entaõ bem duuidosa
A cujo aço luzente, e còrte fino
Nenhuma alhea força he poderosa,
E pollo que esta vinda me importaua
A vosso pai fallou quando caçaua.

Tratou

Tratou de voſſo illuſtre caſamento
De cujo fruto Europa toda eſpera
Eterna fama, eterno vencimento,
E o deſterro da ley barbara, e fera,
E porque neſte meu raro apoſento
Vos naõ podeis eſtar quanto eu quiſera
Vamos vereis a eſtranha marauilha
Do varaõ ſingular de que ſou filha.

A iſto o Conde eſtá como eſpantado
Lembrando-lhe os ſinais do que dizia,
E á donzella cortes, brando, inclinado,
Com mui brandas razoens ſe offerecia:
Moſtrando-ſe queixoſo, e magoado
Do tempo que inda o fado differia
Do ſeu antigo, e injuſto catiueiro
Deſejando ſer elle o caualleiro.

Depois da noua offerta cobiçoſo
A outro apouſento o leua de criſtal
Em cuja porta hum drago riguroſo
Preſo hum eſcudo tem de Portugal;
E por cima de hum globo luminoſo
Doutro mais claro, e lucido metal
Eſtaua o liuro eſtranho, e graõ theſouro
Com brochas de diamante, e paſtas d'ouro.

Com reſpeito mui grande, e corteſia
Qual moſtrou a donzella com que veyo
Sobindo alguns degraos que ante auia
O liuro abrio de marauilhas cheo;
Abrindo o proprio ſeu retrato via
Tam natural que era hum viuo enleo,
E a filha deſejada illuſtre, e bella,
E o que hum letreiro diz, lia a donzella.

Dom

Dom Nunalures Pereira, em ſua idade
A de ouro a Portugal reſtituida,
Dará ao reyno alem da liberdade
Eſta filha famoſa, e bem nacida:
Da qual ha de ſer toda a Chriſtandade
Sameada de Heroas cuja vida
Com mór gloria do ſexo feminino
Occuparaõ o aſſento criſtalino.
Deſta Beatris Condeſſa venturoſa
Iſabel nacera muy deſejada
Do Iffante dom Ioaõ illuſtre eſpoſa,
E ſobrinha tam nobre, quanto amada:
De cuja géraçaõ alta, e famoſa
Ficará toda Europa mais honrada
Dando primeiro ao mundo hum dom Diogo,
Que a morte em tenros annos vença *logo*.
Deſta nace Beatris clara, e diſcreta
Tras de Felippa morta em tenros annos
Da primeira Beatris ditoſa neta,
E mãi dos Reys mais claros Luſitanos:
A quem fauorecendo o bom planeta,
E ſeus merecimentos mais que humanos
Caſará com Fernando Iffante claro
Del Rey Duarte filho, e noſſo amparo.
Delles haõ de nacer ao reyno amado
Ioaõ, Duarte, Diogo, e dom Simaõ,
Que por razaõ ſecreta ordem do fado,
Todos haõ de acabar ſem géraçaõ,
Iſabel de Fernando Duque ouſado
Triſte conſorte em grande confuſaõ,
E Lianor Raynha rara ao mundo
Companheira do Rey Ioaõ ſegundo

Mano-

Manoel Rey catholico, e prudente
Conquiſtador magnanimo, e guerreiro
Deſcobridor das terras do Oriente,
Pai do ſereno Rey Ioaõ ó terceiro:
De quem nacendo o Principe excellente
De ſeu cetro, e virtudes claro herdeiro
Sebaſtiaõ promete a que a ventura
Iá faz na ardente Libia a ſepultura.

Iſabel, e Ioaõ daraõ ao mundo
Do ſeu nome outra filha ſoberana
De valor grande, e de ſaber profundo
Bella Raynha á terra Caſtelhana:
Caſará com Ioaõ della o ſegundo,
Dos quais outra Iſabel procede, e mana,
Que morto o pai, e irmaõ que o Tejo chora,
De reynos mais que o ſeu ſerá ſenhora.

Caſará com o catolico Fernando
De Aragaõ, de Nauarra, e Catalunha
Principe, a quem Roma eſtá guardando
As Aguias que no eſcudo a Ceſar punha;
Os catolicos Reys ſe iraõ chamando
Appelido do ceo, ditoſa alcunha,
Que haõ de honrar tãtos Reys ſeus deſcẽdẽtes
Conquiſtar terras, e armas differentes.

Naceraõ cinco filhas venturoſas
Deſtes dous Reyes q̃ a Heſpanha hõraraõ tanto
Tam illuſtres na terra, e tam famoſas
Quam aceitas ao ceo ſereno, e ſanto:
Iſabel naõ ſerá das mais ditoſas,
Que morto o charo eſpoſo que ama tanto
Affonſo a Portugal Principe amado
Caſa com o ſucceſſor do meſmo eſtado.

A eſta

A esta a parca misera, e cruel
Mata de parto em terra estranha, e dura
Deixando viuo o Principe Miguel,
Que assi inuejará logo a ventura:
Tornando o Rey inuicto Manoel
Para lhe dar na patria sepultura
Deixando sepultada a companheira
Dos reynos de Aragaõ Princesa herdeira.

A segunda he Ioana altiua, e bella
A quem Felippe de Austria he doce esposo;
E naceraõ ao mundo delle, e della
Carlos o quinto Emperador famoso;
Deste, e d'outra tambem nossa Isabela
Filha de Manoel Rey venturoso
Nace Fellipe inuicto, e delle o grande
Filho, que he bẽ que o mundo reja, e mande.

Nace ao mundo tambem outro Fernando
Rey de Romanos logo, e Rey de Vngria;
Que morto Carlos, logo o sacro bando
Emperador elege, ordena, e cria,
Do qual em toda Europa sustentando
As columnas da fé sagrada, e pia
Nace o grande Maximiliano,
E outro Fernando, e Carlo sobre humano.

Nace Anna, que o Duque de Bauiera
Alberto por esposa estima, e ama,
Dos quais o Archiduque Carlo espera
Consorte de igual sangue e de igual fama:
E Arcebispo Colonia considera,
Que com nome immortal Hernesto chama,
E de Carlos nacendo està ao mundo
A mulher do terceiro Segismundo.

De

De Polonia, e Suecia Rey famoso,
E será Anna o nome da Raynha,
E nacerá de Carlos venturoso
Outra filha daquella illustre linha,
Que o herdeiro sublime, e poderoso
Do Duque Ferdinando mui asinha
Fará senhora da Toscana terra
Pollo sangue, e valor que a dama encerra.

Nace a Fernando logo outra Duqueza
Maria que he de Cleues estimada,
E a filha que mais ama, estima, e preza
Com o Duque de Noiburg he desposada:
Ludouico do sangue, e da nobreza
Da casa Eleitoral tam celebrada
Dos Condes Palatinos que o Rhin gosa
Com géraçaõ illustre, e venturosa.

Nace mais de Maria outra senhora
De Ioane estimada companheira
Duque de Duipont que o Rhin namora
Da mesma casa illustre, que a primeira,
E outra da de Prusia vencedora
Faz o Duque ditoso noua herdeira
Géraçaõ, que orna, illustra, e acompanha
A sagrada coroa de Alemanha.

Nace mais de Fernando a Segismundo
Rey de Polonia a bella Catherina,
Que Duqueza primeira foi no mundo
De Francisco de Mantua mulher dina:
Nace Ioana a outra que eu me fundo
Que naõ será no estado perigrina
Mulher de outro Francisco soberana
Duque do grande estado de Toscana.

Deste Francisco, e della vem Maria
Mulher de Henrique o IIII. Rey de França.
Senhora de grandeza, e de valia,
E elle de singular nome, e de lembrança:
Da casa de Borbon cabeça pia
Depois que com o estado faz mudança
No tempo que os vesinhos potentados
Andaõ de immundos ritos fameados.

De Fernando tambem nace Leonora
Que outro Duque de Mantua engrandece
E Isabel, que com causa sente, e chora
O que com a bella irmã desta se esquece:
Nace outra valerosa, e graõ senhora
Barbora que Ferrara reconhece
Pollo seu Duque Affonso pouco auara,
E a bella Margarita, Ilena, e Clara.

De Maximiliano nace o claro
Rodulfo Emperador pio, e sagrado
Mathias, Vencisláo, Hernesto, e o raro
Alberto á Lusitania hum tempo dado,
Qué lhe ha de tirar logo o fado auaro
Para lhe dar de Flandes o Condado
Com Isabel senhora em terra estranha
Filha do graõ Monarca, e Rey de Espanha.

Do mesmo Emperador nace Isabela
Mulher do nouo Carlos Rey de França,
E Anna naõ menos grande, ou menos bella,
Que encherá a toda Espanha de esperança,
Mulher do Rey famoso senhor della
De quem a fama faz doce lembrança
Felippe o segundo; claro herdeiro
Que ao reyno Portugues será primeiro.

Do

Do Carlo valeroſo, e Principe excellente,
De Maximiliano irmaõ ſegundo
Nace de Heſpanha á bellicoſa gente
A Raynha que mais celebra o mundo:
Margarita catholica, e prudente,
Cujo peito magnimo, e fecundo
A Felippe de Heſpanha Rey terceiro
Dará caſa immortal, e altiuo herdeiro.

De Ioana, e Felipe inda procede
Leanor de Manoel alta conſorte,
Que el Rey Franciſco a Luſitania pede
Depois que o eſpoſo ſeu lhe eclypſa a morte
E Maria que ao Sol fermoſo excede,
Que a Vngria, e Ludouico coube em ſorte;
E outra Raynha a Dinamarca dada,
Que Iſabella tambem ſerá chamada.

A Portugal o ceo dá Catherina
Raynha altiua, grande, e valeroſa
Do terceiro Ioaõ conſorte dina
Na géraçaõ mui pouco venturoſa:
Mãy de Ioaõ, e auô do que a ruyna
A' patria ordenarà tam laſtimoſa,
E de Maria, a qual morrendo deixa
Carlos por quem a terra ao ceo ſe queixa.

Dos catholicos Reys ſe moſtra agora
De Dinamarca, e Dacia a graõ Raynha
Filha, que de Criſtierno ſe namora,
Eſpoſa ſua illuſtre neſta linha:
Delles nace Chriſtierna graõ ſenhora,
Que Duqueza a Milaõ guardada tinha
O fado, mas cortou-lhe de inuejoſo
Franciſco Esforcia o Duque tam famoſo.

E atras deste Francisco mal logrado
Goza outro, que do estado de Lorena
Será famoso Duque celebrado
A quem a fama hum nouo templo ordena:
Delles nacerá Carlos Duque amado,
Que casará com gloria naõ piquena
Com a filha de Henrique Rey de França,
Que o nome de segundo nella alcança.

Deste nace Christierna generosa
Esposa de Fernando o Florentino,
E delles outro Principe que goza
Aquelle imperio grande, e perigrino;
Da primeira Christierna venturosa,
E de Francisco o Duque tam benino
Concede a venturosa sua estrella
Ao Duque de Barzuich esposa bella.

Dos catholicos Reys nace Maria,
Que a Portugal virá segunda em sorte,
Que apos a morta irmã deuota, e pia
He do Rey Manoel chara consorte,
Cuja fama, e valor de dia em dia
Irá acanhando a escura ley da morte,
E cujà géraçaõ famosa, e santa
Ao ceo da terra humilde se aleuanta.

Destes virá Ioane o Rey terceiro
Tam amado do Pouo seu leal
Luis o claro Iffante, e verdadeiro,
E outro que corta a Parca desigual:
Duarte o excellente, e claro herdeiro
Do ser, honra, e valor de Portugal
O qual dará ao mundo outro Duarte,
Que inuejaraõ Minerua, Apolo, e Marte.

E á

E á casa de Bargança peregrina
Por Isabel, que Duarte alcança della
Dará a alta senhora Catherina
Prudente, sabia, pia, honesta, e bella,
Que na tormenta escura, e repentina
Sempre mostrará luz de firme estrella,
A qual porá entre elles a ventura
Na sua larga idade inda futura.

Della, e Ioaõ o Duque engrandecido
Virá Theodosio aquelle que em grandeza
Fará só ser no mundo conhecido
O preço, e fé da gente Portuguesa:
Que de Anna, cujo celebre appelido
Hespanha tanto estima, illustra, e preza
Tem o Duque Ioaõ prosapia dina,
E a Duarte, Alexandre, e Catherina.

Dará Duarte outra gentil Princesa
Maria dos Farnescos honra, e gloria
Que Parma tanto estima; e q̃ ama, e preza
Alexandre varaõ de alta memoria
Dos quaes nace Rainucio em cuja empresa
O tempo tecerá comprida historia,
E Duarte que a cor trará vestida,
Que o coral tem nas agoas escondida.

Dará mais Manoel á terra estranha
De seu tronco real famosas flores
Isabel ao imperio de Alemanha
A Saboia Beatris com mil louuores:
De hũa os Reys naceraõ da nossa Hespanha
Da outra de Piamonte os successores,
Que tãbẽ cõ os de Hespanha, e cõ os de Frãça
Faraõ para altos bens noua liança.

De

De Beatris, e Carlos o terceiro
Duque a Saboia nace ao meſmo eſtado
Manoel Felisberto illuſtre herdeiro
Com Margarita altiua deſpoſado
Filha do bom Franciſco Rey primeiro
De França tam famoſo, e celebrado,
E delles nacerá com grande gloria
Carlos, e Manoel de alta memoria.

Deſte, e de Catherina generoſa
Filha do graõ Felippe Rey de Heſpanha
Nace Vitorio, e géraçaõ famoſa,
Que ha de dar honra, e luz à terra eſtranha
Que a Luſitania já mais venturoſa
Com o nome Portugues inda acompanha
Gozando a renda liure, larga, e franca,
Que ao Prior do Hoſpital deixa a cruz branca,

De Manoel, Affonſo hum Cardeal,
E Henrique que na idade tam madura
O cetro inda terá de Portugal
Quando delle ſe eſqueça já a ventura
Quando o fero ſobrinho deſigual,
Que dilatar o imperio ſeu procura
Leuando a flor do reyno a tal perigo
O fará perecer com o ſeu caſtigo.

Dos catholicos Reys a derradeira
Filha, que eſte felis numero encerra
He Catherina clara, e verdadeira
Duas vezes Raynha de Inglaterra:
Com Artur deſpoſada a vez primeira,
Com Henrique a ſegunda que a deſterra,
Em o numero octauo em cujos annos
Começaraõ ao reyno grandes dannos.

Deſtes

Destes nace Maria, que consorte
De Felippe. será segundo Hispano
A quem rouba primeiro a dura morte
Outra do mesmo nome em nosso dano;
Outra Raynha nace altiua, e forte
A quem seu pertinaz, e falso engano
Faz borrar deste liuro, e desta historia
E outros idinos já de honra, e memoria.
Aqui fazia fim esta escritura,
E o Conde ir a diante pretendia
A outra folha voltando, em sombra escura
O liuro, a casa, e tudo se encobria;
O Drago que na porta em grande altura
Com o escudo luzente apparecia
Para elle vem voando, e a donzella
Nem a vio mais, nem soube o Conde della.
Leuou a maõ ligeiro á forte espada,
E em tocãdo o Dragaõ com hum golpe duro
Desaparece a machina encantada,
E acha esperando os seus junto do muro;
Do que lhe aconteceo naõ contou nada
Ficando-lhe na mente o caso escuro,
E no proprio lugar grande auentura
Que alguma hora vereis noutra escritura.

CAN-

CANTO XX.

Celebraõ-se as vodas do Conde dom Affonso em Lisboa: Morre a Condessa dòna Beatris em Chaues: Conta-se o sentimento do Condestabre seu pai, e a vida que fez antes, e depois que a perdeo: Vai com el Rey dom Ioaõ na tomada de Ceita, e vindo reparte tudo o que tinha a seus netos, e criados, e se faz religioso no mosteiro que edificou a nossa Senhora do vencimento do monte do Carmo: Contase sua obseruante vida, e religiosa morte.

HE tempo ó Musa minha tam querida
De ir amainando a vella agora em tãto
Descansar de jornada tam comprida
Tomar porto, e dar fim ao nosso canto:
Mostrando que tam forte foi na vida
Como na vida, e morte foi tam santo
Contar como passou da vida á gloria
Ditoso fim de tam ditosa historia.

Passada já a fantastica visaõ
Como sonho aprasiuel aos dormidos.
Aquelle que em Deos tinha o coraçaõ,
A vida, os pensamentos, e os sentidos,
Com o Rey cheo de gosto, e de affeiçaõ
Já de Leiria amada despedidos,
Vai celebrar as vodas, e o Rey forte
Chama os grandes do reyno para à Corte.

Na

Na cidade de Vlyſſes glorioſa
Com real pompa, e igual contentamento
Recebe Affonſo a deſejada eſpoſa,
E o ceo feſteja o nouo ajuntamento,
Em conjunçaõ de eſtrellas venturoſa,
Em claro dia, celebre apouſento
Tudo moſtrando aos homens alegria
Eſtrellas, ceo, e terra, a caſa, o dia.

Os principais do reyno, e dos alheos
Os mais claros, illuſtres, e os melhores
Ordenaõ varias juſtas, e torneos
Com letras, e tençoens de varias cores,
Hum pinta ſeu deſejo, ou ſeus receos
Outro o cuidado, e fé de ſeus amores
Na lança, outro no eſcudo, ou no veſtido
Procura ſer louuado, ou entendido.

Dotou dom Nuno o Conde valeroſo
De Barcellos a Affonſo o graõ Condado
Pena fiel, com Baſto, e com Barroſo,
Monte alegre orgulhoſo, e leuantado
A Piconha, e Portello pedregoſo
Baltar, Arco de Boulhe aſſi chamado,
Chaues com toda a terra que aveſinha,
E algumas quintas que entre o Douro tinha.

E porque o Rey lhe tinha prometido
Que o titulo de Conde, e dignidade
Pois por tantas razoens lhe era deuido
A nenhum outro o deſſe em ſua idade,
Pedio que foſſe a Affonſo concedido,
E el Rey que o naõ eſtroua outra vontade,
Que em ſi illuſtra, o que no filho emprega
De quanto o Conde pede, nada nega.

Dom

Dom Nunalures com o fim deste desejo
Deixou a Corte a tantos cobiçosa
Escolhendo das terras de Alem Tejo
A villa mais amena e venturosa;
Aonde em cesaõ madura, e doce ensejo
Esquecido da guerra trabalhosa
Os descuidados annos que viuia
Ao mundo exemplo daua, a Deos seruia.

Deu Beatris Condessa venturosa
Primeiro fruto á terra Lusitana
Isabel clara Iffante generosa
Gloria, e valor de toda a terra Hispana;
E Affonso alto Marques, que com famosa
Memoria a dos passados desengana,
E o Duque claro, e pio dom Fernando
Cuja alta geraçaõ fostes contando.

Nunca de galardaõ fica queixoso
Quem offerece a Deos propria vontade
Que o desejo mais liure, e cobiçoso
Se acanha logo em sua immensidade:
O nosso Conde illustre, e valeroso
Progenitor dos Reys da Christandade
Se desprezou na terra bens menores
Vede que herança deixa, e successores.

Qual Rey de toda Europa, ou qual Raynha,
Qual Principe famoso, ou potentado
Deste ramo naõ prende, e desta linha,
Que o ceo tocando vai com tal cuidado:
Se pouco caso fez dos bens que tinha
Pollos que já na gloria tem cobrado
Daquelle pouco seu que a Deos foi muito
Quantos Principes vaõ colhendo o fruito.

Como

Como esta vida vam, caduca, e leue
Tenha tantos perigos, e o salario,
E direito fatal que á Parca deue
Em modo, e condiçoens seja tam vario:
Depois que á patria terra dado teue
Este thesouro à morte tam contrario
Morre de parto em Chaues breuemente:
O' quanto a grande perda o reyno sente.

O Pay que como á vida lhe queria,
Porque na vida, e partes o imitaua,
E quantos bens da terra pretendia
Para ella só queria, e desejaua;
Que entaõ do Carmo o templo de Maria
Com grande deuaçaõ fazer mandaua
Da triste noua imiga, e mal sofrida
Quisera de paixaõ perder a vida.

Do seu grande juizo quasi alheo
Partir quis para Chaues, e acabara
O caminho de dor, e espanto cheo
Se a força dos seus bons naõ no atalhara:
Logo em profundo pranto o pouo veo
A ajudar-lhe a chorar perda tam rara,
E depois nas exequias sumptuosas
Celebradas com lagrimas queixosas.

Ficou viuendo o Conde os largos annos
Tristes (que a vida triste he mais comprida)
Naquelles seus custumes soberanos
Seruindo a hum só senhor da morte, e vida:
Fora dos gostos falsos, vãos, profanos
Com que o mundo nos ceua, e nos conuida
Seguindo os bens eternos verdadeiros
Empreza dos mais altos caualleiros.

As

As canonicas horas cada dia
Rezaua o pio Conde venerando
A's matinas na noite escura, e fria
Como em Religiaõ se aleuantando:
O corpo com silicios oprimia,
Asperas disciplinas custumando
Iejuaua tres dias na semana
Fora os que ordena a santa Fé Romana.
Duas missas ouuia agiolhado
Nas ferias custumadas santamente
Tres ao Domingo, e Sabado sagrado
A' Virgem pura, clara, e excelente:
Em cada mes contrito, e confessado
De leues culpas humilde, e penitente
Cada anno comungaua quatro vezes
Nas Festas principaes cada tres meses.
De todas quantas rendas possuia
Das terras, e merces que o Rey lhe daua
O dizimo com os pobres despendia,
Que a seu poder chegando se apartaua:
Todos cada dous annos os vestia
Nas terras, e Comarcas que mandaua
Com ordem singular, e humanidade,
Que a ordem faz mais bella a Charidade.
O fruto dos seus campos que contentes
Lhe dauaõ sempre a parte que lhe vinha
Se guardaua em celeiros differentes
E em couoens que a tal tempo o reyno tinha:
Té que de Mayo as fomes insolentes
Apertauaõ aos pobres o detinha,
E entaõ com prouidencia estranha, e nobre
A sua parte daua a cada pobre.

Com

Com a esterilidade deshumana,
Que teue hum anno o reyno de Castella
Veo para entre o Tejo, e Guadiana
Com grande aperto a pobre gente della:
Exercitando aquella soberana
Celeste inclinaçaõ de sua estrella
Dos que á aquella comarca se acolheraõ
Nenhuns nas mãos da fome pereceraõ.

Quatrocentos em numero se acharaõ
Nas terras que mandaua o varaõ claro
Todos por sua ordem se alistáraõ,
Que a nenhum delles quis mostrar-se auaro:
Abertos os celeiros lhes mostraraõ
Que nunca já nos seus fora o paõ caro
Que destes quatrocentos quatro meses
Cada hum tẽ quatro alqueires quatro vezes.

A caualleiros pobres que apartados
Viuiaõ com miseria, e com pobreza,
Que a vil necessidade aos honrados
He noite que os accanha, e que os despreza,
E a outros que eraõ do Rey desamparados,
Que o seruiraõ na sua antiga empreza,
Mandaua, inda que lonje, em cada hum anno
Esmolas de dinheiro, trigo, e pano.

A honestas donas pobres, e a donzellas,
Que outro tempo a ventura teue em conta
Naõ se esquecia o Condestabre dellas,
Liurando-as do perigo, e vil afrónta,
Mandaua com cuidado soccorrellas,
Vestidos, e o que mais ao viuer monta,
O' varaõ do mór ser que o mundo teue,
Quanto vos ama o Ceo, e o mundo deue.

O' Con-

O' Condes, Duques, grandes potentados,
Que tanto a vaidade aleuantais,
Aos pobres miseraueis, e acanhados,
E aos vossos appetites liberais,
Que podendo atalhar tantos peccados
A tantos; e tam grandes redeas dais,
Olhai que exemplo a todos vos conuida;
Para empregar em gloria os bens da vida.

Com vossos bens na terra ide criando
Aues como outro Psafon, muy mais bellas,
Que leuem vosso nome ao Ceo voando
Ouuindo-se na terra o canto dellas,
Ide degraos da terra aleuantando,
Até pizar os arctos, e as estrellas,
Sereis no mundo grandes de tal sorte,
Que venceruos naõ possa a propria morte.

Passaraõ leues annos larga idade,
E o Conde nesta vida a Deos aceita,
Empregando em seus netos a vontade
Que antes tiuera a filha satisfeita,
O Rey que em doce paz, santa amisade,
Que com tantas vittorias tinha feita,
Via os Reynos vezinhos, e o seu pouo,
Trata no peito altiuo, intento nouo.

Faltaua ao nosso Alcides Lusitano,
Hir ver os altos montes que ajuntou,
Como huma porta estreita do Oceano,
O que as colunas nelle aleuantou,
E ao Rey cobrar do infido Mauritano,
O que Rodrigo incauto dissipou,
Com os amores da Caua, em cuja pena
Deu a Hespanha, o que a Troya Elena.

Qual

Qual Iuno ao Thebano rigurosa,
Que a fama entre os perigos lhe procura
Qual ardua empreza, e sorte duuidosa,
Qual monstro, qual gigante, ou auentura?
Qual hidra fera, ou serpe venenosa,
Qual Cerbero infernal da Coua escura,
Qual perigo mortal, e occulto engano
Naõ teue o nosso Heroa Lusitano?

Faltou-lhe huma Lianor, que injusta morte
Com tantas sem razoens lhe pretendeo,
Hum Rey justo animoso, e muy mais forte
Em buscar-lhe os perigos que Euristeo,
Mil monstros desiguais de varia sorte,
Que com prudencia, e força combateo
Inuejas infernais, traiçoens, perigos,
Capitaens valerosos, Reys imigos.

Monstros que contra a patria leuantados
A tinhaõ posta à ferro amargamente,
Mais ferozes, ingratos, e indinados,
Que quantos deu a fera Libia ardente;
Mas porque estes perigos acabados
Se fizesse immortal deuidamente,
Foy passar as columnas que primeiro
Pos por limite o menos verdadeiro.

Os descuidados pouos que viuiaõ
Da opressaõ militar de todo izentos,
Nouos tambores já na terra ouuiaõ,
Tornando a conuersar duros Sargentos;
Os antigos arnezes que pendiaõ
Iá gastados do tempo, e ferrugentos,
Acicalaõ de nouo os moradores,
Tingindo o ferro azul de varias cores.

As

As resenhas, e alardos se renouaõ,
Os noueis se exercitaõ com cuidado,
Ginetes Hespanhois o campo estrouaõ,
Que cortar custumaua o curuo arado,
As adargas, escudos, lanças prouaõ,
Que o tempo, e o descuido tem gastado;
Arman-se fortes náos, galés ligeiras,
E outras embarcaçoens de mil maneiras.

Faz-se em Lisboa huma soberba armada,
Qual nunca até seu tempo vira Hespanha,
Sem se entender o fim de huma jornada,
Em que a despeza mostra o Rey tamanha,
A Christandade toda aluoraçada,
E temerosa toda a terra estranha,
De Aragaõ, de Castella, e de Inglaterra
Embaixadores vem, ao som da guerra.

Mas o Rey que no fundo peito esconde
O seu desenho altiuo, e soberano
A todos satisfaz, manda, e responde
Dando a seu vaõ receo o desengano,
E descobrindo ao valeroso Conde
Aquelle coraçaõ maior que humano
Contra o barbaro imigo da fé santa
Por timbre desta empreza a cruz leuanta.

A gente ajunta, os Capitaens reparte,
As náos de verga em alto as ondas tocaõ,
A toda a parte se ouue o som de Marte,
Que as trombetas belligeras prouocaõ
As Lusitanas quinas no estandarte,
Voltando para o ceo fauor inuocaõ,
El Rey se embarca, o Conde com seu genro,
Duarte, Pedro, Henrique Iffante tenro.

Cor-

Cortam a branca eſcuma creſpa e fria,
As proas entre as ondas inconſtantes,
O vento as vellas concauas fazia,
E os toſtados remeyros vaõ bogantes:
O mar cheyo de eſpanto, e de alegria
Dos vencedores fortes navegantes,
O fundo move a ſombra ás brancas vellas
E a Neptuno eſcurece o temor dellas.

Neſta via que a tantos era incerta,
Tomou a frota o porto dezejado,
Na ardente Libia plana, e deſcuberta,
Do monte Athlante antigo, e levantado:
Aonde com o vento o mar ſe deſconcerta
Da nova gente, e guerra alvoroçado
De tal ſorte que a furia da tormenta
A viva morte a todos reprezenta.

O Rey neſte conflicto ſe apartou
Para a Angra com a gente acoſtumada
E o valeroſo Conde ſó ficou
Com o encargo de toda aquella armada:
A noite e o outro dia o mar bramou
De Maura gente a terra eſtá qualhada
Os capitaens ao Conde eſtam rogando
Que vam morrer em terra pelejando.

Té que daquelle porto, e do perigo
O chama com mór preſſa o Rey famoſo,
Na terra dezembarcam, do inimigo,
Que eſperando o eſtá pouco ocioſo:
Mas quem diante a Deos leua conſigo
Em todo o riſco, e trance perigoſo
Tem certo o fauor ſeu, e o vencimento
Que nelle he mais ſeguro o fundamento.

Foy Ceuta entrada, a forte e bellicosa
Inexpugnauel, e aspera cidade
Com perda ao vil Mafoma assas custosa
E interesse de toda a Christandade:
Empreza santa, empreza venturoza
Digna d'um Rey de tanta humanidade
Acabada com a gloria de hum successo
Que por Deos teue o fim, nelle o começo.

Mas porque em outra historia differente
Tem lugar grande os feytos desta empreza
De tanta inveja aos grandes do Occidente
De quanta gloria á gente Portugueza:
Na qual com tanto esforço, e tam prudente
Se ouve o graõ Condestabre, e tal destreza
Deyxo os feytos da entrada, e da vitoria
Aos outros escritores desta historia.

Com o dezejado fim desta conquista
Voltar-se o Rey quer já ao reyno amado,
E naquelle perigo grande á vista
E mayor que na vista exprimentado,
Deyxar quer capitam que assim resista
Ao barbaro potente, e afrontado
Nenhum aceita o perigoso encargo
Que pede o bom Menesses por seu cargo.

Dom Pedro digo exemplo de Valentes
De villa Real Conde, e de Viana
Cujos claros, e illustres descendentes
Saõ rayos contra a furia Mauritana
Dos quaes os feitos raros e excellentes
Dam nova gloria á terra Lusitana
Inveja aos Estrangeyros vencedores
Materia a muy sobidos escritores.

Iá outra vez os leua o manso vento
A' terra que de Vlysses foi fundada,
Que com deuido, e graõ contentamento
Festeja a vinda já da bella armada,
Saluaõ da terra o desejado assento,
Com aluoroço e grita acustumada,
Lançaõ amarra logo, amainaõ vellas,
Tocaõ caxas, trombetas, charamellas.

O Rey na populosa e graõ cidade,
Em quieto sossego se assegura,
E a sua antiga, e veneranda idade,
Qual foi o curso, á vida o fim procura:
Fazendo com graõ pompa, e magestade,
Aquella tam famosa sepultura,
E templo dino de immortal memoria,
Da Virgem soberana da Vitoria.

E porque a deuaçaõ tam santa, e pia,
Naõ paraua na Igreja que fizera,
Ao nome duro, e santo de Maria,
Em cujo dia e honra elle vencera,
Das monasticas ordens escolhia
A que mais dedicada á Virgem era,
Por razaõ do Rosario milagroso,
Que o Patriarcha fez santo, e famoso.

Aos seus religiosos escolhidos
De exemplo santo, e fama perigrina,
Aos quais todos louuores saõ deuidos
Por singular virtude, e por doutrina,
Entrega os edificios tam crecidos
Em perfeiçaõ, em renda larga, e dina,
Aos sacrificios seus, que acrescentaraõ
Os Reys que aly depois se sepultaraõ.

O Condestabre a quem seu pensamento
Sobre as estrellas poem mais firme a planta
Noutro edificio lança o fundamento
Que á cidade diuina se aleuanta,
O alto templo acabou do Vencimento
A virgem dedicado clara, e santa,
Cuja capella de obra estranha, e rara,
Tres vezes da ruyna aleuantara.

E porque o seu intento verdadeiro,
E o fim do mor cuidado que trazia
Era este templo seu fazer mosteiro
De frades só do nome de Maria,
A Moura manda o pio cauallero,
Aonde huma casa só no reyno auia,
Da ordem que elle tem determinado,
Chamar religiosos, e prelado.

Eraõ os leuantados successores,
Que tem do santo Elias a morada,
Que he a religiaõ mais aos louuores
E nome da Senhora intitulada,
Escolhendo os humildes, e os melhores
De virtude mais clara, e mais louuada
O templo lhe entregou sagrado, e santo,
Que a ditosa cidade hoje honra tanto.

Fez-lhe altas doaçoens como conuinha
Para a sustentaçaõ dos que escolhera
Como o que naõ quis mais dos bẽs que tinha,
Que o premio de os deixar por quẽ lhos dera
E como tudo péza a quem caminha,
E a quem subir a tam gram monte espera
He conselho mais santo, e mais sesudo
Aleuantar-se pondo os pés em tudo.

Dei-

Deixando eſtados, terras, ſenhorio,
E a pompa honroſa, vãa do trato humano
E tudo o que cuſtuma a ſer deſuio
De hum ſanto penſamento ſoberano:
Das armas ſe deſpede o Conde pio,
Veſtindo humilde trajo, humilde pano,
E feito frade humilde aly ſe encerra,
O que tam grande em tudo foi na terra.

O' nouo vencimento deſuſado
Sem igual, ſem ſegundo, e ſem primeiro
Que quem tudo venceo na guerra armado
Sem armas vença o Ceo por derradeiro
O' Xerxes, Cyro, ó Ceſar enganado,
O Macedonio grande tam guerreiro,
Chorai continuo quanto atras ficaſtes,
No que com tantas glorias conquiſtaſtes.

Rico deſprezador da pompa humana,
Grande no coraçaõ; vil no veſtido,
Cuja memoria abate, e deſengana
O que na terra mais deixou vencido,
Sempre engrandeça a patria Luſitana
Voſſo nome immortal claro e ſubido,
E a caſa leuantada de Bragança
Tenha em theſouro ſeu, voſſa lembrança.

Venceſtes ao contrario poderoſo
O receo do Rey deſamparado
A inueja natural do cobiçoſo
O barbaro infiel naõ ſubjugado,
E por em tudo entrardes vitorioſo
No Ceo por ſantas obras conquiſtado,
Venceſte-uos á vós, que deſta ſorte
Venceis o que na terra era o mais forte.

Antes

Antes do Conde entrar naquella estreita
Via de altos varoens sempre escolhida,
Que ao ceo vay tam segura, e tam direita,
Como a nossa arriscada, e mais comprida,
Com o que para viuer na terra engeita,
A muitos terras deu, descanso, e vida,
Rendas, estados, bẽs, terras reparte,
Deixando aos claros netos igual parte.

Tendaes, terra de Paiua, e de Lousada
Maritima Loule sempre importante,
A desejada e bellicosa Almada
Deu á neta Isabel ditosa Iffante,
Que já com o claro tio desposada
Antecipaua as glorias de adiante,
Para encher de venturas toda Hespanha,
E de trofeos toda a terra estranha.

A Dom Affonso neto seu primeiro,
Deu de Ourem o Condado, que a ventura
Com a vida tirou ao Conde Andeiro,
E as rendas que alcançou na Estremadura:
Das de Lisboa o deixa por herdeiro,
E os seus passos famosos de mistura,
Onde ao titulo seu fez differença,
Sendo o Marques primeiro de Valença.

Ao menor neto illustre dom Fernando
De Arrayolos lhe deixa o seu Condado
Com os mais lugares seus que vaõ cercando,
O Guadiana, o Tejo celebrado,
E com o tempo seu nome aleuantando,
Tres vezes Conde foy de todo o estado,
Marques da mesma terra onde descança,
Duque famoso, e claro de Bragança.

Os

Os lugares que a alguns tinha obrigados,
Mandou que em ſuas vidas lhes ficaſſem
A almoxarifes pobres, e auixados
Da diuida abſolueo que naõ pagaſſem,
A rendeiros, a eſtranhos, e a criados
Naõ quis que delles nada arrecadaſſem,
Ricos deixou na terra os ſucceſſores,
Os pobres nataraes, e os deuedores.

A recamara, as joyas, e os arreos,
O dinheiro, os cauallos, e os jaezes,
As armas, os eſcudos, os trofeos,
As adargas, os elmos, os arneſes,
Adegas, almazens, celeiros cheos,
De que abaſtara aos pobres tantas vezes,
Por pobres diuidio baixos, e honrados,
Dando o que mais conuinha a ſeus eſtados.

Naõ quis mais para ſi, q̃ hum deſprezado
Habito de groſſeiro humilde pano,
Com o qual no mundo, e carne disfraçado
Fugio ſua vaidade, e ſeu engano,
Qual Vlyſſes o aſtuto, que entre o gado
Do Ciclopa cruel, fero, inhumano,
Na pelle enuolto euita a dura morte,
Que eſcapar naõ podera de outra ſorte.

Deixou o que na terra ſubjugaua,
Poſto que qual a palma contra o pezo,
Ao Ceo ſempre o deſejo leuantaua,
Como ſubir cuſtuma o fogo acezo,
As azas empenou com que voaua,
Por naõ viuer ao mundo o corpo prezo,
Como Dedalo em Creta a Minois foge,
Voou ao monte ſanto onde viue hoje.

Para

Para extremo maior desta humildade,
E verdadeiro exemplo de pobreza,
Determinou pedir pella cidade
De esmola o que pedia a Natureza:
Mas o principe o manda, e persuade,
Que mude os pensamentos desta empreza,
E doutra, que o desejo lhe acompanha,
Que era hirse peregrino a terra estranha.
Quis ser chamado Nuno simplesmente,
Em desprezo dos titulos maiores,
Escolheo cella humilde, e mais decente,
Aos meos frades pobres seruidores,
Viuia humilde, pobre, e castamente,
Cantando á pura Virgem seus louuores,
De annos sesenta e dous ao mundo deixa,
E dos que gastou nelle ao Ceo se queixa.
Fora já delle hum anno, e outro anno
A pressa chega ao Rey hum messageiro,
Que vem pór cerco a Ceita o Tingitano,
Rey de Tunes possante, e caualleiro
Soccorro pede o Conde Lusitano,
E o Rey claro, famoso, e verdadeiro,
Com os Iffantes se apressa na jornada,
E em breue tempo ajunta grossa armada.
Nuno já pollo Principe aduertido,
O repouso deixou da humilde cella,
Dos Iffantes, do Rey, de amor mouido,
A huma empreza tam santa como aquella
Do seu habito humilde vai vestido,
Determina embarcarse, e seruir nella,
Armas ao claro principe demanda,
Que com desejo igual, e amor lhas manda.

Naquelle

Naquelle trajo pobre, e penitente,
Foi ver a náo que tinha aparelhada;
Mandoua a perceber perfeitamente
De tudo o que compria a tal jornada,
Porém com nouo auiſo differente
Deixou o Rey a empreza começada,
Que de Numidia o barbaro naõ veo
Que era a cauſa da armada, e do receo.

Continuou o Conde a eſtreiteza
De frade humilde puro, e verdadeiro,
Accomodando a vida e Natureza
A' humildade, e trato do moſteiro,
Na oraçaõ, abſtinencia, e aſpereza,
So quis ſer o melhor, ſempre, e primeiro
Oito annos contra ſi viuendo em guerra
Venceo a batalha vltima da terra.

Neſta mais valeroſo, armado, e forte,
Com o nome de Ieſus, e o de Maria,
Que aſſim lhe appareceo na alegre morte,
Como na humilde vida apparecia
Aos miniſtros do Ceo, e eterna Corte,
Entregou aquella alma humilde, e pia,
E foy gozar com as venturoſas almas,
Triumfos immortaes, e eternas palmas.

Ficou o corpo puro á patria terra,
Teſtimunhando a gloria da alma ſanta,
Que no ſacro lugar aonde ſe encerra
Com milagres eſtranhos ſe aleuanta,
Com grande deuaçaõ a elle ſe afferra,
A gente a quem da cruz o imigo eſpanta,
Tendo por arma contra o mal ſegura
A terra deſta propria ſepultura.

Ditoſo

Ditoso fim de vida tam famosa ,
Principio illustre a tam ditoso estado ,
Religiaõ ao ceo chara, e mimosa,
Templo por tam bom seruo fabricado,
Cidade hoje mais rica, e poderosa;
Com o corpo que em si tem depositado,
Reyno ditoso insigne, illustre, e claro,
Que deu da terra ao ceo varaõ taõ raro.
O' Virgem pura , clara soberana,
De estrellas coroada e sol vestida,
Honra de geraçaõ catiua humana,
Vencedora da morte , e mãy da vida ,
Estrella que alumia , e desengana
Na tormenta confusa, e mais crecida,
Mostrai-me o porto já , e a doce praya,
Em que o meu barco humilde á terra saya.
E ao vosso Nuno illustre, valeroso,
Seja vltimo louuor na minha historia,
Que a vosso nome santo , e glorioso,
Seis templos fabricou de igual memoria
Tem Lisboa famosa, o mais famoso
Do Vencimento, aonde alcançou vittoria,
Outro Estremós , Sousel; Villa viçosa
Monsarás, e Saõ Iorge hermida honrosa.
Na pureza mostrou tal perfeiçaõ,
Qual na tençaõ ao Ceo tinha mostrada ,
Que depois que ouue illustre geraçaõ ,
Naõ foi delle a mulher já mais tocada,
Taõ vosso foy no humilde coraçaõ ,
Que até á morte seruio vossa morada,
E as missas que deixou perpetuas nella ,
Vossas mandou que fossem , e a capella.
Vossa

Vossa he Senhora a casa de Bragança,
Vossa a obrigacaõ desta memoria,
Vos o Mecenas sois desta lembrança,
E o defensor das faltas desta historia,
Por vos em quem está nossa esperança,
Vejamos inda os bens da eterna gloria,
Que goza o Conde santo, cujo exemplo
Sustenta em virtude o vosso templo.

Catholico senhor, principe amado
Dos homens, da ventura, e natureza,
Do Ceo para altos bens predestinado,
Honra da terra, e gente Portugueza,
Neste alicesse illustre, e leuantado.
Fundou na terra o Ceo vossa grandeza,
Que por durar no mundo, e crecer tanto
Quis que o principio della fosse hum santo.

Deste sois senhor claro o descendente,
A este seguis na vida, e no custume,
Qual rayo deste sol resplandecente,
Qual braza viua, ardente, e de tal lume,
Tal vosso nome ira de gente, em gente,
Até o pôr a fama no alto cume;
Da gloria humana, de sorte que a inueja
Os olhos proprios quebre quando o veja.

O' vós illustres claros descendentes,
Do sangue de hum varaõ tam grande e raro,
Que aqui vistes seus feitos tam presentes,
Quanto os hia alongando o tempo auaro,
Naõ só nos peitos firmes, e valentes,
Que saõ da nossa fé muro, e reparo,
Mas na vida exemplar pia e constante,
Tende sempre este espelho por diante.

Vós

Vós ó religiaõ antigua, e nobre,
Iá pollo grande Elias obſeruada,
Em que muita riqueza o ceo deſcobre,
Que a Portugal eſtaua enthesourada
A eſte capitaõ pio, e rico pobre,
Que tanto engrandeceo voſſa morada,
Suſtentai com louuores na memoria
Dos filhos que his criando para á gloria.

Vós cidade Real cuja grandeza
Todas as mais do mundo faz menores;
Inſigne em templos, armas, e riqueza,
Em agoa, terra, e ceo, e em ſeus fauores
Neſta voſſa admirauel fortaleza,
Dina de inuejas tais como louuores,
Tende por defenſaõ, por caua, e muro,
Deſte varaõ ſagrado, o corpo puro.

LAVS DEO.

NOTICIA

Dos Livros antigos, e modernos, que tem feito imprimir o Professor Regio de Filozofia Bento Joze de Souza Farinha.

Jeronymo Cortereal, Poema, do segundo Cerco de Diu. 1. tom. 8. 480

Luiz Pereira. Elegiada Poema da Jornada de Africa. 1. tom. 8. 480

Jeronymo de Mendonça, Historia da Jornada de Africa. 1. tom. 8. 400

André de Rezende, Historia da antiguidade de Evora, com varias antiguidades mais, escriptas por Gaspar Estaço, Fr. Bernardo de Brito, e Gaspar Severim de Faria, e Diogo Mendes de Vasconcellos. 1. tom. 8. 400

Antonio Ribeiro Chiado, Colleçam de algumas obras em Verso. 1. Vol. 8. 60

D. Antonio Pinheiro, Colleçam de suas Obras Portuguezas. 2. tom. 8. 800

Francisco Rodrigues Lobo, Poema o Condestabre. 1. tom. 8. 480

Martim Affonso de Miranda, Tempo de Agora em Dialogos. 2. tom. 8. 800

Filozofia de Principes, extraida das obras de nossos Authores em proza, e verso. 3. tom. 8. 128

Summario da Bibliotheca Lusitana. 4. tom. 8. 1920

Hei-

Heineccii Elementa Philoſophiæ Moralis. 1. tom. 8. 240

O meſmo em Portuguez. 1. tom. 8. 240

Antonii Genuenſis Inſtitutiones Logicæ. 1. tom. 8. 240

O meſmo em Portuguez com ſuas notas. 300

Antonii Genuenſis Inſtitutiones Metaphiſicæ. 1. tom.. 8. 240

Vendem-ſe na Logea da Viuva Bertrand e filhos junto á Igreja de Noſſa Senhora dos Martyres.

Philosop



